

Cartas a Paulo Freire

Escritas por quem ousa esperar

2

Coordenação
Cidoval Morais de Sousa

Editores
Antonio Roberto Faustino da Costa
Fabíola Mônica da Silva Gonçalves
Ivonildes da Silva Fonseca
José Cristóvão Andrade
José Luciano Albino Barbosa
Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva
Patrícia Cristina de Aragão
Waldecir Ferreira Chagas





Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB)

Diretor

Conselho Editorial

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

Jordeana Davi Pereira (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Henrique Salvinio Gadêlha Meneses (UEPB) Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Diego Duquelsky (UBA) Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB) Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Glauber Salomão Leite (UEPB) Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sogas de Mello Bandeira (IPCA/PT) Vincenzo Militello (UNIPA/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Gilberto S. Gomes | *Divulgação*

Efigênio Moura | *Comunicação*

Walter Vasconcelos | *Assessoria Técnica*



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Cartas a Paulo Freire

Escritas por quem ousa esperar

Coordenação

Cidoval Moraes de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas



Campina Grande - PB

2021



Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lúgia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez de Castro Dória | *Diretora Presidente*

William Pereira da Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Albiege Léa Fernandes | *Diretora de Rádio e TV*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15ª/368

C322 Cartas a Paulo Freire 2: escritas por quem ousa esperar. / Coordenação: Cidival Morais de Sousa; Editores: Antônio Roberto Faustino da Costa e outros.; Ilustrações: Jó Oliveira, Ali Cabral. –Campina Grande: EDUEPB, 2021.
6.138 Kb - 408 p.: il.

ISBN 978-65-87171-18-0 (E-Book)

ISBN 978-65-86221-75-6 (Impresso)

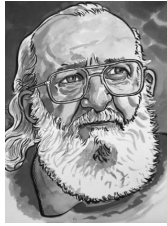
Nota: “ Projeto Editorial 100 anos de Paulo Freire” – Editores: Antonio Roberto Faustino da Costa, Fabiola Mônica da Silva Gonçalves, Ivonildes da Silva Fonseca, José Cristóvão Andrade, José Luciano Albino Barbosa, Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva, Patrícia Cristina de Aragão, Waldeci Ferreira Chagas.

1. Educação - Brasil. 2. Cartas brasileiras. 3. Educadores. 4. Pedagogia. 5. Esperançar. I.Sousa, Cidival Morais de (Coord.).

21. ed.CDD **370.981**

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.



Projeto Editorial 100 anos de Paulo Freire

Coordenador

Cidoval Morais de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas

Ilustrações

Jô Oliveira

Josafá de Orós

*Coletiva, esta obra tão singela
Se constrói com dialogicidade.
Se a prática conduz à experiência
Refletir é também necessidade
Quem comunga o saber se educou
Dedicamos este livro a quem lutou
Pela democracia e pela liberdade.*

*A trilogia **Cartas a Paulo Freire escritas por quem ousa esperar** é um projeto coletivo e só se tornou possível porque contou com o apoio e a colaboração de atores como o Governador João Azevêdo Lins Filho; o Secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia Cláudio Benedito Silva Furtado; a reitora Célia Regina Diniz e a vice-reitora Ivonildes da Silva Fonseca; a Rede de Cátedras Paulo Freire; Grupos de Pesquisas e Institutos Paulo Freire do Brasil inteiro; o Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa; o GESPAUF; a CODECOM UEPB; a EPC (Editora A União); a SBPC Regional Paraíba; o Observatório Social do Nordeste (OBSERNE); os Programas de Pós-graduação da UEPB (PPGECM, PROFLETRAS, PPGFP, PPGLI, PPGDR); Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVP); e aos educadores e educadoras, que não desistem de esperar um mundo novo.*

O amor é uma tarefa do sujeito. É falso dizer que o amor não espera retribuições. O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro. Nesta sociedade há uma ânsia de impor-se aos demais numa espécie de chantagem de amor. Isto é uma distorção do amor. Quem ama o faz amando os defeitos e as qualidades do ser amado. Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais. Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.

Paulo Freire

(Educação e Mudança, Editora Paz e Terra, 1979)

Apresentação

De repente, emoção!

Maria Amélia do Rosário Santoro Franco¹

A primeira emoção surgiu quando fui convidada/instigada a fazer uma carta a Paulo Freire. Momentos de saudades, de alegria e de um forte sentimento de precisar largar tudo, ir à sombra de uma mangueira, esquecer o mundo cruel que no momento nos cerca e deixar-me invadir pelas lembranças de um homem bom; de um educador sensível; de um aliado dos esfarrapados da vida; de um verdadeiro pedagogo! Foi realmente um momento mágico, deixar-me conduzir pelas raízes de minhas convicções pedagógicas, tecidas pelo pensamento de Freire!

A segunda emoção vem do espanto de me defrontar com a obra *Cartas a Paulo Freire*, primeiro volume. São 464 páginas de puro afeto, amorosidade, delicadezas. São 70 cartas tecidas com carinho; com respeito e com adesão vivencial às ideias de Freire. Não há palavras soltas; nem tampouco dizeres formais: em todas percebem-se convicções e tessituras que desvelam a necessidade do sentimento coletivo

¹ Pedagoga, doutora em educação, pós-doutora em Pedagogia. Pesquisadora/ Professora na Universidade Católica de Santos onde coordena o grupo de pesquisa: Pedagogia Crítica: práticas e formação e é vice coordenadora da Cátedra Paulo Freire

de humanidade. Em todas extravasa a convicção de que um outro mundo é possível.

Uma terceira emoção vem da leitura transversal que nos conduz à esperança, ao esperar; às possíveis possibilidades. Parece que há uma crença coletiva nos autores que carregam a bandeira freireana: desesperar jamais! É preciso acreditar que não somos determinados à pequenez de projetos neoliberais, desumanos, mercadológicos. Somos mais e devemos ser mais, tecidos e entrelaçados num projeto futuro de inclusão, de diálogo e participação coletiva, no enfrentamento de toda forma de dominação e injustiça. Os autores todos se filiam à inexorável perspectiva da utopia. Não há mundo sem utopias e Freire insiste nisso, mesmo estando em outro plano; sua obra se expressa na placidez das razões humanistas e nos indica o caminho.

A quarta emoção vem ao perceber que o trabalho da equipe editorial deste projeto não parou na obra primeira. Virão mais duas! Ou seja, há mais cartas a serem enviadas a Freire. A quem as destinaremos? Por certo às gerações atuais de educadores e aos futuros que ainda se abrirão e que tecerão com outras linhas o nosso país. Tenho certeza de que a bandeira de Freire, será forte o suficiente para derrubar os usurpadores da liberdade; os autoritários; os que não possuem a delicadeza de entender e seguir Freire!

Obrigada pelas emoções que senti e parabéns pela boniteza da obra.

Prefácio

Carta na ousadia de esperar

Agostinho da Silva Rosas¹

Maria Aparecida Vieira de Melo²

Mirian Patrícia Burgos³

Estimados, estimadas leitoras, leitores,

Escrever, para mim, vem sendo tanto um prazer profundamente experimentado quanto um dever irrecusável, uma tarefa política a ser cumprida (FREIRE, 1994, p. 15).

Nesta edição do projeto **Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar**, o Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas se junta aos amigos e amigas da Universidade Estadual da Paraíba,

1 *Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco; Conselheiro Consultivo do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas. Email: agsrosas48@gmail.com*

2 *Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande Norte/CERES. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire/UFRN/CERES. Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas.*

3 *Conselheira Consultiva do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas.*

na Cidade de Campina Grande, idealizadores desta obra em três volumes. Nossos esforços, objeto de nossa práxis educativa, se solidariza à perenização dos valores e princípios da Educação Popular com Paulo Freire. Juntos pretendemos contribuir com reflexões autênticas dedicadas ao enfrentamento das mais variadas formas da opressão.

Por este motivo pedimos licença para chegarmos mais perto de cada uma e um, com o propósito de conversarmos acerca das cartas, gênero textual que Paulo Freire desenvolveu, atribuindo-lhe intenção pedagógica, certa maneira de comunicar-se por emprego da palavra escrita.

As cartas que escrevera e vêm ganhando destaque na literatura denotam certo valor histórico, tanto por resgatar o gênero textual condicionado por elementos mais flexíveis da palavra escrita, quanto por possibilitar interações com o contexto ético, estético, político do pensamento freireano.

Qualquer leitor, leitora interessada em conhecer a vida e obra de Paulo Freire irá descobrir a riqueza dos detalhes de sua palavra escrita. Provavelmente irá aprender a brincar de escrever, pintar letras, sílabas, palavras. Neste movimento de criação, pintando, desenhando palavras, Paulo Freire foi aprendendo com sua própria história. Ainda criança, em Jaboatão dos Guararapes, à sombra de uma mangueira, graveto em punho, iniciou sua vocação ontológica em busca do ser mais. Aprende a escrever, na areia, os sons que captava da natureza, das relações que participava.

O tempo foi passando! Na escola cria o gosto por ler, escrever, estudar, transformando-se, criando um estilo singular de significar a palavra com conhecimento. Adulto, suas letras vão se constituindo em palavra-ação, se fortalecem nos movimentos culturais. Com as palavras faladas e escritas comunica-se, discernindo o natural do cultural, a finitude da infinitude, o ser inacabado, singular e plural que é.

Seus primeiros escritos registram o rigor da comunicação situada

e datada por argumentos de seu tempo de vida e criação. Escrevera acerca das sociedades fechadas e abertas, argumentando a dialética teórica, filosófica, política com que diferencia educação bancária da popular, esta que assumira enquanto práxis libertadora.

Os livros escritos por Paulo Freire nos possibilitam admirar a vida, o mundo, nossa condição humana de pensar-fazer, de pensando as coisas, a natureza, as pessoas, tomarmos decisões, agirmos no mundo. Suas palavras escritas nos provocam, instiga-nos a curiosidade. De certa maneira, revela, em cada leitor, leitora, a assunção radical diante dos desafios que captam das realidades percebidas.

Com Paulo Freire podemos especular acerca do significado atribuído à vocação ontológica humana, nossa caminhada em busca da humanização do humano. Vamos conversar sobre o Ser mais. Este Ser humano que, teimosamente, incite, persiste em se diferenciar de todas as outras espécies de animais, de nossa amorosidade diante da vida. Vamos falar da importância de nos entendermos enquanto sujeitos, sujeitos históricos, de culturas e conhecimentos. São muitos os temas que podemos com e a partir de Paulo Freire pensar, ousar, ir até onde ainda não fomos!

Dentre estes temas, as cartas! Por que cartas? O que as cartas possibilitam? Qual diferença podemos exaltar quando nos colocamos com a especificidade das cartas pedagógicas? E mais, o que dizer de ‘cartas escritas por quem ousa esperar’?

Com esta questões, com o esforço de problematizarmos a conversa, a maneira de contemplar cada uma das cartas escritas, aqui disponibilizadas, mais uma vez, as e os convidamos a entrar nesta reflexão. Há anos passados, ainda no final dos anos 1990, em um dos Colóquios Internacionais Paulo Freire, em Recife, perguntávamos ao Osmar Fávero, estudioso da Educação Popular, da Cultura Popular, amigo do Paulo Freire, acerca das ‘cartas temário’.

Uma curiosidade que assinalava a maneira de Paulo Freire escrever

sua aproximação com pessoas que iria trabalhar com a alfabetização. Sua resposta foi clara, dizia Osmar saber, ter ouvido referência sobre o instrumento didático. Por outro lado, nunca o tinha lido.

Talvez este tenha sido um dos primeiros exercícios de Paulo Freire ao se comunicar por cartas. Anos depois, foi Paulo Rosas quem possibilitou compreendermos a ‘carta temário’, apesar de, até o momento, não termos em mãos uma para ler, estudar, sentir o movimento das palavras, sua contextualização pedagógica.

De qualquer maneira, puxando da memória, diria com Paulo Rosas, carta temário foi instrumento utilizado por Paulo Freire durante o Movimento de Cultura Popular, realizado em Recife (PE), nos anos que antecederam ao Golpe Militar de 1964. Sua função esteve associada à maneira com a qual pretendia apresentar o tema e procedimento de discussão.

Neste sentido, podemos trazer para a reflexão certos elementos descritos por Paulo Freire quando escrevera o **Projeto de educação de adultos**, Centro de Cultura (ROSAS, P., 1991). Um projeto situado nos argumentos da práxis libertadora. Por meio do “Teleclube”, do “Clube de leitura”, do “Clube dos pais”, do “Clube de costureiras”, do “Clube recreativo” intencionavam contrapor os “meios modernos de difusão, de propaganda, de comunicação com as massas, (que) vem pondo o homem desses centros (urbanos) em atitudes predominantemente acrílicas, ingênuas”.

Pretendiam enfrentar “o risco de desumanização do homem, de sua massificação, de sua desespiritualização”, escrevera Paulo Rosas (1991). Com Paulo Freire (1959), “superação da inexperiência democrática”. Contudo, carta temário continua em aberto, podemos especular sobre elas, mas não há registro concreto sobre este instrumento.

Decerto, apaixonado pela palavra, Paulo Freire corporificara suas ideias, suas tramas (1992), suas “experiências reinventadas” (FREIRE, 1978). No conjunto de sua obra, as cartas podem ser lidas, estudadas e, a partir delas, cada uma e um leitor, leitora pode, melhor diríamos,

deve recriar, ousar com suas próprias palavras, exercer sua radicalidade autêntica.

Desde *Cartas a Guiné-Bissau, registros de uma experiência em processo* (1977), quando escrevera à Mário Cabral; noutras ocasiões, escrevendo às “camaradas” Mônica, Edna, Alvarenga, Paulo e José, entre os anos de 1975-76; às cartas inacabadas, deixadas na ocasião de seu falecimento (1997), editadas sob o título *Pedagogia da indignação, cartas pedagógicas e outros escritos* (2000⁴), Paulo Freire dialoga escrevendo “livro-relatório” em movimento que inicia com a captação da ação, pensa a ação e elabora nova ação (codificação-decodificação-codificação).

Suas cartas, enquanto expressão da rigorosidade pedagógica, estiveram ancoradas em um “estilo muito singular que protegidas do simplismo, da arrogância do cientificismo, as cartas, por outro lado, deveriam transparecer na seriedade e na segurança com que fossem escritas, a abertura ao diálogo e o gosto da convivência com o diferente” (FREIRE, 2000, p.39).

Pois bem, estimados leitores e leitoras, as cartas que se seguem foram escritas com a ousadia corajosa de escritoras, escritores que assumiram o desafio de dialogar com Paulo Freire. Suas cartas nos provocam pensar situações limites e seus inéditos viáveis. Com as cartas vamos entrar na imaginação de cada letra, palavra, em seus diversos contextos. Vamos ler sobre temas atuais à situação do presente e, em simultâneo, enquanto sujeitos históricos, dialogarmos com o passado e futuro. Pensar as palavras que exprimem sentimentos, emoções, amores, crises, perdas, esperanças.

4 Nesse livro, Ana Maria Araújo Freire reuniu as três cartas escritas em 29 páginas manuscritas, “uma das formas de comunicação que Paulo tanto gostava de utilizar” (FREIRE, 2000, p. 9). Foram cartas destinadas às professoras e professores, refletindo temas orientados à dialeticidade contraditória do ser humano, leitura mundo-leitura da palavra, a condição humana de estar no e com o mundo, liberdade-indignação. Foi a primeira vez que Paulo Freire denotou às cartas conotação pedagógica. Denominando-as de ‘cartas pedagógicas’.

Com as cartas somos convidados a ler-pensar o mundo, a orientar a escrita-leitura com rigorosidade metódica, condição essencial à superação do emprego de palavras sem contexto, dos diálogos inautênticos. Daí que as cartas ampliam as relações entre escritor(a)-leitor(a) por conotar valores de profundo respeito ao Ser mais, à criticidade necessária para o diálogo verdadeiro. Ora, interagindo com a escrita do Paulo Freire, as cartas são reveladoras do “exercício pensante, apropriando-se da significação mais profunda do objeto” (FREIRE, 1998, p. 7), selecionado por cada um e uma.

Cada escritor(a), leitor(a) é incentivado a integrar ao seu contexto, expor seus desafios, pensar exercendo sua singularidade. Por conseguinte, as cartas denotam expressão política de quem as escreveu e transcende na incompletude de quem as lê. Neste sentido a ousadia de esperar é delimitada por argumentos da epistemologia, da teoria com a qual o escritor, a escritora das cartas se identificam em diálogo com Paulo Freire. Esperança que exige ação cognoscente, atitude crítica.

Neste novo movimento de criação, **Cartas a Paulo Freire, escritas por quem ousa esperar** é projeto elaborado por várias mãos. Implica no exercício dialógico por comunicação situada por novas tecnologias. Até há alguns anos, as cartas estavam condicionadas ao estado presencial, ao tempo de escrevê-las à mão, por uso de uma caneta esferográfica e papel em branco. Agora, as cartas ganham outras possibilidades, transitam por comunicação virtual. Nem melhor ou pior, mas diferente é a condição de escrever e ler as cartas.

Por fim, gostaríamos de entrar neste Projeto coletivo. Gostaríamos de provoca-lo, provoca-la a ler cada uma das cartas com a esperança de integrarmos, coletivamente, práticas humanizadoras de nossa humanidade.

Recife, maio de 2021.

Referências

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação e atualidade brasileira**. Recife-PE, 1959. Tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação. Escola de Belas Artes de Pernambuco.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**. Prefácio de Adriano S. Nogueira; notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 9 ed. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

ROSAS, Paulo. **Como vejo Paulo Freire**. 70 anos de Paulo Freire no mundo: Homenagem de Pernambuco. Recife: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Pernambuco, 1991. Anexos 2; 2,2; 2,3; 2,4; 2,5; 2,6; 2,7; 2,8;2,9.

Sumário

Apresentação

De repente, emoção!, *11*

Prefácio

Carta na ousadia de esperar, *13*

Introdução

Paulo Freire em cartas para um outro mundo, *25*

Desocultando

Paulo Freire e o projeto civilizatório brasileiro, *35*

A desinvisibilidade da educação na pandemia, *39*

A mangueira sob o rigor do inverno, *46*

É tempo de tirar as máscaras, *57*

Dar à luz é fazer de outro modo, *64*

As palavras do mundo não entram na escola, *69*

Destruindo cativeiros de vida, *75*

Alforria das armadilhas da alienação, *87*

Evangelho e Educação libertadora, *96*

Epístola da esperança, *104*

Esperar cultivando a terra seca, *111*

‘O correr da vida embrulha tudo’, *114*

Cartas que comunicam, educam e emocionam, *117*

Um convite à transformação social, 121
A desigualdade como máquina de produzir riqueza, 130

Resistência

‘Tiene mucha dificultad’, 145
Estudando e aprendendo cidadania, 152
En busca de los eslabones perdidos, 157
“No deje que su miedo a lo difícil lo paralice”, 162
Ousadia é manter a esperança, 170
Esperançar e Resistir, 177
Um sopro de esperança no meio do caminho, 183
Inconformada, sim, mas cheia de esperança, 186
Entre o conforto do trem e o balanço do mar, 189
Entre o sonho e a realidade, a vida, 199
El cambio social siempre provoca resistencia, 202
Tecendo caminhos de liberdade e gratidão, 212
Entre caboclos, sertanejos e pardos: o não lugar, 218
Gracias por tu eterna actualidad, 225
Resistência com esperança e amorosidade, 240

Palavração

Carta aberta à esperança, 249
Por uma educação antirracista, 258
Fazendo o que será, 265
A comunhão entre ensinantes e aprendentes, 268
O fazer que nos faz ser e saber, 274
‘Não há palavra verdadeira que não seja práxis’, 276
A palavra que dá voz, consciência e horizonte, 286
Outra educação é possível, 291
Da compreensão e da comunicação, 295
Sensibilizar, mobilizar, engajar, eis a questão, 300

Educar é comunhão, 307

Arte e Educação: Vivências Freireanas, 311

Boniteza

Em educação, paixão não cega, 317

Toda carta chega ao seu destino, 322

Spitzkoppe, 332

De sonhos e esperanças, 334

A educação em Freire

Tem arte, sonho e amor, 339

A sedução da esperança, 344

Aprendendo (e ensinando) com decência, 350

No Cordel esperamos

Uma outra educação, 355

Choque de Cidadania, 360

Toda nossa reverência, 370

Amar é um ato de coragem, 376

Esta carta é do Sertão, 381

Para uma produção autêntica e ético-cientificamente
humanizadora em Educação, 391

Introdução

Paulo Freire em cartas para um outro mundo

Depois da aventura do volume 1, disponibilizado em versão ebook e impressa, estamos de volta com o volume 2 da trilogia *Cartas a Paulo Freire – Escritas por quem ousa esperar*. A trilogia, como destacamos no volume anterior, celebra os 100 anos de nascimento deste grande educador brasileiro e busca, dentre outros objetivos, contribuir com discussões sobre a atualidade do seu pensamento em linguagem acessível e plataformas abertas, além de ampliar as possibilidades dialógicas para além das redes acadêmicas e/ou institucionais.

Uma parte significativa da obra de Paulo Freire foi redigida no formato de cartas, destacando-se, entre elas, as *Cartas a Guiné-Bissau* (1977); *Cartas aos animadores e às animadoras culturais de São Tomé e Príncipe* (1980); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993); *Cartas a Cristina* (1994); e *Pedagogia da indignação* (2000). De acordo com Pereira Coelho (2011), Freire escreveu e recebeu cartas de pessoas de diversas partes do mundo e dizia que o gênero é dialógico e pedagógico por sua própria natureza. Quem escreve, afirmava, sai da centralidade do ego e provoca a participação do outro.

As cartas, para os historiadores da comunicação, são a mãe de todos os gêneros textuais. Historicamente, conquistaram mentes e corações – da religião, passando pela filosofia, história, ciência, política até a literatura e a educação. Difícil encontrar entre os chamados

clássicos, da antiguidade aos nossos dias, um que não tenha dedicado parte de seu tempo ao diálogo, por meio de correspondências, com diferentes interlocutores, e não as tenham tornado públicas, em livros, por exemplo, em algum momento de suas vidas. Paulo Freire soube, como ninguém, usar as cartas e, por meio delas, recolocar a educação no território do coloquial e do afetivo.

Para Camini (2012), a carta é um documento, uma peça para o diálogo, uma prosa, uma comunicação direta, direcionada a um interlocutor e há, nela, um sentido, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo, coloquial e formal, prosaico e poético. As cartas, segundo o autor, só terão cunho pedagógico se o seu conteúdo comunicar o humano de si para o humano do outro. No caso de Freire o fundamental era que as cartas não fossem apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas.

No seu ato de pensar e escrever, observa Nita Freire (viúva do educador), o mestre nunca se afastou de suas crenças político-ideológicas e ético-pedagógicas; manteve-se autêntico como pensador das liberdades dentro dos limites da verdade que criou; e viveu a coerência nascida da condição humana de incompletude que o fez entender a esperança como algo mais do que acreditar num futuro melhor, mas como a crença num futuro sonhado, projetado pelas possibilidades dos homens e mulheres poderem ser Seres Mais (FREIRE, 2009).

Trazemos, aqui, portanto, cartas de saudades, de amorosidade, de boniteza, de lembranças, de reconhecimento e de reafirmação de um legado que marcou profundamente a história da educação brasileira. Cartas, também, de atualização de leituras de mundo e de ousadias de reinvenção e esperançar. Cartas, ainda, que denunciam um tempo infeliz de morte, de muita dor, tristeza, mal-estar, medo, desesperança, descaso, que, “ensopado” de uma pedagogia cruel, não só tem mostrado as entranhas da pulsão de morte da dominação moderna, como tem precarizado, sob todos os aspectos, nossas formas de viver e ser no mundo (SOUSA SANTOS, 2020).

O Projeto Cartas

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) acolhe e apoia em sua estrutura de graduação e pós-graduação *lato* e *stricto sensu* vários grupos de estudo e pesquisa de inspiração freireana e tem, no seu corpo docente, discente e técnico vários seguidores do patrono da Educação brasileira. Foi ancorado nesse coletivo de saberes que este projeto editorial se construiu, tendo como princípio norteador a proposição freireana de que as cartas devem, acima de tudo, resguardar-se da arrogância, da suficiência, da certeza ‘demasiada certa’ do acerto, do elitismo teorista e da subestimação dos saberes do leitor (FREIRE, 2003).

Lançamos um convite amplo, sem fronteiras, travas acadêmicas, barreiras institucionais que ganhou corpo, vida e alma e correu o Brasil e o mundo, mobilizando professoras e professores, da Educação Básica ao Ensino Superior, educadores e educadoras militantes da educação popular, da educação no campo, dos movimentos sociais para o desafio de escrever cartas ao grande mestre. Como estímulo/provocação recomendamos a leitura/releitura da sempre atual *Carta aos Professores*, publicada por Freire em 1993, no livro *Professora sim, Tia não – cartas a quem ousa ensinar*, hoje na 24^a edição. O resultado foi surpreendente: mais de 120 cartas recebidas só para os volumes 1 e 2.

Em diálogo com autores e autoras, a equipe editorial fez pequenos ajustes de natureza linguística e de formatação, preservando estilos, sotaques e, principalmente, a integridade dos conteúdos. Algumas missivas se aproximam de um ensaio ou de um texto acadêmico *stricto sensu*; outras, de um relato de experiência ou de uma peça propositiva; outras estão embebidas de sentimentos, afetos, amorosidade; e, outras, ainda, trazem o encanto da poesia e da literatura de cordel para um diálogo franco, respeitoso, criativo e emocionante com o patrono da Educação brasileira e seus seguidores no mundo.

Ousamos dizer que as cartas desta coletânea estão fortemente

marcadas pelo compromisso com práticas dialógicas e com a coragem de desocultar as mentiras dominantes (vivemos a idade da desinformação) e restaurar a necessidade da esperança que, como dizia o mestre, sozinha, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia (FREIRE, 1992). Pouco podemos fazer enquanto desesperançados ou desesperados; a luta, assim, é suicida, um corpo-a-corpo puramente vingativo. A nossa ação político-ética eficaz, ou a nossa briga, para usar uma expressão de Freire, deve ser contra a negação do sonho e da esperança (FREIRE, 1992).

A estrutura do livro

Este volume traz pelo menos seis novidades em relação ao primeiro: a) uma participação significativa de cartas freireanas de Países da América Latina, como Peru, Chile, Colômbia, Argentina e Equador; b) uma importante contribuição da Europa (Espanha e Portugal); c) a ampliação do território Boniteza; d) a presença de temas como feminismo, educação racista, preconceitos de gênero, dentre outros, que estão sendo banidos e cancelados do debate escolar contemporâneo pela política em vigor; e) um chamamento vivo à ação, que mereceu, neste volume, um território especial, denominado de *Palavração*; e f) sinais importantes de resgate não apenas das ideias e legado, mas da pessoa de Freire - um homem para quem a palavra “saudade” é tão essencial como a palavra “educação”, no dizer de Brandão (2018).

A distribuição dos conteúdos no livro, a exemplo do volume 1, não seguiu uma organização linear e hierárquica de classificação de autores e temas. Mantivemos a proposta inicial de construir territórios que não engessassem os conteúdos, mas que os articulassem, menos por identidade temática e mais por pertencimento político. Ao primeiro território deste volume demos o nome de **Desocultando**. Nele o leitor vai encontrar cartas que dialogam sobre a relação da obra de Freire com o processo civilizatório; discutem os motivos de as palavras do mundo não entrarem na escola; afirmam que dar à luz é

fazer de outro modo; problematizam a relação Evangelho e educação Libertadora; denunciam a invisibilidade da educação na pandemia, a desigualdade como máquina de fazer riqueza e apostam no esperar cultivando a terra seca.

No segundo território, que chamamos de **Resistência**, trazemos diálogos da América Latina expressando gratidão pela “eterna atualidade de Freire”; dificuldades do viver neste tempo de morte; a busca de “*los eslabones*” perdidos; diálogos sobre a resistência às mudanças; e uma advertência: “*No deje que su miedo a lo difícil lo paralice*”. Trazemos, ainda, a inconformação que gera esperança; a aprendizagem da cidadania; a vida entre o sonho e a realidade; o não lugar de caboclos, sertanejos e pardos; a reafirmação de que esperar é resistir com amorosidade e o intrépido anúncio de que a ousadia, nesse tempo, é manter a esperança.

Num terceiro território, **Palavração**, trazemos cartas engajadas com uma educação antirracista; com o fazer que “nos faz ser e saber”; a comunhão entre ensinantes e aprendentes; vivências freireanas; palavras que dão voz, consciência, engajamento, sensibilização e mobilização; uma carta aberta à esperança e comprometimento com o inédito-viável: fazendo o que será - não há palavra verdadeira que não seja práxis.

Por fim, reunimos no território **Boniteza** um conjunto de cartas poéticas, quase todas escritas em cordel, que tratam de arte, da sedução da esperança, dos sonhos, do ensinar com decência, da necessidade que temos de um choque de cidadania, do amor como ato de coragem e do Sertão freireano, que germina em solo fecundo, sementes de confiança para construir um outro mundo pra vindoura geração.

Desvelando a intrepidez

Usamos como chave de leitura do volume 1 a boniteza que vem do ensinar e do aprender com alegria, do enfrentamento da dominação, da luta pela liberdade, da superação desse tempo de morte e, sobretudo,

da luta contra a negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. Embora reconhecamos a necessidade de novas e atentas leituras, nas cartas deste volume percebemos sinais de que uma nova pedagogia vem sendo gestada nos diferentes territórios de resistência, ganhando corpo e se nutrindo, a partir de duas matrizes diacrônicas: de um lado, a indignação movida pela compreensão dos determinantes históricos da realidade opressora e de morte que experimentamos nos dias atuais e que tem como evidência mais clara a tragédia do Coronavírus; e, de outro, a necessidade de se manter vivo, atualizado, reinventado e em processo permanente de recriação, o pensamento do mestre.

Animados por essa leitura demos a esse movimento nascente (ou insurgente) o nome de *pedagogia da intrepidez*, considerando, dentre outras questões, algumas características marcantes das cartas: audácia, coragem, obstinação, pertencimento, proeza, transgressão, resistência, decolonialidade, denodo. A palavra **intrepidez** é de origem latina (*intrepidus*) e significa, *stricto sensu*, “o que não teme”, “o que não é dominado”. As cartas deste volume foram escritas com ousadia, coragem, indignação pedagógica e, em nosso ver, com intrepidez. Elas nos ajudam a ler a crise civilizatória do presente, dialogando com o passado e esperando um futuro de vida plena. Foram escritas com palavras que exprimem sentimentos, emoções, amores, crises, perdas, esperanças.

Uma outra característica das cartas aqui publicadas é que, por mais que simpatizem, se alinhem, divulguem, ofereçam novas leituras acerca das proposições freireanas, estão longe de dogmatizar, fechar caminhos, encerrar processos de decodificação. O leitor, como sujeito ativo de processo dialógico, não apenas pode, como deve recriar o que está escrito, porque há, nos temas tratados, “um mundo de coisas a serem pensadas e repensadas” (FREIRE, 1997). Os autores e autoras se filiam à inexorável perspectiva da utopia e reafirmam a tese freireana de que não há mundo sem utopias, e se esforçam para seguir

a recomendação do mestre: das palavras ocas, não se pode esperar a denúncia do mundo, pois não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. As cartas, portanto, estão ensopadas de *palavração*.

As contribuições, em nosso ver, inovam em três frentes: (1) no aprofundamento do olhar, das experiências, das lutas e das vivências nos territórios das pertencas identitárias; (2) chaves de leituras chamam atenção pela força do atrevimento, do desembaraço, dos vínculos de conhecimento da realidade que se quer transformar; e (3) no exercício articulado da imaginação de um mundo menos feio e menos cruel, que ainda não é, mas que precisamos dar forma. Em síntese, embora com diferentes temas, as cartas estão, sim, ensopadas de esperança, mas também de indignação que, relacionada com a sua amorosidade, levam às ações éticas capazes de denunciarem o feio, o injusto e o perverso e anunciarem os «inéditos-viáveis» embutidos nas utopias esperançosas, nos sonhos humanistas que deveremos tornar possíveis de democracia, de justiça e de tolerância.

Paraíba, junho de 2021

***Coordenação e Equipe Editorial do
Projeto Paulo Freire 100 anos.***

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Pessoa de Paulo: memórias – depoimentos**. Vitória: UFES (Educação no Campo), 2018. Disponível em: https://educacaodocampo.ufes.br/sites/educacaodocampo.ufes.br/files/field/anexo/a_pessoa_de_paulo.pdf

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas**: aprendizados que se

entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação [online], v. 5, n. 8, p. 147-152, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100016>>. Epub 09 Jun 2009. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100016>. Acesso em: 1 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Nita. **Paulo Freire**: uma história de vida. São Paulo: Vila das Letras, 2006.

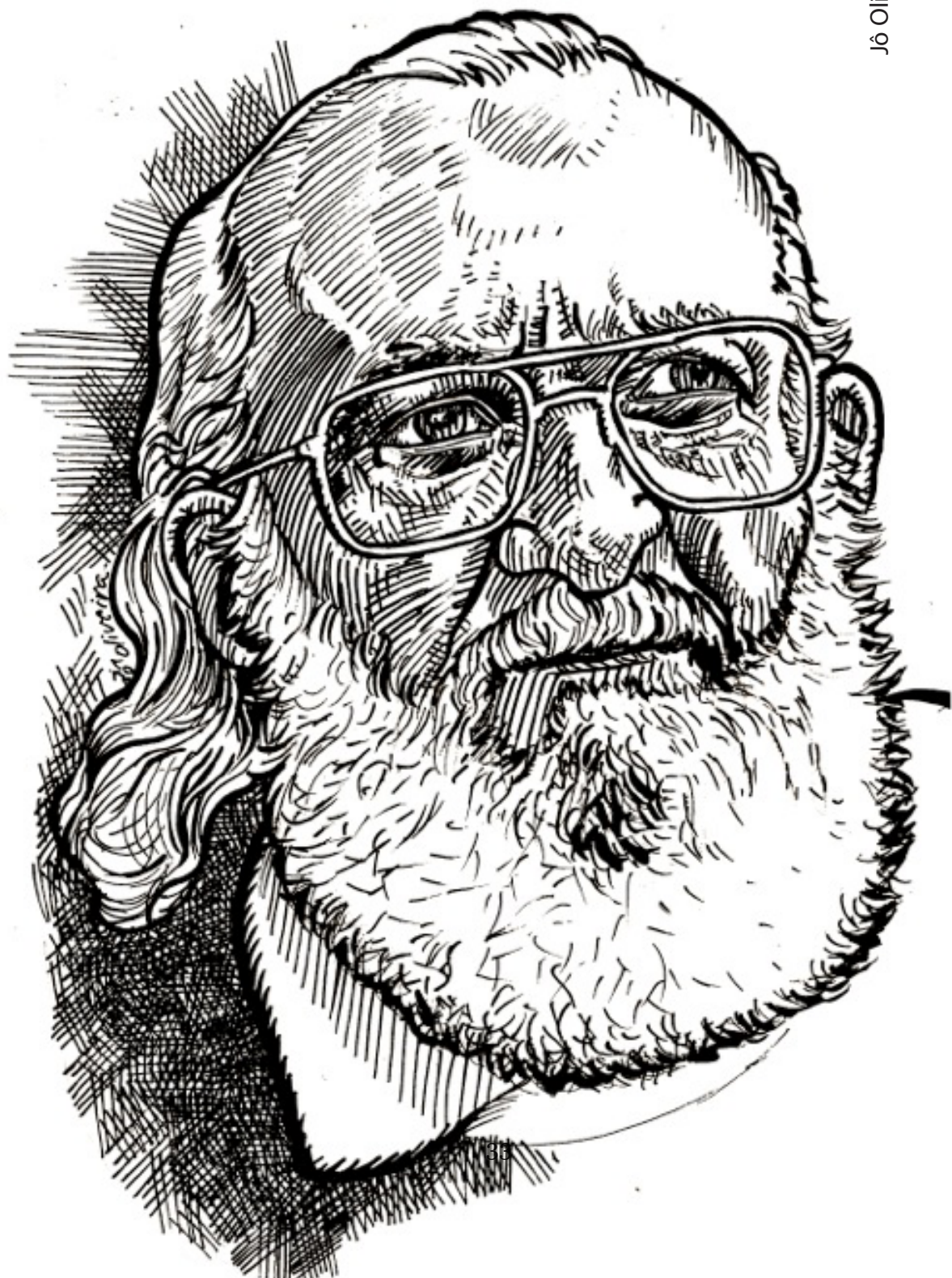
PEREIRA COELHO, Edgar. Uma introdução à pedagogia da correspondência em Paulo Freire. **EccoS** Revista Científica, n. 26, p. 59-73, jul./dic. 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/715/71522347004.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**. São Paulo: Boitempo, 2020.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 439 p.

Desocultando

Jô Oliveira



Paulo Freire e o projeto civilizatório brasileiro

Luciano Albino¹

Saudações freireanas.

De acordo com Elias, civilização diz respeito a um processo histórico de transformação da vida afetiva em relação ao indivíduo e à sociedade. Assim, refere-se a dinâmicas psíquicas e estruturas comportamentais que definem medos, angústias e prazeres em escalas que abrangem agente e estrutura. Em termos ocidentais modernos, a civilização está associada a valores e parâmetros no âmbito das sociedades europeias, com foco direcionado para um projeto de mundialização.

Em outras palavras, é possível dizer que tal civilização possui o caráter contraditório de carregar consigo ímpetus revolucionários de igualdade, liberdade e progresso técnico-científico, emancipatórios, ao mesmo tempo em que impõe o controle e a exploração do trabalho (Marx) por um lado, e o recalque sobre os desejos, por outro (Freud). Enfim, a civilização moderna nada mais seria do que promessas futuras de satisfação, mas que no presente só oferecia amarras disciplinares sobre o trabalho e a mente.

Mesmo diante das críticas construídas, o projeto civilizatório se

¹ Sociólogo, Doutor em Sociologia pela UFPB, professor efetivo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional.

apresenta como inacabado, tendo em vista inspirar possibilidades racionais para a efetivação daqueles ideais revolucionários de igualdade e liberdade. Pelo menos, é nesses termos que Rouanet apresenta e que Habermas fundamenta sua compreensão sobre a Modernidade. Significa dizer que Direito/Justiça e Democracia seriam as bases de um *agir comunicativo*, cujo objetivo fundamental é a efetivação de direitos alicerçados na defesa de um projeto universal sobre a dignidade humana e a sustentabilidade ambiental.

O debate sobre a capacidade de resignificação da modernidade e a reivindicação de ações civilizatórias tem ocorrido no mundo Ocidental de maneira intensa, especialmente no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial e dos horrores presenciados com o Holocausto. É possível afirmar que, a partir da segunda metade do século XX, as iniciativas pró-civilização tomaram fôlego, culminando, nesse ambiente Ocidental, em movimentos sociais revolucionários, com destaque para o que se constatou nos anos de 1960 em torno de bandeiras como Direitos Civis nos Estados Unidos, o movimento estudantil, a questão ambiental, o feminismo e a questão de gênero e sexualidade na Europa e, de certa forma, no mundo inteiro.

Esse movimento emancipatório tem suas influências no Brasil e vários exemplos podem ser dados. Em um país de estruturas escravocratas e patriarcais, imperioso se fazia combatê-las. Nesta direção, seja a militância pela revolta armada, seja a iniciativa pacífica de transformações pela base, é possível identificar que houve no Brasil uma ebulição social a partir do Pós-Segunda Guerra, cuja interrupção ocorreu com o Golpe de 1964.

Seja com as Ligas Camponesas na Paraíba, representadas pelo ex-poente João Pedro Teixeira; a SUDENE, no Governo JK, liderada por Celso Furtado; as Reformas de Base no Governo João Goulart, tendo Darcy Ribeiro à frente da Casa Civil; o Movimento de Cultura Popular em Recife, com Miguel Arraes na Prefeitura, Paulo Freire e Abelardo

da Hora como protagonistas daquela iniciativa, fica claro o afã civilizatório brasileiro. Em resumo, houve um *turbilhão social* no Brasil entre a morte de Getúlio Vargas e o Golpe Militar de 1964 com abalos sísmicos que deixaram consequências aos dias atuais. Paulo Freire foi um dos destaques daquele contexto, com reconhecida participação que transcendeu projetos pessoais e se identificaram com o que considero o compromisso com um projeto de civilização brasileira.

Talvez a forma mais eloquente e honesta para homenagear alguém seja através de sua contextualização. O destaque às relações, aos desafios vividos e às redes de solidariedade construídas em uma vida dão testemunho de quem uma pessoa de fato é ou foi. No caso particular de Paulo Freire, além das homenagens merecidas sobre sua produção intelectual, gostaria aqui de trazer à luz a dimensão civilizatória que essa figura histórica representa.

Não entendo o nosso momento como facista ou de avanço da extrema Direita. Esses termos são importados e não refletem a nossa história. Se queremos fazer um esforço classificatório, no sentido sociológico, penso que seria mais oportuno chamar de *neoescravocrata*. Digo isto por entender que a escravidão possui uma institucionalidade, que assegura as bases abstratas e objetivas de exploração e demarcação de desigualdades.

Só há no Brasil uma luta digna de ser chamada de civilizatória, aquela que se opõe ao projeto de escravidão de propósito inacabado. Ele se anuncia novo pela luta e ódio de algumas camadas brasileiras contra direitos conquistados, contra a mobilidade social, por arregimentar-se na articulação ao “direito” de diferenciar-se. De subjugar quem está abaixo na estratificação social e ser vassalo de elites colonialistas.

O projeto de Alfabetização em Angicos, Rio Grande do Norte, baseado no método Paulo Freire, que parte do cotidiano, da palavra vivida e com cada uma vai se construindo um todo, tal qual tijolos que

se articulam, imprimiu, como tantos outros da mesma inspiração, esse desejo de construir uma Civilização Brasileira, identificada com o Brasil profundo e alimentada pelo movimento de olhar para si, para dentro, não de reproduzir a colonização.

Este é o chamado freiriano, como de seus pares. O despertar para nossa vocação para a liberdade, para a construção de um país mais justo, soberano na medida em que integra, partilha. Um Brasil que alimente a barriga e *mate a fome da cabeça* como disse um dos estudantes de Angicos.

Nosso desafio é continuar estudando, refletindo, agindo. Um desafio em perseverar *esperançando* quando a onda *neoescravocrata* se reanima com novos fôlegos e soluções saudosistas.

Que a nossa resposta seja, ao contrário, civilizatória, terna, solidária, firme em convicções emancipatórias: uma resposta freiriana.

Saudações freireanas.

Campina Grande (PB), abril de 2021

A desinvisibilidade da educação na pandemia¹

*Cátia Pereira Duarte*²

Olá Paulo Freire! Em um mundo pandêmico, metodologias aparecem valorizadas na política, na ciência, na educação. No entanto, no Brasil, a metodologia de controle político tentou invisibilizar a forma como a ciência lutaria em prol da saúde pública e a forma como a educação lutaria em favor da redução das desigualdades sociais.

O poder reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade. Neste tempo e espaço histórico, é importante captar o poder nas suas formas e instituições mais locais, nacionais e globais, principalmente no ponto em que ultrapassam as regras de direito que o organizam e delimitam³. As relações de poder são tão complexas que, por vezes, encontram-se discursos governamentais pretenciosos da coletividade, mas que passam o direito e a verdade como algo de responsabilidade individual. Nesse sentido, aparecem duas tecnologias de poder, uma

1 Agradeço ao Prof. Dr. Luis Antonio Groppo, coordenador do GT 03 da ANPED, pelo incentivo à escrita e pelo retorno meticuloso deste ensaio reflexivo.

2 Profa. Dra. do Colégio de Aplicação João XXIII/ UFJF, Líder do Grupo de Pesquisa Prática escolar em Educação Física/ PPEduFis, atua nas linhas de Movimentos sociais, Antropologia do corpo e Processos educativos. E-mail: catia.duarte@ufff.edu.br

3 Ver FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

centrada no corpo, manipulando-o para ser útil e dócil ao mesmo tempo; e uma centrada na vida com efeitos nas massas da população⁴.

Como professores, durante toda nossa formação básica, inicial e continuada, ouvimos falar que a docência é uma profissão sem reconhecimento financeiro com a obrigação de emancipar a população, pois lida com jovens e suas famílias. Sob certos ângulos, podemos confirmar tal pressuposto. No entanto, a preocupação é dar luz aos problemas e as possíveis soluções por dentro do sistema e não aceitar que outras esferas tracem projetos de sucesso a partir da premissa de que a educação é a única responsável pela emancipação dos corpos individualizados ou do corpo social que é a comunidade escolar. Refletindo sobre o início da conversa, qual metodologia educacional enfrenta esta conjuntura política que nega a ciência, criando tempos e espaços adequados para continuarmos nosso trabalho? Seria importante compreender o efeito da objetivação da pandemia⁵ para sugerir uma objetivação do ensino.

É necessário objetivar ou dar existência material a algo quando há uma mistura de sentimentos de preguiça, medo e esperança nos grupos sociais. Depois de doze meses dentro de nossas casas, questionamos, ao deitar em nossas camas: voltaremos ao que tínhamos? Seremos melhores? Há riscos de sermos piores? Um grupo pode beneficiar-se, enquanto outro pode sucumbir? Ao invés de ver este surto pandêmico como uma manifestação conjuntural, devemos observar seu desequilíbrio sistêmico (divergência entre extração de recursos e equilíbrio

4 Ver FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

5 Ver CUNHA, Luís. Pandemia e dinâmica nacional: urgências, impasses e incertezas. In: MARTINS, Manuela; RODRIGUES, Eloy. **A Universidade do Minho em tempos de pandemia**: Tomo I: Reflexões. Braga: UMinho Editora, 2020. Disponível em: <<https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/25/51/379-1>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

ambiental)⁶. Objetivando por metáforas, criamos um inimigo comum (COVID-19) para combater, no entanto, temos as mesmas armas para lutar?

Em 2020, ouvimos ministros do governo atual definirem metodologias de trabalho docente embasados nas leis brasileiras vigentes, esquecendo-se dos significados do ensino fundamental presencial⁷ para a sociedade; do Ensino à Distância como complementação de aprendizagem em situações de calamidade⁸; da ilegalidade do modelo à distância até os 9º anos do Ensino Fundamental⁹; e do direito de todos à educação de qualidade¹⁰. Não houve debates sobre os objetivos da implementação do ensino remoto emergencial (ERE) para a população brasileira, e professores que não dominavam tecnologias, e até confundiam ferramentas com métodos de ensino, precisaram objetivar o ensino de um dia para o outro. Independente das diferentes condições socioeconômicas, alunos precisavam assistir aulas de um computador com *internet*, deixando evidente que muitos estavam no campo de batalha, sem sequer, ter uma arma, quiçá munição.

6 *Idem, ibidem.*

7 BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial**, Brasília, 1996.

8 BRASIL. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. **Diário Oficial, Brasília, 2020**. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 20 maio 2020.

9 BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial**, Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=65251-decreto-9057-pdf&category_slug=maio-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 08 maio 2020.

10 BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 05 de outubro de 1988. **Diário Oficial**, Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 28 maio 2020.

Observamos mudança de data do Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mas o currículo emergencial não tinha um projeto político-pedagógico (PPP) que o embasasse. Fazendo uma digressão, sem pandemia, houve aumento de vagas para o ensino superior nos últimos cinquenta anos¹¹, porém muitos jovens demoram mais que isso no desenvolvimento de estratégias para se opor à exclusão. Com pandemia, a constituição do corpo juvenil enquanto fato social total¹² fica ainda mais ameaçada, pois as modalidades do social, da história individual e das formas de expressão tornam-se desfavoráveis, e não apenas diferentes.

Na história, a ciência causou muitos avanços e retrocessos, pois determinadas descobertas científicas do século XX higienizaram, literalmente, a população, matando pessoas como se fossem vírus¹³. A premissa de que o talento e o caráter poderiam ser passados geneticamente influenciou pesquisadores a filiarem-se à ideia do desenvolvimento moral dos povos por meio de cruzamentos estratégicos. O resultado foi a segregação de pessoas pelas condições de saúde e pelo empobrecimento intelectual, pois não bastou o controle socioeconômico por parte dos governantes, foi fundamental o controle sociopolítico das gerações.

Na atual situação, é perceptível a emergência de algumas narrativas que justificam ações pelo discurso da crise, nas quais a meritocracia ou o funcionamento do mercado consolidam a ideologia racional sobre a

11 Ver ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

12 Ver MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2017.

13 Ver GALTON, Francis. Hereditary talent and character. **Macmillan's Magazine**, v. 12, p. 157-166/ 318-327, 1865. Disponível em: <<http://galton.org/essays/1860-1869/galton-1865-macmillan-hereditary-talent.html>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

educação, como se ligassem os faróis de um carro desgovernado em plena madrugada. Não se trata de recuperar a luta de classes nos seus moldes tradicionais, mas de observar como a competitividade pode precarizar as relações, redirecionando a guerra para o interior da estrutura, substituindo o adversário externo, o consenso em torno do combate ao SARS-CoV-2 que causa a COVID-19, pela definição de um adversário interno, a falta de oportunidade, que é o que alimenta as desiguais consequências da doença no tecido social.

Desde o golpe parlamentar jurídico-midiático ocorrido em 2016 no Brasil¹⁴, tem-se atravessado um período de desmonte de políticas públicas e de retrocessos dos direitos recentemente conquistados. De mãos dadas com o contexto, a comunicação pedagógica apresenta mais dificuldade, porque aquele domínio de habilidades e referências culturais e linguísticas do modelo tradicional agora compete, em termos de tempo e espaço, com as habilidades e referências familiares. Como a alienação é fundamental para o funcionamento do processo, vimos, na pandemia, uma forma de educar com características singulares de unir e criar sentido de pertencimento que desagrega um domínio estritamente mercadológico, para dar vez a um sentimento de partilha fictício.

Nesse sentido, a COVID-19 não trouxe nada de novo a respeito do local, do nacional e do global. A manipulação da informação, a aquisição desenfreada de aparelhos para se trabalhar em casa, aumento do desemprego, falta de formação continuada dos professores etc são antigas na nossa sociedade. Se o fim remete para um novo tempo, é certo que precisaremos lidar com o tempo enquanto a quarta dimensão do

¹⁴ Ver ZAN, Dirce; KRAWCZYK, Nora. Educação e Juventude sob Fortes Ameaças. **Anped**, Rio de Janeiro, 02 jul. 2020. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/educacao-e-juventude-sob-fortes-ameacas-colaboracao-de-texto-por-dirce-zan-unicamp-gt-03-nora>>. Acesso em: 03 jul. 2020.

espaço, ou seja, teremos que nos afastar fisicamente para nos conectar em plataformas eletrônicas.

Desde o início da pandemia, houve protestos pelo modelo totalmente virtual, depois pelo híbrido, chegando ao modelo presencial (sic!) em dezembro de 2020. Embora os estudantes prefiram aulas assíncronas¹⁵ (acesso não imediato à postagem do material pelo professor) às síncronas (acesso imediato à postagem do material pelo professor), porque muitos precisam compartilhar equipamentos, nem esse modelo ERE¹⁶ foi capaz de fazer os estudantes se concentrarem, aprenderem sozinhos, vencerem a ansiedade, provando que a metodologia da educação precisa estar preparada para as lutas e não forçadamente silenciada por governos genocidas.

Aos poucos, a sociedade (muitos do grupo que queria ensinar os filhos em casa em 2018) percebeu que as metodologias dos professores eram importantes para o aprendizado dos conteúdos escolares? A variante do vírus que ataca crianças e jovens não preocupa nesta segunda onda de pandemia? Talvez essas respostas não sejam fáceis de encontrar, porque há uma venda nos olhos de muitos gestores da educação, que farão de tudo para nos convencer que as metodologias da educação, agora, são desinvisíveis. Para mim, esse tema saiu do casulo e ganhou asas nos efeitos do computador, para segregar por meio

15 Ver DUARTE, Cátia Pereira; SEGURO, Elaine; FERNANDES JÚNIOR, José Francisco; BRUGGER, Rafael; LIMA, Simone. **Relação dos comunicados governamentais em tempos de pandemia com as perspectivas de futuro dos alunos formandos dos 3os anos do Ensino Médio de escolas de diferentes realidades socioeconômicas de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Relatório de trabalho inédito elaborado para discussão em Grupo de pesquisa “Prática pedagógica em Educação Física”, 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1XRrs-2nxi1qVbWo9EXXi46X1cd4cxu4C/view?usp=sharing>>. Acesso em 28 dez. 2020.

16 Ver BEHAR, **Patricia Alejandra**. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Coronavírus, Porto Alegre, 6 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

de um empobrecimento intelectual da juventude brasileira, projeto forjado pelos governantes, incorporados pela população, mas parido pelos professores sem apoio de um pai.

Nada está perdido, mas será fundamental nos qualificar para, frente às novas demandas, ditarmos o ritmo da luta que, quem sabe, pode virar uma dança.

Com pertencimento e esperança,
Juiz de Fora, 22 de março de 2021

A mangueira sob o rigor do inverno

Claudionei Vicente Cassol¹

Arnaldo Nogaro²

Saudações de esperança,
Escrevo-lhe, minha aluna, com preocupação docente porque há mais de um ano não te vejo. Nas noites de lições remotas, lhe aguardo; você não acessa. Lembro, faz um bom tempo, quando paramos a aula para comentar o que acontecia, e não foi somente contigo: **está participando** e, no instante seguinte, caiu a conexão, **saiu**. Seu teimoso esforço em permanecer na conexão repetia incansavelmente **está participando... saiu...** A turma até riu e parte dos/das colegas, inclusive, aproveitou a oportunidade para agradecer pelas boas condições dos seus acessos à rede. Um bom número daqueles e daquelas que partilhavam consigo um espaço, ao chegar à escola, nos escaldantes finais de tarde, às parcas sombras das raras mangueiras, após os solavancos das conduções públicas pelas estradas rurais, ensaiou algumas tentativas de resolver o problema. Outra parcela lamentou

1 Claudionei Vicente Cassol. Doutor em Educação nas Ciências (Unijuí – Ijuí, RS, 2018). Professor na URI-Frederico Westphalen-RS e no CEEDO, Cerro Grande-RS. E-mail: cassol@uri.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7837-887X>.

2 Arnaldo Nogaro. Doutor em Educação - UFRGS. Professor e Pesquisador da URI e do PPGEDU URI Frederico Westphalen/RS. E-mail: narnaldo@uricer.edu.br - <https://orcid.org/0000-0003-0517-0511>

que em pleno século 21 ainda exista famílias sem acesso às mídias, às tecnologias digitais, à internet, perguntando-se a respeito de quem seria a responsabilidade da inclusão necessária?

Sinto certa náusea quando alguém, não sem anuência de parcela expressiva da sociedade, sentenciou em alto volume e em boa imagem na virtual sala de aula: “você esperam o quê? vejam onde ela se esconde!” Neste instante veio-me à mente uma passagem de uma obra de Harari (2020, p. 8) que não poderia ser mais oportuna. “O maior risco que enfrentamos não é o vírus, mas os demônios interiores da humanidade: o ódio, a ganância e a ignorância”. Mas, minha aluna, a maior dor adveio da sala onde se acumulavam, em abundantes gargalhadas em torno de uma tigela de pipocas lindamente caramelizadas, meus colegas professores e minhas colegas professoras, por ocasião de uma reunião presencial para debater acerca das avaliações e do preenchimento das tabelas solicitadas pelo sistema. Alguém, possuído por um espírito de verdade fácil e absoluta, encontra a derradeira explicação: “pessoal, mas só participa quem quer aprender! E tem outra coisa: esse ensino remoto termina com as bagunças na sala de aula.”

Senti uma dor profunda no meu âmago porque sei que não basta querer, ter força de vontade, é preciso ter e estar em condições. Há muitas adversidades que nos destroçam, como dizia Freire (2004). Neste caso, ter acesso à tecnologia e aos recursos que possibilitam sua implementação. A cena apresentada demonstrava um pouco da exclusão que a pandemia e a quarentena que vivemos provoca. Lembrei de Santos (2020), quando alerta que do contrário do que é veiculado, pelas *media* e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, mas reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam.

Entre meneares concordantes de algumas cabeças, seguiu-se um sepulcral silêncio, rompido com minha fala de esperança: “nós temos, pelo menos, dois caminhos, neste momento. Assumir nosso

compromisso ético-profissional para não perder ninguém nessa travessia ou nos escondermos nas fronteiras das abissais diferenças que a sociedade brasileira expõe em sua crueza violenta.” Meu desafio sequer foi respondido por alguém, mas não penso que tenha semeado em vão. A coragem para externar minha fala, talvez, tenha vindo de meu pensar sobre o que Pagni (2020, p. 48) escreve quando fala da configuração da escola atual e dos comportamentos reflexos e não reflexivos. Ato espontâneo ou reação impensada, considereirei como uma fuga de quem não quer pensar, pois “[...] na reflexão, os sujeitos de defrontam com o seu lado mais difícil, obscuro e tédio.” Fecharam-se em seu casulo e fizeram de conta que nada disso está acontecendo.

Um forte inverno se abateu sobre a mangueira, minha aluna. Aquela mesma sob a qual vocês disputavam espaço ao chegar à escola após o trabalho doméstico de dia todo e, seguidamente, também na roça. Ela mesma que acolhia vocês, cuja sombra acariciava suas cabeças, parecendo acalmá-los e ambientá-los para as aulas. Passaram inverno, primavera, dois verões e dois outonos e apenas algumas folhas caducas, teimosas ainda resistem. A mangueira, agora desfolhada, espera triste o retorno. Sua ramada vigorosa com folhas de verde intenso contrastantes com o dourado das aromáticas frutas maduras, agora ausentes, lembra o vazio das áreas de circulação da escola, das cadeiras e mesas onde sentam o pó e o vírus, ah e, lamentavelmente, o descaso também as ocupa.

A mangueira, cara aluna, agora triste, sente a falta da presença, da proximidade, da vida, acontecendo à sua sombra. Os, agora, sombrios prédios da escola ecoam, sem parar, pela reflexão profunda e séria na efetividade da boa educação e cobram pelos momentos nos quais a presencialidade passava em branco e a atenção não estava direcionada a você e, tampouco, a colegas clamantes por acolhida e compreensão. A violência do vírus e a gravidade da situação, despertaram a reflexão e passaram a nos ensinar que a educação “não é uma luta solitária”,

(FREIRE, 2004, p. 87); ela é compromisso especial com quem mais precisa.

Nós docentes, mais do que nunca, igualmente aprendizes, temos mais uma lição: é preciso aproximar cada um e cada uma, a partir de suas dificuldades, da frondosa sombra do conhecimento que emancipa e que faz as pessoas felizes. Conseguimos identificar que nós, enquanto professores e professoras, também, estamos envolvidos na “deterioração ética” que atinge “níveis insuportáveis” na sociedade brasileira (FREIRE, 2004, p. 87) e que precisamos – iluminados/as pelo heroico exemplo de profissionais da saúde - não abandonar ninguém daqueles e daquelas que desejam estar à sombra da mangueira, porque nosso compromisso, enquanto educadores e educadoras, é não perder a esperança (FREIRE, 1992) e desenvolver esforços para não perder ninguém. Parece que começamos a compreender que é preciso buscar aqueles e aquelas que até o momento não perceberam que a mangueira é para todos e para todas, que sua sombra é acolhedora e ali é possível estudar, produzir conhecimento, desenhar ações, dividir alegrias e conquistas e multiplicar sonhos.

Os tempos, as vivências e as experiências que compartilhamos (BAUMAN, 2017) na educação, cara aluna, disfarçada, mas impetuosamente nos empurram para acomodações e oclusões mentais (BAUMAN, 2013, p. 25). Tanto a alunos e alunas quanto a professores e professoras. E nessa névoa, a condição humana (ARENDT, 2008), dimensão na qual atuam os processos educativos, sofre traições com as ações do próprio sistema educacional pois vê o Estado sendo um senhor todo-poderoso cumprindo ordens daqueles e daquelas que vivem bem (FREIRE, 2004, p. 22) e, paralelo a isso, força o abandono da laicidade e da cientificidade para curvar-se a fundamentalismos e negacionismos. Grande lição que conhecemos, mas ainda não assimilamos, procura ensinar que “somos seres de transformação e não de adaptação” (FREIRE, 2004, p. 23), contudo ainda não temos forças

e coragem pedagógica para decidir romper com esse peso que nos oprime e nos afasta uns dos outros e coloca vocês, igualmente, em condições de exclusão.

Cara aluna, não podemos nos dar o direito de omitir-nos, devemos trabalhar pela boniteza do mundo, como já dizia o patrono da educação brasileira: “Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta.” (FREIRE, 2000, p. 54).

As fragilizadas mangueiras, também elas, estão sendo imitadas. O plágio, bem disfarçado, consiste na veiculação da ideia de que as tecnologias que permitem as aulas remotas, que propagam a noção dos conteúdos superficiais, apressados e utilitaristas, se constituam nas novas sombras sob as quais se aprende. Penso em você, carente aluna, que, assim como outras e outros milhões de estudantes, não têm acesso a uma rede de qualidade, tantos e tantas que não têm computador, que usam um único celular, precário, entre todos os membros da família e para várias atividades, inclusive para a sobrevivência. É um rigoroso inverno que se abate voraz sobre a mangueira. E com a qual não nos preocupamos, pois nosso estar no mundo é indiferente ao que acontece a ela. Isso me leva para dentro das minhas memórias e recorde de um pernambucano que dizia que o que não é possível estar no mundo “[...] com o mundo e com os outros, indiferentes a uma certa compreensão de porque fazemos o que fazemos, de a favor de que e de quem fazemos, de contra que e contra quem fazemos o que fazemos” (FREIRE, 2000, p. 125).

Não! A docência não permite que sejamos ingênuos, inconsequentes e acompanhemos de longe a gravidade da situação que se mostra, com a pandemia, despida de imbróglis. Novamente recordo os/as profissionais da saúde expostos/as à doença sem abandonar os/as pacientes. Inclusive aqueles e aquelas que não são suficientemente

educados/as sócio e culturalmente, para incorporar novos, necessários e vitais comportamentos, atitudes e cuidados. Enquanto nossa compreensão for apenas “dicionária” (FREIRE, 2004, p. 31), retórica, ela não significa mudança; é preciso testemunho (FREIRE, 2004, p. 36). Aprender o compromisso ético da alteridade e, também, “a reinventar o mundo”, e “a educação é indispensável” (FREIRE, 2004, p. 40) nesse movimento pois, se “é verdade que a deterioração ética na sociedade brasileira vem alcançando níveis insuportáveis, é certo também que por mais profundas que sejam as depressões, é sempre possível o ressurgimento da decência e do pudor” (FREIRE, 2004, p. 87).

Para que seja possível aprender à sombra da mangueira, é imprescindível que ela exista, que seja cultivada e que pessoas possam se aproximar de suas ramadas abundantes e folhagens densas e nelas serem acolhidas. Também é central que o/a professor/a esteja à sombra e que ela tenha sentido mais sublime, mais digno no incluir a todos e todas. Mas o que vemos? O prolongamento da exclusão, a manutenção da opressão e da discriminação ainda não percebido ou intencionalmente escondido e desfocado por dispendiosas propagandas ocupadas em ufanizar ações, costumeiramente, parciais, superficiais e não duradouras que alimentam o monstro da escola dualista (SAVIANI, 2012) e afastam a possibilidade da emancipação, do conhecer, do empoderamento intelectual, científico e humano que oportuniza compreender as contextualidades sociais, políticas, econômicas, afetivas, culturais e nelas agir.

A escola dualista, caríssima aluna, não é outra coisa senão aquilo que a sociedade brasileira experimenta desde os primórdios da colonização. Uma educação historicamente atrelada a interesses oligárquicos que, no primeiro momento colonial e das nascentes elites brasileiras, se caracteriza como ausência; na sequência, como reprodução e, mais perto de nós, como técnica e utilitarismo, numa análise em chave histórico-social. O dualismo revela que há uma pequena porcentagem da

população com benefícios e elevados gastos públicos e privados frequentando uma escola rica para aqueles e aquelas que têm condições financeiras e culturais. Estes controlam a economia e a política brasileira e compõem as classes ainda hegemônicas e hegemônicas. Por outro lado, há outra escola, minimamente financiada pelo Estado, sucateada, precarizada, para quem é cidadão e cidadã de “segunda ordem”, na qual, situa-se a grande maioria da população brasileira. Essa discriminação também nos “ofende porque fere a substantividade de nosso ser” (FREIRE, 2004, p. 70). É violência manifesta para com a humanidade que há em nós e impede o crescer pessoal e coletivo. Digo-lhe essas coisas, minha aluna, porque compreendo que “o papel do educador” e da educadora, muito mais do que aquele de **tia** (FREIRE, 2015). “É desafiar a curiosidade” de vocês estudantes, ainda “ingênua”, partilhando a necessidade do movimento crítico (FREIRE, 2004, p. 74) para a compreensão da realidade de suas vivências e existências e desse lugar, sugerir a possibilidade do sonho, das utopias que transformam e podem conduzir à condição de empoderamento.

Em condições idênticas a você, aluna, há um mundo de crianças, de jovens e suas famílias, também, de professores e professoras para quem as sombras da mangueira são curtas. Não usufruem da sombra não porque não querem aí permanecer, mas porque a condição em que se encontram faz com que sejam excluídos de suas fronteiras. Professores e professoras não agem por antipatia pessoal expulsando-os, há uma estrutura, uma força sistêmica, que se sobrepõe a seus esforços. Esse cenário persiste, lembrava nosso mestre Freire (1991, p. 35) e se impõe com obstáculos enormes para que as crianças populares não só não cheguem à sombra, mas “[...] também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso a que têm direito”. Há razões internas e externas à sombra que explicam o afastamento ou expulsão das crianças.

Pais e mães, no esforço diário pela sobrevivência, já não creem

mais na potente sombra da mangueira, um lugar onde é possível aprender, desenvolver relações plurais, construir conhecimento para compreender-se enquanto humano, relacionar-se com o diferente e aprender com a pluralidade, acessar o mundo da ciência e da tecnologia, exercer a cidadania, participar das instâncias decisórias, ver os contextos, as histórias e as possibilidades como atrizes e atores. São pessoas, gente **como e com** a gente, que reprimiu a paixão (FREIRE, 2004, p. 18) pela educação e, muito facilmente, também pela vida. Mas por que o ensino que transforma, que eleva o espírito intelectual, que se transforma em sabedoria, em conhecimento, é servido *à la carte* para as minorias? Minha aluna, a educação é possibilidade de libertação, é potente para ter clareza nas decisões e nas opções, nos processos de ruptura, na valorização do trabalho e do/a trabalhador/a (FREIRE, 2004, p. 30). A educação é importante para que nós também compreendamos a necessidade de “forjar um jeito” (FREIRE, 2004, p. 39) de começar a construir uma história que seja escrita pela maioria.

Os sonhos, caríssima aluna, precisam se recompor, se apossar de vitalidade para que, solidariamente, possamos fazer acontecer efetivamente “a coisa pública” (FREIRE, 2004, p. 45) que possibilita saúde, educação, cultura, trabalho e salário, habitação, alimentação, lazer e democracia com a mesma intensidade que as vivências e as experiências dignificadoras da humanidade que há em nós. Essa “luta pela esperança é permanente e se intensifica na medida em que se percebe que não é uma luta solitária” (FREIRE, 2004, p. 87), tampouco é ação para um único momento e pronto, tudo está resolvido. Precisa ser acontecimento permanente porque é difícil mudar, ainda que seja possível (FREIRE, 2004, p. 48) e necessário. Nesse sentido, aprendemos outra lição: precisamos ser “pacientemente impacientes” (FREIRE, 2004, p. 48).

A mangueira sofre com o inverno rigoroso que sobre ela se debruça porque provoca ausências, distanciamentos e impossibilidades de

partilhas, de proximidades. Não se ouve mais o som das gargalhadas alegres de quem estava feliz à sombra, usufruindo do frescor e de sua dádiva. Agora o que se vê é penoso, triste. Um grande educador brasileiro (FREIRE,1992) nos diria que é preciso remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes.

Vai-se a sombra robusta de suas folhagens com a ufanização da instrumentalização do ensino e de seus processos educativos provocada pelas mídias e ensinamentos digitais que colocam nas redes a potência da pesquisa, do aprendizado e da docência. Bloqueia a florescência que produz os frutos porque os professores e as professoras também se cansam – tanto quanto você, minha aluna – lecionando no desconhecido, torcendo a cada aula para que seus alunos e suas alunas apareçam na “tela”, abram suas câmeras, que consigam conexão, que o sinal seja bom e, principalmente, que haja querer, amor, afetividade nesse processo. Que sigam acreditando que seja apenas distanciamento físico, não distanciamento social e que a ciência ensinada possa, logo, logo, viabilizar aproximações, permitir contatos, indicar soluções.

Minha aluna, em você se refletem outros milhares de estudantes e de educadores/as. Desculpo-me em nome da educação pública que queremos para todos e para todas neste país, em nome da escola unitária que atende crianças, adolescentes e jovens enriquecidos e empobrecidos com a mesma dedicação e carinho, em nome da mangueira que lhes aguarda para reiniciar vigorosas brotações. Sua ausência incendeia minha consciência, ao mesmo tempo em que me mostra os horizontes nos quais a luta política torna-se um instrumento para a mudança social. A ação política nos abre os olhos para perceber que a mangueira é um livro público de “[...] saberes assujeitados, a serviço do desígnio de fazer outra coisa, uma escola de bem público, já é um bom começo.” (CARVALHO, 2020, p. 100). Sinto vergonha, em nome de um sistema que esquece as pessoas e suas (im)possibilidades

definidas historicamente e gasta mais recursos públicos para disfarçar os problemas e amenizá-los do que em promover alternativas razoáveis e escutar os ecos da vida e os desejos de acolhida que ainda subsistem no campo da solidariedade.

Perdão! Você continua invisível, sem acesso; ainda há muitos olhos fechados; mas nos agarremos à esperança! Ela nos faz mais fortes e resistentes.

Com pertencimento,
Cerro Grande (RS), abril de 2021

Referências

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARVALHO, Alexandre F de. A escola contemporânea e a desertificação institucional: o demérito da res publica. *In*: GALLO, Sílvio; MENDONÇA, Samuel (Orgs.) **A escola: uma questão pública**. São Paulo: Parábola, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 24.ed. Rio de Janeiro: 2015.

HARARI, Yuval. **Notas sobre a pandemia**: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almeida, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42.ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

É tempo de tirar as máscaras

*Cristina del Villar-Toribio*¹

*Emiliana Marques*²

*Luísa de Pinho Valle*³

*Marcela Uchôa*⁴

*Paula Machava*⁵

*Sandra Silvestre*⁶

*Teresa Amal*⁷

*Vannessa Alves Carneiro*⁸

Querido Paulo,
Você não nos conheceu, apesar de termos sido, de alguma

1 Doutoranda em Psicologia pela Universidad de Sevilla, mestra em Saúde, Bem-estar social e Migrações, e em Cooperação ao desenvolvimento. Interessa-se por Psicologia Cultural e Feminismos Pós-coloniais.

2 Professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa; doutoranda do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global da Universidade de Coimbra.

3 Doutoranda em Democracia no Século XXI, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É mestra em direito (UnB, Brasil) e em Ciências Jurídicas e Sociais (UPO, Sevilha-Espanha) e graduada em direito

4 Doutora em Filosofia Política pela Universidade de Coimbra, possui mestrado e licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, e especialização em Fountainheads of Toleration, na Ca' Foscari University.

5 Moçambicana, doutoranda em Estudos Feministas do Centro dos Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Assistente Universitária da Universidade Lúrio-Moçambique.

6 Animadora comunitária, coordenadora de projetos socioeducativos, formadora, consultora e ativista na área da economia solidária, da igualdade de género e dos feminismos.

7 Feminista, ativista, professora e cientista social. Doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Interessa-se por economias não-capitalistas lideradas por mulheres, pertence a coletivos de poupanças rotativas.

8 Doutoranda do Programa Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Mestra em Direitos Humanos e Cidadania (UnB, Brasília).

forma, suas contemporâneas. Dizemos no plural e no feminino, pois somos oito mulheres, entre os 33 e 62 anos. Somos filhas, mães, tias e avós, de distintas atuações: militantes, professoras e/ou estudantes; e de diferentes partes do mundo: Angola, Brasil, Espanha, Moçambique e Portugal. Todas unidas pelas voltas do destino, tramadas, desta vez, nas sendas portuguesas de Coimbra. Atualmente, nos encontramos no *Grupo de Trabalho Ecologias Feministas de Saberes*, um coletivo formado em 2018. Surgimos das reflexões teórico-epistemológicas e práticas do trabalho com as Epistemologias do Sul, mas na perspectiva das diversidades feministas. Unimo-nos, primeiro teoricamente, como uma rede de atividades a partir de três premissas. São elas: 1. Não há justiça social sem justiça cognitiva e sexual; 2. A importância conceitual da *ecologia de saberes*, que assume a incompletude de todos os conhecimentos de qualquer ciência; e 3. A essencialidade concreta sobre as práticas e/ou trabalhos de cuidado.

Sabemos que vivemos tempos muito tristes e difíceis, Paulo, dos quais você não se orgulharia. Na verdade, se indignaria – aquela indignação pedagógica voltada à construção de um mundo bonito de se ver, viver e estar, que você tanto vindicava e trabalhava, arduamente, na sua práxis, para conquistar. Em Moçambique, vive-se uma guerra desde 2017 e a partir de meados de 2020 os episódios de violência começaram a recrudescer vindo a provocar cada vez mais assassinatos, raptos, destruição e desaparecimentos. Hoje, o país vive sua maior crise humanitária dos últimos 30 anos, com pelo menos 40% da população de Cabo Delgado, (cerca de 700.000 pessoas), deslocada e refugiada. Dessas pessoas, a maioria são mulheres e crianças que estão a sofrer todas as consequências que as distintas violências são capazes de impor; abandono de terras e casas, perda de familiares e amigos/os, doenças, fome, e outros muitos, e profundos, traumas rebotes.

Na Espanha, as pessoas que levantam a voz contra as injustiças são

presas. Enquanto, aquelas/es que roubaram e desviaram milhões do dinheiro público ficam impunes protegidas/os nos suas/seus privilégios. A lei da mordaza permanece em vigor, visando aquelas/es que procuram denunciar abusos de poder. Enquanto milhões de cadáveres continuam a ser enterrados debaixo das estradas, sem nomes nem justiça. A extrema-direita senta-se no parlamento e acena com o seu discurso populista contra migrantes, feministas e defensores dos direitos humanos. E quando a crise econômica nos atinge, querem que acreditemos que vamos comer a bandeira e o escudo de Borbón.

Em Portugal, o país dos silvados e de olivais a perder de vista e a fazer perder a vida da terra onde estão plantados; o país dos brancos costumes e da sua incapaz capacidade de se olhar humilde e seriamente; o país que se imaginou e imagina grande como aquela fotografia da antologia colonial, que em vez de espantar, faz reviver a melancolia da ficção imperial; um país piedoso, lamechas, racista, com pessoas boas dentro; um país capaz de revoluções, mas só de quando em quando; um país e os povos que o habitam sonhando para o desconfinamento das suas almas; aqui, onde residimos todas, atualmente, tentamos resistir à xenofobia, ao racismo e ao sexismo que rondam as relações políticas e sociais. Resgatar as memórias e a força emancipadora da luta da Revolução dos Cravos, que livrou o país da sombra do fascismo, nunca foi tão urgente.

No Brasil, escolhemos, como sociedade, um Presidente da República que legitima (se não perpetra) distintas violências, diariamente. Olha, e isso você não iria imaginar! Você quem achou que depois do “Movimento das/dos caras pintadas”, a democracia brasileira estava, enfim, tomando jeito, encontrando seu rumo. Mais consciente, com mais vontade de liberdade do que, propriamente, medo dela.

Nossa situação atual só prova mais que o mundo dá voltas, a história é cíclica, e se não compreendermos o passado realmente, não

entenderemos o nosso presente, nem teremos como agir sobre ele. Corremos o risco de viver o futuro a repetir os acontecimentos trágicos do passado. Expressões do tipo: “O erro da ditadura foi torturar e não matar” estão cada vez mais comuns; ou, “Somos um país cristão.

Não existe essa historinha de Estado laico”; **“Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”; “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”. Todas essas sentenças bradadas pelo presidente do país. A palavra-ação praticada é unidirecionada à lógica: consumo = mercado, bens materiais = felicidade, pessoas = objetos descartáveis.**

Parece que estamos ainda um pouco mais distantes da *relacionalidade* amorosa, do seu *querer bem*, profundamente envolvido nas emoções incarnadas, e baseado na vontade de *ser mais*; de transformar, de fazer-se inteira no e com o mundo. Cada vez o ser e os sentimentos são “um cado” diminuto; feito um café ralo, precisando ser reavivado. O mundo, com exceção de poucos países, vivencia uma pandemia que já contaminou mais de 132 milhões de pessoas e causou mais de 2 milhões de mortes entre dezembro de 2019 e março de 2021.

A ciência desenvolveu vacinas em tempo recorde, em menos de um ano. Entretanto, sem os estudos suficientes sobre suas futuras consequências. Os diversos países do mundo respondem de maneira diferente a todo esse contexto; imposições de confinamento, trabalhos remotos, suspensão de aulas presenciais nas escolas, e até mesmo a manutenção de algumas atividades cotidianas e sociais sem grandes alterações. Diferentes ações que não só agravam o fardo de trabalho realizado pelas mulheres, como também contribuem para a feminização da pobreza, dado que, na sua maioria, dependem do salário diário, sem garantias laboral e social.

Vivemos, em 2021, tempos que despontam medo, controle e

violência. A violência doméstica contra mulheres e crianças cresce; pessoas são mais, ou menos, protegidas pela questão racial. A maioria das decisões políticas e governamentais ainda acontecem em função da economia capitalista e para a continuidade do seu sistema. O capitalismo, o patriarcado, o colonialismo, o racismo, a heteronormatividade e a LGBTQIA+fobia, ainda são questões de luta e de combate enfrentadas neste século, juntamente com outras inúmeras formas de desumanização e extermínio das diferentes formas de vida do planeta.

E são nesses momentos de graves crises – mesmo as que já são consideradas sistêmicas e que só se escondem atrás do tapete, e se deixam fazer perceber de tempos em tempos –, que lembramos da importância da criação de mais, e novos, *espaços* de convergência de sentidos de vida e de realidade. Espaços em que se entrelacem não só opiniões sobre visões de mundo, ou de subjetividades, mas algo maior, como projetos de futuro. Possibilitando discussões, divergências e convergências que permitam dividir sabedorias essenciais para se desenhar novos caminhos de fortalecimento, ao invés do da destruição.

Notícias boas são sempre necessárias, na verdade, são vitais. Essas nos alimentam. Como você mesmo compartilhou “o futuro não está dado”, nunca estará. E amar a vida, uma vida que é pulsante, mutável, histórica, humana e está em constante transformação, exige sonhos! Sonhos vindicados como atos de resistência, de admiração e coragem pela aventura. Além da ação dialógica, da colaboração, da união e da confiança. E, sobretudo, da humildade e da solidariedade que geram real comunhão.

Antes de mais nada, sabemos que a verdadeira luta não é nós contra elas/eles, outras/os, melhores e piores, justos e injustos, maus e bons. Mas a de possuímos a límpida consciência de que tudo é um processo, social, político, histórico, humano, onde devemos sim, nos posicionar. Lembrando que o combate não é a negação, é a consciência, o olhar

para, e a partir disso a escolha responsável dos novos rumos; reconstruir. A radicalidade que essas ações reivindicam não temem nem o desvelar, nem o reconstruir.

A falsa realidade e a realidade não-sectária pedem uma visão crítica de um cenário mais complexo e composto; um “entrecaminho”. Não apenas a luta ambivalente entre dominadores e dominados, opressores e oprimidos. Como você nos lembrava, é na superação da contradição que se dá a própria liberdade. Liberdade como conquista, pessoal e coletiva, como ato responsável e de amor pelo mundo, por si e pela/o outra/o. “Se ninguém salva ninguém, só nos salvamos em comunhão”!

É tempo de tirarmos as máscaras, olharmos para dentro, no profundo dos nossos espelhos interiores, e começarmos o processo de integração das nossas mais profundas sombras (e com elas, nossos medos). Como indivíduo, como sociedade. E a partir disso, e apenas assim, do olhar real e dialógico entre nossas luzes e sombras, poderemos construir uma outra humanidade, um entretecido artesanal, mesmo que alinhavado, mas elaborado a partir do coração.

E a esperança estará onde menos se espera, em nós, nos atos simples e ali na esquina, ou em baixo de uma mangueira. Na Educação do Campo, como experiencia a Emiliana; nas Comunidades de Aprendizagem, como trata a Vannessa; no resgate de uma filosofia política emancipadora e conectada com a realidade, como realiza a Marcela; nos Cuidados e as Migrações, como são abordados pela Cristina; nas Pedagogias Ecofeministas, com as quais se ocupa a Luísa; nas economias comunitárias e solidárias que a Sandra anima; nas lutas pelo trabalho doméstico assalariado e digno para as mulheres, que é a preocupação da Paula; e, onde está a Teresa, neste momento entre Moçambique e o País Basco, para quem a busca destes dias é sempre a que vem de longe e a que Paulo, no fundo, sempre buscou também:

a paz.

Infelizmente você partiu deste mundo um pouco antes de ver também tudo isso aflorar. Novos tempos, lutas similares, novos/ou-tros caminhos...

Nosso eterno abraço,
Coimbra, 20 de abril de 2021.

Dar à luz é fazer de outro modo

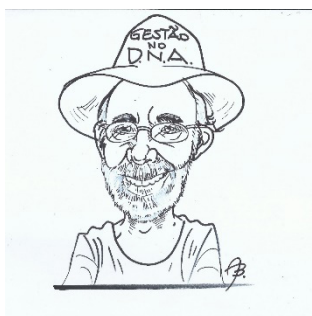
Ana Diogo¹

Caríssimo Paulo Freire, Você tem o nome de dois mestres-amigos que representam muito na minha vida, sabia? A eles recorro como professores e orientadores que são na minha vida de eterna estudante, porque posso falar e escrever o que julgo importante consciente de que não serei cerceada, tolhida ou impedida de me expressar sobre quaisquer assuntos, pelo simples fato de que eles me respeitam. Por isso, para mim são mais do que meus professores ou colegas de profissão, são meus MESTRES-AMIGOS, desse jeito mesmo em caixa alta ou em *caps lock*, como se diz na linguagem tecnológica digital. O nome Paulo tem peso pra mim na Educação e você está incluídíssimo!

Então, mas eu quero te falar de verbos, e se verbos são ações. Por aqui temos visto muitos, mais precisamente há um ano e trinta e dois dias, o fervilhar dos seguintes verbos: desrespeitar, politizar, negar, refazer, reinventar, criar, construir, constranger, humilhar, ensinar,

1 Ana Diogo - Professora da educação básica e pedagoga por vocação, se movimenta pela igualdade e visibilidade de todos que anseiam crescer. É do grupo de pesquisa Linguagens desenhadas e educação – LINGDES, atua na educação pública do Rio de Janeiro.

esperançar só para citar alguns mais fortes pra mim. Muito antes de me formar em professora da educação básica e mais tarde em pedagoga, já sabia que o professor aprende muito com seus alunos, que é [ou deveria ser] eterno aprendiz e que todo planejamento é/deve ser flexível. Confirmei tudo isso quando me deparei com as teorias e pude colocar em prática muito do que li quando entrei no mercado de trabalho. Mas tornar-me, e todos os outros colegas, uma professora virtual-criativa-eficiente em 72 horas, pois o nosso então governador decretou a quarentena numa sexta-feira 13/3/2020 [sexta-feira 13 é popularmente conhecida como o dia do azar, me dá até frouxos de riso de nervoso! Muitas outras datas poderiam ter recebido essa pecha ultimamente, a ponto de deixar a pobre sexta 13 pura como um anjo], para começar no dia 16/3/2020, uma segunda-feira, era terminantemente inviável. Só que não, caríssimo. Só que não!



Eu não precisei enfrentar esse desafio na verdade, porque não sou de sala de aula atualmente, sou orientadora educacional e vivencio muito de perto toda a angústia dos meus amigos de outras escolas e dos meus colegas de trabalho. Enlouquecedor! Discutindo sobre essa questão com uma amiga de longa data no início da pandemia, docente de uma tradicional escola carioca, na qual já trabalhei também no início da minha carreira, cuja base é de 25 unidades espalhadas pelo país, percebi o quanto seria desafiante, e por isso poderíamos ter resultados

insatisfatórios [como foi o caso na sua maioria, pois dizer que 2020 foi produtivo pedagogicamente é uma mentira], porque o professor que estava habituado ao contato presencial teve que se transformar em professor *youtuber* – olha aí novamente a linguagem tecnológica virtual – conheceu essa categoria? Não? Vou te explicar. É aquele professor que dá aulas gravadas com ou sem auxílio de aplicativos que auxiliam na criatividade, usam fantasias, cenários, uma verdadeira produção visual somada à sua habilidade em lidar com a câmera e construir vídeo-aulas magníficas (sic) capaz de deter a atenção dos seus alunos e garantir a apreensão do conhecimento.

Chegamos na questão da flexibilização do planejamento, só que em tão curto espaço de tempo. Como encarar esse desafio? Isso teve que acontecer e ponto! Minha amiga até hoje se utiliza de plataformas que dão esse suporte criativo para cada unidade a ser introduzida. Há um ano e trinta e dois dias atrás foi uma tática, hoje já usa como estratégia e assim vai seguindo, e, como ela, muitos outros. Mas e aqueles professores que não conseguiram e até hoje não fazem vídeo-aulas mirabolantes? Enfim. Com tudo isso não se tem a garantia de que os alunos assistem as aulas na sua totalidade, não há como ter certeza, uma vez que a internet de cada residência é diferente no que tange à potência, se em cada domicílio não se sabe quantos computadores estão disponíveis para aqueles que precisam utilizar [muitos não tem computador ou celular, e quando tem celular, este não dá conta do ponto de vista tecnológico] enfim, quem tem o controle sobre o cotidiano dos nossos alunos? E dos nossos colegas professores?

Nesse imbróglio temos a pandemia de covid 19, que nos arrebatou de tal forma que não sabemos bem como caminhar, até porque essa doença foi politizada e até a vacina, que saiu em tempo recorde, está com a sua compra e distribuição manipuladas pelos (des) governantes. Sua disseminação cresce a cada dia, o protocolo de prevenção implica em distanciamento e isolamento social, uso de

máscara e higienização básica das mãos. Até aí nada de muito difícil, certo? Nem tanto, caríssimo, nem tanto! A elite fica sem empregados domésticos, por exemplo? Não. Esses profissionais usam o transporte público para ir trabalhar, porém o nosso sistema metroviário, rodoviário e ferroviário são impraticáveis e inaceitáveis [valores abusivos das passagens é preciso lembrar], como manter o distanciamento social? E a doença vai se disseminando...

A maioria das escolas reabriu no formato híbrido. O planejamento para a vacinação não está a contento, até porque cada prefeitura é autônoma para tomar decisões. No final das contas estamos vivendo uma balbúrdia social provocada por uma crise sanitária, impactando diretamente no emocional e afetivo das pessoas como um todo. Há pessoas passando necessidades importantes, outras desenvolvendo campanhas para amenizar o sofrimento das famílias atingidas pelo desemprego galopante e assim vai-se esperançando por dias melhores, por ações melhores, por políticas públicas voltadas para a população que de fato necessita. Mas o lugar que pode e muito dar essa luz é a escola.



Vale lembrar que a abertura de horizontes, olhares, fazeres, pensares se dá em vários espaços-tempos que não a escola formal, certo? Aí reside, acredito eu, o grande medo deles: que a gente que pensa incite a quem passar pelas nossas mãos, que faça o mesmo e se estabeleça um

levante. Mas de qualquer forma, caríssimo, o verbo é sim esperar. Jonathan Ferr, pianista e compositor carioca de jazz, nos diz isso, que temos que fazer junto, construir, levantar, fazer em conjunto para dar luz a quem pudermos para se pensar e fazer de outro modo. E a cooperação nesse momento, especificamente, é ferramenta fundamental, sim. Por exemplo, não fosse meu amigo André Brown, do grupo de pesquisa a que pertencço, o LINGDES, não desenhasse os cartuns, esta carta ficaria sem ilustração e você não conheceria os Paulos importantes na minha existência conforme falei lá no início dessa missiva.



Aqui me despeço te dizendo que estou atenta no/do meu lugar fazendo o meu melhor com garra, amor, afeto, força e fé, com a resiliência em uma das mãos e a outra estendida para todes que quiserem vir comigo.

Um abraço afetuoso e obrigada por tudo sempre!

Rio de Janeiro (RJ), 18 de abril de 2021

As palavras do mundo não entram na escola

Eli Brandão¹

Caro Paulo Freire,
Permita-me, inicialmente, tecer breves considerações sobre as razões que me levam a escrever essa carta, visto que alguém poderia obstar que se trata de uma escrita para um defunto.

Foi o Bruxo do Cosme Velho, aquele que teria queimado cartas em um caldeirão, quem levantou a problemática entre um autor defunto e um defunto autor. Diferentemente, no nosso caso, já que nos decidimos a produzir e não a destruir cartas, estaria em questão se aqui se trata de um destinatário defunto? Sabe-se que o autor de **Cemitério dos Vivos** escreveu **Carta de um Defunto Rico**, mas parece menos comum que alguém empreenda a tarefa de escrever para um defunto educador. Há também o caso das satíricas **Cartas Chilenas**, onde autor e destinatários são pseudônimos, sendo os

1 Doutorado (UMESP) - Universidade Metodista de São Paulo (2001) - em Ciências da Religião. Mestre em Teologia - STBNB, Recife - PE (1991); Licenciado em Letras Vernáculo/Inglês (UNICAP) - Universidade Católica de Pernambuco (1986)/UEPB - Universidade Estadual da Paraíba (1988), Bacharel em Teologia - STBNB - Recife - PE (1981). Prof. efetivo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Depart. Letras e Artes/ Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI.

verdadeiros destinatários os habitantes de Minas Gerais no período da Inconfidência Mineira. Menciono, ainda, o caso das cartas do apóstolo Paulo, escritas, originalmente, para comunidades e pessoas determinadas, contudo, ao longo de um processo de universalização e recontextualização da leitura, os destinatários intratextuais foram dando lugar a novos destinatários, por efeito de hermenêuticas situacionais.

Então, caro Freire, para não restar dúvida sobre a questão do destinatário nestas cartas que enviamos neste volume, não considero que se trata de destinatário defunto. Isso porque entendo que pessoas como você, que deixaram grandes contribuições para a humanidade, nunca morrem enquanto suas obras e suas ideias permanecerem vivas na memória, nos gestos e palavras daqueles com quem tiveram experiências significativas. E saiba que Você continua muito vivo e influente na minha vida e na vida de muitas pessoas no Brasil e em outros países. Mais uma coisa: não tenho dúvidas de que Você sabe que, embora eu utilize o seu antropônimo para paratextualmente designar o destinatário original e a chave hermenêutica dessa carta, esta, interdiscursivamente, está grávida de muitos outros interlocutores.

Como Você já escreveu carta para mim (Carta aos Professores), entenda esta que escrevo como resposta e, por isso, sinta-se desobrigado a respondê-la.

Escrevi tanto para lhe homenagear neste ano do seu centenário, como para brevemente compartilhar impressões em torno das influências de suas ideias sobre a formação de minha consciência crítica como cidadão e como professor.

Caro conterrâneo, nasci em Recife, em 1958, ali no bairro de Santo Amaro, mais especificamente, na favela do Largo do Salgado, que Você deve ter conhecido.

Nos anos iniciais da década de 1960, enquanto Você aprofundava e consolidava o seu projeto de alfabetização de adultos, inclusive com a revolucionária experiência de Angicos-RN, eu iniciava o meu processo

de alfabetização infantil.

Na Escola onde eu estudava se fazia, como Você diz, Educação Bancária. Na lição da cartilha estava escrito: “A viúva viu a uva”. Sabia o que era Irmão, Irmã e Pai. Minha Vó era solteira, minha Mãe casada e frutas que a gente conhecia eram: Araçá, Banana, Cajá, Cajarana, Caju, Goiaba, Jaca, Jabuticaba, Pitomba, Sapoti, Umbu, além de Manga, Jambo e Oiti, que a gente, na safra, ia pegar no cemitério, de modo que eu nem conhecia a viúva e nem a uva.

A professora sabia onde eu morava, isso porque ela, embora morasse no mesmo bairro, sua casa se situava na Vila (onde as ruas eram calçadas e as casas de tijolo). Ela sabia que as casas no mangue eram palafitas de tábuas ou de barro, algumas cobertas com palha; sabia das privações, das muriçocas e que as enchentes anuais carregavam o pouco de quem pouco tinha. Ela sabia que a gente sabia muitas palavras, mas era como se as palavras do nosso mundo não pudessem entrar na Escola. Havia um muro separando a Vida da Escola e a Escola da Vida.

A gente conhecia por ver e por ouvir muitas palavras. Palavras que se diziam nas conversas e nos carões e ameaças das mães, palavras das brincadeiras de criança, das cantorias dos vendedores ambulantes apresentando seus produtos, da linguagem cifrada dos traficantes quando a polícia chegava; palavras que se escreviam nos muros, nas casas, em cartazes ou que muitas vezes escrevíamos no chão úmido depois da enchente ou da chuva.

Janela, favela, chuva, lama, rato, gato, barata, aranha, galinha, fome, foice, faca, tiro, ferida, sol, bola, pipa, pião, carro...

Sabíamos que os diferentes nomes das tampas de garrafas e das carteiras de cigarro que catávamos nos lixos representavam hierarquia de valor nas brincadeiras.

Havia nomes amados, que eram repetidos no cotidiano da casa desde a mais tenra idade, mas que também eram necessários para

preenchimentos documentos:

Mãe, Ivone, mulher que tinha que se transformar em dez para dar conta de seis filhos e da casa.

Pai, Pedro, aquele que levantou paredes de dia e teceu palavras à noite, para sustentar a família e se tornou professor, mas que teve sua trajetória temporariamente obstaculada por defender ideias socialistas.

Com 12 anos, ainda com a consciência ingênua, fui morar e trabalhar nas metalúrgicas de São Paulo. Lá também continuei os meus estudos, e tanto no trabalho quanto na igreja e na escola aprendi novas palavras, novos sentidos, mas não mudei significativamente, visto que não era uma educação libertadora.

Caro Freire, quero aqui destacar que foi somente depois de alguns anos que passei a compreender e com Você concordar que “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.”

O meu ingresso no Ensino Superior - Teologia (STBNB), Letras (UNICAP) e Filosofia (UFPE) - foi um divisor de águas pois passei a ter contato com ideias libertadoras, dentre as quais lendo suas obras.

Foi um verdadeiro insight quando compreendi e incorporei em minha vida algumas ideias que passaram a influir nos meus discursos e ações. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.”

Outro postulado básico do seu método se tornou fundamento de minha prática pedagógica: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Imaginei como teria sido diferente se o meu processo educativo na infância tivesse sido por meio de uma pedagogia conscientizadora, libertadora. Isso porque compreendi que as palavras-mundos têm muito mais potencialidade de se tornarem geradoras não apenas de

outras palavras, mas de novos sentidos, visto serem significativas e terem sons, formas, cores, cheiros, sabores, estando, por isso, grávidas de saberes e sentimentos. Daí, a compreensão consequente: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Fez toda a diferença na minha prática pedagógica docente me compreender não apenas como ensinante, mas também como aprendente: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

Em sua esteira, Freire, também assumi a compreensão de que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, e a de que “O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos.” Isso porque, como Você diz: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Também me apropriei de sua ideia quando disse que: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem se dar fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Só mais uma coisa, Freire. Você tem razão quando diz que “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.” E digo isso porque atualmente, aqui no Brasil, tem um grupo de extremistas de direita que, contrariamente às ideias de conscientização, pregam a alienação, o obscurantismo, o medo e a violência, a arrogância e a estupidez como virtudes.

A luta de sempre por cidadania e conscientização e contra os opressores sempre continua, de modo que seguimos em sintonia: “Enquanto eu luto, sou movido pela esperança; e se eu lutar com esperança, posso

esperar.”

Por fim, agradeço-lhe pelas revolucionárias contribuições que me proporcionou por meio de suas ideias, as quais foram e continuam sendo fundamentais para a formação de minha consciência crítica, minha ação cidadã e minha prática pedagógica.

Do seu colega, admirador e irmão de ofício.

Serra da Borborema, homenagem centenária em tempos de
Pandemia, outono de dois mil e XXI

Destruindo cativeiros de vida¹

*José Francisco de Melo Neto*²

Professor Paulo!

Tive a oportunidade de tomar conhecimento acerca de textos seus a partir de panfletos de obras proibidas em terras brasileiras, por meio de um profissional da educação, de origem espanhola, Sebastian Sanchez, nas terras paraibanas de Campina Grande, em momentos de ação sindical na Associação/Sindicato de Professores Paraibanos (Ampep/Sintep), na década de 1970, em plena ditadura.

Depois, foi fácil, no início da década de 1980, conhecer você, numa conferência, no campus da Universidade Federal de Minas Gerais. Lembro, com alegria, ao lhe ouvir em um bate-papo coletivo sobre educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em outros momentos em terras da Paraíba. Visitei, posteriormente, a cidade de Angicos, de hoje, no Rio Grande do Norte, a terra de sua experiência educativa em alfabetização. Assim, começou o meu despertar para melhor conhecer a sua obra.

Caro Patrono da Educação Brasileira!

Este título não é algo fácil de ser conquistado, sobretudo, por alguém que fora perseguido em seu país. É assim que iniciou a sua caminhada pelas Américas, mostrando depois ao mundo o seu ideário

1 Esta carta é para animar e contribuir, ainda mais, à sua memória e história, visto que neste ano se comemora o centenário de nascimento de Paulo Freire.

2 Professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba e líder do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular-Extelar (CNPq/UFPB). melonetojf@gmail.com

pedagógico, inicialmente na Bolívia, no Chile, depois em importante universidade dos Estados Unidos e, posteriormente, na Europa, em um Conselho de Igrejas, guardando a sua fé cristã católica.

Ao me manter atento à leitura de sua obra, leitura sempre incompleta, posso ver que a produção intelectual e a prática de fazer educação colocam-no como um pensador que denuncia as questões assistidas, mas que também anuncia possibilidades de superação das tantas situações-limites por que passa grande parte da sociedade, em aprender a escrita formal, tão necessária ao viver.

Ao se voltar à realidade surgente em suas ações educativas, decididamente com as preocupações para com o ensino e a aprendizagem, você, Paulo, fez a opção educativo-ideológica e política voltada aos esfarrapados da terra. Aqueles de sua terra, o Nordeste brasileiro, inicialmente, de seu país e de todo o mundo. A sua denúncia e o seu anúncio se voltam às relações humanas, ao processo educativo deste atual modo de produção, o capitalismo.

Posso ver que os seus escritos e ações tratam das lutas pela educação das classes trabalhadoras. O seu jeito de fazer, o seu método educativo baseia-se em esteios e valores de busca de liberdade, de superação de toda e qualquer forma de opressão e, necessariamente, de esperança. Estes valores são o seu refrão ou o seu mote da cantoria do seu educar, tal qual um cantador de viola do Nordeste.

É a partir de Recife que você vai sentir os desafios materiais de se viver, em sua própria família, mas também presentes naquelas gentes que habitam os mocambos da cidade, as favelas ou atuais comunidades. Sobretudo, descobre o roteiro central de toda a sua educação pela obra de cada um ou pelo trabalho. A educação institui-se no esforço societal das gentes que vivem ou viverão de seus trabalhos, como lembra, de Taperoá/PB, Ivandro Sales. Tudo isto, em suas relações com os seus mundos.

Educação como produto das relações, sejam nas associações de moradores, sindicatos, partidos políticos, em escola de samba ou mesmo

em roda de ciranda, em festas juninas, nas fábricas ou nos canaviais, nas escolas e nas salas de aula, nas festas de Reis e em todas as festas dos lugares. Em ambientes de tristeza, nas feiras de ruas e em outras possíveis formas associativas. É nesses mundos que se mostram impedimentos para as relações humanas, tanto quanto suas distintas etnias, diferenciações de gênero e, mais que nunca, questões com o ambiente.

Professor Paulo!

Este seu Freire é com a letra “i” distante daquele seu contemporâneo até, de Pernambuco, o Freyre com a letra “y”. Este até destacou os mocambos e as casas grandes, forjando uma compreensão de país. E você? Ah! Você também viu os mocambos, porém não para a sua compreensão pura e simples. Buscou naquelas pessoas as suas razões de ser, o significado da vida e a educação necessária para um vir a ser. Voltou-se à educação, tendo como base inicial essa realidade mesma e os esforços de superação.

Somente desta forma você conseguiu desenvolver a mais radical das críticas aos processos educativos dominantes na sociedade atual. Nestes, como bem você anota, o educador é o proprietário da educação; ele educa, enquanto os alunos são os educados. Ora! Só o educador sabe das coisas; já os educandos de nada sabem. Nesta educação, o educador é aquele que pensa; já os educandos são os pensados.

A escuta aos educandos é dócil, já que estes são os disciplinados. O papel do educador é disciplinar aqueles todos e todas para a vida. E quem será que define ou prescreve a opção do aluno? São os próprios educadores, pois eles servem, tão somente, para realizarem a prescrição. E o que se estuda nessa escola, nessa educação? Quais os seus conteúdos? Pode-se dizer que o educador é o sujeito do processo e os estudantes são meros objetos.

No processo educativo freireano não se misturam a educação e a cultura. São ambas produtos de relações humanas com a natureza, inclusive a humana, porém distintas. Por isto que você, inclusive, mostra

que a leitura do mundo vem muito antes da leitura da palavra. Isto como algo invertido na educação formal dominante, em que se tem um forte apelo de primeiro se aprender a ler as palavras, mesmo que estejam deslocadas do mundo do aluno. Aqui, não foi Eva que viu a uva. Pode até ser Eva, Maria, Severina.... e, demais. Elas conseguem ver além da uva, a plantação, o parreiral e, até mesmo, os donos dos lucros de sua comercialização que, eventualmente, o mercado possibilita.

Posso ver que, como um pensador moderno que você foi, o mundo se oferece como produto de relações, em que as pessoas estão em uma prisão e que todos/as necessitam se desvencilhar das amarras dessa sociedade aprisionadora. A própria humanidade construiu esses grilhões e cabe a ela a sua superação. Isto orienta a sua educação a ter início no mundo real e se propõe o favorecimento da liberdade, daí o seu livro “Educação como Prática da Liberdade”.

A sua educação só será útil se estiver voltada para a destruição desses cativeiros de vida, buscando ir além de toda forma de opressão. Assim é que você presenteou o mundo com a sua obra mais conhecida que é a “Pedagogia do Oprimido”. Então, veja: a busca pela liberdade com a necessária superação da opressão. Agora, pode-se ver o tão pouco que se tem mudado na educação brasileira, nessa direção, diante de sociedade tão conservadora.

Até mesmo você foi cunhado por setores conservadores de ser o responsável pelo fracasso formal e histórico da educação brasileira, como se a sua práxis fosse dominante no ambiente da escola. O que se sabe é que sequer os seus livros estiveram nas escolas e no processo educativo do país de forma massiva. Então, fica fácil a compreensão de que há aqueles que se beneficiam da opressão, convencendo os oprimidos por meio de suas explicações de mundo, suas ideologias. Essas elites não desejarão que as pessoas vivenciem a própria liberdade.

Mas essa é a necessária construção do próprio ser das pessoas, uma educação que oriente para o estímulo à autonomia do si mesmo e, para

isto, você se manifestou com o livro que tem como centro a construção do ser autônomo, a “Pedagogia da Autonomia”. Avança com sua crítica ao processo educativo dominante, quando parece que, no dia a dia, vem conduzindo as pessoas para um certo “deixa pra lá”, um fazer “vista grossa”, ou mesmo, o tal do “jeitinho brasileiro”, diante de questões que merecem ser vistas de frente. Este algo reclama ser banido das práticas educativas para a construção de uma sociedade que esteja sempre alerta a se indignar quando ações desumanas estiverem se estabelecendo. E, mais uma vez, você nos provoca com uma “Pedagogia da Indignação”.

Uma educação que, desde o final da década de 1950, você detectou que não passava de um mero processo intelectual e que fazia e faz do aluno um “estrangeiro” à realidade. Vê que essa pedagogia em ação se conforma como um “transplante” de prática educativa, com superposição de conhecimentos e valores, contudo, sem “as notas, sem as cores da realidade”. Um trabalho pedagógico sobre e para o humano.

Essa sua pedagogia anunciadora considera valores como a colaboração entre educandos/as e educadores/as; cobra decisão política da escola para fazê-lo já que promove a participação. É uma educação que incentiva a responsabilidade social e política das pessoas; um processo gerador de indignação sobre a realidade que oprime; e, ainda que seja técnica, científica e com a plasticidade que o mundo oferece.

Assim, pode-se amparar um processo do ser que seja sujeito do próprio pensamento; do ter que assuma os seus direitos; do saber para um mundo em mudanças; e do poder, para se ter escolhas, definindo-se a própria vida, ou como você mesmo dissera, para “um desenvolvimento orgânico histórico”; que supere o “teor da vida vegetativo” e a proteção inevitável de um “paternalismo de Estado”.

Mas, caro Professor!

Você não apenas externou a sua crítica profunda a esses não-quereres educativos, expondo a sua dimensão de denunciador e

anunciador do novo. Para além das tantas mazelas exibidas e críticas contidas em toda a sua obra, você não deixa o educador “morrer na praia” e macambúzio. Elabora e traz a esperança como centro do debate pedagógico, com a sua “Pedagogia da Esperança”, valor tão necessário para tempos atuais.

Todavia, você sabe como hoje está a sociedade brasileira? Ah, Mestre! Parecia até que se estava caminhando na construção de um país com dimensões civilizatórias importantes e inseridas neste ideário humanista, mas houve um golpe na política. Literalmente, as forças políticas conservadoras acusaram a chefe do Estado de questão mais estapafúrdia, pedaladas fiscais que nada mais são que deslocamentos de verbas de uma rubrica contábil para outra, retornando o dinheiro depois, uma prática corriqueira nas gestões do país inteiro e em todos os Estados da Federação.

Com isto, as elites voltaram a reafirmar as políticas de direita. Na educação, ratificou-se ainda mais o ideal educacional conservador que você tanto questionara. Houve um processo eleitoral em seguida, em que parte do judiciário no país foi tomada dessas influências políticas, chegando a fazer condenações, mesmo que sem provas definitivas. E, da tradição política, a questão moral principal golpista, de novo, volta à cena como sempre: a corrupção. Isto, mesmo assim, não se quer dizer que nada estava acontecendo nas finanças de grandes empresas públicas.

O ungido das eleições vem da tradição das forças armadas e é alguém que fomenta, mais do que nunca, uma economia liberal, denominada de neoliberal, avançando-se para tempos do século XVII. Retrocedeu-se em termos civilizatórios para séculos atrás.

Esta perspectiva política arrebanhou corações e, hoje, parece desejar adquirir dimensões de uma filosofia de vida. A propriedade mantém-se como esteio universal porque, sem ela, não há espaço para as pessoas. A ideia é firmar todo mundo como proprietário de algum

empreendimento, excluindo o Estado de sua responsabilidade social para com as pessoas. Na economia, promove-se o mercado como o grande senhor.

Se alguém está desempregado, “sem o seu ganha pão”, então, a culpa é de si mesmo. Dizem que as leis são as do mercado que está livre para os seus destemperos financeiros, atingindo boa parte da população. Vale a regra: “sem competência não se estabelece”. E este modelo arrasta consigo uma ética, aquela que, no dito popular, se enaltece como: “meu pirão primeiro”. É a ênfase no princípio ético do individualismo. Cada um cuida de si. O fracasso de alguém é o seu próprio fracasso e de mais ninguém.

Sabe Professor!

Aquele país que se tinha na ideia de que avançava na perspectiva civilizatória do cuidar dos outros, firmando o valor da solidariedade, não passou mesmo de uma errônea ideia. O Brasil que se mostrou com os resultados eleitorais é um país de preconceitos, promotor da violência, incentivador de uso de armas, zombador das regras e negacionista. Isto significa que os esforços históricos da humanidade para chegar ao conhecimento científico, conhecimento pelas evidências, são deixados de lado.

Bolsas de pesquisadores na área de conhecimento da pandemia (Covid 19) que devassa o mundo, aqui, são suspensas e verbas para a ciência e tecnologia estão diminutas. Pesquisadores/as desse vírus têm sido ameaçados/as e intimados/as a não divulgação dos resultados de suas pesquisas. Até a terra é vista como algo plano, mesmo que se tenha um astronauta na equipe governamental.

Você sabia que, durante até essa pandemia, com total desconhecimento científico ao seu combate por parte dos pesquisadores/as da área, o presidente tomou a liberdade de, além de desdenhar do vírus, também assumir a postura de curandeiro nacional. Seus seguidores fanatizados estão a aceitar as suas prescrições farmacêuticas. A ciência

explica a inutilidade de tais medicamentos no combate ao vírus, mas de pouco adianta. Está destampado o país do obscurantismo que não era conhecido. Como já dissera um historiador acerca do século XIX, em relação à proclamação da República, a população assistira bestializado os eventos daquele momento; o mesmo se assemelha ao que ocorre agora.

Há uma estética pela violência que avança por todos os setores sociais, algo que não tinha sido, até então, vista. A indiferença às famílias dos milhares de mortos é espantosa. O princípio do individualismo insiste em querer promover um desenvolvimento, mesmo que tudo mostre a sua inviabilidade.

Por outro lado, as disputas de gênero, de igrejas, de etnias, de questões ambientais para esses setores sociais são questões de “mimimi”. Os agrupamentos que seguem as orientações do seu “mito”, chamam-no, não acompanham as orientações científicas do mundo inteiro. As evidências sobejam dados de mortes que, no momento, apontam para a cifra dos 500 mil. Mas essa doença, para eles, “não passa de uma gripezinha”. Estes dados servem tão somente ao recrudescimento da violência em todos os setores da vida das pessoas, enquanto que mortos há em corredores e portas de hospitais, por falta de equipamentos indispensáveis.

Caro Paulo!

O Brasil permanece permeado de suas contradições históricas profundas. Um país que, como lembram os poetas e cantores Vicente Barreto e Celso Viáfora, tem a cara do grande atleta do futebol – Garricha, um craque com as pernas tortas; de um dos grandes escultores do país, à época, mas era “aleijadinho”; de milhares de mortos pela Covid e os vários milionários gerados nessa tragédia; enfim, um país que “vai e vem na contramão”.

Acompanhando essa caminhada, o ministro da Educação é um pastor protestante que insiste em processos educativos pautados por

orientações religiosas, certamente, aqueles de sua igreja, defendendo a educação nas próprias casas das famílias, ocorrendo o esvaziamento social do processo educativo. Aquela Mangueira, Paulo, expressão de liberdade, permeada de elementos inspiradores de educação, agora, permuta-se pelas casas das famílias, um ambiente fechado, sem interlocução com o mundo e elaborado para ênfase ao individualismo social. Isto como fruto das orientações pouco seguidas do isolamento social, como forma de combate à doença.

Um modelo em que os ambientes de diálogo, o centro do seu processo educativo e da educação em geral, fecham-se nas conversas das pessoas, de si consigo mesmas, eliminando-se a crítica, a práxis necessária de pensar e agir no mundo. O trabalho é meramente intelectual; a liberdade é algo caseiro e com compromissos políticos, apenas, com a família. Estrangulam-se os caminhos da emancipação e da igualdade.

As elites veem interessante essa perspectiva educacional, pois reforça o distanciamento total de uma pedagogia dialogante. A educação transformadora se conduz por mera educação repetidora, deixando-se para trás o papel civilizatório das classes populares de se libertarem a si mesmas e as demais classes, como assim também pensou Marx. Um simulacro de educação.

Afinal, a educação é algo que, dialeticamente, ocorre nas relações educador e educando, permeadas pelo trabalho. Serve para a superação do opressor e do oprimido. Um processo de libertação de todos e de todas, uma educação popular. A educação aqui, Paulo, muito está a se distanciar daqueles esforços teóricos e práticos que marcaram tanto a sua vida de lutas pela emancipação de todas as pessoas. Parece que, prevendo tais possibilidades, você legou aos educadores/as a orientação para se manterem na esperança.

Mas, caro Professor!

Os desafios do agora estão muito grandes, mesmo que antes também tenham sido. Claro que é preciso renovar as dimensões de

sua perspectiva educativa e avançar no trabalho de ensinar e aprender a sair do atoleiro. As técnicas em educação estão mudadas pelas tecnologias da informação e comunicação. O controle do vírus exige o afastamento das pessoas; o mundo do trabalho será reduzido em muito, devido à utilização do que se denomina de Inteligência Artificial; o humano vai carecer de aprender, após a pandemia, a ressocialização.

Contudo, a educação popular continua com as suas bases, muito de pé e necessárias. Uma educação que tem como ponto de partida o mundo que se vive, construído e reconstruído de forma contínua; educação em movimento, na visão de que é sempre possível a mudança para dias outros, em que o trabalho humano aponte as direções a serem seguidas.

Educação que pede a participação, pois sem a qual perde aquilo de mais significativo e político do processo educativo, sempre ao encontro da construção de identidade, de cidadania, tendo na diversidade um olhar virtuoso e não preconceituoso. Uma educação não só do indivíduo, mas das pessoas que estão em um território, realizando distintas experiências e seus conhecimentos presentes.

Vejo, ainda, que a sua educação, de feição popular, é um fenômeno humano de apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade, bens úteis ao ensino e à aprendizagem por meio desse trabalho. Contempla metodologias próprias, fomentadoras da política da participação construtora de sujeitos, sempre na perspectiva política da mudança e cheia de valores éticos, como a solidariedade, justiça, respeito ao outro e, em especial, a busca por felicidade.

Esta metodologia não significa, de forma alguma, um conjunto de técnicas, mas uma visão que traz a realidade do lugar e a realidade nacional. A vida cotidiana inserida em um projeto de políticas que promova as suas mais variadas correlações para viabilizarem as transformações necessárias. Uma concepção dialética, como lembra Oscar Jara, orientadora e asseguradora da unidade a todos os elementos do

processo educativo, com base no processo de conhecimento, para se exporem as contradições dessa realidade primeira, submetê-las ao crivo do pensamento e se assegurarem em novas ações.

Uma metodologia, portanto, que não se pode constituir apenas de técnicas, como visto, mas com lógica rigorosa que conduza aos elementos possíveis de unidade e coerência, aos elementos que intervêm nessa realidade em todos os momentos. Sínteses geradoras de análises para novas sínteses; ações que, atentas às reações, preparam novas ações; enfim, agir para melhor pensar e para geração de novos agires, fazendo-se de novo.

Essas metodologias continuam sendo desenvolvidas por toda a parte e regiões do mundo, com suas próprias características. Aqui mesmo no Brasil você conheceu várias. Há experiências que ajudam a testar tais possibilidades metodológicas, desde aquelas de seu tempo, como também novas que atendam ao seu desejo de se fazerem esforços de superação de suas próprias formulações. Não tem sido fácil o cumprimento desse desafio posto e presente naqueles grandes pensadores que entendem sugerir pistas para que os ideais novos surjam e avancem mais.

Daqui das terras paraibanas, vários são esses esforços de educadores e educadoras de variadas experiências, desde o longínquo Sertão. Do Litoral, podem-se acompanhar os esforços promovidos por grupos de pesquisas nas universidades, nas práticas em saúde, como as vivenciadas por Pedro Cruz, Eymard Vasconcelos e grupo, além daquelas do campo da cultura coordenadas por Fernando Abath, que tem dedicado boa parte da vida aos cuidados para com a cultura na cidade de Cabedelo, em projetos de pós-graduação e de extensão universitária popular. E, da Borborema, vêm experimentos vários, contidos em projetos de extensão, como os da Universidade Estadual e outros grupos, porém alicerçados com orientações populares, abrindo-se para novas práticas e experiências de diálogo e de esforços por universais em

educação popular.

Caro Professor!

Vejo que as bases ontológicas de sua formulação educativa estão muito de pé para os tempos atuais, de ausência de aulas presenciais e de afastamento das pessoas, dos educandos e educadores. Educação é antes aproximação, física até, sei. Mesmo assim, posso lembrar que a pandemia virótica que se vive, no momento, expõe contraditoriamente aspectos positivos em toda a sua negatividade. Nunca foram possíveis tantos encontros virtuais, é verdade. Aproximações eletrônicas.

Isto joga os educadores e educadoras aos vários tipos de contatos, com as mais variadas potencialidades, para novas práticas em educação popular. Surgem as aulas remotas, a distância, aulas mistas, síncronas ou assíncronas, ou mesmo, aulas “híbridas” que trazem ausências e presenças, encontros e afastamentos... no ambiente formal da escola.

Por outro lado, são várias as técnicas que se abriram para uma maior divulgação daquilo tudo que se anda a fazer por todos os lugares possíveis e em educação popular, também. As técnicas informatizadas, os aplicativos, formam um conjunto grandioso de recursos novos que muitos educadores e educadoras populares não conviveram e que, agora, parecem precisar utilizá-lo.

Oxalá, tudo isto se preste à maior disseminação de seu ideário educador, tão necessário aos avanços civilizatórios deste torrão brasileiro e de todo mundo. A certeza é de que este mundo pode mudar, carecendo mudar para muito melhor, auxiliado pela educação que ajude na superação da tão imoral desigualdade.

Caríssimo Professor Paulo Freire, presente!

Lembranças sinceras e gratidão.

Campina Grande (PB), abril de 2021

Alforria das armadilhas da alienação

Sueli Fidalgo¹

Jândela Tamashiro²

Nosso Muito Prezado Professor Paulo Freire, Chegou-nos às mãos um convite, feito a professores do país inteiro. Trata-se de uma solicitação para que eles escrevam cartas ao Professor Paulo Freire, tendo como inspiração o livro *Professora, sim; Tia, não – Cartas a quem ousa ensinar*³. Ao considerarmos a proposta e o que a move, julgamos ser esse convite quase uma intimação àqueles que atuam na educação, que se preocupam com os caminhos que esta tem trilhado, especialmente, nos últimos quatro ou cinco anos, no nosso país. Aceitamos, portanto, sem hesitar.

Escrevemos com toda a admiração que temos pelo seu trabalho e sua luta em prol de uma educação libertadora. E escrevemos de nosso lugar de educadoras e formadoras de educadores, uma de nós, há quase

1 Atua em Licenciatura em Letras Português-Inglês e Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e na Adolescência na UNIFESP, onde orienta trabalhos voltados para a formação de educadores para a inclusão.

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e na Adolescência na UNIFESP. Pedagoga no IFSP e professora do curso de Pedagogia na UNISEPE.

3 Todos os termos e citações entre aspas ou em itálico encontradas nesta carta e cujos autores e datas não forem explicitados, são suas, Professor Paulo Freire, encontradas no livro *Professora, sim; Tia, não – Cartas a quem ousa ensinar*.

quarenta anos, a outra um pouco menos, mas não com menor prazer ou mergulhando menos profundamente nas realidades escolares ou nos mecanismos de exclusão que os sistemas (inclusive o educacional) impingem às escolas. Em ambos os casos, estamos fortemente conscientes das vidas que tocamos – e que nos tocam – e de nossos papéis de educadoras. Sabemos, como no *Prefácio* da edição de 2015, pelo Prof. Dr. Jefferson Ildefonso da Silva (2012/2015), que “*o diálogo fundamental entre professor e aluno (...) passa pelo diálogo existencial com o mundo*”, um diálogo no qual, muitas vezes aprendemos mais do que ensinamos – e dizemos isso sem presunção ou manipulação do dito. É fato que, como educadoras, aprendemos incessantemente – algo que consideramos essência em nossa profissão.

Isso posto, gostaríamos de dizer que escreveremos, detendo-nos na parte final do título do livro lido, no *terceiro bloco*, conforme o senhor explicita em sua introdução, ou seja, “... *Cartas a quem ousa ensinar.*” Não nos voltamos tanto à primeira parte do título por um motivo apenas: quando ambas iniciamos nossos percursos de educadoras - na ocasião, trabalhando com crianças de Ensino Fundamental I e Educação Infantil - éramos chamadas de “tias”. Compreendemos que a luta travada para que os educadores passassem a ser chamados de “professores” foi política e necessária; um passo importante de educadores militantes (como nos consideramos também) rumo à valorização da profissão (nosso desejo profundo). Entendemos e partilhamos da ideia de que o termo “tia” pode retirar “(...) *algo fundamental à professora: sua responsabilidade profissional de que a exigência política por sua formação permanente faz parte.*” Concordamos ainda, com Silva (2012/2015), quando este diz que: “*O prazer de ser, de se comportar e de ser tratado como “tia” não pode [diríamos, não deveria jamais] (...) esmaecer a exigência científica e a rigorosidade do saber aprendido.*” A cientificidade, como a *mundanidade*, são pressupostos não dicotômicos, mas dialéticos, importantes e dos quais não abrimos

mão. A formação contínua é uma bandeira de que não prescindimos.

No entanto, com enorme tristeza informamos, Professor Freire: no Brasil de 2021, nada está mais distante da realidade do que a valorização pretendida para a (e pela) profissão do professor na época em que seu livro foi escrito; no Brasil do *notório saber*, a *exigência científica e a rigorosidade do saber aprendido* parecem ter perdido a importância – especialmente para os nossos governantes e no que diz respeito à valorização profissional. Éramos infinitamente mais valorizadas no país de finais da década de 1980 e início de 1990, no país em que nos chamavam de tias, e, portanto, “*a paixão de conhecer*” também era, no geral, maior porque valorização é moeda que motiva. Hoje, todos têm algo a dizer sobre a educação e todos são ouvidos, menos os educadores que estão na escola. A desvalorização chegou a tal ponto que a maioria dos jovens não quer mais fazer cursos de licenciatura e diz que quem os escolhe, “é porque não conseguiu passar no vestibular [ou no ENEM] para outros cursos de maior prestígio.” Nesse sentido, voltamos ao motivo de protesto de Zacarias de Vasconcelos, em meados do século XIX, e que o senhor, professor, citou em sua oitava carta (FREIRE, 1993/2015, p.105). O magistério continua não seduzindo.

A desvalorização, professor, chega a ser assustadora: ela é tamanha que, em plena pandemia que nos destrutura desde o início de 2020, os professores foram obrigados a voltar a trabalhar presencialmente – o que causou a infecção e morte de vários colegas de profissão – porque muitos pais e outros membros da sociedade acreditavam que os professores não estavam “fazendo nada” em casa. Essa solicitação foi aceita por vários governos locais e estaduais, que não levaram em conta o clamor dos educadores ou as suas declarações constantes de que estavam trabalhando até mais no modo remoto do que no modo presencial. O educador, Professor Freire, virou profissão de pessoas consideradas sem importância, sem valor e o país equacionou a

desvalorização da profissão a uma desvalorização das vidas. O mesmo ocorreu com outras profissões – é claro: a de entregadores de compras, a dos que trabalham no comércio em geral, a dos garis, porteiros, vigias, diaristas, motoristas, entre outros que nunca puderam trabalhar remotamente, já que não tivemos, de verdade, *lockdown*. Sim, os médicos e outros profissionais da saúde também não pararam e estão nas linhas de frente do trabalho para salvar vidas, mas eles são heróis (para nós, também o são). O professor, ao contrário de outros profissionais aqui citados, é visto como desocupado por estar trabalhando remotamente. Perdoe-nos por falar do que provavelmente lhe trará também tristeza, mas “*como agora apareceu um portador (...) não po[demos nos] furtar a lhe contar as novidades*” (HOLANDA, 1976).

Ademais, como bem orientou o senhor em seu livro *Pedagogia da autonomia* (FREIRE, 1996/2003), nós, educadores/as, precisamos discutir a realidade concreta e cruel que estamos vivendo. Hoje, nessa realidade, continua faltando tudo (ou melhor, voltou a faltar tudo): comida e emprego para os mais pobres, saúde, compreensão, boas políticas públicas de educação. São tantas as faltas que efetivamente ficamos desiludidos/as. Aliás, como em seu texto tão atual, podemos dizer que “*(...) a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida*” (FREIRE, 1996/2003. p. 32) nesse momento da história de nosso país. É o cenário que acompanhamos pelos noticiários, um cenário de tristeza e luto das pessoas. Diariamente, travamos uma batalha entre a tristeza e a esperança de poder fazer a diferença como educadoras. Assumimos o compromisso de formar cidadãos reflexivo-críticos, que possam questionar e reivindicar os seus direitos e de seus alunos, das comunidades escolares em que atuam, educadores que saibam entender as políticas de descaso e exclusão, como estamos vivenciando há um ano em virtude da pandemia e da falta de sensibilização, de amor e de respeito por parte dos governantes – em todos os níveis da administração pública.

Não compreendem os que não vivenciam a escola que “(...) não se pode ser autenticamente professor/a, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos.” Em outras palavras, não compreendem que não é a distância geográfica que determina a distância de fato do ensino-aprendizagem. Geograficamente distantes, estamos tão envolvidos/as quanto nos dias em que estamos nas mesmas salas físicas em que estão os nossos alunos. Educadores/as, não nos deixamos abater por esse olhar que têm de nós nossos compatriotas, mas sabemos que ensinar no Brasil de hoje (e cada vez mais) é, portanto, uma ousadia. A tarefa de *ensinante* parece ser mais *exigente* do que prazerosa no momento em que vivemos e é só por pura *ousadia* e por total *valentia* que insistimos não mil, mas um milhão de vezes, com convicção no trabalho realizado; é só assim que o educador finaliza o seu dia com a satisfação de ter, mais uma vez, cumprido o seu papel, aprendendo-ensinando, transformando e sendo transformado pelas ações educacionais.

A explicação incluída acima tem o objetivo de contextualizar, ainda que muito parcialmente, a educação no Brasil nos últimos anos, visto acedermos que a compreensão (ou “*avaliação*) do contexto significa um reconhecimento do que vem nele ocorrendo, como e por quê”. Feito isso, Professor, vamos falar um pouco mais sobre conceitos e ações que entendemos como parte dessa ousadia de ensinar.

Entendemos que é preciso, apesar de tudo o que relatamos aqui, manter em mente o verbo *esperançar* para seguirmos firmes. Enquanto educadoras progressistas nos apegamos à esperança! Não nos silenciaremos, não nos adaptaremos aos horrores que estamos vivendo, Vamos “*intervir na realidade*”, como o senhor nos aconselhou, com as armas das palavras para construção de conhecimentos, numa perspectiva dialógica. Afinal, “*Uma educação sem esperança não é educação*” (FREIRE, [1979] 2018, p. 37).

Estarmos escrevendo essa carta, revisitando os seus livros,

refletindo sobre os seus escritos é para nós um exercício urgente e necessário para não esquecer o que nos move, o que aprendemos com seus escritos e suas falas que deve sempre mover os que acreditam na educação. Assim, pensamos em formas de humanização constante em um momento em que tanto do que ocorre nos empurra rumo à aceitação do caos. Continuamos aprendendo com as dificuldades, com as (in)certezas de dias melhores, mas seguindo, porque viver é um aprendizado infinito. E, porque, como já dissemos acima, aprendemos mais do que ensinamos nessa jornada, porque aprendemos com as singularidades dos nossos alunos e as totalidades das salas de aula, com os atributos que cada um traz para a constituição que nos aproxima um pouco mais do todo, a cada dia sabemos que nos tornamos mais fortes para agir, construindo espaços que permitam aos alunos pensarem e vivenciarem uma educação libertadora das amarras das desigualdades sociais.

Por isso, Professor, trabalhamos com a inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas (FIDALGO, 2016) e com a formação de profissionais para que pensem o seu papel de educadores como intelectuais de sua prática (GIROUX, 1988, aliás, livro cuja introdução o senhor escreveu) e possam trabalhar com a diversidade que têm na sala de aula, apesar de sua formação inicial não lhes fornecer instrumentos, às vezes, para ser esse pensador da realidade, esse profissional reflexivo-crítico. Nossa *ousadia* está em criar espaços para que o professor possa refletir sobre a (e na) sua prática, olhando para si mesmo, mas não como trabalhador que repete o que já foi pesquisado por outros – ou como diriam em inglês, não como *doer*, mas sim como *thinker*, como aquele que pensa e pesquisa a sua própria prática.

Nossa ousadia se realiza quando vemos jovens, ainda no Ensino Médio dizerem que querem ser professores a partir de um trabalho em que foram convidados a se envolver – um projeto de Iniciação Científica para o Ensino Médio que realizamos, enfocando a formação

de professores para atuar com alunos com deficiência intelectual (FIDALGO;CARVALHO, no prelo). Nossa ousadia está em ver que colegas da escola em que atuamos compreendem, apesar de sua formação técnica, que precisam de formação reflexiva (e não necessariamente conteudista ou *bancária* (FREIRE, 1970)) para ensinar melhor a alunos com dificuldades de aprendizagem (TAMASHIRO, no prelo). Nossa ousadia, Professor Freire, não tem fim, e a alegria de ver pequenas mudanças no dia-a-dia, no chão da escola, não tem preço.

O nosso compromisso com a educação vai ao encontro do desejo da transformação da sociedade por meio de uma educação que não seja passiva, que não venha nos braços das injustiças sociais e educacionais que apagam a chama da esperança dos educadores e educandos. Seguiremos firmes no propósito de conscientização dos jovens, futuros docentes desse país. Afina, Professor Freire, como o senhor bem citou: “*O trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive*”. (FREIRE, [1979] 2018, p.67).

Vamos viver! Vamos transformar! Vamos refletir sobre nossa realidade, como um exercício contínuo e que possamos promover com os nossos alunos o estímulo às reflexões que os direcionem (e a nós também) para a compreensão do contexto, com vias a promover mudanças. Continuaremos a defender que os educadores e as educadoras sejam autênticos/as em prol de educação transformadora, libertadora e esperançosa numa sociedade justa e igualitária.

Professor Freire, aqui ficamos, seguindo com passos confiantes nessa jornada que nos impulsiona a acreditar, cada vez mais, na força da *leitura do mundo* para a alforria das armadilhas da alienação.

Atenciosamente,
São Paulo, abril de 2021

Referências

FIDALGO, S. S.; CARVALHO, M. P. Alunos com deficiência intelectual: formação de professores de inglês para inclusão. Anais do XXXV Encontro Nacional da Anpoll – *Letras ao Norte: Linguagens e pós-graduação em chão vermelho*. Londrina. Anpoll, 2021. No prelo.

FIDALGO, S. S. Formação docente para a Ex-(inclusão social-escolar: um processo, um instrumento e alguns resultados. **Anais** do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III Sediar). Ihéus: Editus -Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016. v. 1. p. 4571-4581.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1970. 129p.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979/2018.

_____. **Professora, sim; Tia, não – Cartas a quem ousa ensinar**. 24ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993/2015. 133p.

_____. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. 46ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996/2013. 143p.

GIROUX, Henry. **Teachers as intellectuals: towards a critical pedagogy of learning**. Westport, U.S.A: Bergin & Garvey Publishers, 1988.

HOLANDA, C. B. de Meu caro amigo. In: *Álbum Meus caros amigos*. Rio de Janeiro. Phonogram/Philips. 1976.95 SILVA, J. I. da. Prefácio:

a profissão do ensinante, uma tarefa prazerosa e igualmente exigente.
In: FREIRE, P. **Professora, sim; Tia, não – Cartas a quem ousa ensinar**. 24ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra. (texto de Silva: 2012)
Livro: 1993/2015. . p.12-17.

TAMASHIRO, J. C. G. dos S. A prática reflexiva do professor e a educação inclusiva no ensino técnico integrado ao médio. Dossiê temático: Políticas públicas no imperativo da in/exclusão: contribuições da pesquisa crítica para os estudos nas relações da linguagem, cultura e educação. RIEL – **Revista Interdisciplinar em estudos da linguagem**. São Paulo: Editora do IFSP. No prelo

Evangelho e Educação libertadora

Jose Jakson Amancio Alves¹

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (Freire, 1996)

A primeira presença de Paulo Freire que me causou impacto foi em meu aprendizado catequético, num curso oferecido no Centro de Catequese e Pastoral Leão XIII, da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, na cidade de Catolé do Rocha – PB, ministrado pelo pároco local Frei Dimas José Marleno. O saudoso Frei Dimas, tinha uma preocupação sem limites com a formação dos seus paroquianos, principalmente a juventude, pelo qual nutro muito afeto e eternos agradecimentos, pois foram ensinamentos que me fortaleceram como jovem e que me ajudaram a vencer a seca e me permitiu lutar para ter uma formação que possibilitasse sobreviver, perseverar e nunca desistir, mesmo diante da dureza social e econômica vivida no sertão.

No mencionado curso de catequese teve uma dinâmica de apresentação, em que a metade de uma folha foi dividida em duas colunas, com uma relação de nomes. Foi pedido que a gente escolhesse cinco, que

¹ *Jose Jakson Amancio Alves - Professor Associado de Geografia – DG/CH/UEPB. Doutor em Recursos Naturais – UFCG. Conselheiro do Conselho Estadual de Educação da Paraíba. jaksonamancio@hotmail.com*

admirava e cinco que não admirava. Depois, já dispostos em círculos, explicamos o porquê das nossas escolhas. A dinâmica tinha como objetivo identificar o quanto conhecíamos as pessoas que nos rodeavam e a contribuição dessas mesmas pessoas, na história, que produziram influências de um jeito (positivamente) ou de outro (negativamente) em nossas vidas.

Nessa dinâmica apareceu, pela primeira vez, o nome de Paulo Freire em minha vida, pois seu nome constava na lista, sua história e sua contribuição na educação popular. Essa apresentação a nós, lá pelos idos de 1980, em Catolé do Rocha, influenciou fortemente minha participação nas comunidades eclesiais de base (CEBs) e nos movimentos de juventude, como o clube dos Castores (Lions) e de jovens da Igreja Católica local.

Assim, Freire me ajudou nos meus primeiros passos de aproximação do evangelho de Cristo à realidade social em que vivíamos inseridos, a gerar um *link*, usufruto das constantes reflexões nas diversas evangelizações que participávamos. Nessa etapa da minha vida, estava totalmente envolvido nos movimentos de juventude, também, o nosso grupo se preparava para celebrar o Ano Mundial da Juventude (IYY), tendo como dilema principal os problemas relativos à mocidade, com o tema “Participação, Desenvolvimento e Paz”. Paulo Freire nos ensinara que devemos aprender a fazer uma leitura crítica da realidade que nos rodeia. Em um dos seus mais diversos ensinamentos, por exemplo, ele convida os educandos a se levantarem e a olharem pela janela ao comparar uma fotografia da realidade com o cotidiano vivido. Isso levou todos a conhecerem e refletirem um pouco mais da realidade social em que estávamos inseridos. Ainda hoje esse exemplo de uma aula dinâmica nos permite refletir sobre o quanto nós não percebemos como são as coisas e a realidade ao nosso entorno; sobre a necessidade de fazer leituras, assim como Paulo Freire fez, para poder provocar a formação de uma consciência crítica, que contribua para as

mudanças sociais, começando, pelo espaço mais próximo, pelas pessoas que estão mais próximas, ajudando essas pessoas a não se satisfazerem com aparências, e sim, coletivamente, contribuindo para a mudança da realidade local em que estamos inseridos.

Foram esses ensinamentos que as CEBs testemunharam para nós, nessa nova evangelização popular: precisávamos refletir muito sobre a nossa realidade para poder nos libertar das forças opressoras, da ditadura militar que ainda nos rodeava á época. Começamos, assim, a fazer de casa em casa, rua a rua, noite adentro por toda a cidade de Catolé do Rocha essas reflexões da realidade social inseridas nos evangelhos. Foi esse o primeiro ensinamento de Paulo Freire para a minha vida, no começo da minha juventude. Foi com ele que aprendi a conhecer a importância da realidade social, através das dezenas de círculos de grupos (rodas de conversas) que fazíamos para refletir a nossa realidade social, dentro de um novo jeito de evangelizar.

Hoje, considero que todos os ensinamentos de Paulo Freire para a educação popular, que vivi nas atividades evangelizadoras e nos movimentos populares, e que vivi nos grupos de jovens, me aproximaram da Teologia da Libertação, que, para Paulo Freire, era o caminho certo para a Igreja da América Latina, onde poderíamos nos tornar “utópicos, proféticos e esperançosos”. Esse era o grande sonho de Freire para os povos oprimidos das Américas. E, assim, vivi minha juventude no sertão, sobre forte influência de Freire, mesmo que muitas vezes de forma incondicional. Ainda hoje, guardo comigo o certificado, aliás, o meu primeiro, do curso de catequese que fiz na minha cidade, onde conheci, pela primeira vez, o nome de Paulo Freire. Também, a minha eterna gratidão a Frei Dimas, pela vida dedicada à Teologia da Libertação, refletido no incansável apoio às Comunidades Eclesiais de Base em Catolé do Rocha, minha terra natal. Por fim, Freire me ensinou, desde jovem, a correr atrás dos meus sonhos.

A segunda presença de Paulo Freire veio pelos idos dos anos 90, no

tempo em que eu participava como formador de catequese no Regional Nordeste II da CNBB. Em um dos cursos que participei nessa época, ganhei uma cópia de uma carta de Paulo Freire para jovens seminaristas alemães de 1977. Ainda hoje, não sei se essa carta foi publicada, mas vou transcrever, na íntegra, a mensagem deixada por Paulo Freire sobre um Cristo Pedagogo. Além de utilizar no trabalho de formação de catequese, utilizei-a durante as décadas seguintes, como professor do magistério/pedagógico, no Centro Educacional Nossa Senhora da Luz e Centro Educacional Osmar de Aquino, ambos na cidade de Guarabira, e no curso de Pedagogia da Universidade Vale do Acaraú e da Universidade Estadual da Paraíba, por diversas cidades do território paraibano.

Ao adotar a epígrafe: “Educação Mecanismo de Transformação” nesses cursos de formação de professor por décadas, era uma referência ao Educador Paulo Freire, que, metodologicamente, me orientou para o verdadeiro papel da educação na formação do cidadão: o saber do educando não pode ser negado e, sim, valorizado; devemos dialogar com os saberes socialmente produzidos; e devemos nos apropriar do conhecimento e agir como um coletivo na educação. O texto transcrito logo abaixo não faltava dentro do planejamento pedagógico de minhas aulas, uma leitura de cabeceira que eu fazia questão de datilografar no estêncil a álcool que a escola “Osmar de Aquino” tinha – um avanço para a época, e depois fazer cópias para os meus alunos do curso pedagógico. Muitas vezes tentei, zelosamente, guardar o texto datilografado no estêncil de um ano para outro, dado ao valor e significância que o mesmo tinha nas minhas aulas. Imaginem refletir com toda uma sala de aula, que estava iniciando no magistério, que nosso exercício é parecido com a forma de vida de Jesus Cristo, ensinando e aprendendo, dando testemunho do ensinado e ouvindo a todos sem distinção, num diálogo constante no processo ensino-aprendizagem.

A carta fala da Educação e Evangelho, que não são métodos de

ensino-aprendizagem antagônicos, que estão tão distanciados nos tempos atuais. Há! A sociedade contemporânea se distancia muito de Deus, com atitudes negacionistas em todos os campos da vida humana, fragilizando a vivificação da palavração de Jesus Cristo. Posso afirmar, que nem Cristo, e nem Freire, pelos seus ensinamentos e seus testemunhos de vida, foram negacionistas. Precisamos de humanismo e de diálogos para evitar que o homem fique cada vez mais isolado e individualista nos tempos atuais.

Voltando a carta “Educação e Evangelho”², Paulo Freire começa dizendo:

“Costumo dizer que, independentemente da posição cristã em que sempre procurei estar, Cristo seria, como é, para mim, um exemplo de Pedagogo”.

“Na minha infância longínqua, nas aulas de catecismo, em que um saudoso, mas ingênuo sacerdote falava da danação das almas perdidas para sempre no fogo de um inferno eterno, não obstante o medo que me tomava, o que ficava realmente em mim era a bondade grande, a valentia de amar, sem limites, que o Cristo nos testemunhava”.

“Menino ainda, jovem depois, homem afinal, em quem, contudo, o menino continuou vivo, me fascinava e me fascina, nos Evangelhos, a indivisibilidade entre seu conteúdo e o método com que o Cristo os comunicava. O ensino de Cristo não era nem poderia ser o de quem, como muitos de nós, julgando-se possuidor da verdade, buscava impô-la ou simplesmente transferi-la. Verdade Ele mesmo, verbo que se fez carne. História viva, sua pedagogia era a do testemunho de uma Presença que contradizia, que denunciava e anunciava”.

“Verbo encarnado, Verdade, Ele mesmo, a palavra que d’Ele emanava não poderia ser uma Palavra que, dita, dela se dissesse que foi,

2 Carta para jovens seminaristas alemães, texto datilografado. 1977.

mas uma palavra que sempre estaria sendo. Esta palavra jamais poderia ser aprendida se não fosse apreendida e não seria apreendida se não fosse igualmente por nós “encarnada”. Daí o convite que Cristo nos fez e porque nos fez continua a nos fazer – o de conhecer a verdade de Sua Mensagem na prática de seus mais mínimos pormenores”.

“Sua Palavra não é som que voa: é P A L A V R A Ç Ã O”.

“Não posso conhecer os Evangelhos se os tomo como palavras que puramente “aterrissam” em meu ser, considerando-me um espaço vazio pretendendo enchê-lo com elas. Esta seria a melhor maneira de burocratizar a Palavra, de esvaziá-la, de negá-la, de roubar-lhe o dinamismo do eterno estar sendo para transformá-la na expressão de um rito formal. Pelo contrário, conheço os Evangelhos, bem ou mal, na medida em que, bem ou mal, os vivo. Experimento-os e neles me experimento na prática social de que participo, historicamente, com os seres humanos. Daí a aventura arriscada que é aprendê-los e ensiná-los, enquanto um ato indicotomizável: daí o medo quase sempre incontido que nos assalta ao escutar o chamamento do Cristo à prática de sua mensagem; daí as racionalizações intelectualistas em que caímos e com que o pacificamos a Transparência; daí que falamos tanto da BOA NOVA, sem a denúncia do mau contexto que obstaculiza a efetivação da BOA NOVA; daí que separamos “Salvação” de “Libertação”; daí finalmente, que nos “arquivamos” num tradicionalismo ou num modernismo – maneira de sermos mais eficientemente tradicionais-alienadores – recusando o estar sendo para poder ser o que caracteriza a verdadeira posição profética”.

“Conhecer os Evangelhos enquanto busco praticá-los, nos limites que a minha própria finitude me impõe é, assim, a melhor forma que tenho para ensiná-los. Neste sentido, é que somente a prática de quem sabe ser humildemente um eterno aprendiz, um educando permanente da Palavra, lhe confere autoridade, no ato de aprendê-la e

de ensiná-la”. “Autoridade, por isso mesmo, que jamais se alonga em autoritarismo. Este, pelo contrário, é sempre a expressão da redução da Palavra a mero som – não mais PALAVRAÇÃO – é a negação, portanto, do testemunho pedagógico do Cristo”.

Depois de ler e reler o texto, era construído um quadro síntese. Dentre os muitos produzidos ao longo de décadas, logo abaixo veremos como a educação e o evangelho nos orientam no caminho da educação libertadora e na construção de uma sociedade socialmente mais justa e humana. Isso tanto o Jesus Cristo como o Paulo Freire nos ensinaram com seus exemplos de vida e testemunhos.

Após uma roda de conversa, construíamos uma relação entre a educação e o evangelho, entre o papel do professor e a forma de evangelizar de Jesus Cristo, na concepção do Paulo Freire, apontando as seguintes considerações:

Evangelhos (Jesus Cristo)	Paulo Freire (Educação Libertadora)
Contradizia, Denunciava e Anunciava.	Reconhece que a realidade é mutável, por isso deve ser indagada e investigada.
Conhecer a Verdade.	Promove a conscientização e participação.
Aprender e Ensinar, como Atos Indicotomizáveis.	Educador e educandos estão sempre aprendendo e ensinando.
Eterno Aprendiz.	Apropriação do conhecimento.
Autoridade.	Age “Com”, e não individualmente.
Boa Nova.	Dialoga com os saberes dos educandos e os sociais, contribuindo para a conscientização e transformação social.
Palavração.	A prática se torna uma troca na construção conjunta dos saberes.

Ficava notório que o Cristo evangelizava com vivência e conhecimento, através das suas práticas e de seus ensinamentos, testemunhadas e eternizadas por muitos nos seus evangelhos. E assim, concluíamos que Paulo Freire considerava Cristo um exemplo de

pedagogo, e que sua metodologia de ensinamento era a palavração, que resultou, teologicamente, numa busca constante de libertação e salvação do homem em todas as suas realidades vividas.

Por isso, Paulo Freire, você é, também, um grande exemplo de pedagogo de todos os tempos. Sua educação libertadora tem profundo enraizamento com a pedagogia do Cristo Jesus, independente da sua posição religiosa, ou da nossa posição religiosa. Você propôs uma educação que integra vivência e conhecimento. Por isso, seus ensinamentos são tão constantes na nossa práxis educativa e serão eternizados pelos educadores que acreditam que a educação liberta, que pode transformar os processos sociais à nossa volta, uma educação que seja “mecanismo de transformação”. Concluo essa carta Parafraseando você (Paulo Freire): “O educador se eterniza em cada ser que educa”.

Saudações libertadoras,

João Pessoa – PB, 20 de abril de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra LTDA, v. 199, 1967.

_____. **Educação e Evangelho**. Carta para jovens seminaristas alemães, texto datilografado. 1977.

_____. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos**. Lisboa: Edições Base, 1978.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Biografia

Epístola da esperança

Alexandre Botelho José¹

Estimado professor,
Não poderia ser outro a quem me dirijo que não seja você, Freire. Apesar de não nos conhecermos pessoalmente me dirijo a sua pessoa com a mesma intimidade de quem leu a sua obra e lhe conheceu no mais íntimo de sua alma. Alma esta que tem uma visão estética, onde ser professor é arte, mas que também tem uma disposição política, pois ser professor é professar as suas práticas político-pedagógicas, mas também é de uma dimensão transcendente, pois pode lhe compreender como um ser humano passível de três dimensões as quais cabe aqui relatar: a *física* (ou somática), a *psíquica* (ou alma) e a *noética* (ou espiritual)². Penso que muitos não compreenderam a sua mensagem, o seu recado, e o que você quis transmitir com tanta utopia. Uma mensagem repleta da sua dimensão *noética*, ou seja, o seu lado de esperança e espirituoso, que muitos não entendem ou não compreendem.

O mais interessante é que ser um preceptor, um mentor, um

1 Doutorando em Bens Culturais e Projetos Sociais pela Fundação Getúlio Vargas – FGV/CPDOC-RJ e Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória – FUV-ES. Supervisor de Ensino da Secretaria Municipal de Pirai-RJ (SME) e professor da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5902584499613605>.

2 ROCHA, L. L. **Jó: Imagem arquetípica do sofrimento do justo. 2006. 152p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – UCG, Goiânia, 2006, p. 26**

educador, é o que cada professor vive e professa na sua profissão. Profissão essa que também se torna uma missão em todos os seus aspectos. Muitos acham que podemos dicotomizar a vida secular da vida religiosa, isso é algo impossível de se fazer, pois cada parte do ser humano é uma porção de um todo, e você compreendeu isso muito bem. Mesmo nunca tendo escrito especificamente sobre o seu pensamento religioso e nem se considerava um ‘homem de igreja’, no decorrer do seu constructo teórico deixou muitas mensagens subtendidas e demonstrando como a sua formação religiosa foi a força motriz para embarcar na luta contra a opressão e pela liberdade do oprimido. Lembro bem das suas palavras quando disse que “[...] lhes disse, para espanto de alguns, que fora aos mocambos e córregos do Recife, movido por minha amizade ao Cristo, por minha esperança na esperança que Ele significa [...]”³.

Que mensagem linda e repleta de significados, pena que muitos não conseguiram entender a sua utopia travestida de esperança. Penso que boa parte dessa proposta veio do respeito pela diferença que você teve desde o berço, pois como já relatou, seu pai foi um exemplo deixando um testemunho de “pedagogo democrata”, como você mesmo disse. Esta liberdade de expressão teve apoio do seu pai e ação efetiva da sua mãe, por isso, você aprendeu o respeito pelas crenças religiosas e a sua mãe lhe ensinou desde a infância a respeitar as opções dos demais. Precisamos disso em nossas escolas, ainda mais em nossos dias, que de tão sombrios ainda buscamos compreender de onde viemos e para onde caminhamos.

Você, meu amigo Freire, foi mestre em buscar nas suas experiências pessoais motivação para as suas indagações e lutas políticas. Nesse mesmo contexto ele busca esclarecer que “não precisava de consultar estudos científicos que tratassem das relações entre desnutrição

3 FREIRE, P. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: UNESP, 2003, p. 122.

e dificuldades de aprendizagem. Tinha um conhecimento de primeira mão, existencial, destas relações”⁴. Ou seja, a partir da sua experiência, você se engajou na luta contra a opressão, contra a fome, contra a discriminação e contra todo ato que seja opressor. Até mesmo contra uma educação não produtiva, não geradora de diálogo e não participativa, como ele disse que quando menino a educação se resumia em “repete, repete que tu aprendes”⁵, lembra-se disso?

Percebi que teve uma educação religiosa desde muito cedo, aprendeu conceitos básicos de ética e moral que foram aprendidos, mesmos nos momentos difíceis ou de necessidade extrema. Percebo que foram períodos de tremendas mudanças na sua vida, mas mesmo assim as dificuldades não o deixaram de lado, lembro, mais uma vez, você comentando sobre elas e apresenta, com um ar religioso, o seguinte fato: “Voltávamos para casa, minha mãe e eu, com as poucas compras que, sabe Deus como, ela conseguira fazer na tradicional feira semanal”⁶. Com tudo isso, percebemos que sempre demonstrou ser um inconformado com as situações difíceis, tanto na sua vida quando na vida dos seus “irmãos”, afinal, você já sabia que “o mundo teria de ser mudado”⁷ e “é indiscutivelmente uma vergonha que chegemos, no Brasil, neste fim de século, com a quantidade alarmante de irmãos e irmãs que morrem por não terem o que comer”⁸. Poxa meu amigo, sinto dizer, mas esta que sempre foi uma preocupação presente na vida e obra desde muito cedo está cada vez mais latente em nossa realidade em pleno século XXI.

Muitos não compreenderam e não compreende a sua forma utópica de pensar, até mesmo porque você incorpora a própria práxis a partir do pensamento marxista de forma decisiva para a ação libertadora

4 FREIRE, 2003, p. 40.

5 FREIRE, 2003, p. 42.

6 FREIRE, 2003, p. 101.

7 FREIRE, 2003, p. 37.

8 FREIRE, 2003, p. 234.

de sua pedagogia, por isso você afirma que ela “é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”⁹. A partir destes pensamentos humanistas que pôde começar a formar os seus próprios, com base numa pedagogia libertadora, sempre com a ótica voltada e preocupada com a existência do ser humano no mundo, marcada pela desigualdade social, que rouba a vida e o existir, o ter e o ser de milhões de seres humanos a cada dia. Nesse sentido, que penso que a sua pedagogia, pela sua dimensão esperançosa, transformadora e libertadora, cumpre um papel indispensável enquanto instrumento socioeducacional de luta.

É interessante ver como você compreende, e ao mesmo tempo é incompreendido, pois compreendeu a tarefa do ser humano no seu papel de interventor no mundo, percebendo-se no mundo como existência, capaz de intervir, criar, modificar, num processo de autorreconhecimento. O ser humano, agora como sujeito histórico que se relaciona com os outros e com o mundo, na sua finitude, se lança num movimento infinito de busca e de realização de desejos e de necessidades. Todo este processo, só é possível através do processo educativo, pela ação cultural. É interessante analisar que no seu processo de crescimento intelectual, na medida em você vai afirmativamente corroborando sua crença de que os seres humanos tem uma vocação ontológica para o *ser mais*, vai, ao mesmo tempo, constatando a outra viabilidade, que é a *desumanização*. E como temos nos tornados desumanos, meu amigo. Você ficaria perplexo pela capacidade que temos de fazer coisas que nem nós mesmos acreditamos.

Porém, ser professor é algo maravilhoso. Você me inspirou e transpirou almas que ainda lutam as suas lutas. Acreditam que ainda podemos ser melhores do que somos, por isso, buscamos uma pedagogia

9 FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido. 50 ed. rev. e atual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 52.

dialógica, dialógica contigo, conosco, com o mundo, com o transcendente. É a mesma que você se pôs a escrever quando falou sobre a sua pedagogia libertadora dialógica, que buscava elementos de iluminação em autores cristãos. Por isso, que encontrei em seus livros, principalmente em *Pedagogia do Oprimido*, terminologias como amor, fé, humildade, confiança, diálogo, esperança, libertação, comunhão, anúncio, denúncia, profetismo, “recriar” o mundo, que são virtudes também da teologia cristã. Você deixou claro que o diálogo, e porque não dizer, a educação, “nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança”¹⁰. Por este motivo o diálogo comunica, a educação passa a existir e a partir daí é que surge a esperança e o pensar verdadeiro, que gera a verdadeira *práxis*. Daí a comunicação torna-se diálogo, o diálogo torna-se significado, e o significado se torna significante. Sem esses elementos, o diálogo e a educação ficam comprometidos. Esperamos que outros professores compreendam que você buscou na sua experiência pessoal uma referência religiosa para fundamentar sua pedagogia para mostrar que as virtudes também devem estar presentes na educação. Certamente a religião foi o lugar em que ele encontrou esses fundamentos para tratar de uma proposta educacional libertadora e dialógica.

Não poderia deixar de lembrar que foi no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, que você aperfeiçoou ainda mais a sua reflexão religiosa que contribuiu para sua pedagogia, bem como pôde oferecer uma boa bagagem pedagógica para as igrejas repensarem sua *práxis*. É interessante que você compreendeu melhor que ninguém que o ser humano é muito mais complexo e que a liberdade vai muito além das meras grades que nos aprisionam. Sejam grades reais ou imaginárias. Nesse sentido que você encontrou o caminho para desenvolver seu constructo teórico, ainda mais, para desenvolver sua proposta

10 FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 115.

libertadora de educação em um espaço religioso. Como já comentamos nessa missiva, percebemos que os conceitos dessa tríade (fé, esperança e amor) são conceitos religiosos e que permeiam toda a sua incompreendida pedagogia, esta que sempre foi comprometida com as classes populares, que enfatiza o ser humano, como ser inacabado e de busca, o núcleo fundamental da educação e estabelece em seus conceitos de tolerância, diálogo, amorosidade e esperança uma ética que fundamenta e norteia toda práxis educativa.

Percebemos que atualmente suas palavras foram incompreendidas. Lembro em sua carta aos professores que você fala da importante experiência escolar, que também se torna esteta, dos professores, pois precisamos “criar o jarro como o trabalho transformador sobre o barro não era apenas a forma de sobreviver, mas também de fazer cultura, de fazer arte”¹¹. Somos artistas, somos utópicos, somos esperançosos, pois a fé é um item fundamental do diálogo, e a confiança também faz parte dele. A confiança é suporte para os sujeitos dialógicos serem cada vez mais companheiros ao pronunciar o mundo. Um falso amor, uma falsa esperança, uma falsa fé nos homens não podem gerar confiança, não pode gerar arte, não pode fazer cultura.

Ao caminhar para o findar dessa missiva é preciso reforçar a sua compreensão de incompletude do ser humano. A necessidade de respondermos os questionamentos e que a partir dessas respostas se formam novos questionamentos, num turbilhão infundável de perguntas e respostas, sem nunca chegar a um ponto final. A curiosidade e o constante questionamento é algo inerente ao ser humano e, conforme Rubem Alves comenta, o homem e a sociedade em si só se dão conta do seu inacabamento quando nasce em seu ceio a esperança e a “descoberta tanto do caráter de inconclusão do mundo como dos

11 FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, Aug. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>>. Acesso em: 15 fev. 2021, p. 261

horizontes abertos que convidam à criatividade e à experimentação”, desenvolvendo assim a curiosidade. Você mesmo aprofundou os “homens como os únicos seres, entre os ‘inconclusos’, capazes de ter, não apenas sua própria atividade, mas a si mesmos, como objeto de sua consciência, o que os distingue do animal, incapaz de separar-se de sua atividade”. É a partir de ponto que compreendi o que disse na carta aos professores, “por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz”¹².

Por isso, encerro agradecendo a ti, meu amigo e irmão, que tanto nos ensinou e nos fez compreender que a inconclusão é um processo, que somos seres inacabados. Dessa forma compreendendo, que quem não te compreende é porque ainda está nesse processo de amadurecimento e quem sabe um dia venha a também a te conhecer e se conhecer, entendendo que sempre buscamos e precisamos *ser mais*.

Com esperança e afeto,
Rio de Janeiro (RJ), abril de 2021

¹² FREIRE, 2001, p. 264.

Esperançar cultivando a terra seca

Manoel Rodrigues¹

Saudações freireanas

Caro Paulo Freire, companheiro de caminhada neste contínuo processo de aprender e ensinar e de ensinar e aprender, às vezes e muitas vezes fico pensando como seria interessante se neste mundo da gente, de iguais e diferentes, cada um tomasse posse daquilo que nos faz gente: construir, edificar, refazer, recomeçar, fazer parte e partilhar, ser sujeito operante sabendo que se tem nas mãos o que foi gestado na mente com sêmen do coração e pós-amadurecimento ser educação que muda e faz a transformação.

Aprendi a soletrar na cartilha do ABC. Na base da decoreba aprendi contar e lê e no caderno de caligrafia aprendi a escrever. Soletrei a palavra cana, soletrei mel e açúcar, mas para mim não soletraram nem tampouco me falaram da dureza da labuta, isto eu aprendi depois com os companheiros de luta. Depois que te conheci foi que vim compreender o porquê da omissão destas palavras e de tantas outras então, como trabalho e trabalhador e sua valorização e que fazer a leitura de

1 Pernambucano, licenciado em matemática pela UPE - Universidade de Pernambuco, com especialização em Educação do Campo pela UFRPE-Universidade Federal Rural de Pernambuco, bacharel em Teologia pela UCDB-Universidade Católica Dom Bosco e Membro do Comitê Pernambucano de Educação do Campo. profman-jrod@yahoo.com.br

mundo é uma grande lição, mas para a classe dominante isto é complicação porque reflete a vida e empodera o cidadão. Quando reflito a palavra conectada com a ação me sinto lá em Angico do Rio grande do Norte, entre os trabalhadores, vibrando com tamanha emoção por verem um mundo novo pela lupa da alfabetização. Mas também me vejo contigo no Chile, na Tanzânia e Guiné Bissau e em tantas outras plagas, nesta tua itinerância de andarilho, longe da terra natal ensinando e aprendendo, muitas vezes a duras penas, mas sempre com otimismo e com a garra de quem luta por um grande ideal.

Paulo, te acompanhar me dá forte sensação de que estamos na contramão ou no ato de rebeldia, quando você nos provoca a fazer educação como pratica da liberdade num processo de descolonização e de passagem de uma educação ingênua para uma critica educação trazendo para a pauta da escola temas como democratização, evolução política do Brasil, analfabetismo, trabalho e lucro, relações econômicas entre outros, pois trazem fúria aos olhos dos poderosos enquanto brilham com fulgor os olhos daqueles que despertam para este novo modelo de uma grande educação.

As tuas pedagogias trazem novos enfrentamentos na prática e na vida reflete a realidade e constrói conhecimentos. Toca em feridas abertas como as do oprimido pra trazer-lhe livramento. Mostra que o oprimido precisa libertar a si mesmo e ao opressor para o mundo melhorar e nunca mudar de lado e opressor se tornar. Ao tomar posse daquelas cartas me sinto, assim como Ana, tomado pela emoção, em sentir sinais de contradição assim como foi retratando na pedagogia da indignação. Já na relação da docência com a discência vejo a tua preocupação com a arte de ensinar e as suas exigências para que o educando junto ao seu educador perceba que este mundo pode ser muito melhor se a pedagogia da autonomia for praticada com amor. E aquele bate bola com o Antonio Faundez: um pergunta, outro responde, mas aquele que responde tem direito a perguntar e nesta dialogicidade o

conhecimento se refaz, é troca e é pesquisa que nos deixa mais capaz e nos faz esperar cultivando a terra seca ou um jardim a regar só não podemos ficar quietos, pois isto é apenas esperar.

Gostaria de lembrar que por tudo o que você fez como educador no Brasil e no mundo, não apenas pelo número de obras escritas, que são valiosas, mas pelo grande incentivo dado aos educadores a assumirem seu papel como protagonistas de uma educação libertadora e pelo grande número de homens e mulheres que se tornaram sujeitos da sua história, em 2012, você foi nomeado patrono da educação brasileira, não apenas por uma lei promulgada, que também tem seu valor, mas porque já o era na cabeça e no coração, nos pés em marcha e nas mãos que se estendem ao irmão. Por isto a Lei pode até ser mudada, mas de dentro de nós o que foi aprendido ninguém muda não.

Meu querido Paulo Freire não quero te imitar nem também decorar frases para de ti eu falar. Quisera reinventar-te e continuar a incomodar sem medo e destemido, pois já sei no que vai dá, ser taxado de comunista e também de marxista, e também ser empurrado com um grito no ouvido: discípulo de Paulo Freire vai procurar teu lugar, E, eu com a bandeira empulhada responder com muito orgulho: Freireano, sim, eu sou e sei também o meu lugar. Meu lugar é na escola, no campo e na construção, na fabrica e em todo lugar onde eu possa semear, construir e edificar e ver o povo mudando pela educação popular.

Um abraço carregado de certezas de lutas e conquistas
Aliança (PE), verão de 2021.

‘O correr da vida embrulha tudo’

Franceline Rodrigues Silva¹

Caro Paulo Freire;
Primeiro nunca me imaginei trocando cartas com uma pessoa tão ilustre quanto o senhor. O mundo só pode ter virado de cabeça pra baixo. E virou mesmo, não pelo fato da nossa correspondência por cartas, mas porque nesse momento histórico, alguns dos seus compatriotas detestam-no com todas as suas forças, atribuindo-lhe a derrocada da qualidade da educação brasileira. Porém para muitos, você ainda é fonte de inspiração.

Talvez essa notícia não lhe cause muita surpresa, pois provavelmente já sabia do preço de se conceber uma educação como prática da liberdade, crítica, comprometida com a participação de educandos e educadores. Uai, onde já se viu uma proposta educativa que professores e professoras também aprendem no ato de ensinar? Como pode educador/a e educando/a caminharem juntos no processo de ensino-aprendizagem, desvelando e recriando a realidade? Como pode a construção do conhecimento se dar pela dialogicidade e pela práxis? Como pode a leitura do mundo vir antes da palavra? Como pode a

1 Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação, da Faculdade de Educação da UFMG. Tutora do Curso de Pedagogia EaD/UEMG. Das terras de João Guimarães Rosa, eterna aprendiz e esperançosa.

educação ser vivida como um ato de amor e por isso um ato de coragem? E o homem, visto como um ser não adaptável, mas ativo, assumindo uma postura transformadora do mundo?

Suas ideias causariam, causam e sempre causarão estranhamento em algumas pessoas, pois parece quase insanidade alguém esperar uma realidade social, histórica e cultural diferente do que está posto, do status quo. Mas, talvez nunca como antes, tal necessidade de transformação se apresentou tão clamorosa. A pandemia esfregou na nossa cara a persistência da desigualdade educacional, mãe de várias outras desigualdades.

Embora a Constituição Federal de 1988 assegure por mais de 30 anos, o direito de todos à educação pública, gratuita e com padrão de qualidade e já comemorássemos alguns avanços, sobretudo na expansão do atendimento escolar no país, a pandemia do novo corona vírus demonstrou que ainda muitas crianças, jovens e adultos estão excluídos do direito à educação em sua plenitude, mesmo estando nas escolas.

No contexto pandêmico, perante a necessidade de isolamento social e do fechamento das escolas, a alternativa das aulas remotas, das metodologias ativas e do uso das tecnologias digitais não alcançou a todos, pois muitos não possuem água e sabão em casa para lavar as mãos e se proteger do vírus, ainda moram nas periferias urbanas e rurais sem acesso a saneamento básico. Essa gente também não tem computadores em casa, e internet veloz para manter seu direito à educação garantida. Por isso, em tempo de pandemia, muitos estão excluídos da educação remota.

Inspirados nas suas construções e pensamentos, na presença desses desafios, sabemos que a educação por si só não é capaz de decidir os rumos da história, mas sem ela, porém a sociedade não muda. Ademais, esse tempo reforça em nós a importância de escutar atentamente nossos educandos, respeitar seus saberes e ampliá-los

no sentido da leitura significativa da palavra, do mundo e das suas muitas contradições. A construção da relação dialógica permanente entre educandos/as e professores/as e sua atuação conjunta no sentido de desvelar e criar nova realidade parecem também ser chaves para buscar responder às muitas facetas do desconhecido que se apresentam ao nosso tempo.

Paulo, digo-lhe, para concluir esse nosso breve prostrar: a esperança nunca se fez tão necessária para a existência humana como agora, já que como você mesmo afirmou, precisamos juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo. Claro, não somos ingênuos, levamos conosco, uma bagagem volumosa em nossa peregrinação: os dados concretos da realidade, a ciência, a crítica, os sonhos, a utopia, a esperança. E a coragem, pois como diria meu conterrâneo Guimarães Rosa, “o correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. Muita coragem...

Saudações corajosas.

Belo Horizonte (MG), 15 de fevereiro de 2021.

Cartas que comunicam, educam e emocionam

Nhelma Magda¹

Saudações Professor Paulo Freire

Querido professor, começo essa carta contextualizando a importância de ler e de escrever cartas na minha infância, o quanto esta atividade é prazerosa para mim e como eu ficava atenta à chegada do carteiro, sempre na esperança de receber uma carta endereçada à minha pessoa. Depois do rádio, o carteiro era o elo mais importante da minha casa com o mundo lá de fora. E claro, as cartas que ali chegavam nunca seriam para mim. Mas eu sempre acompanhava a movimentação e a ansiedade com que os adultos abocanhavam aqueles envelopes brancos, emoldurados nas cores brasileiras.

Às vezes eles se retiravam da sala, para ler noutro lugar, às vezes rasgavam os envelopes ali mesmo e os olhos brilhavam sempre que as notícias traziam felicidade. Outras vezes nem chegavam ao término da leitura, porque dos olhos já vertiam água e do nariz fungados e suspiros. Era assim o impacto da leitura daquelas cartas naqueles ávidos leitores, o meu pai e a minha mãe.

Pensava eu eram notícias de irmãos e parentes distantes, por isso,

1 Mestra em Ciências da Educação, Professora Formadora da Educação do Campo do Estado de Pernambuco, Pedagoga, membro do Grupo de pesquisa O Lugar da Interdisciplinaridade no Discurso de Paulo Freire-FACIG- Município de Igarassu/PE.

as cartas eram tão carregadas de felicidade que os faziam rir ou chorar de emoção. Mas eu também percebia que as cartas de outros conteúdos, os deixavam com marcas na testa que não eram de alegria, nem de contentamento e não causavam tanto bem estar aos seus leitores. Foi assim, professor Paulo, só depois de algum tempo, que compreendi que jamais alguma carta chegaria para mim, pois eu só escrevia para as minhas bonecas, e bem mais tarde para algumas amiguinhas que se mudavam da minha vizinhança e as cartas dos apaixonados pretendentes. Mas o fato é que o ato de escrever cartas me é atrativo ainda hoje.

Os tempos e os recursos tecnológicos mudaram tanto, que até para se falar em cartas nos dias de hoje, tem sempre alguém a resmungar e nos chamar de saudosista. Porque não se lembrar de coisas boas, que rendem histórias para contar? Quem sabe um dia alguém de extraordinária sensibilidade, não presenteia uma cidade com um museu só de cartas, publicado em letras grandes e que alcancem o nosso tamanho e imaginação? Escrever cartas é muito bom, ativa histórias e memórias das diversas narrativas, e nos permitem botar no papel o que muitas vezes não conseguimos falar pessoalmente.

Ao ler sua carta me reportei às cartas mais famosas da história, a começar pela Carta de Pero Vaz, que descrevia os primórdios da nossa civilização, a Carta de Getúlio Vargas, a Carta Testamento de Oswald de Andrade ou a Carta de Bráz Cubas, dentre outras. Confesso que este formato de escrever nos faz voltar no tempo. Pois bem, estamos aqui para falar de cartas, as mais que didáticas cartas escritas pelo senhor Professor Paulo Freire, em seu livro intitulado “Cartas de Paulo Freire aos professores. Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra”, e me reportei às minhas aulas do Componente Curricular Educação de Jovens e Adultos, que lecionei por alguns anos no extinto curso de Magistério.

Naquele tempo, o meu discurso era fazer os meus alunos e alunas

entenderem a importância da leitura e do ato de ler no processo de alfabetização dos adultos. O que hoje me faz lembrar essa relação dialógica tão pertinente entre os aprendentes e os ensinantes em sua carta, mas confesso que até àquele momento ainda não me dava conta da importância dessa relação de ensino e aprendizagem como relação de dialogicidade tão visível neste texto. Ali eu falava do meu encantamento por certo professor, um homem de alma profundamente inquieta que nos deixou esse legado. Hoje, a exatos cem anos do seu nascimento, estamos a escrever cartas, dialogando com todo o seu legado.

Professor Paulo Freire, nosso conterrâneo, é tão contemporâneo que nos faz refletir para além dos muros da escola. Através de suas fabulosas cartas, nos convida a incursionar pelas estradas carregadas de afetividade pedagógica tão bem desenhada nas nossas memórias com amor e muito carinho. E como diz Adélia Prado, “o que a memória ama, fica eterno”. E eterno é o seu pensamento e todo seu legado deixado nessas cartas tão profundamente escritas e tão atemporais, como um poderoso recurso didático de múltiplas aprendizagens. Nas cartas em que o senhor nos deixou, estão estampadas muito mais além do que simples linhas são cartas de cunho profundamente filosófico, a serviço da democratização do ensino, pensada como ato político principalmente na relação social e dialógica entre ensinantes e aprendentes.

Através das suas cartas conseguimos viajar nesse universo como eternos aprendentes, que a todo o momento nos informa sobre a importância do universo da leitura e da escrita. Como professoras/es, nos apresentamos eternamente reflexivos e seguiremos grávidos e grávidas de perguntas que nunca fizemos na escola, também de respostas que nunca ouvimos, porque a própria escola não nos conduziu para isso, e mesmo muito tempo depois, ainda continua a separar o que devia estar junto, a leitura da escrita.

Ninguém mais do que do o senhor Professor Paulo, ressaltou a importância do ato de ler, e a importância dos diálogos entre aprendentes

e ensinantes. Ao percebermos que isso é o eterno descompasso que a escola carrega o tempo todo, em que mal consegue formar leitores/as seguros/as de que a leitura tem sua importância para a construção da vida humana. A ideia pelo senhor defendida de que para ler a palavra, antes precisa ler o mundo, também esboça uma realidade que ainda não foi entendida no contexto da escola.

Essa é uma realidade impregnada de desafetos, desalinhos pedagógicos, que teima em deixar de lado as práticas saudáveis e reflexivas na ação de educar-se que nos persegue enquanto ensinantes e aprendentes, quando não se compreende que quem ensina, primeiro aprende, quem lê o mundo melhora a sua concepção de ensinante, passando à condição de aprendente. E compreender o tempo todo que “estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos”.

Assim, tem nos ensinado a relação dialógica presente entre os diversos mundos existentes dentro da escola, porque a leitura e a escrita, no entanto devem funcionar de maneira emancipatória dentro do princípio da construção da pessoa enquanto um ser político, com criatividade e ousadia. É preciso ler este mundo com olhar crítico dentro da realidade abstrata, como garantia da formação permanente de aprendentes e ensinantes. Aqui segue o meu muito obrigado, por todas as lições apreendidas, não só como aprendente, mas, sobretudo como pessoa.

Entusiasmadas saudações

Igarassu (PE), 15 de fevereiro de 2021.

Um convite à transformação social

Robson Lima de Arruda¹

Prezados professores e professoras, Com carinho e, acima de tudo, comprometimento com a educação, escrevo esta carta pedagógica (DICKMANN, 2020), no intuito de que o dizer das palavras que aqui coloco possam servir à reflexão e inspirar debates no âmbito da formação permanente de professores. Espero que elas possam ser lidas com a disposição de quem anseia por uma educação crítica, libertadora e humanizadora e reconhece que, para isso, é preciso, também, partir de um projeto de formação permanente (IMBERNÓN, 2010, 2016), fundado na reflexão crítica sobre a prática (FREIRE, 2015) possibilitando um “movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2018, p.39).

Há 20 anos iniciei minha trajetória profissional numa turma de Educação de Jovens e Adultos e, de lá até aqui, fui me encontrando e me reconhecendo como um defensor da formação docente, dadas algumas leituras e vivências que fui tendo. Para mim, qualquer transformação ou revolução educacional que se pretenda realizar passa, prioritariamente, pelas “mãos” dos professores e professoras. Recentemente,

¹ Mestre em Formação de Professores (UEPB), Pedagogo (UEPB), Analista Educacional na Rede Estadual de Pernambuco e Diretor de Ensino na Secretaria de Educação de Santa Cecília – PB. E-mail: robsonlima13@hotmail.com

pude concluir um Mestrado em Formação de Professores, na Universidade Estadual da Paraíba, ampliando e aperfeiçoando minhas percepções sobre a formação docente. Entretanto, anterior ao mestrado, tive algumas experiências como formador em programas e projetos, dentre os quais posso citar o Pró-letramento, Projeto Trilhas, Brasil Alfabetizado, PNAIC, Programa Paulo Freire e o Profoco. Este último foi um projeto de formação lançado por mim, enquanto estive à frente do Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, na cidade de Santa Cecília – PB (2008-2013) e é de onde retiro parte de minhas motivações para pesquisar a formação permanente e argumentar que ela precisa ser pensada e construída em consonância com as realidades e demandas locais e produzidas, de modo colaborativo, entre formadores e professores que as vivenciam cotidianamente (IMBERNÓN, 2009, 2010, 2016).

Entendo que nenhuma educação se faz só de professores, mas tenho notado que sem eles é absolutamente impossível realizar um projeto educativo humanizado (FREIRE, 1967). Se não quisermos admitir que os professores são os principais agentes da educação escolar, também devemos reconhecer que não será possível falar em educação sem mencioná-los (CUNHA, 1989). Nesses termos, “não há proposta pedagógica sem professores” (LIBÂNEO, 2011, p.9). Mas, afinal, de que professores estamos falando?

Durante toda a história da educação, a escola e os professores têm sido forjados sob o domínio das elites políticas e sociais. Nesse sentido, em cada contexto e em cada época, um tipo de escola e de professor é “produzido” para atender a algum interesse. Geralmente, o das classes dominantes. Desse modo, há professores e professoras tradicionais, conservadores e autoritários, mas também revolucionários, democráticos, etc. Entretanto, algo que me inquieta é o fato de que, geralmente, a formação docente é trabalhada numa perspectiva alienante, apassivada e acríica, como parte de um projeto de educação que absorve a realidade sem refletir sobre ela, internalizando saberes em vez de

produzir consciência (CUNHA, 1989). Nesse sentido, insisto em questionar: que tipo de docente nos formamos e nos tornamos? Em qual projeto de educação nós acreditamos e o que temos feito para que ele aconteça?

A educação é uma poderosa ferramenta de transformação social, mas também pode ser usada como aparelho ideológico das elites sedentas por manter seu *status quo*. Ilustro o que digo lembrando Adam Smith quando propôs que os trabalhadores deveriam ser educados, desde que em doses homeopáticas, acessando apenas o mínimo para que permanecessem produzindo e fazendo crescer o capital (SAVIANI, 2011). Nesses termos, uma educação crítica, reflexiva, libertadora e conscientizadora, põem em risco os interesses das elites dominantes que costumam ancorar-se na alienação, passividade e submissão da classe oprimida (FREIRE, 2020b). Por isso, tona-se imprescindível e urgente repensar a formação docente, por meio de um movimento dialógico que se faça de dentro para fora, questionando toda forma de imposição que pretenda realizar pelos professores e professoras aquilo que eles e elas devem produzir com autonomia, liberdade e consciência.

Enquanto humano e docente, tenho me refazido constantemente e buscado adquirir consciência de meu lugar e papel social. Reconheço-me enquanto sujeito político e percebo que não existe neutralidade na ação educacional (FREIRE, 2020b). Por isso, enxergo meu lugar e o assumo como identidade. Não fujo dela. Assim, vou construindo uma práxis comprometida com a justiça, o amor, a humanização, a consciência, a esperança e a liberdade. E é nisso que me encontro com Paulo Freire e a boniteza de suas pedagogias.

Paulo Freire nos deixou alguns “recados” e, para entendê-los, foi preciso passar por um processo de desnudamento das injustiças sociais que despertaram em mim a justa raiva², a indignação e o desejo

2 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 56^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

de mudança. Este processo abriu possibilidades de um contato mais intrínseco com o pensamento freiriano, muito embora, no meu caso, isso não tenha sido consequência das ações de formação inicial e permanente dos quais participei e sim, de leituras de mundo que me levaram a reler Paulo Freire com outro olhar.

Em minha formação, desde o Ensino Normal até o Mestrado, o contato com a obra de Paulo Freire foi superficial e escasso, trabalhado numa perspectiva enciclopédica e pouco crítico-transformadora. Digo isso também embasado pelas conversas com outros tantos educadores profissionais que desconhecem a essência do legado de Freire ou, quando muito, possuem um saber insipiente sobre os ensinamentos que ele nos deixou. Cumpre destacar que a questão da apreensão da obra freiriana pelos docentes merece ser aprofundada em pesquisas qualitativas e, nesse sentido, deixo aqui essa sugestão.

Mais do que aprender sobre Freire, vejo que é preciso aprender a ler o mundo social, reconhecer e assumir seu lugar nele, para então transformá-lo. Entretanto, a transformação pode se tornar uma ação míope se não tivermos o apoio de boas lentes. Nesse sentido, vejo Paulo Freire como um farol que aponta para o mar tenebroso de nossa sociedade atual, nos encorajando ao resgate da humanização através da educação.

Nesses tempos em que a face mais perversa e escrota do conservadorismo assume lugar de destaque na cena política brasileira, a perseguição às ideias de Paulo Freire faz exatamente o movimento contrário: torna-as ainda mais evidentes e acessíveis. Nesse contexto, sugiro um (re)encontro com as ideias do educador que, em sua essência, são um convite para que nos levantemos diante das injustiças que continuam a produzir a exclusão e condenação dos injustiçados. Que sejamos capazes de nos indignar, mas sem jamais nos paralisar na indignação. Que nos ergamos e lutemos. Que tenhamos esperança, mas não do verbo esperar e sim, esperança do verbo esperançar, como

disse Paulo Freire (FREIRE, 2020b).

As obras de Paulo Freire compõem um legado de resistência e resiliência que traduz e ilustra o tipo de compromisso e postura que devemos assumir diante do mundo. Educar é um ato político, façam os professores e professoras a opção por serem autoritários e reacionários ou democráticos e progressistas (FREIRE, 2015, 2018). Todavia, que escolhamos nos engajar e nos posicionar contra as injustiças sociais. A essa altura, manter uma suposta neutralidade diante das injustiças de cada dia, nos calando ou nos omitindo, não mostra o quão prudentes supomos ser. Pelo contrário, revela de qual lado nós escolhemos estar: o da opressão. “Lavar as mãos” diante da opressão é optar por ela e ao fazermos isto, nos comprometemos com a desumanização e a assumimos como nossa face (FREIRE, 2015, 2018, 2020a). Nesse sentido, não basta apenas cultivar as ideias de Paulo Freire, mas “comprometer-se com a construção de um “outro mundo possível”. Sua “pedagogia sem fronteiras” é um convite para transformar o mundo” (GADOTTI, 2007, p.44)

Não há como fugir. Somos seres políticos e sujeitos de práxis. Desse modo, “não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto ou aquilo” (FREIRE, 2018, p.100). E assim a práxis vai se fazendo como uma ação *com* os indivíduos e não *para* eles que são sujeitos e não objetos (FREIRE, 2020a, 2020b).

Num contexto político em que a humanização dos oprimidos é vista como subversão (FREIRE, 2020b, 1967), torna-se urgente uma educação que gere consciência, que transforme otimismo ingênuos em otimismo crítico, que se comprometa com as causas dos oprimidos e os ajude a se reconhecerem como sujeitos que descruzam os braços, lutam e libertam-se. Em função disso, é necessário nos opor ao ensino bancário que deforma a criatividade e criticidade humana, que

aprisiona e condiciona, que limita e reduz nossa capacidade de consciência crítica a, no máximo, uma consciência ingênua (FREIRE, 2010, 2020a).

Mas, e agora? Que fazer para que a práxis freiriana se torne ainda mais presente no cenário educacional brasileiro? Como podemos reconhecer o legado deste que é considerado o educador mais importante de nossa história?

Conforme destacou Scocuglia (2020), Paulo Freire é um dos pensadores mais reconhecidos e premiados no mundo e, por isso, ele não precisa de mais homenagens e, sim, ter seu pensamento aprofundado, estudado, praticado e “reinventado”, como ele mesmo queria (SCOCUGLIA, 2020). Portanto, reinventar Freire é atualizá-lo e isso implica não fazer exatamente o que ele fez, mas o que ele faria se estivesse em nosso lugar, tempo, contexto e circunstância (CORTELLA, 2018). Nessa direção é que proponho a formação permanente como um espaço de debate, de (re)conhecimento, aprofundamento e atualização do pensamento freiriano.

Acredito que um diálogo constante, aberto, amoroso, amistoso e honesto, feito horizontalmente entre professores e formadores, pode servir de base para uma (trans)formação comprometida com a ética humana. Ao afirmar que educar não é transferir conhecimento, Paulo Freire nos ensina que uma educação verdadeiramente humana é tolerante, amorosa, humilde, corajosa, crítica, dialógica e destina-se a conscientização, emancipação, autonomia e libertação dos oprimidos do mundo (FREIRE, 2015, 2018, 2020a, 2020b). Assim também vejo a formação permanente. E se quisermos transformá-la em espaço de construção da autonomia e criticidade, precisamos nos animar e continuar esperando, ou seja, acreditando e lutando que uma nova sociedade será possível se nos comprometermos com a mudança (GADOTTI, 2007).

Cheio dessa esperança, despeço-me de vocês, caros professores e professoras. Espero que esta carta os tenha encontrado com saúde e vigor. Que jamais percamos a disposição e a coragem de lutar, de acreditar e de nos unir em prol de uma educação humanizadora. Que possamos (re)descobrir a força que existe em nossa ação e que não mais esperemos pois, assim como escreveu Geraldo Vandré (1979), “esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Abraços fraternos.

Com carinho,

Santa Cecília, 20 de abril de 2021.

Referências

CORTELLA, Mario Sérgio. Paulo Freire: utopias e esperanças. In: GADOTTI, Moacir; CARNOY, Martin (Orgs.). **Reinventando Freire**: a práxis do Instituto Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire / Lemann Center ; Standfor Graduate School of Education, 2018. p.21-28.

CUNHA, Maria Izabel. **O bom professor e sua prática**. 23^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

DICKMANN, Ivo. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1^a ed. Chapecó: Livrologia, 2020. p.37-51.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 42^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 56^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 24^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. 1^a ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 8^a ed. São Paulo: Cortez, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?**: novas exigências educacionais e profissão docente. 13^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras

aproximações. 11^a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SCOCUGLIA, Afonso. A pedagogia do oprimido e o legado de Paulo Freire. **Universidade e Sociedade**, ano XXX, n.66, p.100-111, julho de 2020.

VANDRÉ, Geraldo. **Para não dizer que não falei das flores**. São Paulo: Discos RGE-Fermata, 1979. 1 LP.

A desigualdade como máquina de produzir riqueza

LINDGES¹

Caro Freire,
Escrevemos essa carta num momento muito difícil em nosso país, neste Brasil que sabemos o quanto amou. E são justamente os brasileiros a quem mais sua atenção, seu afeto e o trabalho de toda a sua vida você dedicou que estão carentes de suas ideias, atitudes e condutas.

Como um grupo de pesquisas dedicado a pensar nos encontros, atravessamentos e contornos entre a educação e as linguagens desenhadas, vamos, ao mesmo tempo, narrando e desenhando essa conversa, assim como as compartilhagens de nossas pesquisas.

Desde que você nos deixou, o Brasil viveu muitas transformações, não sei se pôde acompanhar. Apenas 5 anos separaram você e o início da realização de muitos dos sonhos que alimentaram seu vigoroso

¹ LINDGES (Linguagens Desenhadas e Educação) é um grupo de amigos que pesquisam enquanto conversam, pesquisam enquanto leem e pesquisam (não nesse momento pandêmico) enquanto “molham as palavras” uns com os outros. Colaboraram com essa carta: André Brown, Deborah Trindade, Héliida Gmeiner, Jorge Lima, Marlene Nunes, Paulo Sgarbi, Thulio Dias Gomes

empenho. Os seus sonhos possíveis.

Sim, a nossa educação evoluiu muito. O sonho da alfabetização universal não foi inteiramente alcançado, mas se aproximou muito. O ensino superior deu um salto quantitativo. As universidades se multiplicaram no território brasileiro e ampliaram o acesso de modo que passaram a ser frequentadas também pelas camadas antes excluídas de suas salas de aula. Negros, pobres, indígenas e pessoas com deficiências puderam viver o antes utópico acesso ao ensino superior. As mulheres mergulharam na ciência e se tornaram maioria em muitas instituições de pesquisa.

Aliás, queremos falar mais detalhadamente sobre a importância da sua obra na organização de políticas públicas e na fundamentação da pesquisa acadêmica. Com alegria, contamos que “A pedagogia do oprimido” foi traduzida para mais de 27 idiomas e chegou a ser a terceira obra mais citada em trabalhos acadêmicos na área de humanas em todo o mundo. E isso é uma grande façanha para uma obra escrita em português.

Enfim, muito avançamos. Mas parece esquecemos ou não entendemos valores fundamentais que seu pensamento sempre defendeu: a emancipação, a autonomia. Ao falhar neste ponto, mantivemos nossa gente sob a tutela interesseira da elite. Foi desastroso... E aí chegamos onde estamos.

Para contar um pouquinho dessa história daqui de onde vemos e vivemos os acontecimentos, não nos comprometendo a fazer análise de conjuntura nos moldes partidários da esquerda, não mesmo. Vamos apenas organizando o pensamento e expondo algumas percepções.

Sabemos que participou do governo da querida Luiza Erundina e, por isso, deve saber sobre as entranhas do governar na política colonialista brasileira. Embora essa sua experiência tenha acontecido mais de uma década antes do que esse momento de que falamos e de

ter sido em uma esfera diferente do governo federal, fase progressista que durou pouco mais de uma década, a escola foi fragilizada pelas mesmas politicagens de sempre e mergulhamos num período quase tão obscuro como o que deixou você tantos anos longe do Brasil. Um tempo distópico em que afirmar a ciência, os direitos humanos e a igualdade social virou coisa de subversivos.

Nesse obtuso contexto em que o Brasil se encontra, uma pandemia se instala e ceifa milhões de vidas em todo o mundo. Nós, aqui do Brasil, não temos apenas o vírus, pois fomos vitimados por uma total ingerência que beira o genocídio. Centenas de milhares de vidas perdidas, alcançando a ordem de 4000 mortes diárias. São dores e lutos incalculáveis, e fome, miséria, a economia em frangalhos.



As escolas foram fechadas com a determinação de um isolamento social repentino, nos colocando diante de uma necessária mudança. Os paradigmas da educação já não nos serviam. E a tecnologia digital despontou como uma das principais ferramentas para quê? Como não poderíamos nos deixar transformar tão profundamente sem tensões, foi em suas ideias que encontramos abrigo nesse bombardeio.

A ironia disso tudo é essa coincidência (ou planos superiores) de ser

seu centenário bem nesse auge da pandemia. E já não o vemos mais sendo tão atacado como nos últimos anos. Assim, com imensa saudade e com a necessidade de apoio teórico, resolvermos escrever. Sim, a saudade há tempo nos habita e, movidos por essa saudade carregada de sentimentos de toda natureza é que desenhemos, nesta carta, pesquisadores das linguagens desenhadas que somos, as nossas percepções sobre as “leituras de mundo” (leituras, porque, à medida que o mundo muda, nós também mudamos). Em algumas horas, traçamos linhas de esperanças, mas, em outros momentos, a esperança se dissipa. Daí nos vemos perdidos em um mundo em que o negacionismo científico e a cultura do ódio se sobrepõem às relações de afetos e de transformação pessoal e coletiva do indivíduo.

E como falar em esperança para nossos estudantes quando já não a encontramos em nós mesmos? Não se trata de estarmos sendo pessimistas, Paulo. Estamos em um país (des)governado por políticos comprometidos com seus próprios interesses. Para eles, a educação é uma ameaça capaz de transformar o sujeito e de desenvolver competência leitora e crítica. E, como já é sabido, pessoas críticas lutam pelos seus direitos. E não é esse o projeto das classes dominantes.

Você propôs uma educação para além dos conteúdos para formar sujeitos reflexivos capazes de compreenderem o mundo em que estão inseridos. Assim, os sujeitos se tornam protagonistas da própria aprendizagem. Essa proposta foi considerada um ato de resistência e rebeldia no seu tempo. Décadas depois, você acredita que essa proposta de ensino ainda é considerada por muitos um ato rebelde e resistente? Talvez, até mais do que antes.



Queremos lhe contar uma de nossas experiências recentes com a alfabetização dos estudantes dos anos iniciais durante a pandemia. E vem à mente fragmentos dos seus textos que acompanham a trajetória docente de muitos em nosso grupo. Com isso, quem sabe, gostaríamos de contar com seu apoio teórico. Com o advento da pandemia causada pelo novo coronavírus de uma hora para outra, tivemos de ficar em casa para proteger a nós mesmos e aos outros com quem convivemos cotidianamente. Não foi fácil nos adaptarmos a uma nova rotina em que foi necessário evitar contatos pessoais, mesmos os abraços em nossos familiares, amigos e professores.

A aula, que antes era na escola com toda a turma, agora passou a ser a distância. Cada um está em sua casa, professores e estudantes conectados através de dispositivos tecnológicos. O afeto na educação tomou outra forma e se tornou outra coisa num movimento brusco da história.

Amigo Paulo, você não faz ideia das angústias vividas por cada professora e professor que buscou, e ainda busca, equilibrar-se em meio aos cuidados pessoais e coletivos neste contexto tão desafiador. Porém, para o bem ou para mal, mas com certeza pela necessidade, aos poucos incorporamos novos hábitos profissionais à nova rotina imposta por

conta da pandemia.

O que tirava o sono era a angústia de não saber como alfabetizar através de uma plataforma tecnológica em um formato completamente novo para a maioria de nós. A prática vigente até então era “dar aula” em uma sala com todos os estudantes presentes. Ainda que utilizássemos dispositivos tecnológicos em um momento anterior, esses não eram o meio principal para a mediação da construção do conhecimento.

Daí nos perguntamos como estabelecer relações de afeto, tão imprescindíveis para o desenvolvimento da leitura e da escrita, nessa etapa da educação básica mediada pela tecnologia? Como promover a interação se cada estudante está em sua casa? Foram muitas perguntas sem resposta nesse meio todo. Por vezes, nos sentimos órfãos de nossos teóricos, porque suas teorias não traziam explicações às nossas indagações. Na verdade, estávamos mergulhados em dúvidas e angústias e ansiosos por respostas prontas. No entanto, o mais urgente tem sido aprender com as dificuldades enfrentadas neste novo cotidiano (des)escolar.

Então, ao perceber que o planejamento e as práticas habituais não cabiam no formato de aulas on-line, retomamos leituras e estudos na busca de outros caminhos possíveis. Outra questão que suscitou reflexões e trocas entre o grupo foram as reclamações das famílias sobre a condução e apoio nas atividades escolares dos seus filhos.

Algumas famílias se angustiaram por desconhecimento das questões pedagógicas, enquanto outras famílias porque entendiam que o ensino era papel exclusivo do professor. Muitas das famílias do país, até o presente momento, não tinham o hábito de acompanhar o processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos. No máximo, davam atenção às notas registradas nos boletins escolares. Com as medidas de isolamento social a participação das famílias na educação das crianças

teve que ser modificada.

Caro amigo, foi preciso compreender como os estudantes percebiam a si mesmos nesse novo processo de ensino e aprendizagem. Em curto espaço de tempo, os estudantes não só dominaram as plataformas, bem como descobriram outras funcionalidades que os professores ainda nem imaginavam que existisse, acredite!



Os professores entenderam, à força do contexto, a necessidade de serem alfabetizados digitalmente. O conhecimento da linguagem digital se tornou fundamental para alfabetizar, além de expandir nosso conhecimento em um mundo cada vez mais tecnológico. Para além do próprio professor, foi necessário conhecer a linguagem digital porque essa é a linguagem da geração de estudantes no momento. Mesmo antes da pandemia, os estudantes já demonstravam o desconforto de adequarem-se a uma linguagem de ensino e aprendizagem supostamente dominada na escola. Nesse momento, lembramos de sua voz a dizer que o professor, enquanto mediador do processo de ensino e aprendizagem precisa ser um aprendiz. Pois, ao permitir-se ser aprendiz dos seus estudantes, a aprendizagem se torna muito mais

significativa.

Para continuar esta nossa conversa, Paulo, tem feito muito sentido afirmar que “a educação é libertadora”: No entanto, é preciso reconhecer que essa libertação começa dentro de cada um de nós, ao percebermos que não carregamos verdades, mas sim, incertezas. Um assunto puxa o outro, como diz o dito popular, e já íamos esquecendo de contar que a despeito dos desafios, alguns estudantes tiveram grandes oportunidades de aprendizagem.

Mas, infelizmente, essa é a realidade de uma pequena parcela da sociedade que tem como garantir os estudos dos seus filhos em escolas da rede privada. Essa não é de longe a realidade das crianças da rede pública, que tiveram seu direito à educação comprometido pela ausência de políticas públicas e de infraestrutura tecnológica básica para participar das atividades de ensino.

Enquanto grupo de pesquisas dedicado às linguagens desenhadas e sua relevância na educação, nos sentimos desconfortáveis com essa desigualdade. Nós estamos incomodados e inconformados por esses estudantes da rede pública de ensino que, além de não terem garantido seu direito à educação, também são negligenciados no acesso à saúde e à alimentação básica.

Alguns questionamentos acompanham a trajetória deste grupo traçado de sonhos, de lutas, de esperanças, de incertezas, de alegrias, de conquistas, de trocas de aprendizagens, mas... Como afirmar uma educação baseada na esperança e de uma educação verdadeiramente transformadora quando estamos resistindo a tantas forças contrárias?

Sem conseguir deixar de considerar “ligar o ventilador”, ficamos pensando em qual parte da autonomia em educação não entendemos nas propostas dos governos federal, estadual e municipal nessa época de epidemia. Ao pensar, como você nos coloca, que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor

que podemos ou não conceder uns aos outros’: custa-nos entender, por exemplo, que a educação seja transformada em atividade essencial do ponto de vista econômico para que, sem a necessária imunização dos profissionais da educação e cumprimento das normas de segurança para a situação por que passamos, as aulas presenciais voltem aumentando o risco à vida das pessoas, pois o próprio movimento de ir e vir de profissionais e alunos já aumentam enormemente os riscos de contágio.

Nesse sentido, caro Paulo, o “respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando” que devem pautar a prática docente fica comprometido por gestão hierárquica da educação que coloca o capital acima do social, ferindo, de uma só tacada, a autonomia, a dignidade e a identidade não apenas dos nossos alunos, mas de todas as pessoas que trabalham com os processos educativos formais, a quem restam a obediência e o silêncio.

Lembramos que, em uma das suas entrelinhas, você nos mostra que “toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta. Não importa que se faça através de meios drásticos ou não. É, a um tempo, desamor e óbice ao amor’: E aí, meu caro amigo, se temos uma prática política com base no “desamor e óbice ao amor’: como você diz, como pensar em liberdade? As constantes referências que os poderes constituídos têm feito à liberdade é quanto a ir e vir e de expressão, utilizando-a como argumento falacioso para defender, de um lado, que as pessoas não fiquem em isolamento social, promovendo, então, aglomerações tão nefastas do ponto de vista da pandemia, e, de outro, que se propaguem mentiras que só alimentam atitudes contrárias às recomendadas para o enfrentamento desse evento tão mortífero. “A saúde, para esta estranha democracia, está no silêncio do povo, na sua quietude’: rotulando de “subversivos” os que “ameaçam a ordem’:

É, caro Paulo... chegamos à conclusão de que, como você o foi, somos subversivos.

E quer saber? Apesar dessa nossa identificação subversiva, ultimamente mal reconhecemos suas práticas e seus sonhos no cotidiano das nossas andanças pelo “nosso” Brasil!

A paixão por ficção científica (mais pelo lado das maravilhas que a tecnologia e outros avanços do conhecimento científico podem proporcionar a todos nós) é muito grande em muitos de nós nesse grupo, entretanto, sabe aquelas obras onde aparecemos como escravos de um sistema autocrático, cruel e sanguinário, onde máquinas ou seus idealizadores nos cerceiam e controlam implacável e imperiosamente? Sim! Esses contos que nos fazem temer o futuro e que dilaceram nossa esperançosa alma. É esse futuro que se tornou presente no dia a dia: no ônibus, no trabalho, nos pais de alunos (aqueles alunos que nasceram com os germes para mudar o mundo, reconstruindo-o para o melhor que suas mentes poderiam sonhar), nos meus parentes, no caixa de banco, nas idas e saídas do Maracanã...

Muitos “cidadãos” brasileiros, principalmente os habitantes da cidade conhecida como maravilhosa, ao mesmo tempo como que controlados por robôs e transformados em tal, passando de zumbis apáticos celeradas feras acuadas em questão de minutos, sequer sabem discernir seus sentimentos e suas atitudes. Muitos, enclausurados numa bolha ficcional, em um minúsculo mundinho cuja atmosfera é composta apenas de elucubrações acerca da novela televisiva, da briga incessante das vizinhas, do resultado do campeonato de futebol, das intrigas dos colegas de trabalho, da opressão do patrão ou encarregado, do salário que não vai dar para o mês corrente ou da notícia sobre o político safado, corrupto, estuprador, assassino ou/e genocida. Não que tudo isso aí tenha que ser ignorado; faz parte, né? Porém, neles, reconhecemos um nada de perspectivas de futuro promissor

para além da remota esperança em acertar na aposta do bicho ou na mega-sena! Pouco ou nada de explorar a curiosidade, o espírito investigativo e a criatividade em seu intelecto para a produção de novos conhecimentos.

Difícilmente os vejo “viajando” em uma rica obra literária ou no estudo de uma pesquisa revolucionária, ou ainda, buscando uma maneira de contribuir alegremente para a melhoria da sociedade em que vive. Planejamento de vida, nem pensar! Para ser sincero contigo, Paulo, planejar o futuro em nosso país é para poucos. Somente para aqueles que submergiram em seus sonhos revolucionários (os seus, Paulo) e voltaram à tona auxiliados por mãos amigas providenciais, isso parece ser possível. Esse sucesso também se aplica, óbvio, àqueles que nasceram em “berço de ouro”: como diziam as avós, ou àqueles patrocinados/apadrinhados por esses bebês dourados!

Quando o Brasil oficial aposta na desigualdade social como máquina de produção de riquezas, estruturando uma escola pública cega como sua mola mestra, assassina propositalmente a criticidade autônoma latente; esta sim, indispensável ao pleno desenvolvimento de habilidades e conquistas do indivíduo em prol das também saudáveis conquistas sociais de seu povo. Terrível é compreender que esse plano cruel de escravidão é quase infalível em uma batalha Davidônica entre o poder constituído e o bom senso crítico consciente. E se os homens se educam entre si, como você mesmo dizia, isso repercute gravemente no receio que apontamos sobre o futuro do nosso povo, da nossa nação.

Enfim, o que vemos é o Brasil oficial em franco e covarde confronto com o povo do Brasil real. Um massacre surreal (que, por vezes, parece perpétuo), em épocas de pandemia mortal, em pleno século XXI.

Pois é, amigo Paulo... Hoje, onde encontrar você e seus sonhos no meio dessa perdida, aturdida, sonambúlica, ignorante, degradada e oprimida multidão? Mas algumas certezas temos: nós ainda

acreditamos e não vamos jogar a toalha! E as suas ideias mortais, já que ainda estão vivas, são a porta de entrada para a saída desta crise. Não importa como continuaremos, mas seguimos buscando fazer valer todo o ensinamento que nos proporcionou até aqui.

Um forte abraço desse grupo que o admira e à sua inestimável contribuição para a prática universal da educação, em todos os tempos desde sempre...

Cordialmente,

Rio de Janeiro (RJ), abril de 2021

Resistência

Josafá de Orós



‘Tiene mucha dificultad’¹

*Juan Eduardo Apablaza Soto*²

*Ana Lúcia Oliveira Aguiar*³

Mi estimado Paulo, una carta es un texto íntimo, sincero, generalmente con palabras sencillas, pero lleno de significado para quien escribe y necesariamente para quien la lee. En caso contrario, las funciones del lenguaje contenidas en el mismo no cumplen el propósito. Tarea que no me resulta sencilla. Soy un profesor joven, novato, con poca experiencia profesional y ante el gran legado que Usted nos dejó en sus múltiples lecciones de vida, suelo abrumarme pensando en el gran desafío que me queda por delante. Sin embargo, diferentes recuerdos y pensamientos surgen como torbellinos cuando pienso en la Educación como concepto, esos que me llevan directamente a mi experiencia de vida, desde que era estudiante de enseñanza básica.

1 Dedicado a la memoria de Paulo Freire, Orlando Valenzuela y José Elías Torres.

2 Juan Eduardo Apablaza Soto - Professor de Ensino Médio em História e Ciências sociais e Licenciado em Educação, pela Universidade Academia de Humanismo Cristão (UAHC). Especialista em Gestão diretiva de Instituições Escolares, pela Pontifícia Universidade Católica de Chile e a Escola de Graduados em Educação da Universidade de Pensilvânia (PUC/GSE-UPenn). Mestrando em Educação, na Pontifícia Universidade Católica de Chile (PUC). Diretor da Corporação Educacional Bosques de Chile (CBCH) e da Organização não Governamental de Desenvolvimento Holístico Humano (HOLISTIKHUM).

3 Ana Lucia de Oliveira Aguiar - Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) do curso de graduação em Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UERN. Dedicada às políticas públicas voltadas para a diversidade e inclusão.

Dificultad. Era un concepto que siempre aparecía en mi vida diaria, cuando los profesores destacaban una característica personal en mí. Marcante como cicatriz de hierro caliente, el calificativo “tiene mucha dificultad” se quedó conmigo durante mucho tiempo. Una persona que vive todo el tiempo con palabras como éstas, aprende a vivir con límites, asumiendo que la realidad es así y que no hay otra que aceptar condiciones siempre. Entonces, crecí viviendo de esta forma.

En esa situación, en la que mi integridad se estaba reduciendo y devaluando, aparecieron luces de faro y en buena hora guiaron mi bote hacia un refugio seguro. La luz entró en mí cuando un profesor de historia carismático y comprensivo valoró mis conocimientos de cara al curso, cuando yo todavía no creía en mis habilidades. Los gestos de consideración, aunque sean sutiles, son valiosos e incluso vitales a la hora de rescatar a un niño con baja autoestima. Era el momento de cambiar la percepción de la vida, de creer que todos tenemos un propósito, que todos los conocimientos y habilidades personales existen por una razón y que no deben esconderse, aunque pocos valoren el valor que tienen.

Dejar los miedos a un lado para vivir plenamente y beneficiarse de las virtudes requiere mucho esfuerzo y tiempo, pero es muy necesario. Los tiempos mejoraron, hasta que descubrí la pasión por casualidad, cuando ayudé a estudiantes de otra clase que se preparaban para un examen de historia. Era siempre difícil para mí hablar abiertamente con personas que no conozco, pero esta vez el valor de lo que estaba transmitiendo era el mismo que lo que estaban recibiendo, por lo que fue ameno compartir este instante y gratificante para mí.

Pensar en diferentes situaciones, en las que una persona muestra algo a una otra que quiere aprender, fue algo que me dio vueltas y vueltas en mi cabeza. Un tiempo después, inspirado por estas situaciones notables de mi vida, decidí iniciar mis estudios de historia en la Universidad Academia de Humanismo Cristiano, en Chile, fuertemente identificado con sus Ideas, Paulo, en la formación del profesorado. Fue

un descubrimiento revelador, porque era una época de cambios importantes, de necesidad de independencia, autonomía y de decisión sobre temas cruciales en la formación personal.

La realización de un curso de educación debería ser realmente una opción deseada. Cuando nuestro trabajo es para y con personas, las responsabilidades se duplican. El maestro no hace un trabajo como quien planta un árbol de duraznos y deja que la naturaleza haga todo el resto. Es el encargado de sembrar conocimiento en el estudiante, orientar el crecimiento, capacitar en habilidades para ayudar a combatir las amenazas y dejar ir cuando el conocimiento es maduro, por lo que su misión es social, es una responsabilidad seria que compromete la historia de las personas que se involucran en ese acto, que es enseñanza y aprendizaje. Esta responsabilidad la asumí yo, mientras trabajaba en mi formación profesional de la universidad. Me obligó a luchar contra las incertidumbres y los miedos personales, afrontando el desafío de desenvolverme en el espacio que me formó con miedos y desconfianzas. También con las marcas internas que dejaron en mí las prácticas reprobables de quienes me formaron y que quedan como ejemplos de lo que no quise ser.

Cuando nos comprometemos con nosotros mismos, para superar estas circunstancias adversas, realmente nos damos cuenta de lo que somos, lo que valemos, cuánto hemos ganado y cuánto más podemos seguir avanzando. Este proceso, que no es rápido ni automático, se desarrolla a medida que identificamos nuestras virtudes, nuestras debilidades y nos perfeccionamos. Mientras pasaba por la desafiante formación docente, casi con más errores que ensayos, comencé a percibir con mayor claridad las características personales, pues en el trato directo con mis alumnos y profesores veía el efecto de mis acciones.

Una vez más, un faro de luz iluminó el camino en mi tormentosa navegación. Esta vez fue un auténtico maestro formado en el rigor de la vieja escuela, pero con la dulzura y sabiduría que sólo tiene una persona con mucha experiencia. Cada lección fue especial porque supo

muy bien imprimirles algo que nos declaró en la primera sesión: Un maestro no es como tal si no tiene amor, amor por el trabajo que hace y amor por el aprendizaje de las personas. Aprender de él y luego trabajar con él fue una experiencia enriquecedora porque representó fielmente el concepto de maestro que definió este tiempo. En tiempos difíciles, cuando pensaba en desistir en la caminata, me animaba a no dejarme vencer, que no es necesario ser un excelente estudiante universitario para ser un excelente profesional. Pero, ¿cómo es eso? No existe una calificación real para medir el conocimiento que tienes, porque es infinitamente mayor de lo que es posible observar. Lo que es más importante es formarse como una persona que hace lo mejor por sí mismo y por los demás. Cada derrota es aprendizaje y esto es algo que siempre estará a tu favor, esto es conocimiento profesional y siempre servirá para enseñar a quien lo necesite.

Fue entonces cuando, ya graduado, aprendí de los éxitos y fracasos como nunca antes y muchas veces me pregunté, ¿cómo estaría Usted, Paulo, en esta situación complicada? Como profesor de escuela, mi primera asignación fue una compleja clase de sexto año básico. En él quise implementar cambios que no resultaron bien y terminé el año con mucha frustración. Pero, cuando volvieron las dudas sobre mi vocación después de evaluar ese período concluido, la madre de un alumno se acercó a mí para agradecerme por la gran motivación que despertó en su hijo las clases de historia, porque hasta antes de eso, siempre le habían dicho “tiene mucha dificultad”, y obtenía bajas notas. Pero aquel año, con mis actividades en la historia, se motivó a investigar más al regresar a casa. La madre vio este esfuerzo en él y también se motivó para regresar un poco antes del trabajo y acompañarlo en el estudio de la historia y luego, del inglés, de las matemáticas ... hasta que al finalizar el año logró el segundo mejor promedio final de la clase. Solo una conversación cambió el significado de todo mi primer año de trabajo.

*Aproximação. Neste momento, Paulo, penso que todos os seus ensinamentos com lições e marcas fortes quanto à importância de colocarmos em prática a admiração, o desejar fazer, o admirar-se, o esperar, precisamos lhe contar os desafios que abraçamos para a realização das viagens acadêmicas pela América Latina. Exato, nesse momento de pensarmos o que fazer, o que levar, o que compartilharmos e, ao mesmo tempo, decidir sobre quais países na América Latina visitaríamos, decidimos ir ao Chile. Santiago foi a nossa escolha. Não sabíamos como iniciar. No entanto, suas lições, Paulo, de que educar é correr risco, como está dito por você na obra *Pedagogia da Autonomia*, decidimos por fazer o primeiro contato com a Universidade Nacional do Chile. Viagem cheia de aprendizados e ampliação da rede de afetividades. Conhecemos Juan Eduardo Apaplaza Soto.*

Que belo encontro com um professor jovem, simples por natureza e repleto de amor ao próximo, Juan Eduardo. A dimensão da aproximação, conforme indicamos ao abriremos este parágrafo, permitiu aromas, embelezou nosso cotidiano, preencheu nossa alma. Partilhamos identidade, pertença, símbolos, ressignificamos encontros com nossos irmãos vizinhos. Aproximação que permitiu a troca de saberes e de fazeres. Uma rede de colaboração se encontra, até hoje, alimentada pelo esperar. Essa aproximação através dos laços firmados pela educação abriu espaço para transformações. Pelos caminhos vivenciados no Chile, naqueles dias de julho de 2018 atos, cenas, do ontem, fervem em meu coração, como fogo ardente de saudade. Saudade gostosa de sentir pelo encontro com infinitos Outros. Cinco da manhã, cotidiano marcador do tempo antropológico do acordar, acordo, acompanhante onde me encontro das águas Atlânticas no sentir o cheiro provocativo do canto da memória chamando as águas do Pacífico.

Memórias. Outra dimensão que nos permite navegar. Minha memória, Paulo, veleja como um barco tranquilo, ao encontro das histórias vividas em meio às Islas Negras nos poemas em Pablo Neruda. Sentada sobre pequenas relíquias das pedras adornadas pelo vai e vem das águas do Mar do Pacífico, fitando as marcas de sua jangada, ancorada por entre as pedras da casa principal, refestelo-me da incansável colheita dos frutos registrados no ethos singular como testemunho de vivências, testamento da vida! Sentimento inconfundível, posto que cada momento é um momento singular. Agradeço ao sentimento de amor, lições que estão em todos os seus escritos, Paulo, por escrever essa carta com meu grande amigo Juan Eduardo. Denomino de elementos pré-textuais, de Agradecimento, para dizer, primeiro, que o escrevi da forma como meu coração, há dias vem me prescrevendo pensar e decidir por fazer. É do modo como me sinto. A escrita advinda da minha alma amparará meus sons seguintes, apaixonados, vivos, quentes. Decidi seguir a voz e a escrita do meu coração. O enunciado Socrático “Conhece-te a ti mesmo” me empreende o dever de aproximação comigo e, em assim percorrendo, chego ao Outro. Buscamos a nós mesmos para qual lugar? Na busca de sentido para a nossa existencia humana e humanizada. Uma busca de si. Por esse caminho, a partir dele, ancorado e erguido nessa reflexão de mim, de si e do outro, faço esse percurso da busca pela compreensão de si para chegarmos ao valor das relações de vínculo.

Transformación. Después del primer concepto que resalté, este es el que quedó, especialmente después de esta revelación. El valor de mi trabajo representado en el éxito de mi alumno fue finalmente el resultado de la transformación en la vida de esa familia, impulsada por el deseo de aprender, por la curiosidad que invadió su mente para producir un cambio en los hábitos de estudio y desechar la idea de que

era una persona con “muchas dificultades”, calificación condenatoria e injusta para un niño con toda su vida por delante y que yo también sufrí cuando tenía esa edad.

Este es el significado de Educación. No se trata solo de formar, sino también de transformar mentalidades, lo cual no se puede lograr sin empaparse por el amor a nuestro trabajo y a los demás, ver en los ojos de los alumnos, empatizar con ellos, conocer de su historia para comprender las necesidades y tratar de cambiar estos problemas en nuevos aprendizajes para seguir creciendo. Al mismo tiempo, el profesor aprende del intercambio mutuo de experiencias y conocimientos... esa es una de tus lecciones que más atesoro: no es solamente mi estudiante el que aprende y yo quien le enseño, sino que yo también me beneficio de lo que me enseña y que aprendo de él, para ser mejores personas, interconectadas en una comunidad de saber, en una cultura del conocimiento.

Paulo, yo vi en Orlando, el profesor que tanto aprecié de niño, cuando más necesitaba de valoración, de ser visible; también en José Elías, el maestro universitario que me acogió y compartió generosamente su sabiduría; todas sus enseñanzas valiosas que hoy me inspiran, me dan fuerzas para no desistir en esta tarea titánica: entregar todo lo que yo sé a los estudiantes que más necesidad tienen de surgir, de vencer los prejuicios y barreras autoimpuestas, ayudarles a crear el valor personal que cada uno tiene y ser personas de bien en una sociedad que parece ser cada vez se enfrenta a situaciones críticas. Usted y ellos son mi luz señera, me acompañan espiritualmente y tengo la certeza de que nunca me abandonarán, mucho menos cuando las tormentas más fuertes se avizoran en el horizonte.

¡Gratitud eterna!

Chile, abril de 2021

Estudando e aprendendo cidadania

*Leandson Batista*¹

*Rodenilson Forte*²

Educador Paulo Freire,
Caro professor Paulo Freire, é com muita honra e satisfação que escrevemos esta pequena carta em sua homenagem, levando em consideração o grande educador, pesquisador e escritor, que têm sido para a sociedade brasileira. Suas teorias educacionais muito têm contribuído com a melhoria da educação no Brasil. É importante salientar, que além de professor, você foi militante do movimento social, onde lutava em prol da classe oprimida e dos pobres, que não tinham acesso à educação formal. Diante disso, sua atuação na sociedade, também deixou um grande legado de homem humilde e humano.

Neste sentido, esta carta vem reconhecer e agradecer por você ter sido um ser humano e um educador extraordinário. Inclusive, seus métodos de ensino ainda inspiram muitos educadores e seus livros

1 Leandson Aniká Batista. Graduando em Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), participou como organizador do primeiro Encontro Binacional de Meio Ambiente e atualmente é militante do movimento indígena.

2 Rodenilson dos Santos Forte (22/06/1998). Graduando em Engenharia Sanitária e Ambiental, na Universidade Federal do Pará (UFPA), atualmente é militante do movimento indígena.

são bastante consultados nas universidades. Por meio deles, é possível observar o quanto era difícil o ato de ensinar e aprender na época da educação tradicional: o professor ensinava e o aluno aprendia através da transferência mecânica (memorização). Uma educação defasada, sem contar que os professores e escritores eram marginalizados.

Naquele contexto, os educadores seguiam um sistema rígido de ensino. Mais rígido, ainda, era a condição de aprendizagem dos alunos, principalmente em época que remonta à ditadura militar, período em que o sistema educacional obrigava os professores a serem autoritários, ou seja, os únicos detentores do conhecimento. Sem contar que o ensino favorecia à classe opressora.

A carta que você escreveu aos professores³ enfatiza, com propriedade, o ato de ensinar e aprender, no qual o professor, enquanto mediador, deve partir da experiência de estudar para aprender e conhecer. O conhecimento em sala de aula deve acontecer de forma recíproca, ou seja, o professor ao mesmo tempo que ensina, também aprende. Por esse método, os alunos são estimulados a aprender a interpretar e não somente memorizar, fazendo com que se tornem cidadãos críticos.

Percebemos, ainda, que a educação formal está sob uma grande rede de interdependência, ou seja, não existe ensinar sem aprender. No ato de ensinar os professores também obtêm conhecimentos.

Por que é importante que todos tenham direito à educação? A sua carta nos faz refletir que a educação não se resume em ensinar e aprender; é algo que vai muito além. Ela nos dá uma visão crítica e filosófica a respeito de tudo aquilo que temos conhecimento. Outra prática importante que a carta nos induz a executar é o hábito de ler e escrever. Dessa forma, compreendemos a leitura como a maior

3 FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, Aug. 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>.

ferramenta para a construção do conhecimento.

A partir do momento em que a leitura e a escrita se tornam prazerosas na vida dos alunos, o conhecimento se torna indispensável. Além de ampliar o conhecimento, o hábito da leitura aprimora o vocabulário e dinamiza o raciocínio e a interpretação. O contato com os livros ainda ajuda a formular e a organizar uma linha de raciocínio e pensamento. Sem contar que a apreciação de uma obra literária é uma excelente aliada na hora de elaborar um texto escrito.

É muito comum durante a vida escolar observarmos que muitos alunos não possuem o hábito da leitura e da escrita, por afirmarem que não têm paciência para ler um livro ou escrever sobre algo. Isso torna limitável o desenvolvimento intelectual dos alunos. Por isso, é de suma importância que o hábito da leitura, deva ser estimulado ainda na infância, para que os indivíduos aprendam, desde pequeno, que ler é algo importante na vida e acima de tudo é prazeroso. Este é um esforço que deve começar desde a pré-escola, se intensificar nos anos iniciais do Ensino Fundamental e continuar nas demais etapas, sem limitações.

Para estimular o hábito da leitura, os professores devem apresentar aos alunos livros com temas variados, independentemente do conteúdo trabalhado em sala de aula. Isso é uma forma excelente de estimular a leitura e escrita dos alunos. Os professores também devem buscar métodos que promovam atividades de leitura em sala de aula, como por exemplo: Rodas de leituras, debates, e outras iniciativas que estimulem a reflexão e a discussão de temas diferenciados.

Por essa falta de estímulo relacionado ao hábito de ler e escrever, em muitas universidades/faculdades brasileiras é possível que, atualmente, existam números elevados de graduandos e pós-graduandos com grande insegurança em relação a escrita de textos acadêmicos. Se acontecesse o contrário, teríamos um índice melhor de qualidade na educação, em especial na qualidade da educação do povo amapaense,

que tem um dos menores IDEB.

É obvio que a leitura de um determinado texto se torna uma tarefa complicada e requer muito esforço para a sua compreensão e interpretação. Na maioria dos casos, a compreensão é trabalhada e forjada por quem lê, por quem estuda, sendo sujeito dela. Por isso mesmo ler e estudar é um trabalho que requer paciência e é muito desafiador; exige persistência, porém, é recompensável.

Existem alguns princípios como a ação comunicativa, a colaboração e a acessibilidade. O último citado é de fundamental importância na vida dos estudantes, pois é necessário que se apropriem de instrumentos indispensáveis para o desenvolvimento da leitura e do trabalho escrito. Poder consultar dicionários básicos e filosóficos, bem como, outros materiais necessários para o estudo é um direito que os alunos e professores têm, cabe às escolas tornarem possível o acesso a esses materiais.

Caro Paulo, você deixou claro que ensinar não se direciona simplesmente a repassar conteúdos para que o aluno os memorize. Ensinar é desenvolver a consciência crítica do aluno e, também, prepará-lo para a convivência em sociedade, para que ele, como cidadão, possa atuar de forma crítica, diante dos diversos desafios que a sociedade enfrenta.

A carta também orienta os professores a se prepararem para sua formação. Fala a respeito da importância da aprendizagem da leitura e da escrita, para que os educadores se transformem em mediadores do conhecimento com sucesso. Isso faz com que os professores tenham a liberdade de inovar seu trabalho em sala de aula.

Portanto, Paulo Freire, dedicamos esta carta a você, grande educador brasileiro, como forma de agradecimento pelas grandes e relevantes orientações contidas na carta por você dirigida aos professores. Ela tem nos mostrado que a educação tem um grande poder de transformar a sociedade. Por meio dela, todas as classes sociais têm oportunidades de lutar por uma sociedade igualitária, visto que ainda

vivemos uma triste realidade: há grande quantidade de crianças, adolescentes e jovens que não possuem acesso a esse bem tão precioso que é a escola (educação).

Obrigado, grande mestre, educador, pesquisador e escritor, por ter colaborado de forma significativa, para o desenvolvimento da qualidade da educação brasileira. Através de sua obra, muitos alunos e professores conseguiram ter resultados mais satisfatórios em sala de aula.

Com gratidão,

Aldeia Manga (Oiapoque - AP), abril de 2021

En busca de los eslabones perdidos

*Micaela de Vega*¹

*Noemí Bardelli*²

¿Qué diría el Maestro Freire de nuestra realidad?, ¿de qué modo nos ayudaría a pensar la humanidad y el mundo en este tiempo?, ¿qué posibilidades de transformarlos mediante la praxis educativa hallaría?

Imaginar a Freire dando vueltas por este mundo incierto y caótico nos permite como educadoras desde el Sur de nuestro continente construir una conversación apelando a la imaginación pero haciendo eco de sus enseñanzas para reflexionar a través de estas palabras dónde estamos y hacia dónde vamos. Si algo Freire nos dejó marcado a fuego es que la lectura crítica del mundo nos evita caer en la desesperanza ya que nos permite reconocer formas viables de ejercer resistencia para intentar la construcción de lo nuevo.

1 Profesora en Ciencias de la Educación (UNCo, Argentina). Es especialista en Asesoramiento Educacional (UNCO) y Doctoranda en Educación (UBA) Se desempeña como docente universitaria y es formadora de formadores, además de investigadora (UNCO) en temas vinculados a la evaluación desde el campo didáctico. micaeladevega@gmail.com

2 Licenciada y Profesora en Ciencias de la Educación (UBA, Argentina). Es Magister en Psicología Cognitiva y Aprendizaje (FLACSO-UAM) y Doctoranda en Educación (UBA). Docente en educación superior universitaria y formación docente. Becaria CONICET e investigadora en IPEHCS sobre temas vinculados a la enseñanza y los saberes docentes. noemibardelli@gmail.com

Hoy se cumplen 400 días de pandemia por covid-19 en Argentina y esta no es una situación cualquiera o una más para contar a las futuras generaciones. Es un fenómeno mundial que conmovió nuestras vidas por completo enfrentándonos a escenas impensadas por nuestra razón que renuevan preguntas y desafíos respecto a la igualdad en el escenario latinoamericano.

El impacto de la emergencia sanitaria en el campo educativo nos ha llevado a surfear un tiempo de suspenso que interrumpe lo escolarmente conocido, un tiempo de miradas atenuadas sobre las aulas vacías y un tiempo con momentos que quedaron paralizados en los calendarios escolares. Fueron más de cuatro estaciones las que paralizaron al mundo y obligaron a que cada adulto, joven y niño/a reasuma sus riendas en función de sus posibilidades y repiense su lugar en esta trama que sostiene la aldea global.

En tal escenario se alzaron las voces que de un tiempo lejano a esta parte siguen resonando como las lágrimas de una América que llora, de una realidad que de tan desigual que es, duele. Se ha dicho con insistencia que se multiplicaron las injusticias sociales por la situación de contingencia mundial y se ha profundizado la pobreza, el desempleo, la violencia y otros males que no nos dan descanso en nuestra tierra. Nuestras sociedades viven una desigualdad que se extiende en sus más diversos niveles: económico, político, social, cultural, educativo mientras que la igualdad, en esos niveles, está completamente ausente.

Conectividad, nuevas herramientas, plataformas, datos de telefonía móvil, recursos digitales, cámaras encendidas y mucha puesta en escena, fueron las palabras habituales que nos colmaron la agenda como educadores/as, que llenaron nuestra memoria, pero vaciaron ciertos sentidos.

Nadie podrá decir, porque decirlo sería una injuria política, que este tiempo es el causal de las desigualdades, por mucho que pese en cada agenda educativa la educación pública no ha estado en el tapete

del temario de la igualdad, por el contrario las escenas latinoamericanas que han transcurrido en la última década dejan caer por tierra lo que otros y otras lucharon hace ya un tiempo.

Lo pasado pero también nuestro presente nos obliga a pensar desde los sentidos más profundos acerca de ¿qué es educar?, ¿para qué educar? así como también, afrontar las consecuencias que implican repensar las condiciones necesarias para que esa educación sea mucho más que un discurso, tornándose hoy una urgencia para los/as docentes. Al respecto nos preguntamos ¿cómo arbitrar nuevos diálogos que construyan igualdad?, ¿cómo superar las grietas entre lo deseado y lo real, que sólo golpea una y otra vez a la misma parte de la historia?

Freire, gran caminador de sus calles brasileñas, con un profundo sentido de humanidad, instaló un colectivo de pensamiento, que atesoramos en la formación y prácticas pedagógicas y docentes. Hoy sus palabras “*nadie es superior a nadie*”³ nos resuenan en la necesidad de tener escucha atenta y verdadera, una disponibilidad permanente en relación con el/la otro/a y una serie de virtudes como el amor, el respeto, la humildad, el gusto por la vida, la apertura a lo nuevo, entre otras. Una vez más nos enseña como la igualdad no se opone a la diferencia, sino a la desigualdad. Todos/as podemos ser iguales y diferentes, lo que no podemos es ser iguales y desiguales, superiores e inferiores. En este sentido, la igualdad es una condición política de la diferencia, ya que sólo entre iguales es posible una afirmación políticamente deseable de la diferencia.

Esta simple frase de Freire, tan clara como contundente, tan real como necesaria en este tiempo, establece límites con los slogans de igualdad que por este tiempo parecen ser un trofeo de una carrera que aún no se corre. Es por ello, que desde cierta experiencia artesanal, que esgrime las resonancias de las voces por un lado de docentes y por

3 Freire, P. (1996). *Pedagogía de la autonomía. Saberes necesarios para la práctica educativa*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina.

el otro de estudiantes, que sí, pese a las condenas de este tiempo, han construido puentes de armaduras que buscaron mantener soportes, guías, sostén y el acompañamiento en el camino.

Acerca de los soportes para la igualdad. Pensar qué implica que algo “soporte” algo, nos remite a reconocer por un lado que hay algo que requiere ser atendido para su desarrollo, continuidad y/o permanencia, por el otro, demanda generar aquello que sea capaz de recibir el peso de lo que se busca sostener, para evitar que éste se caiga, se rompa o desaparezca. Es por ello que nos preguntamos en esta polifonía del término, ¿de qué manera la escuela sigue soportando como caja de resonancia la embestida de un mundo que desiguala a los iguales resignificando en su caminar su tarea de enseñar a otros/as a aprender, a pensar y a saber?

Acerca de las guías de la igualdad, ¿qué sería de un camino sin guías ni señales?, ¿qué sería de un gran viñedo sin sus guías de crecimiento? efectos que se desbocan del propio crecimiento sin indicios de los pasos que acontezcan, de lo que viene, de lo que se debe esperar, de lo que se debe porque es un derecho, y de lo que es necesario, para que el camino se transite. Orientar, dar señales, anticipar el camino, dar la mano, sentirse cerca se resumen en términos de igualdad en ayudar a otros/as a tomar la palabra a partir de una educación emancipadora que permita entender por qué el mundo es lo que es, evitando transformar todo en mercancía.

Acerca del sostener en igualdad. Si de sostener se trata la firmeza y la constancia para mantener y defender aquello que es inamovible e innegociable en clave de derecho reclama de la palabra unidad. Esta es una acción y, por lo tanto, una construcción humana, constituida por la libertad y la justicia que demanda un movimiento armónico, un estar siendo y haciendo “a la par” hacia un horizonte común, teniendo diálogos que busquen otras formas de construir desde la educación otra sociedad cuestionadora de las relaciones establecidas, del

neoliberalismo y del capitalismo actual.

Acerca del acompañar como acto de igualdad, en tal sentido siempre nos preguntaremos acerca de qué es acompañar, y sin más prisa diremos que ante todo es un acto de esperanza que acuna desde la idea de transformar, algo de aquello que se acompaña, así como también ensambla un acto de cuidado del otro/a que desanda sus temores en ese camino, siempre que cuente con la mano atenta y compañera de algún/a pedagogo/a obstinado por educar. ¿Qué otras maneras de construir cercanía y presencia, de poner el cuerpo en territorio, encontramos frente a un escenario de cuidado que nos demanda acompañar desde el aislamiento y el distanciamiento social?

La igualdad atraviesa la vida y la capacidad intelectual, pero también los saberes y los no saberes, el pensamiento y los afectos. En tal sentido como educadoras creemos que la posibilidad de seguir educando en igualdad y con la bandera en alto de la transformación y la justicia social en cada acto de enseñar. Somos, por lo tanto, parte fundante de ese puente de armadura que se tiende entre ese/a otro/a y la posibilidad de construir experiencias que den cuenta de la resistencia como propio acto de libertad.

¿Erramos o inventamos en la búsqueda de los eslabones perdidos hacia la igualdad? Siempre esto será una invitación a que otros/as reivindiquen al “Maestro” desde sus actos entendiendo que no transformarán al mundo pero sí a quienes están en él.

Com esperanza,

Neuquén (Argentina), abril de 2021

“No deje que su miedo a lo difícil lo paralice”

Griselda González Garrido¹

Ana Lúcia Oliveira Aguiar²

Apreciado Paulo,
Griselda Garrido - Ante todo, le agradezco cada una de sus cartas porque nos deja orientaciones poderosas para mantener una pedagogía viva que no se aletargue ni caiga en mecánicas aplicaciones de actividades didácticas sino más bien nos anima a ejercer la docencia con pasión, siendo conscientes del enorme privilegio que implica ser maestro, lo que acarrea una más grande responsabilidad.

Ana Lúcia - Com a mesma gratidão cada um dos seus ensinamentos, com destaque para as lições sobre a palavramundo, nos inspira para, nos ergue para o conhecimento do cotidiano, da realidade social concreta. Com as lições sobre conhecer o mundo como um exercício que precisa vir antes do conhecer a palavra é possível o conforto do admirar tudo o que está a nossa volta, apanhar cada pedacinho,

1 Abogado docente universitaria de la Escuela de posgrado de la Universidad Marcelino Champagnat en Lima -Perú. Su especialidad son las políticas públicas en educación. Enseña desde el año 2010.

2 Ana Lúcia Oliveira Aguiar - Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) do curso de graduação em Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UERN. Dedicada às políticas públicas voltadas para a diversidade e incluso.

cada marca, o aroma, o cheiro, os detalhes no movimento de ação/reflexão/ação.

Por tudo isso estamos escrevendo com o reconhecimento dos encontros que edificam aprendizados no processo de construção da vida. Foi com essa lição que nos encontramos, Peru e Brasil, em janeiro de 2018, no Peru, essas professoras que escrevem esta carta, uma vez na busca do encontro do outro no lugar do outro. Foi o que ocorreu e que trouxe compartilhamentos, partilhas, reconhecimento das narrativas de vida como lugar de ensinantes e aprendentes.

Suas cartas/lições, Paulo, despertam a valorização da vida em todas as dimensões, permite o olhar sensível, a escuta sensível, o aprender a aprender., o correr o risco de desafiar o desafio, de olhar para o outro como se fossemos o outro, atravessar obstáculos para os encontros com o novo que, por sua vez, permite mudanças, transformações.

Quantas vezes nos fragilizamos por não olharmos com desnaturalização a vida. Quanta potencialidade e possibilidade de erguermos nosso protagonismo o que nos coloca no percurso da conscientização que gera percepção do lugar, dos tempos, dos acontecimentos, dos sujeitos geradores de que é possível superar e perseverar no enfrentamento do conhecimento da condição que nos cerca, sobretudo com os desafios

Griselda Garrido - En su Carta titulada “*No deje que su miedo a lo difícil lo paralice*” nos habla del efecto que una dificultad o un temor puede tener en un estudiante. Nos da ejemplos de algunos temores a un peligro real o imaginario tal como una tempestad o a la soledad y lo relaciona con la dificultad que eso puede generar para comprender un texto.

Nos exhorta a no permitir que ese miedo nos paralice o nos lleva de-sistir de nuestro empeño de comprender el texto. Más bien nos invita a medir nuestra capacidad de respuesta para estar a la altura del desafío, **estudiando más**. Nos recuerda que estudiar es un acto esforzado y

riguroso que exige auto-disciplina pero que debemos afrontar como el **placer de crecer**. Mientras más dificultades encontremos más debemos esforzarnos recurriendo a todas las herramientas que tengamos a la mano y dejando fuera todo temor.

La carta nos alerta que podemos caer en la tentación de creer que estamos entendiendo el texto sin confirmarlo y nos anima a no tener vergüenza de reconocer nuestra dificultad o temor. Más bien anima al lector a introducirse apasionadamente al cuerpo de la lectura para extraerle la esencia misma y llegar al pleno descubrimiento de la riqueza que encierra. Para ello recomienda escudriñar y recrear el texto para apropiarse del mismo hasta el punto de poder retroalimentar al autor con una visión fresca y replanteada del texto original.

El resto de la segunda carta se concentra en describir las dinámicas que deben producirse entre el lector y el texto para manejar el vocabulario o el lenguaje científico y poder llegar a la verdad profunda expresada en el texto y a partir de ello crear nuevo conocimiento.

Para darte respuesta me quedo con su exhortación de repensar el texto de la carta desde mi propia perspectiva. Debo confesar que la primera parte de la Carta, me confrontó respecto al temor a lo desconocido o inexplorado y la parálisis que ello puede ocasionar en profesores y estudiantes. De inmediato me motivó a pensar en los actuales tiempos que estamos viviendo, es decir año 2021 (segundo año de Pandemia mundial a causa del Corona Virus) y los temores que estudiantes y profesores estamos enfrentando como parte de la pandemia y que están afectando nuestro proceso educativo.

Imagino que esta situación es como un *texto escrito en los rostros de cada uno de nuestros estudiantes* quienes se introducen en el proceso educativo, en medio de la pandemia, como una evidencia de su deseo de continuar sus vidas, a pesar que las circunstancias se lo traten de impedir. *Pero lo hacen en medio de temores, angustias y*

una gran inseguridad.

Igualmente, los profesores tenemos que enfrentar una forma de hacer educación para la que no hemos sido entrenados y para la cual tal vez algunos ni siquiera tengan vocación. Me refiero a la educación a distancia o en formato no presencial que de manera forzada y no programada tenemos que ejecutar. La pandemia nos ha obligado a reemplazar nuestras aulas por computadoras o teléfonos celulares y nos pone el duro reto de generar los vínculos afectivos que generen condiciones buenas para el aprendizaje de nuestros alumnos, a través de audios, escritos y video conferencias.

Nuestros esfuerzos por llegar al corazón del estudiante se ven limitados por las tecnologías que no son naturales para muchos de nosotros. Un corte de luz y no hay clase, una falla en la red y no hay clase, en cualquier momento podemos “freezarnos” (quedar con imagen congelados en el aula virtual) o perder el audio o el acceso al video.

Antes el aula de clase podía ser ese espacio físico a dedicación exclusiva del estudio en el que el profesor podía aislar a sus estudiantes de sus quehaceres o preocupaciones familiares para proveerlos de condiciones ideales para el aprendizaje. Hoy, tanto estudiante como profesor han incrustado el aula en el medio de sus casas, muchas veces invadiendo la privacidad de sus familias obligándolos a silencios o teniendo que lidiar con toda clase de interrupciones para poder cumplir con su obligación escolar. No podemos evitar que ladre el perro o que nuestro hijo o esposo hable tan cerca de nosotros que interrumpa nuestra lección.

Del otro lado está el estudiante, la persona a la que queremos “alcanzar” y que puede tener las mismas dificultades que nosotros en el manejo de la tecnología o condiciones físicas para el aprendizaje o peores aún. El tiene que ingresar a la clase, desde lugares que tal vez no le permitan mantenerse concentrado.

Se adiciona a las condiciones físicas de esta nueva forma de enseñanza las condiciones personales de cada uno de los actores. Tanto profesor como estudiante lidian cada día con el efecto que tiene sobre su proceso de aprendizaje, su circunstancia emocional es decir: el temor al contagio (suyo o de sus familiares y amigos), la falta de trabajo, la incertidumbre sobre nuestro futuro y, por supuesto la, cada vez más palpable, posibilidad de morir.

La cercanía física, ya no es más una herramienta. No podemos tocar la mano ni dar un pequeño toque de ánimo en la espalda de aquel estudiante que vemos deprimido o demasiado callado o que faltó a clase o que no entregó la tarea a tiempo. El contacto visual está mediado por una pantalla y en las clases numerosas se hace casi imposible pues ha sido reemplazado por un sinfín de recuadritos algunos que muestran solo una letra o una foto sin vida. La distancia física y emocional, entre estudiante y profesor, se ha agudizado y es tarea del profesor encontrar las maneras de superar esta nueva dificultad. Este reto puede infundir temor hacernos creer que no estamos a la altura o que no estamos en condiciones de resolver con éxito la situación, pero como dices: *no nos podemos paralizar*.

Cada clase el profesor queda a cargo del grupo, ligado a través de un vínculo imaginario que une a los integrantes del curso como un hilo invisible que surca los kilómetros de distancia que existen entre el hogar del maestro con las casas de cada uno de sus estudiantes. Para mantener el vínculo se ve obligado a enseñar, no solo el arte o disciplina a la que pertenece el curso sino además debe ayudar a los estudiantes a ingresar a la sala virtual, a encender su micrófono y cámara, a levantar la manito del aplicativo para hacer preguntas, a compartir pantalla para exponer su trabajo, pero sobre todo; a convencerse que ese ordenador o teléfono celular está verdaderamente generando un vínculo entre maestro y estudiantes.

Como solución a esta crisis, en su carta nos exhorta a *ESTUDIAR* con rigor y excelencia para poder dar respuesta y no paralizar. Efectivamente los docentes estamos estudiando: Hemos tenido que asistir a charlas, conferencias, webinarios sobre la educación no presencial para conocer las técnicas y estrategias que podríamos utilizar. Hemos tenido que buscar testimonios de otros profesores que han iniciado sus clases en línea para poder vernos reflejados en sus dificultades y sobre todo en sus soluciones. Hemos tenido que revisar estudios sobre los efectos emocionales que ha tenido la pandemia sobre los estudiantes para poder incluir en los cursos materiales apropiados que los ayuden a comprometerse con el aprendizaje a pesar de las dificultades y que no vayan a desertar.

Ana Lúcia - Exorta-nos às narrativas, discursos, falas e cenas da vida nos quais precisamos ser protagonistas. Atestam o refletir de uma trajetória de sujeitos, acolhendo o ser no mundo e com o mundo no caminhar do fazer, do saber e do sentirmos sujeitos de subjetividades, de identidade na esteira do pensar e praticar suas caminhadas, seus caminhos. Exorta mergulhar nos desafios, nos labirintos, nas veredas, nos medos, nas incertezas, nos silêncios a conduzir a construção da consciência social dentro de um novo que alimenta novas iniciativas, criatividades que não deixe esmorecer, revoga o cristalizar.

Griselda Garrido - El nuevo vocabulario que nos impone este “texto llamado Pandemia” son las palabras *Google-meet*, *Zoom*, *Teams* y otros aplicativos que tenemos que dominar. Además de otros conceptos nuevos como: *confinamiento obligatorio*, *agarofobia*, y *síndrome de ansiedad*. Frente a esto los docentes tenemos que estudiar, nuevas formas de contacto, y llegada a nuestros estudiantes. Incorporamos el whatsapp, el Facebook, el Kahoot, el Jamboard o el Genially para amenizar nuestras clases y llegar a la distancia a contactar con las emociones de nuestros estudiantes y motivarlos a

avanzar.

En su carta “De las relaciones entre educadores y educandos”, nos describe la necesidad que tiene el estudiante de ver en su profesor un ejemplo de coherencia. Entonces nosotros los profesores, quienes sufrimos los mismos miedos y angustias que los estudiantes por la pandemia, hemos tenido que reinventarnos. Hacer a un lado nuestros propios temores e incertidumbre para ayudar a nuestros estudiantes a seguir viviendo y avanzar. Concentrarnos en ser ejemplo de entereza, tenacidad y optimismo. Mantener el ánimo arriba y el amor por el conocimiento, en medio de una pandemia, con una distancia física obligatoria, mediados por una pantalla o usando tan solo un audio y seguir estudiando para poder comprender este TEXTO difícil y retador que se llama “la nueva normalidad”.

Nuestro éxito será, lograr el vínculo que nos permita aprender el uno del otro y terminar cada curso siendo TODOS mejores de lo que lo empezamos; MAS EDUCADOS - MAS HUMANOS.

Ana Lúcia - Esta carta, escrita a quatro mãos, traduz o encontro de duas professoras, de dois países irmãos, Brasil e Peru, que, de repente, ergueram uma rota de acontecimentos no abraço inspirado pelos ensinamentos de *À Sombra desta Mangueira*. Conhecemos-nos no outro, no lugar do outro e iniciamos essa experiência com base no admirar e no esperar impulsados pela cultura da paz. A educação libertadora, seus ensinamentos, Paulo, se instala quando realizamos a feliz tarefa prática e social de libertarmos-nos das amarras que nos impedem aos vínculos. A educação libertadora permite uma reflexão, cabe repisar, sobre a tomada de conscientização e leva os sujeitos a desvelarem sua realidade atrelando ao pensamento crítico reflexivo e nascendo entre eles o sujeito interventor e ator social. Com memória viva do passado que impulsiona planejar o dia a dia movido pelo esperar nos alimentamos, Paulo, de suas cartas/lições de casa, de vida. Perfazem uma rota do inacabado, sentindo-nos inconclusos e

com fôlego de vida para continuar na luta, resistindo.

Griselda Garrido - Por eso mi estimado Paulo Freire, ante este temor que enfrentamos y ante el cual estamos desarmados: *No nos paralizamos*, seguimos avanzando estudiantes y profesores, con ánimo, entusiasmo y mucha fe.

Gracias por todo, Paulo Freire!

Lima (Peru), abril de 2021

Ousadia é manter a esperança

Grupo Mariposa¹

Querido Paulo,
Te escrevemos juntas e juntos porque acreditamos na potência da comunhão. Te escrevemos com histórias de muitas vidas que se entrecruzam no caminho da formação, da vida e da partilha. Também, da luta, da revolta e da construção coletiva de outra possibilidade de mundo, na qual, precisamos de esperança.

Quando tu nos escreves a primeira carta, apresenta que o tema mais pertinente do qual precisamos dialogar é sobre a ousadia de ensinar. Paulo, em 2021, podemos afirmar que a ousadia é manter a esperança, e tornar ou fazer do esperançar verbo de luta.

Talvez, quando tu, na ditadura enfrentaste aquelas forças devastadoras, deves ter pensando também sobre isso, e com alegria e boniteza conseguiu estar presente aqui até hoje. Logo, com o processo de re-democratização, talvez esperançar fosse um horizonte que nos tocasse os olhos tão de perto, que acreditamos que chegaríamos em um lugar bonito.

Sabemos que foram tempos difíceis os teus, e agora enfrenta(mo)s aqui, mesmo que não saibas, tempos tão doídos quanto os de outrora.

1 Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação” – FaE UFPel - Surge da necessidade de refletir sobre o papel de grupos caracterizados como minorias sociais, visando à construção de ações políticas transformadoras. Integrantes: Livian Lino Netto; Andressa Barrios; Álvaro Veiga Júnior; Diônvera Coelho; Anelise Fernandes; Júlia Rocha Clasen; Tamiê Pagies; Aline Accorssi.

Tu, acusado de comunista, permanece até hoje na boca dos algozes que nos querem fazer perder a esperança. Esvaziaram de sentido e o significado das palavras e, dizer que queremos revolução pode parecer algo perigoso. Governos de extrema direita avançaram pelo mundo, chegaram ao poder pelo voto, discursos mentirosos e notícias falsas espalhadas pela internet. Construíram uma narrativa baseada em ideais de família, patriotismo e progresso. Desacreditaram a ciência. Aliás, arriscamos dizer que esta tem sido atacada diariamente, de diferentes maneiras.

No Brasil, depois de anos de um governo do partido dos trabalhadores (com muitas ressalvas a serem feitas), após o primeiro governo de uma mulher eleita, chegamos ao que é chamado por alguns de bolsionarismo: e são estes tempos inacreditáveis Paulo! Tu segues acusado de comunista e fizeram campanhas para que tu não sejas mais o patrono da educação no país. Atacaram as ciências humanas, os professores e professoras de ciências humanas em especial. Atacaram a educação. Existe uma PEC, 55 do “teto de gastos” – que declara 20 anos sem investimentos na educação e em outras áreas substanciais. Existiu também um projeto “escola sem partido” que, mesmo que o seu idealizador tenha o abandonado, nutriu a perseguição contra nós, professoras e professores. Sim, Paulo, nos acusaram e ainda acusam de doutrinação! Como ousar ensinar os conceitos de solidariedade, justiça social, igualdade fosse contra o que se espera de uma nação.

Querido Paulo, em 2020 o mundo entrou em colapso: o capitalismo chegou em níveis de exploração inimagináveis, um vírus (nomeado por muitos de democrático - dissemos que precisamos recuperar o significado de algumas palavras) espalhou-se. Evidenciou tudo o que em anos denunciámos: racismo, sexismo, extrativismo. É bem fácil imaginar o fim do mundo, e Paulo, como esperar?

No teu Recife, uma criança morreu pela negligência de uma mulher que não pôde abrir mão do trabalho de outra, negra e de periferia.

Matou seu filho, caiu do nono andar, e era pra estarmos (todas e todos) em casa. Morreu o Miguel, e dizemos, são muitos os *Miguéis* em 2020 e 2021. O vírus, que dizem ser invenção da China, se chama COVID-19. Mas Paulo, quem afirma que ele é resultado do neoliberalismo, da exploração e esgotamento ambiental, acaba ignorado. Estamos perdendo. Aqui, no Brasil, há quase 240 mil mortos e esse número aumenta. Como esperarçar?

Certa vez, por ocasião de tua participação em um programa de televisão, disseste que a ditadura estragou e continua estragando o nosso país. Se te contarmos que houve marchas pedindo a volta da ditadura e intervenção militar tu acreditarias? Logo tu, que estiveste feliz por ver as marchas dos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra e da via campesina pelo Brasil, e anunciaste que gostaria de ver ainda muitas delas, dos sem escola, dos sem trabalho, dos oprimidos. Corromperam nossas marchas e o teu medo de que não houvesse uma reinvenção do autoritarismo, aconteceu. Fracassamos, Paulo?

Porque é esse o sentimento que nos assola nesse momento, depois de um ano inteiro de ensino remoto. Estudos da Sociologia do trabalho falam hoje em indústria 4.0 e uberização – palavras bonitas para retratar formas mais cruéis de exploração da mão de obra. As imagens que assistimos hoje, em várias telas, reproduzem a exploração como uma dádiva, superação das dificuldades. Paulo, estão nos matando. Estamos doentes, medicados, ansiosos, com medo, exaustos. A palavra que melhor nos descreve nos últimos meses é ‘cansaço’!

Nos tiraram o que restava de dignidade. Deturparam nosso ofício de educadores/as. Empurram a nós e nossos estudantes para a frente da morte, e essa é muitas vezes lenta e sempre sofrida. Quem perdeu seus entes durante esses meses pandêmicos, não tem nem mesmo direito ao ritual de passagem. Interrompem sem dó e sem piedade qualquer luto. Acabou! Escrevemos esta carta, querido companheiro, aqui do Estado do Rio Grande do Sul, que hoje é governado pela direita liberal

e que, com o objetivo de pintar as cores do progresso, gastou milhares de reais em plataformas privadas para o ensino em tempos de pandemia. Nós, Paulo, temos a pior remuneração da classe em todo país. Recentemente, em 2019 fizemos uma greve. Não pense que foi para exigir melhorias do sistema de educação, não mesmo; foi pela manutenção dos direitos que já temos previstos na lei, na constituição. Como questionava Brecht, *que tempos são esses que precisamos defender o óbvio?* Por aqui, era apenas a manutenção do mínimo. Perdemos direitos todos os dias, na calada da noite. Quando raia o novo dia, não temos o que tínhamos antes. São tempos difíceis para os sonhadores, diz o roteiro de um filme francês de sucesso.

Por vezes nos sentimos uma farsa. É como se fingíssemos que ensinamos e os estudantes fingissem que aprendem. Nos controlam e, se não bastasse, não se pode falar abertamente sobre isso, pois nossa imagem vai para as redes. Somos expostos como ameaça à ordem e à democracia (outra palavra deturpada). Que revolução? *Designificaram* nossas lutas! Meus colegas são atacados por simplesmente relatar fatos históricos, e Marx é um nome quase que proibido, assim como o seu. Temos lutado todos os dias, para acordar e abrir os olhos, respirar profundamente e buscar um mínimo sinal de mudança.

Paulo, é preciso estar atento, forte e, não temos tempo de temer a morte. A morte, essa também foi ressignificada. Matam crianças com tiros de fuzil, somem com seus corpos e deixam mães desesperadas procurando o filho subtraído da vida sem nenhuma explicação. Matam as crianças negras, e quando não é de tiro, é de fome. Sim, voltamos para o mapa da fome.

Ensinar não é mais um ofício aqui, Paulo. Soterram-nos de burocracia, papéis, tempos infinitos e incontáveis. Temos telefones que não são mais nossos, nem nossa casa e nem nossa vida. Misturou tudo: casa, trabalho, e não nos dão a mínima chance de organização. Olha, era uma quinta-feira a noite, e estávamos todas e todos em um

conselho de classe; agora é pela tela da televisão (imagina o Orwell assistindo ao vivo o seu 1984?). Durante a falação do que tinha que ser resolvido, uma colega recebeu uma ligação e começou a chorar copiosamente: recebera a notícia da morte de sua irmã, ao vivo, na frente de todas/os nós. O que podemos fazer? O que fizeram? Nada, nada aconteceu aos burocratas. Temos prazo e metas a cumprir e a reunião seguiu como se não passasse de um ruído na chamada. Paulo, a vida não vale nada nos dias de hoje. Nosso presidente, em meio a pandemia, fez com que o cálculo fosse o seguinte: 6 armas por habitante, e 0,25 de vacina. Estamos no poço e ele não tem fundo, então, querido colega, nos ajude, como esperar?

Sabe, Paulo, tu nos disseste em Pedagogia da Autonomia que a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, e que sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Que só há história onde há tempo problematizado e não dado previamente. Ao nos deparar com isso em nosso diálogo mediado pela leitura, lembramos que, o futuro não está dado, ele é o que fazemos dele, agora. É organização política, e que a esperança é um sentimento de organização de classe. Precisamos nos organizar e lutar pelo futuro. Mas sabe, como fazer se estamos cansados? (extremamente cansadas e cansados).

Creio que é a tática de nos fazer desesperar, e olha, estão conseguindo. Nos querem ver sucumbir ao ódio como recuso de nos vencer. Inclusive, existe o Gabinete do ódio, uma máquina de produzir e contaminar a todas e todos com um sentimento soberano que destrói o amor. Aliás, os discursos, os contos, as narrativas, são construídos para que pensemos que amor e ódio são sinônimos: quando tu odeias uma coisa é porque tu a ama. Mentira! Deturpam as palavras para vencer uma guerra contra a alegria, a esperança, a construção coletiva, a justiça. Ao te escrevermos tudo isso, buscamos a esperança, porque escrever é um ato de desabafo, de revolta e de organização. Também, é preciso registrar essas atrocidades para que, não haja possibilidade de uma reinvenção da ditadura, porque devemos amar, construir e

compreender a liberdade.

E, falando em liberdade, é a de todas e todos. Do lugar que te escrevemos, somos um grupo e este grupo se coloca ao lado das minorias, para transgredir ao ódio. É preciso criar *Espaços de esperança*, como nos disse o David Harvey. Nosso grupo é um, de tantos e tantos espaços da esperança, que retomam a utopia para organizar a transformação. São mulheres, homens e jovens que querem sentir o calor da rua e que, como disse Drummond ao observar a paisagem de Brasília, feia, suja e corrompida, que uma flor furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

A literatura e a poesia, nossas conversas aqui por estas cartas, podem ser a utopia do mundo novo, não este que nos enfiaram goela abaixo chamando de “novo normal”, mas um mundo em que não precisaremos buscar incansavelmente pela esperança, por ela estará brilhando a cada abrir de olhos. Querido Paulo, precisamos retomar o significado das palavras, das marchas, das lutas, e da revolução.

Lembro da música de Jards Macalé que diz “eu estou cansado e você também, mas eu não quero ficar dando adeus as coisas passando, eu quero é passar com elas”, porque Paulo, “não sou eu que vai ficar no porto chorando, lamentando o eterno movimento dos barcos”.

Por fim Paulo, nosso querido companheiro, queremos te dizer que, outras pessoas no mundo espalham tua palavra. Temos nos encontrado com *bell hooks*, e sabe o que ela vem nos ensinando? Que precisamos te conhecer ainda mais. *hooks*, inspirada na tua palavra, lembra que a existência humana é radicalmente construída pela pergunta e que, é a partir dessa pedagogia que existe ação e transformação.

Terminamos essa correspondência com as palavras de Ursula Le Guin, por ocasião de receber um prêmio sobre suas obras de ficção, diz ela,

Acredito que tempos difíceis estão por vir, quando desejaremos ouvir a voz de escritores que consigam ver alternativas ao que vivemos hoje e possam enxergar além desta nossa sociedade, tomada pelo medo e por

sua tecnologia obsessiva, outras maneiras de existir, e que possam até imaginar possibilidades reais de esperança. Precisaremos de escritores que possam se lembrar da liberdade. Poetas, visionários — os realistas de uma realidade mais ampla. (...) Livros, vocês sabem, não são apenas mercadorias. A motivação pelo lucro está frequentemente em conflito com os objetivos da arte. Vivemos no capitalismo. O seu poder parece ser inevitável. Assim era o poder divino dos reis. Os seres humanos podem resistir a qualquer poder humano e mudá-lo. A resistência e a mudança muitas vezes começam na arte, e muitas vezes mais na nossa arte — a arte das palavras.

Querido companheiro Paulo, as tuas palavras são arte que no meio do caos nos fazem esperar, verbo de luta.

Alimentados pela esperança,
Pelotas, fevereiro de 2021

Esperançar e Resistir

Bernardina Freire de Oliveira¹

Caro Paulo,
Hoje, sexta-feira, dia chuvoso aqui em João Pessoa. Pela janela vejo um tempo cinzento, cor que parece querer ficar ainda mais opaca. O barulho da chuva serve de tampões aos nossos ouvidos, que já não conseguem ouvir os gemidos de quem habita um país, sufocado pelo sofrimento, pelo despeito à constituição federal, aos direitos humanos, à saúde e à educação, como cláusulas pétreas.

A chuva diminuiu, e volto a testemunhar o silêncio que subordina homens, mulheres e crianças. Mas, esse não é um silêncio de calma interior, trata-se do silêncio da letargia social que nos apavora. Uma letargia imposta pela arbitrariedade dos que querem calar a imprensa, punir civis, destruir as Universidades públicas, negar a ciência e minimizar a dor causada pela morte de mais de 400.000 pessoas, um genocídio. Parece estarmos diante de um filme que nos instiga a indagar o que pensam estas pessoas, presas em leitos, morrendo por asfixia, sob a justificativa da ausência de oxigênio, mas, com a certeza de um aceleramento com administração de doses de cloroquina, contrariando

1 Doutora em Letras. Professora do Departamento de Ciência da Informação, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (Gecimp). Ex-vice Reitora da UFPB (2016-2020). Presidente da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Areia.

todas as recomendações de pesquisadores e da ciência.

Um terror em geral ocultado e, em outros, comemorado em festas particulares pela vitória política cujo pacto deveria ser o de defender o povo e não os interesses pessoais e de grupos. O país tem testemunhado rostos que riem e se divertem, contrariando todas as recomendações das entidades de saúde, enquanto outros choram a perda de seus entes e, acredite, são muitos. Cercados ainda pelo medo do inimigo invisível, o vírus que se espalha feito rastilho de pólvora, porque “não há quem se responsabilize ou seja responsabilizado por um programa eficiente na aquisição, distribuição e aplicação da vacina”. Apenas divagam em discursos vazios e pouco producentes.

Temos medo. Isso é inevitável, Paulo, sobretudo quando nos deparamos com alguns parlamentares a gritar e a defender, de forma aberta nas redes sociais, com ataques extremistas à democracia e outras, de forma dissimulada, o retorno do AI5, do qual você foi vítima por defender a “educação para todos”, por acreditar em educação como modo de esperar. E o fazem sob cega, cáustica e mordaz justificativa de defesa do princípio da imunidade parlamentar. Um palavrório ideológico do momento, usando-o de acordo com as suas conveniências.

Ao assumir posicionamentos dessa natureza, os parlamentares chegam a renegar sua própria história e a esquecer de que, no passado, possivelmente seus familiares tenham sido afetados pelo AI5. Mesmo assim, insistem usando a voz que deveria defender os interesses do povo, mas a usam para defender a suposta e disfarçada PEC da imunidade ou melhor da “impunidade” parlamentar, com vista a alterar o Art. 53 da Constituição Federal, chamada de constituição cidadã, fruto da luta de tantos nomes, alguns lembrados pela história, outros silenciados e outros ainda esquecidos. Nesse ínterim, podemos indagar: onde ficam a luz da resistência social e a disposição de construir novo projeto nacional?

Entendemos, Paulo, que o Estado é um instrumento de mudanças

numa sociedade desigual e dividida como a nossa. Reconhecemos a sua importância, porém o que vemos é um grande túnel, e o caminho parece estreito demais. Viver a Constituição é o que nos parece justo e sensato. Quem sabe se um dia o Brasil poderá ser um país menos envenenado por animosidades e obsessões? Dar conteúdo a essa aspiração, poderá ser a chave para a solução de nossos problemas. Porém, antes é preciso reconhecer a estagnação de empregos e subempregos no Brasil, um país tão desigual. É preciso recuperar o que já se perdeu nesses tempos de euforia iludida.

Ah Paulo, temo o fechamento das universidades, por falta de quem as defenda. Há aqueles que defendem a si mesmos, como foi citado anteriormente, transformando os excessos cometidos por aqueles que deveriam nos representar em sujeitos impunes. Estamos sendo soterrados. O Supremo Tribunal Federal sofre ameaça e o parlamento responde aumentando o poder da impunidade. Cresce a dúvida sobre a possibilidade e a conveniência de alternativas institucionais.

Como então (re) agir, se o estado democrático de Direito *não* pode *prescindir* de sua pertinência em convívio social?. Como reagir, se a liberdade de expressão ficará, em princípio, dotada apenas para parlamentares que, mesmo custeados em todas as suas mordomias, pelos recursos públicos, insistem em não nos representar, principalmente os que deveriam defender diuturnamente a conquista da democracia, feito dos que a defenderam duramente. Mas Paulo, olho o parlamento e pouco me reconheço nele. Quase não ouço a minha voz. Vejo os meus sonhos sufocados e meus ideais vagando soltos, nessa imensa e desigual “Pátria Amada Brasil”. Eu, assim como você sou educadora e acredito no poder transformador da educação, como você nos ensinou: uma educação capaz de formar seres históricos, políticos, sociais e culturais.

Acredito, Paulo, na ciência em sua mais ampla pluralidade. Acredito no crescimento organizado para dar resposta à desigualdade extrema

que continua a ser a ameaça ao futuro do nosso país. Acredito numa política organizada para manter a atmosfera do engajamento e da mudança. Acredito no esforço de todos para recuperar e reconstruir o desenvolvimento, ligando as práticas de hoje às possibilidades de amanhã. Creia-me, Paulo, que sem um projeto consistente de reconstrução nacional e de vontades fortes capazes de sustentá-lo, estaremos imbuídos de uma retórica ameaçadora. Então, Paulo, você não acha que o correto seria combinar moderação nas palavras e arrojo nos atos em prol do povo? Em prol dessa grande nação? Penso que não há mistério nisso, nem é preciso usar truque, fazer mágicas, basta que nossos representantes nas três esferas tenham força de vontade e interesse político de modo transparente.

Confesso que eu sinto falta do diálogo acadêmico, por isso te escrevo Paulo. Sinto que no estado ditatorial, dissimulado, em que vivemos, sob constantes ataques a nossa profissão, conquistada por meio de concurso público, resultado de anos de estudo e dedicação, estamos revivendo o passado, obrigados muitas vezes a ouvir o ovacionamento público aos perpetradores da ditadura. Alguns aplausos que, sob seu comando, fizeram desaparecer muitos dos que nos antecederam e cujas lutas nos possibilitaram a continuar lutando com as únicas armas que conhecemos e defendemos: a do diálogo e do entendimento. Silenciamos-nos muitas vezes, por medo de ser o próximo a desaparecer sem respostas, como foi Marielle Franco; dos reitores e reitoras eleitas legitimamente e que tiveram seus lugares, democraticamente conquistados, e, logo, desrespeitados, afanados. Mas, o parlamento não correu para alterar a legislação. Todos calados e coniventes. Mas, correm como plumas soltas ao vento para mudar a concepção de imunidade parlamentar, arbitrariamente, para impunidade, os donos do poder esquecem que todo poder emana do povo.

Ao pensar em você, Paulo, que já me libertou tantas vezes, inclusive quando, oriunda de família pobre ingressei na universidade como

docente e dias, meses cansei de ouvir a sabatina sobre a que família eu pertencia, e você me estendeu a mão com seu “Freire”. Porque no fundo, ao dizer que era sua prima, parentesco por mim imaginado, mas nunca comprovado, fui bem aceita no meio acadêmico, quiçá liberada pelo seu sobrenome.

Paulo, você é uma das figuras mais originais da nossa era; o educador inteiramente consagrado à “Educação como prática da liberdade”, a educação para um país oprimido; um homem formado segundo a mentalidade exclusiva das pessoas éticas. Assim, o nosso tempo deve muito às suas ações e realizações, onde se pode notar uma prática do olhar que registra, descreve e se posiciona, quando leva a educação e a defende das censuras de subversão; quando alia a sua erudição às responsabilidades do intelectual comprometido e identificado com as aspirações da nossa sociedade. Hoje Paulo, infelizmente, o que se vê, muitas vezes, é a indiferença à sua intelectualidade, aos seus fazeres produzidos por longa vivência e engajamento.

Procuro neste momento, Paulo, cultivar a memória dos maiores, ou seja, a sua memória, prometendo não descansar até vê-la reconstituída e, ao mesmo tempo, destruída a ordem que, em nome de uma pseudo ideologia, tentou a destruição de seu nome como educador e escritor. Sirvam essas palavras, aos que a elas coadunam, a mesma promessa.

É inegável a influência exercida por você nos nossos meios educacionais, influência de espiritualidade, valor essencial, quando não dos seus próprios métodos e da sua própria didática, difundida por imensa literatura. É certo que a sua produção alcançou notável aceitação entre seus pares, ressonância de afinidades. Suas atitudes em face da vida são serenas, você nunca revelou deslumbramentos. Apenas uma esperança infinita; uma força positiva que lhe ditou como padrão de existência a capacidade de compreender o “outro”, de viver pensando no “outro”, de fazer pelo “outro”, com grande poder de autocritica. Você nunca buscou fama, viveu singelamente, e sua humildade preparou-o

para a germinação da semente, plantada em profundidade e em vigor, como forças convergentes, símbolo mesmo de sua vida sensata. Tentaram silenciar, de forma violenta, as suas obras, os seus feitos, mas sem ressonância, pois o seu espírito se plasmou, sua sensibilidade amoldou-se de uma vez para sempre. Isto porque, suas paixões são as de todos que se identificam com você, somadas e ampliadas, como uma estrela que recebesse a influência de muitas estrelas.

E hoje continuo com a esperança latente na “crença no ser humano oprimido, como opção ética e humanística de lutar contra sua opressão em favor da vida e da liberdade” e que esta será a única saída para o País chamado Brasil. E, manter minha esperança viva é um ato revolucionário, e eu quero esperar, por isso te escrevo com o propósito de que minha voz, chancelada pela tua, possa atrair um novo esperar, e juntos possamos fortalecer a corrente de resistência e em favor da democracia!

Com admiração.

João Pessoa, Parahyba do Norte em tempos de pandemia, 26 de fevereiro de 2021

Um sopro de esperança no meio do caminho

Juliana da Silva¹

Caro Paulo Freire,
A esperança é um ato revolucionário em tempos difíceis, principalmente na pandemia. A prática educativa diante dos novos desafios de ensinar em um contexto de incertezas, desigualdades e medos, tem afligindo vários professores brasileiros. Mas, a educação com seu caráter de autonomia subliminar, que se transformar mediante as piores circunstância, vem resistindo bravamente como um poema concreto da geração modernista.

Começamos por relatar experiências que me desafiaram e trouxeram várias inquietações durante a minha passagem, enquanto professora substituta do Instituto Federal da Paraíba, no contexto pandêmico do ensino remoto emergencial.

Em março de 2020, nossas escolas precisaram ser fechadas, pois o coronavírus era e continua sendo uma ameaça para saúde humana,

1 Mestra em Linguística pelo PPGL/UFPE. Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Unidade Acadêmica de Serra Talhada/ Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/ UAST). Foi Professora Substituta do IFPB - Campus Cabedelo entre 2019 e 2021. Desenvolve estudos na área da Sociolinguística Variacionista, com ênfase em estudos sobre concordância verbal. Integrante do Grupo de Estudos em Teoria da Gramática (GETEGRA) e do Núcleo de Estudos em Teoria Gramatical (NETEG/UFPE), Participou como integrante do grupo de Estudos em Política, Educação e Ética da UFRPE/UAST.

de lá para cá, vários outros dilemas foram estabelecidos, mas a esperança em poder voltar a abraçar nossos alunos, essa esperança ainda persiste.

Viver em tempos de ensino remoto emergencial, não tem sido fácil: são muitas telas, formações, reuniões e planejamentos. Não existe tempo cronológico de trabalho e acredito que o tempo psicológico que usamos para analisar narrativas seja mais viável neste contexto.

As desigualdades sociais foram agravadas neste contexto pandêmico. Os alunos tentam assistir aulas em meio a telas de celulares, e alguns até são contemplados pelos programas de assistências estudantis e alimentação. Entretanto, essas desigualdades insistem em prevalecer, seja na tela ou fora dela, temos um Brasil que luta pela fome em tempos de pandemia, onde deveríamos pensar na coletividade.

Pensar a prática pedagógica neste cenário é pesado, não sei se todas as teorias do mundo conseguiriam reportar este sentimento, ao mesmo tempo, que largamos tudo e passamos o dia inteiro em frente da tela, precisamos sair de casa para comprar alimentos e ir à farmácia. Vivemos em uma constante dicotomia, o medo tem nos orientado como uma bússola.

Mas, em meio ao caos, a educação ainda resiste como um sopro de esperança, são tantas pedagogias que remetem aos ensinamentos do mestre Paulo Freire que acalentam o nosso caminhar, compreender a realidade e ensinar com empatia, investigar a polissemia dos discursos que são reproduzidos, são tarefas desafiadoras e necessárias.

Se nos perguntarmos quais os saberes necessários para sobreviver ao ensino remoto? Uma das possíveis resposta seria “LEIA Paulo Freire”, nunca suas obras foram tão atuais, precisamos exercitar várias pedagogias no ato de ensinar e esses conhecimentos pedagógicos só podem ser adquiridos e sentidos na prática. E foi na prática mediada por tecnologias, em meio aos microfones desligados e conexões paradas e várias formações sobre metodologias ativas, que estamos

resistindo e trabalhando.

A história da educação na pandemia vem sendo moldada por vários heróis que trocaram salas físicas pelo Google Meet, que vem adaptando atividades e que mais fielmente vem praticando a empatia como forma de se colocar no lugar do outro.

O ato de ler nunca se tornou tão necessário em meio a infodemia que estamos vivendo. Pensando nisso, uma das experiências pedagógica que gostaria de compartilhar com vocês, refere-se ao projeto “procura-se um leitor no Instagram”. Apesar da pouca participação dos alunos, utilizamos o espaço das redes sociais para divulgar a leituras de obras dos autores modernistas.

Para Paulo Freire, como você mesmo disse, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Precisamos transformar o ato de ler a partir de experiências concretas mais interativas. A educação midiática tem desempenhado um importante papel neste cenário, pautada nos seguintes pilares: ler, escrever e participar.

Precisamos proporcionar experiências de aprendizagens que promovam a cidadania, a participação e o engajamento dos alunos. Sendo assim, as redes sociais são espaços de trocas para uma participação social consciente. Precisamos incentivar espaços de leitura dentro e fora da escola. O ato de ler é democrático e transformador.

Termino esta carta citando um trecho do poema de Drummond “no meio do caminho tinha uma pedra”. Que essas pedras representem a nossa resistência! Nunca a escola precisou tanto dos professores! Entre os vários questionamentos que surgem, a retomada ao ensino presencial só pode acontecer em contexto de vacinação em massa, pois vidas humanas importam. Falar sobre educação é contar as histórias destas vidas humanas.

Esperando dias melhores.

Pernambuco, abril de 2021

Inconformada, sim, mas cheia de esperança

Mary Lúcia Medeiros Baldaça¹

Prezado Mestre Paulo Freire,
Há quanto tempo!

Lembro-me, como se fosse hoje, quando, vinte e cinco anos atrás, você foi a mim apresentado, numa aula do curso de pedagogia, na disciplina de Educação Popular na Universidade Federal de Santa Catarina. Ao ouvir meu professor falando dos círculos de cultura, me imaginava sentada naquelas rodas junto a você. Naquele instante nunca mais me afastei dos seus ensinamentos, fiz deles alicerce em minha formação e princípios na prática e na luta pela educação.

Pensei que quando saísse da faculdade encontraria você toda hora em verso e prosa. Mas me deparei com diferentes formas. Trabalhando em escola pública, e por muitos anos, na periferia, encontrei você no olhar de muitas das crianças que passaram nas salas de aula em que lecionei. Aquele olhar reticente em que cabem dezenas de explicações, onde a indiferença, o abandono, a fome, o frio e às vezes a falta

1 Natural de Florianópolis-SC, tem sua formação toda voltada ao magistério desde o ensino médio. Ingressou a Universidade Federal de Santa Catarina e formou-se em Pedagogia – Supervisão Escolar em 1996. Inicialmente começou a trabalhar em escola particular nas séries iniciais, mas logo ingressou no ensino público como professora substituta na rede estadual de Santa Catarina, lecionando para o curso de Magistério no ensino médio.

de amor se traduziam em seus semblantes. Daí, eu respirava fundo e batia à sua porta, numa contínua releitura da realidade, procurando entender e ler o mundo que a mim se apresentava. Fechava os olhos e lembrava das aulas de Educação Popular novamente, e de todas as outras em que você se fazia presente.

Não foi fácil, porque ser professor no Brasil, você sabe... é uma tarefa difícil. Esperançar foi o verbo! Ser persistente diariamente e enfrentar as dificuldades junto àquelas crianças fez de mim uma professora inquieta e inconformada e que jamais perdeu o senso da indignação e justiça. Confesso que no afã de acertar, me equivoquei algumas vezes, errei muito. Mas, como você mesmo nos ensinou: “É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico, o velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.” Desse modo, fui ao seu encontro várias vezes, procurando entender o mundo e transformando seus saberes em ferramentas para que minha prática educativa se traduzisse ou ao menos se aproximasse de uma educação emancipadora aos estudantes.

Ah, como gostaria de encontrar você, e com tantos outros colegas, para em círculo conversarmos sobre o que estamos passando... Precisamos urgentemente fazer uma imersão em seus pensamentos e concepções! Porque somente nos debruçando em seus estudos, conseguiremos interpretar as políticas educacionais ou a ausência delas no contexto atual.

Em nossa atualidade brasileira, Mestre, a falta de atenção e interesse com educação desse país é no mínimo ultrajante e tem repercutido diretamente na formação dos estudantes mais empobrecidos, que estão pagando pela indiferença tecida na história da escola pública brasileira. É nesse cenário, Mestre, que continuo a esperar, porque acredito numa educação equânime que dê condições materiais

e intelectuais aos sujeitos para que interpretem o mundo. E que a realidade para eles não se constitua numa condição imutável, que eles possam escrever e modificar suas próprias vidas com liberdade e assim prosseguir com o curso dessa inacabada história da humanidade.

Esperando com saudades,
Curitiba, Paraná, 12 de abril de 2021.

Entre o conforto do trem e o balanço do mar

Luís Gustavo Rodrigues Marcondes¹

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado (Freire, 2007, p. 31).

Prezados/das/des colegas professores/as Um dia desses, dentro de mais uma reunião remota, dessas que tomaram nosso cotidiano, encheram nossas agendas e as telas de nossos computadores, participava de uma discussão-reflexão. O contexto da reflexão era a perspectiva de uma educação outra e do sujeito inacabado, observadas pelas escritas da pesquisa (auto)biográfica na formação de professores.

A conversa reunia diversos profissionais, mestres, doutores, alunos de cursos de pós-graduação, entre outros. Professores-pesquisadores, preocupados, ocupados e voltados ao processo de reflexão de sua r(existência) e permanência no âmbito da pesquisa e da prática docente.

Nas reflexões dessa tarde as colocações seguiam e em certo momento a fala de uma das professoras-pesquisadoras traz a conversa

¹ Pedagogo, professor de criança, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos–UFSCar–campus Sorocaba-Sp. Educador que pulou do trem e está com o bilhete nas mãos, em busca do porto.

uma analogia utilizando os escritos de Jean-Pierre Deslauriers e Michèle Kerisit (2008). Na analogia, dois tipos de concepção da pesquisa em educação e formação de professores são colocados: de um lado, a que é guiada por linhas férreas, e de outro lado, a que se guia por uma carta náutica.

Tal colocação me atravessou, me mobilizou, mexeu com minhas estruturas enquanto professor, enquanto educador que faz-vive a educação em todas as suas faces.

A professora-pesquisadora segue com sua contribuição: a pesquisa/formação que segue pelos trilhos desconsidera o sujeito empírico, abraça o homem como sujeito unicamente epistêmico, desconsidera as subjetividades, o ser de carne e osso, aquele que experiencia e se transforma por meio da experiência. Trilhos não permitem mudanças de rota, seguem o itinerário estabelecido, ocupam-se de garantir a chegada.

Por outro lado, a pesquisa/formação de professores que tem como orientação a carta marítima, interessa-se pelo sujeito e suas subjetividades, suas interpretações, reflexões e percepções, debruça-se sobre os “Eus” que o compõem. Cartas marítimas apresentam rotas, guiam o navegar, mas não o fazem de forma estática, cartas marítimas sugerem um caminho a ser seguido, consideram o viajante e seu percurso.

Tamanho o impacto provocado em mim pela fala que se deu, fui levado a re(visitar) a construção – inacabada- do meu eu-professor.

Fui transportado de volta ao ano de 2011, de volta a sala de aula do curso de Licenciatura em Pedagogia. Cursava o último semestre e naquela noite estava agendada uma reunião com a professora orientadora de minha pesquisa de conclusão de curso. Voltava meus esforços ao estudo dos processos de alfabetização em uma perspectiva de letramento.

Aquela era a quinta reunião, eu tinha menos de dois meses para concluir a pesquisa e naquele encontro, eu teria a devolutiva da escrita

final da introdução da pesquisa desenvolvida.

Recordo o meu desejo de justificar os motivos que me levaram a me aventurar a pesquisar os processos de alfabetização e, nessa busca, narrava de forma breve a minha primeira experiência leitora – o meu despertar para o mundo da escrita.

Uma lembrança simples, inocente, mas marcante, um divisor de águas, a abertura para um novo mundo, o mundo das letras, daqueles símbolos que eram tão importantes para a vida dos adultos e que, antes daquele momento, daquele despertar, não possuíam qualquer significado.

A orientadora lhe disse que não deveria se colocar no texto, que pesquisa era lugar de dados, de referências e não de experiências, de vivências. Não importava o pesquisador, só importava o objeto de estudo e exigiu que o trecho fosse removido.

Recordo-me que saí da sala, caminhei até o banheiro da universidade e chorei, de frustração, de impotência frente a autoridade que permeava aquela situação hierárquica, e talvez, tenha chorado de raiva, raiva pelo silenciamento de minha voz.

Ao revisitar essa experiência, pude ressignificá-la e compreender, com minhas subjetividades, a reflexão apresentada por aquela professora-pesquisadora.

Entendi que naquele dia a chance de ser guiado por uma carta marítima me foi tomada. O meu bilhete de viagem foi retirado das minhas mãos, à força. Não pude escolher, tive de trilhar um percurso que me foi determinado por outro, um percurso no qual não me reconhecia, não me encontrava, não me percebia.

Hoje, dez anos depois, na posição de professor me coloco a pensar: quantos bilhetes de viagem me foram tirados? Quantos caminhos trilhei sem tê-los escolhido trilhar?

E penso que todos nós – professores/as – já vivenciamos tais situações.

Em meus devaneios – gosto de devanear, de me permitir – fui levado a observação de uma cena.

[...] um homem, sentado na poltrona de um trem segue viagem. Uma viagem que não lhe tem significado e que, na maioria das vezes, não lhe agrada, mas ele aprendeu que é assim que se viaja. Os que vieram antes dele viajaram assim, inclusive chegou a encontrar alguns deles enquanto caminhava pelos vagões. Ele viu muitos que vieram depois dele embarcarem. Eles também receberam um bilhete que não desejavam, mas por alguma razão o aceitaram, embarcaram nesse trem, encontraram uma poltrona, sentaram-se e iniciaram a viagem.

Ele segue confortável, o trajeto não tem muitos solavancos. A poltrona é macia, agradável as costas. Naquela viagem, dentro daquele trem, sente que tem o que precisa, está ali há tanto tempo que já conhece os vagões, conhece os trajetos, chama o maquinista pelo nome, definitivamente sente-se confortável.

Veza ou outra, esse homem se incomoda e pensa nos motivos que o fazem permanecer ali, ele não se reconhece no caminho que traça, olha pela janela, a paisagem passa rapidamente, as árvores se tornam borrões, não há tempo para contemplação, o trem segue a rota, sem alterações, sem mudanças, ele segue, segue, segue...

E enquanto segue nessa viagem sem parada, observa a janela e ali se vê, refletido na luz que atravessa o vidro da janela. Ele vê, mas não se enxerga, o sentimento não é de identificação, é de incômodo, de estranhamento. Cerra os olhos e busca se aproximar do reflexo, busca se identificar, se reconhecer, se perceber na pessoa que ali está refletida. Não mais se reconhece.

E durante esse processo de se aproximar da janela, buscando se reconhecer, avista, no horizonte, o mar. É atravessado por essa visão, o mar grandioso, imponente, tão imponente que se não permitiu ser transformado em percurso, em caminho fixo, estático. Não permite

que sigam por ele de forma rígida, inflexível. Que exige, daquele que por ele viaja, o olhar atento, a observação, a movimentação, o agir. A re(construção) do percurso, percurso que é re(feito) e não seguido.

Aquela imagem o desperta, o mobiliza, o faz tremer. Lembra-se que há um tempo gostava de imaginar-se a navegar, imaginava-se em aventuras, criando seu caminho. Quantos sonhos ele tinha, quantos desejos que foram adormecidos.

Ele chegou a ter em mãos o bilhete necessário para embarcar em uma viagem marítima, o bilhete que o permitiria construir seu caminho, não o caminho feito por outro, o caminho que o permitiria, tendo como referência percursos já trilhados, construir o seu. Caminhar e não ser apenas levado.

Esforça-se para lembrar dos motivos que o fizeram perder aquele bilhete, duvida que tenha sido um só, mas não consegue mais elencar todos eles, foi há muito tempo. Recorda-se que o trem foi fortemente recomendado, disseram-lhe que a viagem era mais confortável, o trilho já estava traçado, todo o percurso já era conhecido pelo maquinista. Não teria de se preocupar.

Quando expôs o seu desejo de construir seu próprio caminho foi desencorajado: eu já tentei! – alguém lhe disse - é trabalhoso demais, inseguro demais, perigoso demais.

O caminho já traçado é caminho de conforto, caminho seguro. Hoje não se lembra a razão, mas decidiu dar ouvidos àquelas vozes, renunciou à viagem marítima, trocou os perigos daquela viagem pela segurança do trem.

O desejo de construir o seu caminho lhe toma de assalto, uma força crescente que se amplia a cada instante que ele passa contemplando o mar. Despertou!

O trem já não é mais aquele espaço agradável, no qual se sente protegido. As janelas fechadas o sufocam, a poltrona incomoda, o conforto do caminho não poderia ter se tornado mais desconfortável. Precisa

sair dali. Mas o trem não para, não reduz a sua velocidade, não aceita o desembarque, não deixa de boa vontade, que nenhum dos seus passageiros lhe recuse, lhe abandone.

É necessário coragem para deixar o trem, é preciso deixar muita coisa pelo caminho. E mais que isso, é preciso saltar do trem em movimento, como disse antes, ele não para, não espera.

Maior do que o medo é o incômodo, maior do que a apreensão é o desejo por uma outra viagem, a do mar. Junta suas coisas, um livro, um caderno de anotações. Guarda-as em sua maleta, levanta-se e caminha lentamente até a porta do vagão.

Em um ato repleto de desejo, deixa tudo o que conhece para trás. Se enche de coragem e salta do vagão!

Agora ele caminha por aí, na mão a maleta, as roupas rasgadas pela queda do vagão, no corpo, escoriações. Mas ele caminha feliz, feliz porque faz seu caminho, feliz porque escolhe por onde caminhar, feliz pois agora ele pode parar pelo percurso, pode se sentar e observar. As árvores não são mais borrões, cada folha tem sua forma, tem seu verde, cada uma é única.

E segue feliz!

Quando alguém passando decide lhe perguntar pra onde vai, pode responder: estou indo ao porto, estou indo buscar meu bilhete, vou viajar pelo mar, serei guiado enquanto faço meu caminho! [...]

E a essa altura, meu/minha colega professor/a, você deve estar se perguntando o que toda essa história sobre trens, barcos, ferrovias e cartas náuticas têm a ver com educação?

Pensei em quanto tempo faz que tenho sido um professor que segue a viagem pelos trilhos.

Quantos de nós estão sentados, dentro do trem, seguindo pelas ferrovias por que nos disseram que é assim que se viaja? Quantos de nós foram levados a acreditar que aquele bilhete, que garantiu o seu início em uma jornada que não escolhemos, é o único bilhete possível?

Quanto de nós, professores, sonhamos um dia com o nosso próprio caminho. Sonhamos chegar ao chão da escola para construir novos percursos, novos olhares, passear por novos lugares? Desejamos ser guiados, guiados sim, direcionados por aqueles que vieram antes de nós, que fizeram educação antes de nós, mas não apagados, reduzidos ao passageiro do trem, que não conduz o seu próprio caminho?

E de algum modo, por algum motivo, desistimos da viagem pelo mar. Os processos burocráticos que rodeiam a educação nos atravessam, nos mutilam, nos silenciam.

Quanto documentos norteadores, elaborados por aqueles que nunca pisaram no chão da escola, tivemos que seguir? Quantas vezes nossas vozes – vozes de professores que têm muito a dizer – foram silenciadas por normas, documentos, orientações, regulamentações...

E dia após dia, professores se cansam, cansam de não serem ouvidos, de serem invisibilizados nos processos educativos. Esses professores têm seu bilhete tomado, tem seus percursos reduzidos a nada, tem sua identidade de educador apagada e, acabam sendo levados a aceitar a viagem de trem.

São levados/as a exercer a docência com segurança, dentro de todos os regulamentos, a contemplar todas as habilidades previstas no currículo, a desenvolver as competências necessárias para um bom resultado nas avaliações externas, a concluir com sucesso os objetivos do ano letivo. Objetivos, na grande maioria das vezes, unicamente empíricos.

E não, esse texto não tem a intenção de atribuir culpa a esse/as educadores/as, pelo contrário, essa escrita tem como intenção a solidariedade a eles/as, cansados com suas jornadas duplas e triplas, exaustos de suas salas com números cada vez maiores de alunos que não conseguem atender, transpassados por gestões públicas que não lhes dão voz e vez, por gestores escolares que não democratizam o cotidiano escolar.

Professores fragilizados pelas péssimas condições de trabalho, pela baixa remuneração, pela desvalorização de suas funções, pela redução de sua prática a mera execução e aplicação de metodologias, pelo apagamento de sua capacidade de produção de conhecimento.

Minha escrita se preocupa conversar com esses educadores cansados, muitas vezes desesperançosos - e aqui, entendo a esperança no conceito de esperar – mas que de algum modo, por alguma mobilização que os cerca, permanecem, que existem outras viagens.

Essa escrita é um convite, um chamado a todos os educadores que, em algum momento, receberam o bilhete para a viagem de trem e, por se verem sem saída, decidiram embarcar na viagem segura e, em sua trajetória docente, estão sendo levados, carregados, transportados por caminhos nos quais não se reconhecem. É um convite: professor, re(visite)-se, retorne a si mesmo, volte a ser aquele que constrói o seu caminho.

Não vai ser fácil! Seria desleal de minha parte dizer o contrário. Saltar do trem em movimento machuca, ir na contramão de um sistema educacional que não quer que você pense, que luta para transformar seus professores em executores, silenciados, invisibilizados causa feridas, mas feridas se curam, dores cessam.

E ao pular do trem, não posso prometer que você encontrará o seu caminho rapidamente, mas posso garantir que enquanto caminha, encontrará outros como você, que saltaram do trem em movimento e estão construindo sua trajetória, trajetória essa que possui um objetivo em comum, perceba bem, um objetivo, não um final.

O objetivo é chegar ao porto, e lá estando, tomar posse do bilhete que um dia lhe foi tomado e iniciar sua viagem pelo mar aberto, sendo guiado por uma carta marítima, uma carta que aponta a direção, mas que não impossibilita a construção de um caminho outro, caminho no qual o professor não apenas executa, o professor pensa, constrói, cria, produz, o caminho da viagem da educação, viagem que é feita por

você, PROFESSOR!

Deixo aqui o meu desejo de professor. O desejo de que os cursos de formação de professores não vendam bilhetes para viagens de trem, mas apontem o caminho até o porto.

Que sejamos determinados, nunca condicionados.

A educação resiste! Nós resistimos, junto/as/es!

Termino aqui minhas palavras.

Nesse momento estou em pé, na porta do vagão, maleta em mãos, e tomado pela necessidade de uma viagem outra, tomo emprestada a força das palavras de Glória Anzaldúa (1981) – [...] “não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes, desentrem a voz que está soterrada em vocês” [...] - respiro fundo e decido pular.

E você, caro/a professor/a, pula comigo?

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 2007, p. 58).

Com afeto e amorosidade,
Sorocaba (SP), abril de 2021

Referências

ANZALDÚA, G. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Ensaio.** Estudos Feministas. Gloria Anzaldúa. p.229-236.

DESLAURIERS, J.P; KÉRISITI, M. **O delineamento da pesquisa qualitativa.** In POUPART, J. et al., **A pesquisa qualitativa:**

enfoques epistemológicos e metodológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Morales, 1979.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Entre o sonho e a realidade, a vida

Clebia Luiz¹

Caro Mestre,
É muito bom poder lhe escrever.

Hoje sou professora, pedagoga e pós-graduada em Supervisão e Orientação Educacional. Mas nem sempre foi assim, pois, estudei na “idade certa” até mais ou menos uns doze anos de idade, morava no interior-roça, e lá, como costumavam dizer, era necessário somente saber escrever o nome e fazer algumas contas de cabeça. Meu pai também pensava assim e daí parei meus estudos lá no início. Mesmo não concordando com essa “regra” do interior, não restou alternativa senão acatar, pois eu era apenas uma criança e tinha que obedecer. O tempo passou e eu cresci e continuei a morar na roça. Casei-me, tive dois filhos e, com o passar dos anos, me separei. Vim morar na cidade com os filhos ainda pequenos. Precisei trabalhar, mas não tinha

¹ Graduada em Pedagogia - Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Pós Graduada em Supervisão e Orientação Educacional. Trabalhei em algumas escolas particulares e já atuei como professora, Supervisora e, atualmente, trabalho com pré escola(G5) e também sou Coordenadora Pedagógica.

qualificação profissional. Então o jeito foi ir para a indústria que não exigia escolaridade. Trabalhei em algumas empresas da cidade, mas sempre com o pensamento de voltar a estudar. Certo dia criei coragem e me inscrevi num cursinho preparatório para concluir o ensino fundamental. Fiz as provas e fui aprovada. Tamanha foi a minha alegria! Mas era só o começo. Eu queria muito mais, e então me matriculei numa escola pública para EJA.

Oh!!! Mestre, eu me sentia realizada!!! Terminei meus estudos em três anos. Quanta emoção, finalmente havia concluído o ensino médio!!! Dois anos mais tarde, já com quarenta anos de idade, decidi prestar vestibular no ano de 2008 para pedagogia. Fui aprovada em uma Universidade Estadual do Rio Grande do Sul -UERGS. Minha segunda casa por quatro anos. Conclui minha graduação em agosto de 2012. Em outubro do mesmo ano me inscrevi para uma pós-graduação em Supervisão e Orientação Educacional, que também conclui com sucesso.

Hoje, sou pedagoga realizada profissionalmente, pois amo minha profissão, amo o que faço e amo trabalhar com EJA, onde fiz meu estágio docente. Fiquei encantada com os alunos e alunas da EJA, pois quando cheguei àquela turma conversei com todos e todas alunos para conhecer a realidade de cada um e cada uma e partir dali planejar, com eles, minhas aulas. Quase no final do meu estágio, alguns alunos vieram a mim para dizer que “agora estavam aprendendo de verdade e que não queriam que eu fosse embora daquela escola.” Foi muito gratificante ouvir deles aquela frase, pois eu estava recém começando minha trajetória na educação.

Atualmente trabalho com educação infantil, mas não desisti de ser professora da turma de EJA, pois essas pessoas estão ali porque realmente querem aprender, e eu as admiro e respeito muito. Como falei, trabalho com Pré II ou G5 e, também, sou coordenadora pedagógica

em uma escola particular da minha cidade de Bagé (RS).

Que bom seria se naquela época que voltei estudar eu pudesse ter tido a oportunidade de tê-lo como meu professor!!

Hoje tento passar para meus alunos que a escola é um lugar mágico e que tudo que sonhamos é possível realizar.

Um abraço de gratidão pelos ensinamentos, Mestre Paulo Freire.
Bagé (RS), abril de 2021

El cambio social siempre provoca resistencia

Sergio Suárez Ramírez¹

Ángel Suárez Muñoz²

Querido Paulo

Al leer en tu *Primeira* carta aquello de que “*Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido, daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita*”, es inevitable reflexionar sobre la repercusión que tiene hoy en día, en esta sociedad egoísta y consumista, la lectura; sobre qué función ejerce, sobre qué efectos produce en los ciudadanos.

1 Sergio Suárez Ramírez - Doctor y profesor en Didáctica de la Lengua y la Literatura con docencia en la Facultad de Educación de la Universidad de Valladolid, campus de Soria.

2 Ángel Suárez Muñoz - Doctor y profesor titular en Didáctica de la Lengua y la Literatura con docencia en la Facultad de Educación de la Universidad de Extremadura en Badajoz (España).

Cada día resulta más fácil encontrar ejemplos que nos obligan a pensar que la lectura, como elemento difusor de la cultura, no ejerce el efecto deseado a la hora de inspirar ideas, sino que, amparados en ese dominio cultural alcanzado, muchas personas hacen gala y muestran en público, sin ningún rubor, ideas hegemónicas, dictatoriales, discriminatorias, más propias de mentes nubladas y de ánimos enturbiados. Además, suele ser precisamente en los ambientes y círculos intelectuales donde se encuentra con más facilidad a personajes envidiosos, egoístas o envanecidos.

Paulo, quienes predicán los efectos terapéuticos y beneficiosos de la lectura creen que a través de ella se crearía un mundo más justo, más tolerante, más inteligente y más pacífico. Más humano, en suma. Como muy acertadamente decía Luisgé Martín en un artículo publicado en el diario El País en 2008 y titulado *¿Leer sirve para algo bueno?*, cada vez (y eso a pesar de los años transcurridos) es más cuestionable que los libros, y consecuentemente su lectura, produzcan beneficios morales en los lectores; no parece que les hagan más tolerantes, más comprensivos ni más humanitarios. También cada vez es más discutible que los libros (y la lectura que implican) puedan influir en la realidad; es decir, que un país lector no es necesariamente un país más democrático. Con demasiada frecuencia se pone como ejemplo que los nazis eran capaces, después de gasear a millones de judíos, de leer a Goethe con los ojos llenos de lágrimas.

Todo eso resulta más contradictorio y sorprendente cuando es una evidencia que constantemente se pide a niños y a adolescentes que lean, porque si no lo hacen, serán unos incultos y, como consecuencia de ello, unos desgraciados el día de mañana. Se olvida que muchos de sus ídolos y referentes, a quienes les gustaría imitar y parecerse (futbolistas de renombre como Messi, Agüero o Cristiano Ronaldo, por citar algunos), apenas terminaron su escolarización obligatoria y a duras

penas dominan la lectoescritura, aunque ganen todos los años cientos de millones de euros.

No está nada claro que quienes leen sean menos despóticos, dominen mejor sus impulsos coléricos, cumplan mejor que los demás las normas ciudadanas, manifiesten sensatez cuando se expresan o exponen sus ideas o proyectos de vida, sean menos violentos en sus conductas o, en definitiva, respeten más que otros las señales de tráfico.

Decías también, Paulo, que *“Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo; leitura do texto e leitura do contexto”*.

Tras varios años hablando de lectura, de técnicas de animación y promoción lectora, y después de reconocer cierto estancamiento en los planteamientos esbozados a lo largo de los mismos, es fácil y, en cierta medida lógico, caer en la desazón con que se hace esta reflexión.

Por otra parte, tras algunos años de investigación y encuentros en los que se han intercambiado experiencias, en los que se han consolidado grupos, en los que han surgido seminarios y redes en el ámbito universitario; años durante los cuales se ha contagiado el interés y preocupación por esta manifestación cultural (la lectura), primera y fundamental para el acceso a otras fuentes del saber y del conocimiento, sea conveniente reflexionar, realizar un balance, revisar el camino recorrido y los resultados obtenidos.

La primera evidencia que aparece es que, probablemente, nunca se ha hablado tanto de lectura; nunca se ha investigado tanto; nunca tantos colectivos e individuos se han sentido tan implicados en su fomento y consolidación, sobre todo con niños y jóvenes, herederos de las generaciones futuras.

Dicho esto, hay otra evidencia que se hace presente: la transferencia de resultados entre los colectivos e instituciones que investigan y discuten en torno a la lectura y los que se ocupan de la educación primaria y secundaria y, por tanto, de su aplicación en la práctica, deja mucho

que desear.

No se ha sabido canalizar aún, suficientemente, las experiencias y demandas de estos colectivos dedicados a la formación de niños y jóvenes hacia el ámbito investigador y universitario para comprobar qué funciona ya y, por el contrario, qué aspectos conviene ser revisados y reactualizados.

Sigue habiendo, en definitiva, una fractura aún demasiado acusada entre quienes tienen la obligación de innovar, investigar y proponer, tras estudios científicos contrastados, métodos, estrategias y metodologías diversas y quienes pueden y deben llevarlas a la práctica en las aulas, cambiando los patrones que no funcionan y poniendo los cimientos de nuevas prácticas en las generaciones jóvenes como para creer que en pocos años se conseguirá cambiar los datos y estadísticas tan negativas con que ahora se nos presenta la actividad lectora, la comprensión y, por derivación, los niveles culturales de la ciudadanía.

Paulo, la fractura de la que hablamos, esa distancia que impide aplicar en la práctica lo que se investiga en el ámbito universitario, por un lado, y conocer mejor las necesidades y demandas de niños y jóvenes, por otro, no tienen un único origen.

Las administraciones que aportan importantes cantidades de dinero en la financiación de Proyectos y Estudios siguen teniendo una asignatura pendiente, un talón de Aquiles de notorias consecuencias: no transmiten adecuadamente los resultados de las investigaciones, las propuestas de mejora, a los centros de formación primaria y secundaria, por lo que todo el esfuerzo realizado en analizar una determinada realidad o problemática queda en nada; los resultados y por dónde deben ir los nuevos planteamientos que deben mejorar la situación de partida son conocidos únicamente por unos pocos

Igualmente, las administraciones han apostado muy fuerte por las iniciativas en torno a la lectura entre los profesionales de la educación en los ámbitos de primaria y secundaria; han aumentado notablemente la dotación económica para incentivar a grupos capaces de iniciativas innovadoras; ha multiplicado los cauces de difusión de experiencias entre ellos con la intención de que, cual efecto dominó, se propaguen y se generalicen de manera automática. Pero, esas experiencias, esos

trabajos de innovación en el ámbito de la educación básica y obligatoria, no se conocen suficientemente en el mundo universitario y de investigación.

Una de las consecuencias es que, probablemente, se investiga sobre aspectos que no son demandados y, por el contrario, se desconoce qué necesitan los docentes y, por extensión, los niños y jóvenes. Otra consecuencia es que tampoco se conocen al detalle las experiencias que se desarrollan en los centros educativos, ni los profesionales de ellos saben por dónde caminan las investigaciones en la materia.

Siempre ha sido importante la distancia entre los niveles de primaria/ secundaria y el de la universidad, olvidando que esta última representa el ámbito específico de investigación y también el de la formación de formadores.

Es necesario, cada día parece más evidente, dejar de estar de espaldas y mirarse de frente, conocerse e intercambiar propuestas y resultados. La iniciativa, sin duda, debe partir de la Universidad por obligación, por medios y por responsabilidad social. Nuestros encuentros, seminarios, redes o como se quieran llamar, deben tomar la iniciativa y sopesar cómo se propicia ese encuentro y cómo contrarrestar y superar la falla que nos separa.

Cuánta razón tenías al decir que *“Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever”*.

El asunto tiene su importancia. Siguen pasando los años y se siguen conociendo los análisis de organismos internacionales (OCDE, UNESCO, etc.) que insisten en los bajos niveles lectores de niños y jóvenes; en las tasas de analfabetismo en muchos casos estancadas.

Esta situación que se describe se amplifica con la irrupción de Internet, la formación virtual y los nuevos formatos educativos. Se comprueba con sorpresa la implantación y generalización de Internet y la enorme repercusión mediática, cultural, económica, política, etc. que ejerce sobre todos los ciudadanos del planeta. Y, por consiguiente, el valor que cada vez más tiene la lectura, pues no olvidamos que en la Red representa un porcentaje muy grande como técnica utilizada para facilitar el acceso a los contenidos que se ofrecen.

Sólo ciudadanos críticos y formados, como muy bien tú, Paulo, decías, podrán sobrevivir en la aldea global con independencia y criterio. Los que no lo sean, acabarán siendo víctimas de influencias y manipulaciones y, por tanto, ciudadanos privados del don más digno que nos puede dar la naturaleza, la libertad. ¿Qué son capaces de interpretar los usuarios de internet tras la lectura de textos o imágenes? ¿Se produce, como sería deseable, una comprensión adecuada de lo que se lee?

Un nuevo compromiso se ha adquirido con Internet y la cada vez más extendida formación on line o virtual y la difusión de materiales en soportes electrónicos. Mientras que la transmisión de información de manera presencial tiene un componente esencialmente oral, la virtual o a través de internet insiste en el proceso lector, en su aspecto más básico (la lectura mecánica o deletreo de letras, sílabas y palabras), y en su aspecto más generalizador, las 'otras lecturas' (imágenes, sonidos, intenciones, etc.).

Es evidente que los nuevos formatos electrónicos y virtuales exigirán nuevos esquemas y modelos didácticos. De hecho ya se empiezan a cuestionar algunos principios sobre los que se sustentaba la buena enseñanza presencial: la figura del maestro o docente. ¿Cómo facilitar el proceso lectoescritor en este nuevo escenario y con estas nuevas condiciones?

Paulo, hay obligación de reflexionar sobre esta cuestión y también sobre los aspectos que deberán acentuarse para dotar de sentido didáctico a una formación, la electrónica y la virtual, cada vez más extendida y, también, cada vez más desprovista de la influencia que siempre ha ejercido la presencia del maestro o docente responsable de la misma. ¿Cómo se evalúan los procesos lectores? ¿En qué medida y de qué manera se pueden orientar o pueden influir en los procesos de aprendizaje de nuestro alumnado cuando no se está físicamente presente?

Un elemento inherente a la calidad que se debe destacar es el papel más activo del estudiante en el proceso de aprendizaje. El uso en la enseñanza de materiales electrónicos o virtuales transforma los procesos educativos en más creativos y activos, menos absolutos y autoritarios (“lo sé todo, no sabes nada”), más relativos, igualitarios y democráticos. En este tipo de enseñanza, el énfasis se da al aprendizaje, no a la enseñanza.

En cualquier caso, se ha de ser consciente sobre los riesgos que comporta esta afirmación. Así, infravalorar el papel del profesor, creador del material electrónico o virtual, sería un error. Diversas experiencias han demostrado que la intensidad de las interacciones entre el profesor y el estudiante es un aspecto clave en el proceso de aprendizaje. Las distintas tipologías de enseñanza muestran resultados diversos, y sólo si esta especie de interacción funciona bien, el estudiante aprende de forma cualitativamente superior. Además de la interacción entre profesor y estudiante, también resulta muy importante la interacción entre los propios estudiantes. El profesor, entonces, ha de prestar mucha atención a la estrategia que elige y desarrolla. También se valora mucho la buena predisposición personal: no todo el mundo vale para la enseñanza, utilizando materiales electrónicos y virtuales, y no todo el mundo sabe cómo enseñar en su marco.

Un buen profesor en el ámbito tradicional y con los recursos de

siempre no es necesariamente un buen profesor virtual o con recursos electrónicos. Las habilidades son distintas, el papel del profesor cambia y enseñar a enseñar en contextos o con materiales electrónicos y virtuales es un elemento cualitativo clave en este tipo de enseñanza. El cambio social siempre provoca resistencia y el profesorado, ante un cambio de paradigma, ha reaccionado a veces con resistencias y conflictos.

Además, de todas las habilidades lingüísticas, la de comprender lo escrito, es decir, leer, es la que más peso específico tiene en esta modalidad de transmisión de contenidos con materiales electrónicos o enseñanza virtual; leer, además, con un sentido abarcador: descifrar e interpretar, ¿verdad, Paulo?

Parece acertada la idea formulada en su momento por Cebrián de la Serna (2000) cuando afirmó que la calidad del producto educativo radica más en la formación permanente e inicial del profesorado que en la sola adquisición y actualización de infraestructuras. De hecho, parece indudable que las posibilidades reales de los medios, ya sean nuevos o más tradicionales requieren de una capacitación adecuada para su incorporación en su práctica profesional. Afirmación que pone de relieve el papel determinante del profesor para la introducción de cualquier innovación tecnológica en el contexto educativo.

Al papel que ha de tener la lectura, como instrumento de comunicación, primero, en los niveles básicos y como recurso, después, para el acceso a otros saberes y conocimientos en la etapa adulta, también se refiere esa innovación del contexto educativo y del profesorado.

Cualquiera que tenga experiencia en la tarea de fomentar el interés y el hábito lector entre niños y jóvenes sabe que no existen fórmulas para lograrlo. Estas dificultades evidencian que la afición por la lectura no se desarrolla necesariamente como consecuencia de la estimulación externa (disponibilidad de libros, actividades de animación, campañas

de promoción, etc.) sino a partir de una disposición personal que configura el ámbito de los gustos y aficiones de cada individuo. Animar a leer, más que estrategias generales, precisa de una labor paciente, constante y personalizada que vaya propiciando el contacto placentero entre el niño y los libros.

Sin ayuda de los padres es poco probable que se desarrolle en los niños una actitud favorable hacia la lectura, ya que es en el entorno familiar donde se sientan las bases para la formación de los gustos y aficiones. Para despertar y afianzar los intereses lectores se necesita una labor continuada que integre en la programación educativa actividades y estrategias de promoción permanente de la lectura.

Sólo mediante esta transferencia de inquietudes y resultados se podrán albergar esperanzas de que la preocupación por la lectura, su mejora y consolidación como hábito y, por consiguiente, la repercusión que ello ha de provocar en el acceso a la cultura por parte de los ciudadanos, con libertad y sentido crítico, ocupe toda la vida del individuo y que todos los esfuerzos estén siendo dirigidos y rentabilizados hacia un mismo fin. Sólo así podrá esperarse que la lectura transforme a los ciudadanos en individuos más cívicos, más solidarios e, indudablemente, más libres.

Paulo, se concluye esta reflexión con otra evidencia con que nos ilustra: *“Se estudar para nós não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação”*.

Esperando que la lectura produzca cambios,
España, abril de 2021

Referências

Freire, Paulo (2015). **Professora, sim; tia, não. Cartas a quem ousa ensinar**. Río de Janeiro: Paz y Tierra.

Martín, Luisgé (2008), ¿Leer sirve para algo bueno? **Diario El País**, número del 30 de agosto de 2008. https://elpais.com/diario/2008/08/30/babelia/1220053159_850215.html

Serna, Cebrián de la (1995). Nuevas competencias para la formación inicial y permanente del profesorado. **Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, 6. <https://doi.org/10.21556/edutec.1997.6>

Tecendo caminhos de liberdade e gratidão

Vânia Maria¹

Paulo Freire, É com imenso prazer que estou escrevendo esta carta para dizer da minha satisfação de ter lido algumas de suas obras como: *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *A Importância do ato de ler*, que foram, sem dúvida, as principais para uma reflexão crítica da nossa educação de modo geral e, porque não dizer, começando lá do ensino infantil até as universidades.

Pois é, realizando não só essas leituras mais outras também de sua autoria pude perceber o quanto que a educação é relevante na vida das pessoas, e isso você deixa bem claro para que todos possam entender. Na verdade, são poucos os pensadores que refletem tão bem o ensino-aprendizagem no meio escolar e social de uma maneira que esse indivíduo possa ter autonomia para atuar na sociedade e no ambiente onde vive.

Vejo em suas palavras a esperança de dias melhores por meio da educação e posso concordar porque é nisso que acredito também, sem

1 Vânia Maria da Silva Franco - Nascida no dia 14/07/1978. Professora com formação em Pedagogia e Letras, quatro Especializações na área de Educação e um Mestrado em Ciências da Educação, além de casada, mãe de uma filha e filha de agricultores não alfabetizados. Leciono com alunos do 6º ao 9º anos e turma de EJA na escola Izabel Moura na cidade de São Pedro-RN onde moro.

deixar de lado a responsabilidade daqueles que estão a governar o país e que têm em suas mãos o dever de honrar com uma educação de qualidade e inclusiva. Se os que têm o poder valorizassem o poder de transformação que a educação tem na vida das pessoas e amassem mesmo, de verdade, essa mudança de consciência não pensariam duas vezes para investir no que é mais precioso, que é o ser humano.

Sou sua admiradora incondicional por achar que as pessoas do campo e simples não alfabetizadas precisam de oportunidades para aprenderem a ler e a escrever, porque elas muitas vezes necessitam dos outros para ajudarem em uma viagem, fazerem compras e até mesmo lerem algo que não sabem e, por isso, sentem o desejo de conseguirem ser alfabetizadas para fazerem coisas que são obrigadas a pedir e nem sempre as pessoas estão disponíveis.

Também fico encantada com sua fala sobre “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Verdade que as crianças quando chegam à escola, já na educação infantil, vêm trazendo o seu conhecimento de mundo que precisa ser valorizado e contextualizado, para que o aluno (a) não fique perdido no ambiente escolar, achando que não tem nada a ver com ele, tendo em vista que o seu conhecimento é valioso para sua identidade como pessoa que tem gosto, raça, família, opinião e desejos, que fazem dela um ser humano capaz de identificar o que quer ou não quer de determinadas coisas, além de saber expressar o pensamento por meio da fala e assim mostrar sua capacidade intelectual.

Quanto à questão do oprimido, compreendo que tanto os estudantes como os indivíduos devem ter livre expressão de opinião como também de atitudes, pois é o que vejo na sua fala: aquele ser capaz de mudar sua vida sem medo do opressor e chegar a transformar sua comunidade para ajudar nessa metamorfose da sociedade, que seja de igualdade social, ou pelo menos de vida digna. Pensando na escola e, principalmente, na sala de aula paro para analisar o quanto que deve ter de discentes oprimidos dentro dos muros dessas instituições de

ensino sem poder se libertar.

Uma educação libertadora é fundamental para o desenvolvimento do ensino de maneira significativa e consciente diante dos problemas que possam enfrentar durante o caminho do aprendizado. Os conteúdos, como você mesmo fala, Paulo, para serem trabalhados de forma concreta e desafiadora, precisam partir de temas geradores que tenham relação com a vida dos que estão envolvidos no processo, são elementos que eles (a) conhecem no seu dia a dia.

Sua visão democrática traz um novo olhar para o ensino das crianças, adolescentes, jovens e adultos, com uma metodologia que leva em consideração a história de vida de cada um e a valorização do meio onde vive. A alfabetização e o letramento devem servir como ferramenta para resolver problemas e, também, como suporte na vida diária.

Paulo, você consegue fazer com que eu reflita mais sobre o nosso ensino diante de tantas leituras maravilhosas, fascinantes! Elas mexem com a gente profundamente. São orientações tão oportunas para um saber fazer democrático e libertador em sala de aula. Suas palavras são geradoras de modificação para todos os que identificam nelas um horizonte novo de mudança.

Todos sabem a importância de você, Paulo, para a educação, mas ainda poucos conhecem sua experiência na cidade de **Angicos**, uma cidade pequena do Rio Grande do Norte, na qual você realizou um projeto de alfabetização para 380 trabalhadores, que ficou conhecida como “**Quarenta horas de Angicos**”. O seu objetivo era usar as palavras do cotidiano para ensinar trabalhadores pobres a ler e a escrever, e aquela experiência, de tão bem-sucedida que foi, deixou o mundo espantado.

Você, meu caro, percebeu naquele lugar que os adultos tinham enormes dificuldades para aprender a ler, pois os métodos usados, na época, tinham pouca aproximação com a realidade das pessoas.

Foi aí que você pensou em um método que levasse em consideração a aprendizagem das palavras e de seus significados através do valor que elas tinham no mundo daqueles indivíduos. Com base nisso, em 18 de janeiro de 1963, aconteceu o lançamento do projeto com a aula inaugural do “Experimento de Angicos” para moradores: domésticas, operários, trabalhadores rurais, pedreiros, serventes, artesãos, lavadeiras, carpinteiros e tantos outros que formavam a massa trabalhadora daquele município.

No processo de aprendizagem os trabalhadores aprendiam a ler e escrever palavras comuns a eles no dia a dia. Quem trabalhava no campo aprendia a escrever palavras como enxada, tijolo, terra. E, à medida que iam aprendendo, você, como pedagogo que fazia parte do grupo, iniciava uma discussão mais crítica com eles. Se o aluno aprendia a palavra “tijolo”, por exemplo, iniciava-se uma discussão do tipo: você usa tijolos para fazer uma casa, mas você tem casa própria? Por que não tem? E isso fazia o indivíduo pensar sobre sua condição social e era fundamental essa reflexão para o desenvolvimento crítico reflexivo do cidadão e cidadã.

É importante destacar que o seu programa, Paulo, também tinha um viés politizador: fazer com que os alunos, em sua maioria adulta analfabeta, aprendessem a ler em 40 horas e, além disso, também se politizassem, o que gerou muita curiosidade e admiração por muitas pessoas do mundo inteiro.

Só que em 1964 teve início no Brasil a Ditadura Militar e todo aquele projeto seu, meu amigo, foi desfeito pelos militares. Paulo Freire, foi uma tristeza quando expulsaram você do Brasil e seu trabalho foi substituído pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um projeto de alfabetização a partir de práticas tradicionais, como uso de cartilhas. Um projeto que apenas levava os estudantes à memorização das letras e depois das palavras até conseguir formar frases, sem nenhum pensamento crítico daquilo que estavam fazendo, um método

totalmente diferente do seu.

Não posso esquecer-me de parabenizá-lo por você ter, amigo Freire, percorrido mais de 50 países, ensinando nos mais importantes centros universitários internacionais, como a Universidade de Harvard, onde você explicou o seu método revolucionário e aplicou seu método de alfabetização em nações da Ásia, da África e da América Latina, como também recebeu títulos de Doutor Honoris Causa de 35 universidades. Além disso, 26 centros de pesquisas em educação recebem o seu nome em países como Brasil, Itália, Chile, Bélgica e Estados Unidos. Isso mostra a sua credibilidade internacionalmente.

Freire, você inovou na pedagogia para o ensino e alfabetização numa época escolar radicalmente tradicional, marcada por fichas técnicas e lousa negra. Sua proposta pedagógica fazia o professor partir das noções já introduzidas no educando, na sociedade e no sujeito, de maneira que o educador deveria ter como base o universo das ideias, falas, palavras e noções próprias do educando para que o trabalho não fosse mera cópia e repetição, mas uma educação pensada na melhoria de vida.

Hoje, a nossa educação deve muito a você por esse empenho e dedicação aos menos favorecidos, com um olhar de ajudar na qualificação profissional e humana das pessoas, acreditando em dias melhores para uma sociedade bastante marcada pelas desigualdades e exclusão. Basta um pouco de sensibilidade para ver o outro que está logo ali pertinho, precisando ser reconhecido como um ser que tem condições suficientes para ser alfabetizado não apenas dentro de uma sala de aula, mas inserido no seu mundo.

Para você, Freire, não se trata de adestrar o povo, mas de reconhecê-lo como sujeito de outra pedagogia, capaz de dialogar com essas culturas, identidades e histórias que chegam às instituições de ensino e muitas vezes não são consideradas e, nesse contexto, eu vejo o seu encaminhamento para uma nova metodologia de diálogo e

reconhecimento do ser.

Entendo como fundamental, em sua opinião, que as propostas pedagógicas incorporem os indivíduos em suas totalidades. Precisamos entender as crianças que chegam às escolas em diversos contextos: o da família negra, o da favela, do campo e como filhos de mulheres trabalhadoras sem marido entre outros casos possam ter o mesmo ensino e respeito que outras crianças têm para que seja uma educação de inclusão cultural e social.

Gostaria de passar a vida inteira falando sobre você, Paulo, e suas ideias transformadoras, porém o tempo não nos permite tal audácia. Então, o que posso desejar é que seus sonhos de um mundo melhor para todos um dia se realize e que a nossa educação seja valorizada em todas às etapas de ensino com o intuito de formar pessoas letradas para atuar de maneira significativa na sociedade contemporânea. Espero que receba, com satisfação, essas simples palavras que são escritas com um coração cheio de gratidão por tudo que você fez e ainda faz pela nossa educação e educadores.

Um grande abraço,
São Pedro (RN), fevereiro de 2021

Entre caboclos, sertanejos e pardos: o não lugar

Marinalva Valdevino dos Santos¹

Querido Freire,
Tenho uma relação poética com as cartas, pelo que elas podem representar e pela minha leitura de mundo. Uma carta é um presente do tempo, que é registrada no papel da memória de alguém, sendo uma espécie de mensageiro eficaz, atemporal, potente instrumento de códigos emocionais e rastros da comunicação e da vida.

E, através desse potente instrumento de comunicação, ousou dizer que o vejo com a mesma sensação de quando sentimos o vento tocar a matéria de nosso ser e nos reconforta, alivia o calor e traz adventos de transformações temporais, para quem sabe ler sua linguagem, assim percebo que entrastes em nossos caminhos.

A terra árida de nossa sertania foi molhada pelo teu doce labor em prol de nossa educação, foi teu suor que alimentou e preencheu

1 Bióloga, licenciada pela UFCG, Mestra em Ciências florestais e Professora da educação básica. Membro do ARBOR (Grupo de pesquisas e estudos em Educação e Pensamento complexo – UFCG/UFRN), da RENIU (Rede Nacional de Articulação dos Indígenas em Contextos urbanos e Migrantes. Indígena em contexto urbano e membro da Articulação do coletivo dos Kariri Velhos da PB.

as cacimbas de nosso processo educativo, que estruturou um ideal de educação que libertaria nosso ser das amarras opressoras.

Confesso que me contive um pouco, quando cogitei começar a escrever-lhe. Sinto muito a covardia de minha parte, mas os tempos estão sombrios e, por vezes, as palavras sumiram e as lágrimas rolaram no meu rosto gélido de dor e medo. Sim, querido Freire, estamos mergulhados em um caos democrático e social, além de toda a questão sanitária da qual padecemos na pandemia do COVID-19, que assola o mundo inteiro.

Nesses tempos difíceis de sentir boniteza, como gostavas de replicar, vivemos um tempo sem tempo, paradoxalmente um nulo-tempo, esse da dimensão entre redes, onde não estamos presente materialmente e que vivemos entre os códigos da cibernética e das ciências da informação. Nosso processo educacional, nas escolas e universidades migraram, por necessidade, para as ferramentas e plataformas digitais, vivemos o não contato presencial, a dura comunicação na dimensão da frieza das redes.

Hoje, nesse curto espaço de tempo e palavras, quero te falar do que importa: aquilo que me move a continuar!

Querido irmão, desde as primeiras palavras suas que li, tive uma espécie de arrebatamento para o que sou, para meu pertencimento a um lugar, aquele que eu ainda não era consciente, mas sentia e vivia.

Através dos saberes e fazeres de nossa cultura, algo me sondava a alma e não me reconhecia nos estereótipos de *cabocla*, *sertaneja*, *parda*, *negra da terra* ou *'descendente' de caboclas brabas*, e tantos outros rótulos, pois, assim denominam muitos de nossos povos, que aqui resistem e vivem da agricultura familiar no semiárido.

Ora, eu vivia como uma sonâmbula, que está no mundo material, mas que padece de uma dormência que impede de ver a realidade. Ao lê-lo, algo foi descongelado em mim, descortinado, revelado, acordado,

tantos adjetivos mais, não dariam conta de descrever aquela tarde da qual lembro-me afetuosamente hoje. A tarde que minha “ficha” caiu para meu pertencimento ancestral, que remodelaria toda minha visão de mundo e de ser.

Vou descrever-me para que saibas como sou, assim fazemos com aqueles que não nos veem em matéria, apesar de senti-lo em espírito e potência de vida, cada vez que o leio.

Sou Marinalva, nome de registro, uma mulher de pele cor de terra, sim minha Mãe terra tem várias cores, da mesma forma que nós. Tenho cabelos cacheados pretos com uns fios brancos que amo, altura mediana à alta, olhos puxados e pertencente aos povos originários dessa terra de Pindorama (Brasil) Sou Kariri da Paraíba! Por aqui nos chamam de indígenas, por vezes, nem nos reconhecem como tal, mas eu, eu sou Kariri!

Estimado educador, meu processo de pertencimento ao meu Povo Kariri Paraibano, e minha autoafirmação, começaram desde que minhas ancestrais guerreiras sofreram por serem retiradas de seus territórios e pelos abusos e estupro sofridos, desde que a escravidão indígena nas fazendas desse sertão foi vivida há alguns poucos séculos, desde que nos impediram de falar nossa língua e que muitos foram brutalmente assassinados.

Esse processo refeito na vivência das lutas do existir é chamado atualmente de retomada dos povos originários, mas considerando todas essas opressões, este processo tem início nas resistências seculares de diversos povos originários contra a colonização de suas mentes e corpos.

Lutamos por séculos, silenciados por séculos também, por vezes para que pudéssemos sobreviver, e ainda hoje nos silenciam, invisibilizam nossas lutas, as guerras que travamos contra essa colonialidade e não permitem que através da educação sejamos despertados para

nosso pertencimento e afirmação ancestral. Nossa educação ainda é colonizadora de nosso ser.

Como tantos outros sujeitos, desde que nasci carregando na alma essas marcas, pois hoje estou fora do seio sagrado de nosso território Kariri, devido a esse brutal contexto de opressões, fomos retirados de casa mesmo antes de nascer, linhagens inteiras perseguidas. Cogitam ter nos extinguido, mas não existe povo extinto, existem povos silenciados, amordaçados, amedrontados, e resistindo nesses estereótipos que nos impõem.

Tudo muito recente. Há cerca de três séculos anteriores, minhas tataravós eram violadas em todos os aspectos que possam ser imaginados, mas não é uma narrativa sobre o que sou apenas, ou sobre o que elas foram, mas, é a oralidade de diversos povos que aqui habitam na atualidade.

Lendo seus livros, fui despertada pela minha autonomia, como sujeito socio-histórico-cultural-ancestral que sou. Portanto, te afirmo aqui, que não sou cabocla braba, nem índia, nem parda, nem ‘descendente’, nem negra da terra, nem minhas ancestrais foram. Somos originárias desse chão, fomos e somos kariri e tantos outros povos que foram e são silenciados e inviabilizados.

Fomos retirados de nosso território sagrado, mesmo antes de nascer, ficamos à mercê das cidades, mas esse contexto urbano que nos devora, não mata o que somos, dizem que nos catequizaram, que civilizaram os selvagens da terra, mas me questiono sempre, quem eram mesmo os selvagens?

Se nossa selvageria é ser livre e estar em conexão genuína com a natureza que fazemos parte, se isso é ser selvagem, pretendo seguir sendo. O capitalismo e a colonialidade que tenta nos devorar é que possuem estrutura de selvageria, que nos mata, oprime e tenta fazer morrer nossa condição humana.

Mestre Freire, sou filha de oprimidos e oprimida sou, pela cor de minha pele, pela cultura do meu povo, por ser mulher, por me autoafirmar indígena e estando em contexto urbano, por buscar meus vínculos a um povo originário dessa terra, por ser da arte e poesia, por gostar de filosofia, por ser pobre de região periférica, por ser educadora, por lutar pelas causas dos oprimidos, das agriculturas, dos povos originários dessa terra, pelas mulheres, crianças, pela dignidade e liberdade de nosso povo, por entre tantos outros motivos.

Mas sigo lutando, pois assim aprendi contigo. Das lutas que carrego, dos pesos que nos impõem, levo apenas o que sou, nossa alma é a arma, a educação uma das nossas ferramentas, assim seguimos em direção à revolução que tanto sonhavas para as gentes, apesar de nossa tão jovem democracia estar em constante ataque, como é de costume no nascimento e amadurecimento nas sociedades democráticas.

Provavelmente, eu também não veja essa maturidade de nossa jovem democracia, de nossa ingênua educação, por vezes, mas sou um fio, uma teia, das muitas que compõe essa rede complexa de nosso lugar nesse mundo.

No seio dessa cultura que estou inserida profundamente, sinto em cada passo e caminhar no mundo, os olhos dos meus ancestrais, reconheço em cada um deles o que sou. E, por tudo isso, tenho um triplo enraizamento nesse mundo: parte da natureza planetária, sou da natureza humana de Pindorama (Brasil) e sou Kariri. Não separadamente, mas no processo fluido das minhas raízes nesse mundo e em qualquer outro lugar que houver e na coletividade desse povo que está e vive em todos lugares dessa terra.

Cada vez que leio seus textos, desperto mais um pouco para a minha natureza humana nesse mundo, em cada passo que dou entendo porque tantos algozes nos atacam, e te acataram e atacam. Entendo o porquê querem nos impedir de renascer para nossa própria história

e pertencimento, sou consciente, graças aos passos que destes para estruturar uma educação como prática de liberdade.

Compreendo que o poder emana do povo, mas somente quando o povo sabe de onde vem, quando este, torna-se consciente das opressões sofridas silenciosamente, a preço de morte, em todos os sentidos da existência.

A afirmação em dizer o que sou, mesmo com as retaliações desses tempos caóticos, partiu também do sentimento de absorver teus ensinamentos, tuas ideias que são vivas e vivem em cada um de nós que decidimos te entender e viver sua prática educativa transformadora e revolucionária.

Hoje sou Takamara Kariri, a Guerreira da flecha flamejante, a Flecha de fogo, esse é o significado do meu nome. Sou professora, educadora! Gestada pelos sonhos de tuas palavras revolucionárias que me moveram ao meu lugar no mundo, bem como, ao revirar e transmutar da minha visão de mundo.

Ouso sonhar, ouso lutar, ouso ser o que sou, mas o meu ousar, veio e esteve, e está, nos passos que você caminhou, para que eu pudesse construir meu caminho caminhando, querido mestre! Conectada as minhas experiências de ancestralidade que também fortemente despertaram-me para diversos universos mitológicos do pensamento selvagem, livre e fluido como a natureza de um rio.

Lembro-me do seu manifesto às marchas, às revoltas dos povos, ando indignada, mas não mais ingenuamente, pois, entendo muito bem os ataques que rondam nosso povo, e que partem de articulações muito bem formuladas.

Portanto, concludo essa breve carta te dizendo que: Nas cacimbas do meu sertão, profundo vínculo de meu ser, comprometo-me a lutar pelas gentes, pela dignidade da natureza humana enraizada a essa terra. Transformo-me através da possibilidade desse lutar e através

dessas lutas, que também eram tuas e são. Não iremos parar, seguiremos teus passos e construiremos os nossos próprios, a cada labuta diária.

Faremos o caminho caminhando, reconstruindo as teias que o opressor nos rasgou. O desafio não é somente o de lutar, mas de também manter a possibilidade da luta, pois, querem nos tirar o direito de lutar, mas:

Avançaremos!

Com o amor Freiriano pela educação!

Takamara Kariri, Patos, 15 de abril, do ano de 2021.

Gracias por tu eterna actualidad

Freddy Javier Álvarez-González¹

Querido Paulo, Han pasado ya 100 años de tu nacimiento (19 de septiembre de 1921, en Recife Estado de Pernambuco), en el *Sertão*, lugar de los poetas repentistas, donde bailan tus conterráneos alegremente *el forró*. Región que conocí hace algunos años por compromisos como investigador de la *Red Nuevo Paradigma* para la innovación institucional cuando apostamos en contra de una ciencia hegemónicamente occidental, colonial-capitalista y a favor de una ciencia contextual, al servicio de la liberación de los pueblos e intercultural como nuestra América y también ética, porque la política coherente no puede supe- ditar sus principios al ejercicio del poder.

Esta noche estamos aquí, convocadas y convocados por Santiago, joven maestro de la Universidad Nacional de Educación del Ecuador (UNAE), brillante y comprometido para celebrar lo que permanece en

1 Colombiano, Filósofo por la Universidad de Paris 8, Educador por la Universidad de Lyon II, Teólogo por la Universidad de Freiburg, Miembro de la Red Nuevo Paradigma para la innovación institucional, Miembro de la Cátedra UNESCO, Profesor e Investigador invitado a varias universidades, entre ellas Cambridge, Inglaterra, y la Universidad Autónoma de México. Es conferencista y autor de libros y artículos sobre epistemología, ética, tecnología, educación, en el contexto del actual cambio de época.

medio de lo que perece. Aquello que permanece es lo que hace parte de la duración, de esa duración bergsoniana opuesta a la homogeneidad, una duración que nos ayuda a explicar el movimiento, lo que pasa y se queda al mismo tiempo que pasa, intuir lo que viene y lo que no se va al pasar. Sentir la mutación en nuestros cuerpos, en la vida y la historia, entender que nada se repite aunque volvamos al mismo lugar y estemos con las mismas personas. Se trata de la duración de la invención, de lo que hace parte de lo incierto, de lo imprevisible que se gesta en lo inevitable y en lo que siempre nos pareció que era imposible. Una invención en la duración que a pesar de ponerse el traje de la sustancialidad aristotélica, es ligera como el amor y se mete en nuestra rutina como lo que nos sostiene, aunque muchas veces la odiamos y quisiéramos correr lejos de ella. Invención de nosotras y nosotros aunque cuando nos miremos en el espejo estamos más viejas y viejos, o simplemente nunca sepamos quienes somos, pero si nos vemos es porque seguimos vivos, y si ya no nos reconocemos es porque nos inventamos para ser no lo que somos sino lo queremos ser; y la creación de la duración que se repite una y otra vez a partir de lo mismo, una creación que es artística, política, humana y posthumana. Con una conciencia que nunca es nuestra porque no nos pertenece, de la que sabemos algo y no sabemos casi nada, lejos de una historicidad que nos fija sin consuelo.

En efecto, querido Paulo, la duración es tu vida, tus textos, la vida, porque lo que no dura es lo percedero, duración de la pedagogía de los oprimidos, de la indignación, de la libertad, en medio de los tiempos de la obsolescencia, con nuestro planeta en las llamas de la extinción y la desigualdad cabalgando sobre la vida de la gran mayoría. Las muertes acumulándose en las calles de Guayaquil, de Manaos, de los barrios y colonias de las pobres y los pobres y con cuerpos amontonados en los cementerios N.N. de nuestros gobiernos asesinos y genocidas. Duramos y lloramos sin que nadie nos escuche, esperando sin que haya un Dios que se compadezca, mientras sentimos la soberbia

de los neoliberales que sin ninguna vergüenza piensan todavía que sus fórmulas fracasadas e infernales serán las únicas que les salve a ellos y a su pequeño grupo de vacunados.

Maestro Freire, te aprendí en los barrios populares de Colombia, entre los oprimidos, los obreros, campesinos, lideresas y líderes sociales. Después te leí; era un muchacho en ese entonces, revolucionario, creyente. Contigo aprendí a escuchar, a dejar hablar pues *no liberamos a nadie, nadie se libera solo, nos liberamos juntos*.

Querido Paulo, los contextos cambian. Antes podíamos separar, dividir, poner en un lado y en otro. Hoy prevalecen *las diferencias* de Foucault, *la diferencia que difiere* de Derrida, *la multitud* de Negri y Hard. Te confieso que hoy me siento más perdido, como diría un amigo filósofo Jacques Poulain, *hemos anulado el juicio de verdad*. Estamos *arrojados en el mundo* de Heidegger, en la vulnerabilidad, la precariedad de Butler, buena noticia para los poderes neoliberales que destruyen lo público y han colocado la vida en riesgo.

Dedicaste la *Pedagogía del oprimido* (1970), a *los desarrapados del mundo y a quienes descubriéndose con ellos sufren y con ellos luchan*. Hoy, desde las emancipaciones contemporáneas, objetarán esta dedicatoria porque no hay solo desarrapados, también hay *desarrapadas y desarrapades*. Porque se podría ir más allá con una narrativa emancipadora indígena, pues los pueblos indígenas son “autosuficientes” e ingenuamente se piensa que pudieran estar fuera del sistema, de la ciencia; como si la política y la filosofía esencialista pudieran borrar la historia. O se puede pensar que los afrodescendientes solo sufren dentro de un mundo de hombres y mujeres blancas como si el problema fuera solo Trump, y en contraste, Obama fuera emancipador por el hecho de ser afrodescendiente. Lo cierto es que las generalidades ya no hacen parte de las luchas de liberación. El marxismo parece un asunto de viejos dinosaurios, personas que no nos hemos dado cuenta que las luchas por las colectividades se desvanecieron con

la caída del muro de Berlín.

Las emancipaciones de hoy están fragmentadas, aisladas, casi autistas. La de-colonialidad, la deconstrucción, la lucha contra el cambio climático y la despatriarcalización nos colocan como enemigos mutuos, sospechosos de algún crimen que nunca cometimos, mientras los opresores se burlan de nosotros. Ha perdido sentido la formación de una conciencia liberadora con la introducción de la episteme psicoanalítica y el diálogo entre Hegel, Marx y Lacan. Para ti no era lo mismo aprenderse de memoria el nombre de los ríos y las montañas, en cambio te preguntabas ¿por qué la tierra no les pertenece a los campesinos? Sin embargo, ¿qué importancia tiene la memoria cuando ella ha sido cooptada por las tecnologías? Junto a la pedagogía del oprimido estuvo la Teología de la Liberación, ambas dialogaron, se comprometieron, era otro tiempo, otro contexto. A la pregunta del teólogo Gustavo Gutiérrez, ¿cómo creer en Dios desde la pobreza?, sumamos otra: ¿cómo puede creer Dios en su omnipotencia, cuando se muere antes de tiempo? como dijo Bartolomé de las Casas.

Nos costó aprender algo difícil de aprender con la pedagogía del oprimido, que entre los oprimidos y quienes nos pusimos a su lado, había un abismo, *porque nosotros estábamos con ellos por opción*, porque queríamos, *y ellos estaban allí porque les tocaba*, por la decisión de unos pocos, por un sistema. Aunque quisiéramos cargar sus luchas en nuestras espaldas, interiorizar en nuestro cuerpo y pensamientos sus sufrimientos, a pesar de colocar en nuestras bocas sus palabras, no seremos como ellos y ellas porque no solo la muerte es intransferible, también lo es la vida. Por eso poco sabemos de los que sufren, de los que no tienen nada o casi nada, de los que viven del día a día, de los enfermos, de los que perdieron un ojo en las manifestaciones de octubre de 2019 en Ecuador o de las familias que perdieron a un ser amado, cercano, a causa del estado represor y supuestamente democrático y no *castro-chavista*.

Pero es verdad que ¿esa inconmensurabilidad puede extenderse más allá del campo social y del ámbito existencial? ¿Acaso somos solo islas ontológicas? ¿No podemos entender del anti-patriarcalismo cuando somos hombres?, ¿de los indígenas cuando somos mestizos?, ¿de ser negro cuando no nacimos blancos?, ¿de ser pobres cuando no nacimos en África, en Harlem, en la Banlieu, o en las villas, las colonias, los tugurios y favelas del mundo? Estamos atrapados en la principal contradicción del antiesencialismo.

Quizás el problema no sea filosófico ni antropológico sino político, como en tu época Paulo. Sabemos poco porque los medios pertenecen a los ricos de este mundo y hacen parte del despojo mundial. No dirán nada con gobiernos neoliberales que son la mayoría, mentirán en todo con los gobiernos decentes y progresistas. ¿Qué sabemos de los que han muerto en la pandemia, de los que no tienen nada que comer hoy, de los que resisten, de los desconectados, de los miles de migrantes en las fronteras de México o los desiertos de Arizona, en Lesbos, en Melilla? Que poco sabemos de lo que creemos saber o de lo que no sabemos que no sabemos. Pero lo que sí sabemos es que todos somos responsables de la vida y muerte de ellos. Como diría Levinas: *cada muerte nos convierte en culpables* aunque no tengamos nada que ver con ellos y ellas.

El problema no es saber o no saber. Tenemos que volver a ti, querido maestro, para repensar nuestros procesos de liberación y para oxigenar los actuales procesos de emancipación, hoy enganchados en la radicalidad de la filosofía liberal. Como cuando nos recordabas que *entre el oprimido y el opresor hay un vacío de humanidad, y es el ser menos*. La opresión no es un problema solo de carencia, de lo contrario el dinero sería la gran solución como lo han querido siempre los capitalistas desde el siglo XIX. El problema es que la carencia deshumaniza a quienes no tienen otra opción que migrar, vivir precariamente, robar o prostituirse. Pero también deshumaniza a quien tiene demasiado,

a los que hacen parte de la lista VIP de vacunados, a los banqueros, los Lassos, los Egas, a los Jeff Bezos, Elon Musk, Bill Gates, Mark Zuckerberg. Ellos sí con nombre propio porque los medios los colocan como los personajes que nos indican el camino del éxito y la felicidad, en realidad un camino de despojo de la gran mayoría. El mundo está al revés, admiramos a quienes pasan su tiempo viendo cómo nos explotan más, en lugar de admirar la decencia, la ética, a quienes quieren cambiar el mundo, a quienes luchan por la defensa de la vida.

Que profundo lo que decías: *no nos liberamos si no liberamos a los opresores*. Nos liberamos de los opresores, liberando a los opresores de nosotros y liberándonos del opresor que llevamos. Odiamos a quien nos oprime pero también queremos ser como él. Necesitamos que nos quiten las manos de encima, romper con sus leyes, meterlos en la cárcel, que paguen por su violencia, por robar la tierra a los indígenas, a los campesinos que la sembraban, al obrero de quien se apoderaron de su plusvalía, por el saqueo de los recursos naturales para seguir con un desarrollo criminal de la naturaleza y tóxico para la humanidad. Pero sobretodo, *necesitamos liberarnos del opresor que duerme con nosotros*.

No nos liberamos solo por la liberación interior. Estamos obligados a sentarnos con los opresores y a que hablen con nosotros fuera de la lógica de la dominación. En efecto, todo nace en *los condenados de la tierra* de Fanon, en los que no saben, en los feos, los alienados, los ignorantes, los brutos, las trabajadoras sexuales, los que no están en los sets de TV y no aparecen en las revistas.

No decidimos estar con los oprimidos porque sean mejores, quizás ésta fue una de las derivas de la pedagogía de la liberación. No estamos junto a ellos porque son mejores sino porque están oprimidos. Por tal motivo, tanto la política como la educación, consiste en construir otro mundo, proteger a los débiles, igualar, hacer posible la justicia, radicalizar la democracia, descubrir otro mundo posible entre las

comunidades de los que han quedado fuera de la historia.

Hemos transitado en pocos años de la opción por los oprimidos con otras estéticas, otros cuerpos, otras ideas y otros saberes, *el irreduciblemente otro*, al final de toda revolución con el posicionamiento de la idea absoluta del mercado como la solución a todos los problemas. A esta se suman los valores *just do it*, (solo hazlo) *we can* (nosotros podemos) con los que las personas apostaron por la tiranía del individualismo debido al miedo que significaba lo social, el diálogo y el consenso en la mesa de lo inevitable. La política correcta para evitar la indignación frente a la indiferencia.

¿Qué camino elegir? Nada puede regresar, esto lo sabemos, estamos inscritos en la irreversibilidad del tiempo. No se trata de luchar para ser como ellos, de desarrollarnos para ser aceptados por ellos, de tener dinero para viajar como ellos, de vestirnos bien para ser tenidos en cuenta por ellos, de aprender a hablar inglés para que ellos nos escuchen. Tú lo decías de una manera muy simple: *no hagamos reforma agraria para poseer tierras*. La lógica de la liberación es otra, no es igual a la lógica de la dominación.

El mandato de los últimos tiempos es actualizarnos porque el capitalismo de la obsolescencia creo la percepción de aceleración y vértigo. Si estudiamos más, es una buena noticia para la educación mercantilista. Atrás de este mandato, está la discriminación de los viejos, la condena de los marxistas, la desconfianza de las tradiciones, el aislamiento de los pueblos indígenas, la destrucción de los saberes que sostienen la vida, pues el saber termina confundido con la información, y el pragmatismo absorbe la crítica.

La actualidad es tecnológica, política, existencial, individual y hace parte del consumo y la obsolescencia de la mercancía. ¿Es tu pensamiento actual? Tú dices que *el hombre nuevo de los opresores correspondía con una visión individualista*. Ese hombre nuevo individualista, light, flexible, adaptativo, positivo, emprendedor, es también

el hombre nuevo de los oprimidos. Todo lo común ha sido clausurado, todo lo comunitario no tiene lugar para las políticas neoliberales. La estrategia de los colectivos ha devenido sospechosa. El individualismo crece cuando tenemos la sensación de no poder cambiar el mundo. Eric Sadin nos advierte que el individualismo es extremo gracias a las tecnologías: *el espíritu de nuestro tiempo es de derrota, la indeterminación está determinando la conciencia, mientras volver al presente es inédito porque no sabemos qué pasa*. Hay una nueva condición del individuo contemporáneo y es que hemos entrado en la *era del individuo tirano*. La lógica del *follow* de Twitter o de los *likes* de Facebook corresponde a un individuo atomizado en un mundo coaptado por el mercado.

Debo contarte amigo Paulo, que hoy el individuo sin lugar a dudas está volcado sobre sí mismo y se interpreta a partir del mito de Prometeo, como lo piensa Byung-Chul Han en *La sociedad del cansancio* (2017). Ese individuo encerrado en sí es un sujeto que cree en la libertad pero que no corresponde con tu concepción de la libertad. Es un sujeto contradictorio que cree y afirma la libertad cuando ya no puede ser libre; que afirma la democracia en un mundo donde no decide, que se radicaliza por la libertad de expresión cuando ya no importa lo que dice y aquello está supeditado al reconocimiento digital.

Los jóvenes actuales han heredado un mundo roto, sin futuro y viven en el cansancio, nadie los explota, se auto explotan, luego la *Fenomenología del Espíritu* de Hegel ha volado en mil pedazos. Por eso se atreve a decir el filósofo coreano Han que nuestros problemas ahora son básicamente neuronales: *déficit de atención, hiperactividad, desgaste ocupacional, y al mismo tiempo desempleo, desubicación, angustia*. No obstante, la negatividad sigue presente ya que a las nuevas generaciones de jóvenes se les ha negado un futuro desde que nacieron, no tienen educación y si la tienen no tienen empleo. Pueden estudiar más que nosotros y la universidad no les garantiza el

trabajo porque el capitalismo sigue profundizando su crisis desde el 2008 y las tecnologías son el último episodio de desintegración social.

Querido Paulo, nuestro mundo no tiene contrapesos. Los pocos que existen han sido estigmatizados, sometidos a bloqueos, vilipendiados todos los días por los medios de comunicación en manos de los grandes poderes. Por eso, cuando la poca izquierda quiere ser “objetiva” termina dándose un tiro en el pie. La ideología nos ha hecho olvidar que todo metarelató en realidad es un relato más, que estar fuera de la ideología es la peor de las ideologías de la política neoliberal contemporánea.

La dominación de hoy tiene la forma de la cuantificación. Cualquiera niña o niño están integrados en cifras de comparación, compiten sin saberlo, hacen parte de ecuaciones matemáticas que les sitúan fuera de los elegidos; sus gustos y opiniones son tratados por algoritmos que los encierran en mundos autistas donde escuchan y ven lo que quieren escuchar y ver. Los nuevos profesores y profesoras universitarias suelen creer que investigan porque publican en revistas de rankings. El problema no es solo lo que está fuera, es lo que llevamos dentro de cada uno.

Sin duda que hay muchos caminos de liberación en la actualidad; en tu tiempo era solo uno, el de los oprimidos y los opresores. Las luchas feministas, las luchas por las identidades sexuales, las luchas indígenas, las luchas contra la opresión de los afrodescendientes -*Black Lives Matter*-, las luchas de los migrantes, las luchas contra el cambio climático, todas son luchas dignas pero ninguna de estas luchas es auténtica si no logramos superar la contradicción del *oprimido-opresor*. Cualquiera de estas luchas que deje fuera la dominación capitalista, se convierte en reaccionaria. Tenemos que liberarnos del opresor para no tener que arrancarle la mano porque se apropia de nuestro trabajo, del poco dinero que tenemos; para no sacarle el corazón que le condena en su eterna avaricia, para evitar que destruya el planeta, que

mercantilice la vida, que se apropie de los bienes comunes; pero sin pasar por el interior de cada uno, toda lucha no es más que el reemplazo de un amo por otro. Luego, toda pedagogía de la liberación debe llevarnos a cambiar nuestras rutinas, debe modificar nuestras cotidianidades, enfrentar nuestros miedos, hablar con nuestros fantasmas, someter nuestras subjetividades al fuego de la verdad que no está en nosotros.

Educar no es fácil, es un oficio imposible, decía Freud. Porque tenemos que enfrentar las contradicciones propias de todo acto educativo, *adaptarnos y liberarnos, aceptar al otro y tomar distancia de él*, escuchar y tener la capacidad y la posibilidad de criticar, unirnos y separarnos, y para ti Paulo, reconocernos como oprimidos sin querer ser opresores y liberarnos juntos. Ellos, los opresores, solo son el 1% de la población y hay un 49% que los defiende. Una gran cantidad de la población ha pasado a la antipolítica y la neutralidad, la generación del *bitcoin* que hace el juego a la dominación, cuando en realidad somos más del 80% quienes los padecen.

Querido amigo pernambucano, del desierto árido, con un lenguaje claro, binario, profundamente hegeliano, marxista y revolucionario. Hoy los lenguajes son cortos, inconexos y la palabra revolución ha quedado proscrita. Ya no se le menciona. Antes de la pandemia se hablaba de cambiar dentro del cambio. En la pandemia se comenzó a hablar de mutación, y quizás la palabra más importante hoy sea transformación. Tú también la mencionas. Lo dices claramente, *la praxis liberadora debe llevarnos a la transformación de la sociedad, a pesar del miedo a la libertad*. Cuánta razón tienes. La verdad es siempre un asunto más allá del contexto.

Los gorilas de las dictaduras ya no están. Hoy están los Lenin, los Bolsonaro, los Piñeiras, los Duques de las supuestas democracias, de la supuesta libertad de prensa y de la libertad de opinión, por eso se persigue en nuestras democracias, al mismo tiempo que la verdad se

ha vuelto más difusa. Como aparentemente la negatividad no existe, lo que existe son *los falsos positivos*, producto del pragmatismo llevado hasta sus últimas consecuencias por Álvaro Uribe Vélez, genocida colombiano. La positividad del *You can, Just do it* quiere ocultar a ese 50% de la población mundial que está fuera del sistema. La noción de los oprimidos era un “privilegio” al hacer parte de un sistema que los explotaba. Hoy el sistema neoliberal no tiene necesidad de explotarnos a todos, no nos necesita, nosotros necesitamos de él para conectarnos, para comer, para respirar, para divertirnos. Por eso su cinismo es vendernos la nueva misión de los desempleados: *ser emprendedores*. Ese emprendedor se colocó una venta de tacos, de mascarillas, hizo rifas para vender sus pinturas, ofreció su música.

Maestro Freire, después del tiempo de las revoluciones del siglo pasado, cuando entendimos la política como la toma del poder articulada a la lucha armada, nos llegó un monstruo: el neoliberalismo, y con él, la democracia y los derechos. Todo lo que queríamos emancipar teníamos que convertirlo en derecho y si queríamos acceder al poder debíamos hacerlo por medio de las elecciones. Nos hicieron creer que las sociedades permisivas y pacíficas solo se conseguían con ciudadanos conscientes de sus derechos. Hasta Trump y Bolsonaro volvieron a autorizarnos la libertad de tener las armas que quisiéramos para proteger nuestras propiedades del otro que viene por nuestro dinero, nuestra paz, nuestros impuestos, “culpa del castro-chavismo”. Hemos transitado de las sociedades de la disciplina de Foucault a las sociedades del control de Deleuze y Guatari, y ahora en el capitalismo de la vigilancia de Zuboff que se apodera del excedente de nuestro comportamiento por medio del botón del *like*.

“Nos construimos en la lucha”, pensabas Paulo. *Rompemos con la objetualización del opresor y nos hacemos sujetos en las prácticas de liberación. El opresor solo da un paso de su propia humanidad cuando se compromete en la liberación del esclavo, no hay otro camino. No*

hay liberación sin que transformemos la situación concreta que genera la opresión. Hoy nos hicimos budistas sin saberlo, porque basta con modificar nuestro interior para que todo cambie, es decir, podemos llegar a la paz sin importarnos que pasa afuera. Primero nos salvamos cada uno, después veremos qué pasa con los otros. En realidad, no superamos el conflicto, solo basta mirar las cifras de los muertos por asesinatos, suicidios, pandemias, guerras, contaminación, hipertensión, colesterol. La tolerancia es un fracaso para aceptar las diferencias. Se ha abandonado el antagonismo en el discurso de las diferencias. Se nos olvidó que ser mujer, o ser indígena o negro depende siempre de una sociedad dividida entre ricos y pobres y que si dejamos las luchas solo en el campo de los derechos del reconocimiento de las identidades, dejamos intacta la sociedad que nos divide en opresores y oprimidos.

Hoy la confrontación parece que es cosa del pasado, cuando en realidad los opresores si están disputando sus privilegios que son los derechos de todos. Quienes hablamos de revoluciones parecemos irracionales. En realidad, quienes creen que no se equivocan son los más tontos. Aunque estemos en la sociedad de los gimnasios, la educación de las computadoras, el mundo de los conectados, las oficinas, los bancos, los aviones, ahí siguen las cárceles con sus presos que ya no importan a nadie, los psiquiátricos llenos con las personas fuera de todo acto de humanidad educativa; los hospitales han sido entregados a los mercaderes de la muerte, las fábricas de la globalización no tiene derechos y la precarización le pertenece al mundo dominado por EU, Asia y Europa.

Hemos pasado de la pedagogía del oprimido, escrita en la clave de la política de la revolución, a la eficacia de las matemáticas y los algoritmos que dominan el mundo de la vida. Todo es un asunto de resultados. Cualquier lugar es bueno para el trabajo mientras estemos conectados; el computador y el *smartphone* son la escuela, la oficina, la universidad, la empresa y el Estado de hoy y de mañana. Ya no hay

revoluciones, ni resistencias, todos estamos dispuestos a matarnos, optimizándonos mientras nos sentimos libres como si no hubiesen coerciones. No nos damos cuenta que no hay nada que nos domine más que la libertad.

La educación no es solo cambiar de actitudes o de formas de pensar. No es para adaptarnos al mundo, es para cambiarlo. Educar no es aprender matemáticas, rendir pruebas, estar en Pisa, tampoco es luchar para ser el mejor, porque *menos es más*, educar es transformar el mundo. No deberían ser educadores aquellas y aquellos que están muy felices porque ganan muy bien o ya perdieron las fuerzas para intentar cambiarlo.

La sociedad de los dictadores en la que viviste y tuviste que exilarte, la de los desaparecidos, tuvo más “compasión” que estas sociedades. Sin duda que el negacionismo hace parte de la narrativa actual. El capitalismo nos hace acceder a aquello que pensábamos que solo era para unos cuantos, como el auto de Henry Ford, diseñado para la gran mayoría. Hoy todos tienen auto, un celular y hacen parte de la gran masa de migrantes sometidos a la ignorancia. Por eso convivimos con los mitos: *somos pobres porque queremos, somos más felices de lo que creemos, el problema es de actitud, y de nada sirve ser realistas si caemos en el pesimismo*. El problema no es de los otros, es de nosotros; no es del mundo democrático es del castro-chavismo, es individual, no colectivo, es imaginario y no real. Practicamos la negación de la negación. No obstante no estamos en las sociedades de las oportunidades infinitas, cada vez nos movemos más en espacios virtuales, como decía Judith Butler, *no estamos más en el duelo sino en la melancolía*, pues no hay objeto de duelo.

Si no cambiamos el mundo que nos domina, los opresores seguirán existiendo y dominándonos. No es por el cambio de actitud, por lo “buena gente” de los opresores, por su generosidad, por su apertura al diálogo, que el mundo cambiará. Si no se cambia la educación de

la meritocracia, lo que hacemos es que los oprimidos de ayer sean los opresores de hoy. Los que luchan por la liberación, como los estudiantes del 2019, son los que hacen parte de los grupos de opresores de hoy, del 2021. No es una cuestión personal, es un asunto de praxis y estructural.

Querido Paulo, los opresores están sumergidos en una visión necrófila. Basta con ver lo que pasó en octubre del 2019 y en marzo del 2020 en Guayaquil, en marzo del 2021 en las cárceles ecuatorianas; los opresores no solo no garantizan la vida, producen la muerte. Ellos se apropian de la ciencia, la tecnología y el orden para manipular y aplastar. En realidad, los modelos de dominación hoy son más eficientes porque eliminan el carácter de oprimido y opresor, hoy hay más dominados y menos dominadores. El ciudadano es pasivo frente al consumo, vota sin interés por la política, la transparencia es solo un espectáculo, abandonamos el lugar de la política. Bernard Stigler ya advertía que el biopoder de Foucault ya no es el problema de nuestro tiempo, las piscotecnologías y el piscopoder han entrado en escena. La atención está en el internet, el móvil, el ordenador y la TV que dominan la información.

En realidad los maestros y maestras solo somos auténticos cuando nuestros estudiantes son auténticos y tienen la posibilidad de separarse de nosotros, de romper con el Pígalión o con el Frankenstein pedagogo que advierte Meirieu como el gesto mítico y repetitivo en todo acto educativo. La tentación está en hacer algo *con un sujeto y no alguien con algo*, por eso queremos lo mecánico es fruto de la dominación.

Tú dices *nadie educa a nadie, así como nadie se educa a sí mismo*, nos educamos con otros y otras y el mundo es el mediador de esa educación. Que hermosa es la educación cuando hacemos del conocimiento el acto regular y permanente para descubrir la realidad, para ir cambiando y ser otros y otras a medida que conocemos y no para ser

más o para tener superioridad sobre los demás.

Todo acto de educación es un acto de desmitificación. La educación nos ayuda a alejarnos de aquello que el mundo nos entrega de manera equivocada, nos separa de los fatalismos, nos devuelve a la historia, nos saca de las nociones fijas, de la naturalización de las relaciones. Todos somos seres que estamos siendo, en transformación, cambiamos cuando nos educamos, siempre y cuando no estemos en *la educación bancaria*. No se trata de una fijación reaccionaria sino de un futuro revolucionario. Las inmovilidades son amigas de la muerte.

Para dar el paso a la transformación, querido Paulo, necesitamos salir del *cómo* que predomina en todo, y comenzar a preguntarnos *por qué*. Esa liberación hoy se contrasta con el *dataismo*, que pretende superar toda ideología pero que es en sí mismo ideología. Estamos dentro del totalitarismo digital. Cuando tenemos suficientes datos la teoría sobra, es como el estadista que con los números piensa que no tenemos que pensar, como si decir, cinco vacas o diez vacas bastaran para saber qué es una vaca. El *dataismo* es *nihilismo*. Nunca antes ha habido más amenazas para el pensamiento. El sujeto digitalizado no necesita un panóptico, él es el panóptico. Delega su vigilancia, porque todo lo que pasa en la red es observado. La red 5.0 es la digitalización de la vida, hacia allá vamos.

Maestro Freire, en tu nacimiento, celebramos a quienes nacen en este tiempo porque como decía Hannah Arendt *ellos y ellas son la promesa de que este mundo puede cambiar*. Contigo celebramos la educación para la transformación del mundo. Nos alegramos con las maestras y maestros del planeta porque con sus acciones permiten un nuevo nacimiento y sostienen a la esperanza como la niña que sostiene una linda cometa.

Celebrando la educación para la transformación del mundo,
Ecuador, abril de 2021

Resistência com esperança e amorosidade

Micheli Silveira de Souza¹

Querido Freire, freireanos e freireanas
Estamos nos aproximando do seu centenário; uma data importante e ideal para esperar, nos (re) encontrarmos, ainda que seja através das telas de computador ou do celular, haja vista os tempos de pandemia no Brasil; também de pandemônio. Mas esse é um tempo de esperar não uma espera vã, mas esperar com ação e reflexão. Lutando não só por tua memória Paulo, mais também reinventando e dando continuidade ao teu legado.

A primeira vez que ouvi teu nome foi no Curso Normal, mas só fui conhecer sobre ti e tua obra alguns anos depois ao cursar o componente curricular de Educação Não formal ministrada pela professora Ana Lúcia Souza de Freitas no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Essa freireana é das boas! Sabe aquela professora que tu consegues ver a teoria que ela ensina na sua própria prática em sala de aula? Então, a Ana Freitas consegue fazer isso com amorosidade e rigorosidade metódica.

¹ Mestranda no PPGPE da UFFS, Campus Erechim, Especialista em Gestão Educacional pela UNINTER, Graduada em Pedagogia pela PUCRS, Professora Alfabetizadora na rede municipal de Canoas/RS. E-mail: micheli.souza@acad.pucrs.br

Nosso primeiro encontro Paulo foi através da *Pedagogia da Autonomia* e sim aqueles saberes fizeram e ainda se fazem necessários à minha prática educativa. A *Pedagogia da Autonomia* me levou à *Pedagogia do Oprimido*, pois eu precisava entender mais sobre educação bancária, educação libertadora, os processos de conscientização de que tu tanto falas em tais obras. Devorei tua obra isolada no mesmo local que me encontro escrevendo essa Carta Pedagógica (VIEIRA, 2018), na terra de Anita Garibaldi e, também, de minha vó Teresa (*in memórian*). Durante aquelas férias de verão entendi que tinha lido o livro mais importante da minha vida que me despertou a ver e ler o mundo com outros olhos, a começar a refletir sobre a relação entre opressores e oprimidos e como a educação não é neutra e nem poderia ser, e que todo ato político é um ato pedagógico e que a escola não pode tudo, mas a escola com alguma coisa ela pode contribuir para romper com essa lógica dominante e opressora.

Meu primeiro escrito acadêmico foi costurando as tuas leituras com minhas primeiras experiências de sala de aula construída no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) para o XIV Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, no ano de 2012 em Erechim. E desde lá, anualmente, venho participando do nosso Fórum Paulo Freire, como carinhosamente o chamamos. Agora o Fórum está retornando a Erechim e eu também tenho dito que é um ciclo de “Erechim a Erechim” de 2012 a 2020/2021. Já que por conta da pandemia o XXII Fórum de estudos: Leituras de Paulo Freire precisou ser adiado e será realizado de forma remota em maio deste ano.

O Fórum Paulo Freire que ocorre anualmente de forma itinerante no Rio Grande do Sul é um dos principais espaços que vem contribuindo para o meu processo de tornar-me professora e educadora, junto com turma de alfabetização de cada escola pública por onde passei, com os grupos de pesquisa (CNPq), e com outros diferentes grupos como mais recentemente o Café com Paulo Freire onde sou integrante do grupo da cidade de Canoas/RS, região metropolitana de Porto Alegre.

Sou grata pela oportunidade de ter tido contato com teus escritos Paulo logo no início da minha andarilhagem (BRANDÃO, 2018) pela docência. Ainda hoje me vejo como uma curiosa e aprendiz. Assumo-me enquanto freireana, não como uma especialista em teus conceitos, mas sim enquanto compromisso assumido de Ser Mais por mim, pelos educandos/as que passam por mim e por um mundo melhor para todos e todas.

Alegro-me em ver as caixas de mensagens das diferentes redes sociais, virtuais ou não, cheias de convites de eventos para comemorar e esperar com o teu centenário, Paulo. Em tempos, onde falam em expurgar teu nome Paulo Freire do Ministério da Educação, é de uma boniteza ímpar encontrar outros/as companheiros/as partilhando seus saberes e suas práticas Brasil a fora.

Acredito que, assim como eu, há muitos/as professores/as e estudantes das diversas Licenciaturas que também tenham histórias para contar sobre como o conheceram, Paulo Freire. Alguns tiveram o privilégio de conhecê-lo de forma presencial, outros através de seus livros e do testemunho dos que conviveram contigo. Eu não canso de ouvir as histórias das vivências dos seus amigos Paulo, principalmente, do Balduino Andreola e do Carlos Rodrigues Brandão. E venho lhe chamando carinhosamente de Paulo nesta Carta Pedagógica como uma forma de homenagear esses dois grandes professores, pesquisadores e estudiosos da vida e das Ciências Sociais, teus amigos, e que por isso te chamam simplesmente por Paulo.

Nos últimos anos, venho me dedicando junto com a professora Ana Freitas e outras colegas do nosso grupo de pesquisa e também de outras pessoas de diferentes instituições a escrita e leitura de Cartas Pedagógicas modalidade de escrita que tu tanto gostavas Paulo.

A escrita em forma de cartas é também empregada por Paulo Freire em outras obras, mas a expressão Cartas Pedagógicas aparece somente na Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos

(FREIRE, 2000), publicada após a sua morte, em 2 de maio de 1997. Por meio dessa publicação, Ana Maria Araújo Freire (Nita) torna públicos os últimos escritos de Paulo Freire, elaborados em forma de cartas. Denominadas naquele momento por ele como Cartas Pedagógicas, a expressão seria título de seu próximo livro, cujo projeto ficou inconcluso. Ao preservar a expressão como subtítulo na publicação que organiza, Nita dá visibilidade ao conceito, anunciando um campo fecundo de reinvenção do legado de Paulo Freire (FREITAS, 2019, p. 59).

Ensinastes-nos que a Carta Pedagógica é um instrumento formativo metodológico promotor de diálogos. Quem escreve algo a alguém espera respostas.

Inicialmente, é importante considerar, segundo o que indica a própria expressão, que a escrita de uma Carta Pedagógica caracteriza-se por atender dois critérios. Sendo uma carta, deve apresentar os elementos próprios deste gênero de escrita: data, destinatário, remetente, saudação inicial e final, além de empregar a primeira pessoa, com a intenção de comunicar-se, com diferentes finalidades. Por ser pedagógica, a escrita apresenta e desenvolve com clareza a finalidade a que se propõe, por exemplo: comunicar uma experiência, abordar um tema, dar retorno sobre apreciação de trabalhos, fazer um convite, dar boas-vindas, entre outras. Importa ainda considerar a qualidade da escrita caracterizada como uma reflexão pessoal fundamentada, ou seja, fazendo uso apropriado de conceitos e incluindo referências diretas ou indiretas (FREITAS, 2019, p. 61).

E você caro leitor/a já se desafiou a escrita de uma carta ou de uma Carta Pedagógica? Estou aprendendo muito ao escrever Cartas Pedagógicas.

Aos poucos, bem aos poucos, estou superando o medo de escrever, buscando não deixar que o medo do difícil me paralise como tu disseses Paulo na segunda carta do livro Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. O exercício da escrita vem nos aproximando não de receitas, ou prescrições, procuramos apontar caminhos, possibilidades para que mais pessoas se sintam convidadas a dizer a sua palavra por meio de Cartas Pedagógicas.

Por fim, e não menos importante, tudo o que aprendi com tudo e todos/as com quem convivi ajudaram a me tornar a educadora que venho me tornando. E que atualmente se desafia a pesquisar sobre Cartas Pedagógicas, Educação Popular e empoderamento feminino no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, tendo como orientador o professor Thiago Ingrassia Pereira que conheci lá em 2012 quando ele coordenou a edição do Fórum Paulo Freire nessa mesma instituição, que na época estava com o campus ainda em construção. Não preciso nem falar da admiração que tenho por ele enquanto Freireano comprometido com a rigorosidade nos estudos e com o seu legado Paulo. Não poderia deixar de mencionar a alegria que esse reencontro me proporcionou.

Para finalizar, gostaria de dizer Paulo, que te escrevo para lembrar que não estamos sozinhos/as, que somos muitos, que somos e seremos luta, resistência, esperança e amorosidade.

E vocês freireanos/as ou estudiosos/as, curiosos/as da obra de Paulo Freire. Por que escrevem? O que os movem a dizer a sua palavra?

Um abraço Freireano,

Laguna (RS), 15 de fevereiro de 2021.

Numa segunda-feira de Carnaval, sem festa, aguardando a vacina

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.44-45.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1993.

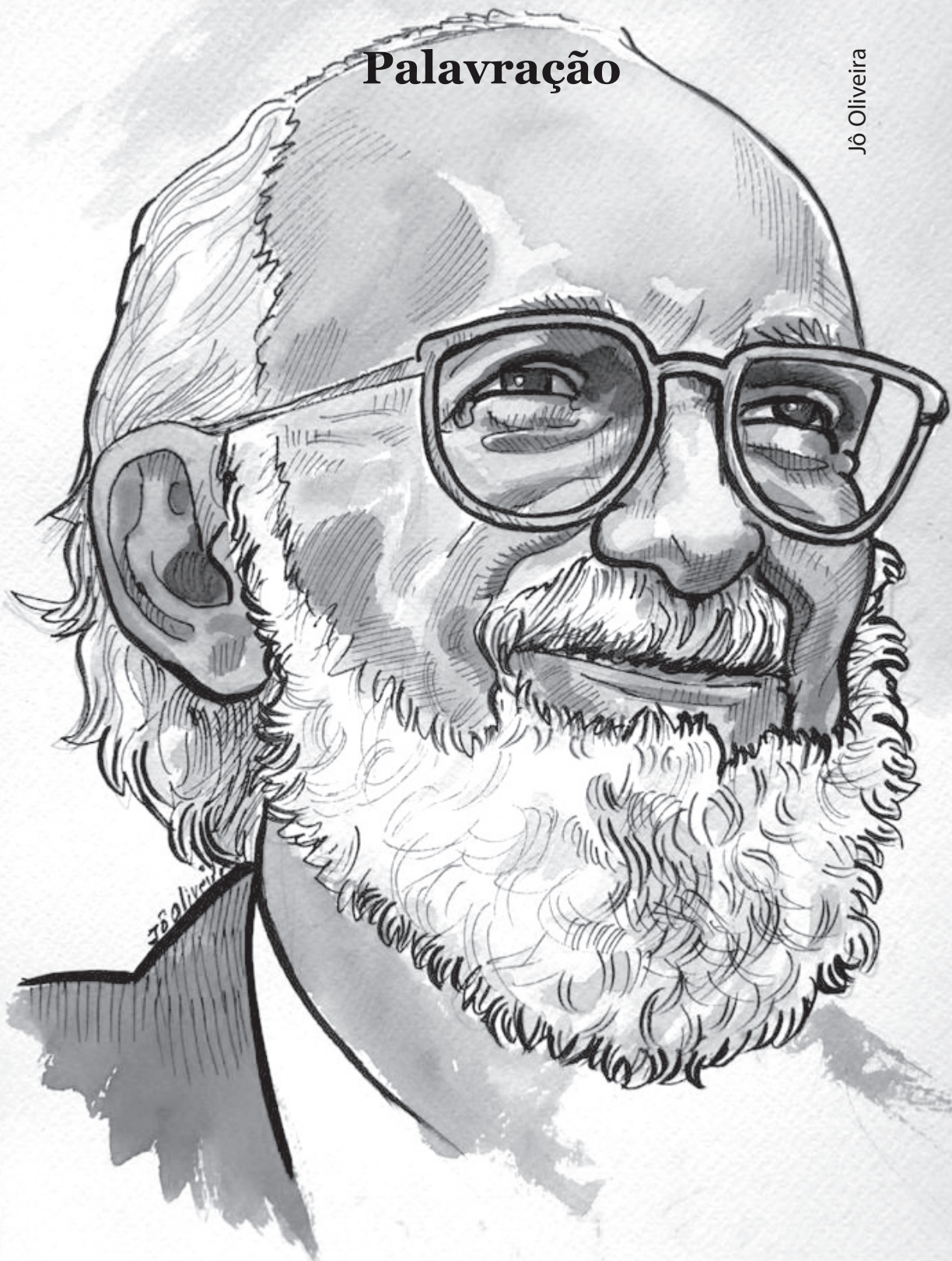
_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: experiência e reinvenção do legado de Paulo Freire. In: DICKMANN, Ivania (Org.). **Diálogo Freiriano.** - Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2019, p. 55-64.

VIEIRA, Adriano Hertzog. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

Palavração

Jô Oliveira



Carta aberta à esperança

*Eduardo Jorge Lopes da Silva*¹

*Paola Andressa Scortegagna*²

*Patrícia Cristina de Aragão*³

*Saulo José Veloso de Andrade*⁴

Querido Paulo,
Em tempos de incertezas, como estes em que estamos vivendo atualmente, escrever uma carta para você, nos conduz a profundo movimento de repensar o contexto social, as metamorfoses da vida cotidiana e o seu lugar na educação brasileira.

Enquanto sujeitos no mundo, torna-se fundante lembrarmos como você nos educou a ler as vicissitudes do espaço social sob as lentes da esperança e nos apresentou um sentido e prática de educação em que as experiências e vivências humanas ganharam contornos para entender a realidade vivida. Suas palavras cheias de significados nos mostraram que a educação pode ser o caminho da esperança para

1 Doutor em Educação. Professor do Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação e permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba -PPGE/UFPB.

2 Doutora em Educação. Professora do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

3 Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba – PPGFE/UEPB.

4 Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba-PPGE/UFPB. Docente da rede pública de ensino de João Pessoa e de Juripiranga. Mestre em Formação de Professores do PPGFP/UEPB. Membro do GEPPEEJA.

sermos mais e construirmos histórias talhadas em lutas e resistências, marcas indeléveis que nos conduzem enquanto seres em movimento de vida.

Paulo, sua pedagogia permeada de amor ao humano, mostrou-nos as diversas facetas de como ser educadores/as, empreendendo práticas na construção de uma educação humanizadora. Assim como você, acreditamos que enquanto humanos possamos ser empáticos, dialógicos e solidários diante da vida e do outro.

O cenário nacional e mundial espelha crises de variadas formas: sanitária, econômica, ambiental e social, num desenho sem retoques de um panorama desolador. Ao lembrarmos de tuas palavras, a construção do teu pensamento e a maneira como nos legou tuas escritas educacionais, podemos pensar e continuar lutando por uma educação como prática de liberdade, que possa gerar a ação cultural em que a autonomia e a esperança possam ser ressignificadas.

Mesmo em face de uma variedade de práticas sociais e políticas, num cenário que muitas vezes beira o caos, que nos deixa indignados, precisamos seguir em frente, pensando em vivenciar a prática de uma pedagogia da autonomia e da esperança, quando as incertezas do bem viver batem à nossa porta.

Em tempos pandêmicos, vividos pelo mundo em decorrência da COVID19, lembrarmos de tua ação política, social, cultural e educacional, nos faz crer que a janela da vida nos acende a chama da luta, num chamamento para resistência e que precisamos reinventar nossas existências, para sermos cidadãos da vida, alfabetizando almas com um profundo amor humano, numa ode à esperança de um mundo que pode ser bem melhor.

Gostaríamos de contar para você uma outra história da sociedade brasileira contemporânea, em que as crianças e os jovens não se encontrassem em situação de vulnerabilidade; que 100 anos após o seu nascimento o país no qual você nasceu e pelo qual tanto lutou, pela

via da educação, tinha mudado; que na utopia do tempo as pessoas estavam felizes e saudáveis, sem ameaça às suas vidas, sem perda da dignidade e do emprego, com sua cidadania política e social sendo validadas.

No entanto, o Brasil real apresenta um novo redesenho de ampliação das desigualdades sociais e uma profunda falta de sensibilidade humanitária por parte do poder público. Frente a esta contextura que nos aponta outra miríade, a da dor, precisamos lembrar e ressignificar tuas práticas humanitárias e educacionais.

A amorosidade contida na força de seus escritos, a beleza dos teus ensinamentos humanitários nos conduz a sermos esperançosos, dedicando na viola do tempo uma ode à esperança, uma canção que fale da vida ao coração das pessoas no mundo. Para que possamos cuidar uns dos outros, respeitar a dimensão humana de ser e de pensar que haverá um outro dia a brilhar o sol. Sol sob o qual vidas não sejam vulgarmente ceifadas, sol que brilhe no olhar dos sujeitos como a luz da dignidade humana, o sol dos direitos sociais respeitados.

No painel atual, num cenário pandêmico, se verifica que a educação básica brasileira foi mudando suas facetas. As escolas tiveram que reinventar suas práticas pedagógicas, de maneira nunca vista antes, pois em meio a tantas incertezas e medos que este vírus trouxe, o ensino presencial deve de dar lugar ao modelo remoto, em que as tecnologias se tornaram grandes parceiras, mesmo, muitas vezes sendo um dos grandes desafios, para professores e alunos.

E, em meio a tantos infortúnios, foi essa mesma pandemia que conseguiu aproximar professores e alunos, pesquisadores e defensores da educação, que muitas vezes de dentro de suas casas, numa realidade de teletrabalho, se puseram a pensar, discutir e tentar buscar estratégias para o ensino, que em tantas situações segrega homens e mulheres, crianças e idosos, refugiados e índios, homossexuais e órfãos.

Alunos e professores distantes geograficamente, mas construindo

um saber, porém, nada se assemelha às suas experiências, sobretudo, a tão famosa vivenciada em Angicos-RN. Mesmo em um momento de intensas transformações nesse campo árido que é a educação, percebemos fortemente a sua presença por meio do seu legado, das suas produções, dos seus conceitos, e mais que isso, de sua própria prática de vida. Nunca, mestre, você esteve tão vivo entre nós! Suas obras se renovaram para que pudéssemos resistir, não só a essa mazela mundial, mas às desconstruções que estão sendo feitas em nosso amado Brasil.

Sim, porque tivemos um golpe político contra a democracia, contra os pobres, contra os oprimidos. Paulo, até tentaram tirar você da condição de Patrono da Educação Brasileira. Sim, nem contamos essa novidade. Desde 2012, você é o nosso Patrono! Mas, saiba que, naquele momento, sua pedagogia, foi sim, o alicerce e o instrumento de esperança, não de esperar, mas de esperarçar, de lutar para que tenhamos dias melhores. Quantos de nós, não fomos às urnas em 2018 levando nas mãos algumas de suas obras célebres, como instrumento de luta e de resistência. Pois, naquela eleição, tão importante para o Brasil, um professor foi a nossa esperança contra o discurso da homofobia, do sexismo, do xenofobismo, do preconceito racial. Mas, infelizmente, não conseguimos. A voz dos opressores sobre os oprimidos ecoou mais alto e lembramos mais uma vez da sua Pedagogia do Oprimido.

Vivemos momentos que nos fazem revisitar o seu legado. Pois, precisamos de alguma forma nos munir de elementos para combater uma ideologia seca, vaga e sem sentido, precisamos realimentar em nós a esperança, para que possamos ter forças para continuar nessa luta incessante pela liberdade, com homens e mulheres conscientes, lendo o mundo com olhos de amor, mas também de luta e resistência. É difícil dizer isso, mas em plena pandemia estamos em um país dividido, em que o discurso de ódio se revela diariamente, seja nos jornais ou nas redes sociais. Esses espaços virtuais você não teve a oportunidade de

conhecer, mas certamente se estivesse conosco, nos ensinaria como fazermos bom uso deles. O momento requer do mundo união, paz e serenidade.

No entanto, aqui nesse Brasil de todos nós, vivemos afrontas, desconstruções e, sobretudo, rupturas nos direitos que alcançamos após anos de lutas. Não reconhecemos nosso país, tudo é tão diferente, tudo é tão cinza. Na calada da noite, nossos direitos e nossos espaços de cidadão estão sendo duramente cerceados.

E nós ficamos numa berlinda. De um lado, esse inimigo feroz, aqui denominado de COVID-19; e, de outro, um governo, que nem podemos assim denominá-lo, sim, temos um desgoverno. Paulo, você passou por tantas lutas, foi exilado, sofreu tanto nesse país e por esse país. Mas, talvez você tenha dificuldades para acreditar em tudo aquilo que estamos dizendo. Em pleno século XXI, no ano de 2021, cem anos depois do seu nascimento, somos diariamente bombardeados com discursos de ódio e afrontas contra a nossa dignidade. Nosso atual presidente, num apelo midiático pela manutenção do seu poderio, quase que diariamente, nos oferece discursos desumanos. Nem mesmo muitos dos seus apoiadores conseguem permanecer ao seu lado.

Tanto o Ministério da Educação (sim, esse Ministério tão importante), quanto o Ministério da Saúde sofrem severamente pelos desmandos dessa governança arcaica, grosseira e sem sentido, além do ódio. Ouvimos tantas palavras lastimáveis e somos atacados, sequencialmente, por sermos professores e defendermos uma educação de qualidade.

Sofremos ainda mais nesta pandemia, com a volatilidade do Ministério da Saúde, que já trocou várias vezes de Ministro, pois o negacionismo sobre a pandemia é maior do que o direito à vida!

Você talvez tenha dificuldades de acreditar, mas o atual presidente do Brasil vocífera coisas terríveis na mídia para agradar seus apoiadores e, com isso, deseja propagar o discurso do ódio. Em meio ao

quantitativo elevado de mortos, em decorrência dos efeitos do coronavírus, o presidente quando questionado sobre esse assunto disse uma série de absurdos! Certa vez ele proferiu “não sou coveiro”; em outro momento, quando estávamos discutindo sobre as vacinas para conter a contaminação grave desse vírus que tem nos tirado o direito de abraçar as pessoas, ele falou, em um evento público: “você pode virar jacaré, se tomar essa vacina”. Paulo, há coisas mais terríveis! Ele até desdenhou, em canal nacional, de pessoas que estão em UTI’s sem conseguirem respirar ou nas filas destas UTI’s. Fez deboches, sem apresentar nenhum respeito à vida humana.

Aos poucos vamos descobrindo o caminho do golpe e, assim, percebemos quão alienada é grande parte de nossa população. Ainda precisamos de força para lutar pela educação transformadora que você, mestre, percorria o mundo defendendo. A educação que liberta, que possibilita mudanças e transformações não só na vida do indivíduo, mas em todo seu entorno. Precisamos, cada vez mais, reacender em nós a esperança que você tanto nos apontou, pois, em alguns momentos, ficamos tão tristes por tudo o que está acontecendo, que deixamos essa chama se apagar entre nossos dedos e nossos corações.

Sabe Paulo, em meio a tudo isso, temos mais uma coisa para te contar: ainda não conseguimos dar conta do analfabetismo entre os jovens e adultos, acredita nisso? Temos 6,6% de analfabetos, isso corresponde a pouco mais de doze milhões de homens e mulheres sem saber ler e escrever. A maioria são os negros e os idosos, ou seja, ainda mantemos a cultura maldita pela qual oprimimos a nossa população negra, sem políticas afirmativas, e, muito menos, sem políticas para os nossos idosos, que sempre foram marginalizados e vulnerabilizados pelo sistema. E, para piorar o cenário, 32,2% de nossa população acima de 25 anos não possuem o ensino fundamental completo. Até hoje estamos à deriva no Ministério da Educação, basta dizer apenas isso.

Mas, apesar de tantas coisas ruins, temos coisas boas para te contar. Você, sim, você, Paulo Freire, tem sido a inspiração de muitos educadores e educadoras no Brasil e mundo afora. Nesse ano de 2021, estamos todos e todas empenhados em celebrar seu centenário de natalidade. Maravilha, não é? Está sendo para todos nós o momento de renovar as forças e nossas energias para esperar ainda mais. Suas obras estão sendo revistas. Universidades, movimentos sociais e outras instituições que levam teu nome estão todos empenhados para comemorar o “Andarilho da Esperança”.

Queremos mostrar para o mundo todo que a tua pedagogia, que é nossa, que é do oprimido, que é de todos e todas aqueles e aquelas que lutam por um mundo justo, grávido de vida, de amor, de humanidade, não pode deixar de ser lida e que teu centenário precisa ser celebrado.

A tua contribuição para a educação dos seres humanos, sobretudo, dos “esfarrapados do mundo”, dos injustiçados, em sua expressão diversa, ecoa em cada página lida de tuas obras. O profundo sentimento de esperança na educação libertadora de homens e mulheres inconclusos lá está, e, nessa condição humana, pedimos licença para te citar, “a educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado”.

A tua humildade cristã e intelectual precisa, mais do que nunca, invadir nossa sociedade, nossas escolas, nossas almas e nossos espíritos, para nos engravidar de vida e de amor ao próximo. Para nos fortalecer na luta por um país melhor para todos e todas, sem distinção de cor, raça, gênero, orientação sexual, enfim... Paulo, será que estamos sendo sonhadores demais em assim pensar? Perguntamos isso porque somos professores universitários e de escola pública. São doutores! Estamos rindo, agora, imaginando a sua expressão facial. E respondemos: “Olha, doutores não sonham? Professores doutores não possuem esperança, não amam o seu próximo?” Verdade, Paulo, você está certo! Precisamos nos despir das vaidades acadêmicas, impressas em

rótulos e títulos que alguns penduram nas paredes e muitas vezes carregam como seu bem mais precioso. E, você é um exemplo disso para nós. Por isso, te celebramos!

Mas, não pense que se trata apenas de um ano festivo devido ao seu centenário! Trata-se do respeito máximo ao nosso Patrono, que nos incentiva dia após dia a querer um futuro melhor para os nossos alunos, alunos que estão na Educação Básica, que estão na Educação de Jovens e Adultos, que estão na Pedagogia e nas demais Licenciaturas, que estão nos Programas de Pós-Graduação, que estão nos espaços não-escolares, que estão aqui ou acolá, que estão na vida e, muitas vezes, tem em nós a única chama de esperança. E, é por isso, que nos apoiamos em você! Porque quando nos falta o que dizer, você sempre tem algo para nos mostrar em suas obras, ou surge em nossos pensamentos, lembrando que a educação é libertadora e que ela acontece ao longo da vida! Estamos aqui para aprender e ensinar, estamos aqui para ler o mundo e acreditar num futuro melhor, mais bonito e repleto de boas novas, apesar das incertezas que pairam no ar neste momento presente...

Essas são as novidades que queríamos partilhar contigo. Talvez, na verdade, mais do que contar algo, queríamos desabafar um pouco sobre o que estamos passando e buscar em você, novamente, palavras alentadoras, pois estamos necessitando disso. Buscamos ouvi-lo das mais diversas formas, pois escutar intelectuais de sua qualidade humana é motivador! Sentimos sua força, pois é um intelectual mais próximo de nós, nordestino, brasileiro, humilde, amoroso e inspirador. E, te dizer, nosso querido amigo, que você representa para nós um exemplo de cidadão que em toda sua vida foi um profundo defensor dos seres humanos, como protagonistas de suas histórias. Novamente, Paulo, pedimos licença para lhe citar, afirmando que você é um exemplo de alguém que pensa a sociedade e os seres humanos como pessoas capazes de serem protagonistas, de si mesmas, construtoras de suas

histórias. Pois, como certa vez você já nos disse: “ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”.

Paulo, você nos ajuda a sonhar e lutar por uma sociedade mais, sem miséria e sem fome de justiça e de alimento. Na nossa utopia, uma sociedade humana, em que nada faltará, ao contrário, seremos abundantes em amor, dignidade, respeito e generosidade!

Obrigado querido Paulo Freire, por nos escutar!

João Pessoa (PB), Outono de 2021

Por uma educação antirracista

Gabriel Lopes Dantas¹

Para Paulo Freire, uma reflexão em torno da negritude brasileira.
Querido Paulo Freire,

Início minhas reflexões nesta carta convidando os leitores a pensar como a questão racial brasileira é ainda uma fenda aberta e que precisa ser problematizada, refletida para que as gerações de jovens, como eu, continuem lutando por uma sociedade igualitária e mais justa social e etnicamente.

“A carne mais barata do mercado é a carne negra”. É assim que começa a composição “A carne” escrita por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette, e publicada em vídeo clip em 3 de julho de 2017. Foi cantada, inicialmente, no Álbum “Do Cócix Até o Pescoço” no ano de 2002, produzido e interpretado na voz da cantora e compositora brasileira, Elza Soares. Essa música reflete sobre a exploração dos corpos negros no Brasil, consequência de uma desigualdade social, racismo e segregação reproduzidos diariamente em esfera nacional.

Através da letra desta composição é possível captar como o autor chama atenção para os problemas sociais relativos à questão racial.

¹ Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisador do Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNpq; Pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa História, Cultura e Ensino.

Partindo desta perspectiva, busco a partir de seus escritos, querido Paulo, pensar o tempo presente e como nele o lugar do povo negro ainda evoca muitas reflexões, abrindo para a luta e modos de conscientização que você tantas vezes buscou nos mostrar.

A partir de seus ensinamentos, indagamos: como a educação por meio dos ensinantes alcançam os jovens negros e negras? O que você nos aconselhou sobre uma educação emancipadora para o povo negro? Afinal, a educação é essencial para combater os problemas existentes. Bom, tentarei sanar e discorrer sobre as perguntas que propus, abordando a importância de Freire para uma educação antirracista e emancipadora para a juventude negra.

Para compreender como a educação escolar alcança os jovens negros e negras, já exponho os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua nos anos de 2016 a 2019, do IBGE, e que foi tema de matéria publicada no site da Carta Capital ² em julho de 2020. A matéria traz dados sobre a “taxa ajustada de frequência escolar líquida ao ensino médio das pessoas de 15 a 17 anos de idade, segundo cor ou raça” e afirma que 71,7% dos jovens que abandonam as escolas são negros ou pardos. Os dados são assustadores, consequência de vários fatores como o racismo estrutural, a ausência de condição financeira e de uma educação emancipadora. E é sobre essa última problemática que irei debater. Não busco culpabilizar o ensinante, mas ressaltar os caminhos para uma prática docente antirracista e emancipadora, coerente com a práxis, como você, mestre Freire, aconselhava.

Determinados ensinantes da disciplina de história ressaltam, na maioria das vezes, o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009)³, chama de “História única”, característica de uma

2 Mais de 70% dos jovens de 14 a 29 anos que abandonam a escola são pretos ou pardos. **Carta Capital**. 15 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/mais-de-70-dos-jovens-de-14-a-29-anos-que-abandonam-a-escola-sao-pretos-ou-pardos/>. Acessado em: 21 de mar. de 2021.

3 ADICHIE, Chimamanda. – O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da

educação tradicional. Discorrem grandes feitos dos homens brancos europeus, heróis nacionais em sua maioria branca, etc., quando remete-se à história do povo negro, apenas a escravização é relatada. Como se o povo negro fosse resumido apenas a esse drástico episódio da história mundial.

Os ensinantes, em sua maioria, não relatam nas aulas História sobre os impérios no continente Africano, como por exemplo, o Império de Axum, que surgiu em 100 d. C.; o Império Zimbábue, que existiu entre os anos de 1200 e 1400, no litoral da África Austral, onde hoje estão localizados Moçambique e Zimbábue, dentre outros (LORENA MARQUES, 2019).⁴ Descrevem que os povos pretos são ancestrais de escravizados, mas esquecem que também vieram de reis e rainhas.

É necessário romper com a educação tradicional, como você já apontava, Freire em suas obras *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000). Nesse âmbito, é preciso condicionar uma educação crítica largando a “lousa, o giz e o livro didático – a “santíssima trindade” da prática tradicional – compõem a realidade do ensino no país”, como afirma o professor Nascimento (2005).⁵

Afinal, com essa educação tradicional o livro didático torna-se a única fonte do professor e, quando esse meio é analisado, nota-se, especificamente no livro da disciplina de história, a representação do povo negro apenas na época do colonialismo e da escravização, como foi relatado acima. São raros os livros que retratam a mulher negra, o protagonismo negro e a valorização da negritude. Ora, se há um

escritora nigeriana no evento **Tecnology, Entertainment and Design** (TED Global 2009).

4 MARQUES, Lorena de Lima. Reinos e Impérios Africanos – África Antiga. **Fundação Cultural Palmares**. 22 de mai. de 2019. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=54236>. Acesso em: 21 de mar. de 2021.

5 NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas**, ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

número alto de evasão escolar por parte dos jovens negros, evidentemente é necessário o ensinante rever vários fatores: romper com o tradicionalismo, buscar novas fontes teóricas além do livro didático e com esse embasamento teórico, reformular a sua prática. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

É fundamental erradicar a educação bancária, que é característica de uma educação tradicionalista, em que o ensinante se acha o dono do conhecimento com concepção epistemológica arraigada no empirismo, formulando uma educação unilateral em que o professor deposita e o aluno cumpre o papel de apenas receber as informações de forma pacífica. Nesse âmbito, temos um grande problema que é a ausência da história do povo preto na educação, narrado e debatido para o povo preto.

Essa ocultação gera algo terrível para os alunos pretos: ausência de conhecimento da história do seu próprio povo, conseqüentemente uma baixa autoestima em relação a si, entre outros problemas da histórica única apontado por Chimamanda (2009): “A consequência da história única é a seguinte: rouba-se a dignidade das pessoas.

Dificulta o reconhecimento da nossa humanidade compartilhada. Enfatiza as quão diferentes somos em detrimento de quão iguais somos”. É necessário romper com uma educação tradicional, cristalizada no eurocentrismo, pois a ausência da cultura, conhecimento histórica do povo preto por meio dos ensinados nas escolas gera um certo sentimento “desvantajoso” por meio do aluno por ter nascido negro, consequência da negação e o esquecimento de suas histórias e culturas em sala de aula.

Evidentemente, esse problema citado acima não é o único no meio educacional, e perante tantos outros existentes foi criada a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as

escolas públicas e particulares do ensino fundamental até o ensino médio, com o objetivo de “cobrir” a lacuna educacional existente sobre os povos negros que a educação brasileira criou e mesmo com a existência dessa lei, ainda há vários ensinados que não trabalham sobre essa temática tão essencial em sala de aula.

Ora, se a prática do professor em sala de aula, não incluiu a cultura afro-brasileira, é apenas a prática da exclusão, logo precisa ser alterada. Isso não significa que agora o professor de História não possa falar sobre a Europa, ele não deve falar apenas sobre ela. Então que a prática seja totalmente reformulada, afinal a educação tem como função expandir o conhecimento do indivíduo em relação ao mundo e sobre si. E para reformular a prática é necessário uma formação contínua e deve ser atualizada para compreender e executar melhor a prática, ou seja, o ensinante sempre deve estar praticando seus estudos de forma atualizada, usando da teoria para reformular a sua prática.

Alguns professores (as) questionam-se sobre os meios, ou seja, por onde deve-se procurar fontes teóricas? Reclamam da ausência de formação a respeito da temática teórica sobre o ensino da história, cultura afro-brasileira e africana. Evidentemente, esses fatores são existentes, mas atualmente é vivenciado uma era tecnológica que por meio da internet é possível encontrar várias fontes a respeito da história afro-brasileira ou como educar crianças e jovens negros.

A academia atualmente produz muito conteúdo em relação a essa temática, são apenas alguns cliques na internet que encontra-se facilmente autores (as) que discorrem dessa temática como, por exemplo: Djamila Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, Carlos de Assumpção, Jarid Arraes, Chimamanda Ngozi Adichie, Conceição Evaristo e tantos outros (as). Como discorrer Freire (2001)⁶: “o ato de estudar implica sempre o de ler”, então, que leia-se autores e autoras negros e negras,

6 Freire, P. (2001). Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, 15(42), p. 260.

que seja buscado a história do povo preto para que a mudança na prática ocorra no meio educacional, e por consequência os jovens negros e negras cada vez mais sintam-se inclusos na educação.

Freire (1996)⁷ aconselha para a construção do conhecimento dos estudantes, pode-se utilizar o próprio conhecimento deles. Ressignificando para a temática dessa carta, a educação popular pode ser utilizada com os jovens negros por meio de seus próprios conhecimentos, ou seja, pergunta-lhes a história de sua linhagem, pessoas negras referencias para eles, em resumo intensificando o conhecimento da ancestralidade africana por meio de seus próprios conhecimentos, para que o estudante saiba que ele é um sujeito histórico em movimento, e que o professor não é detentor do conhecimento, e que ambos: educador e educado estão em constante aprendizado e forma coletiva e não unilateral. Como discorrer Freire (1981)⁸: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire (2001, p. 267) ressalta que “é necessário, então, que aprendemos a aprender”. Então, para proporcionar uma educação antirracista onde ensinantes não reproduzam racismo de forma inconsciente, é necessário a busca pelo estudo. Freire enfatiza muito bem em suas obras, sobre a necessidade de sempre o professor está praticando a leitura por meio dos estudos, pois, não há como ensinar aquilo que não sabe.

Por fim, as metodologias-didáticas pedagógicas que o grande pedagogo Paulo Freire ensinou, não pode acabar “empoeirada” na estante de uma biblioteca universitária. Seus conceitos precisam ser utilizados não somente para produzir uma educação antirracista, mas

7 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

8 FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981, p.79.

sobretudo uma educação emancipadora e libertadora, rompendo com a cultura do silêncio. Seus conceitos devem ser utilizados nas práxis, e em tempos de tecnologia é necessário a arte. Essa grande arte de reformular a nossa prática educacional emancipadora, pela libertação do nosso povo. Viva Paulo! Freire e a educação popular!

Com saudades e respeito,
Campina Grande (PB), 20 de abril de 2021

Fazendo o que será

Paulo Henrique Guimarães de Lemos¹

[...] Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será [...]
Gonzaquinha

Saudações, professor Paulo Freire!

Nesta tarde de uma segunda-feira ensolarada e de bastante calor, comum para quem reside no semiárido baiano, último dia do penúltimo mês de um ano considerado triste e difícil pela humanidade, para quem até então se encontra ainda por aqui, cansado e estressado de um final de semana repleto de tarefas e alguns problemas, sendo parte desses referente à minha missão enquanto professor, fora a necessidade de permanecer ainda em isolamento social, cogitando a possibilidade de desistir do curso de mestrado... Faço questão de afirmar agora que não irei desperdiçar tão facilmente de uma das melhores oportunidades que a vida me trouxe, fruto de muito estudo, dedicação, persistência e força de vontade. Hoje estou aqui tendo a alegria e honra de me corresponder contigo, um dos meus queridos

¹ Professor da Educação Especial na Secretaria Municipal de Educação de Nordestina/BA e Coordenador Pedagógico na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Monte Santo/BA; Graduado em Pedagogia pela UNOPAR; Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela FBB e Atendimento Educacional Especializado pela FAVIC; Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) pela UNESP. E-mail: paulo.lemos@unesp.br

professores... Mais um sonho na minha vida que se tornou realidade!

Aproveito para socializar contigo um pouco das minhas concepções enquanto profissional de educação (com mais de vinte anos de experiência), atuando em diferentes escolas, funções, segmentos, modalidades, públicos distintos... Enfim! Contextos bem diversificados. Como aqui se trata de uma carta e não de um livro, me reportarei de forma não muito detalhada sobre quem sou e o que trago comigo, direcionando agora o meu olhar somente aos alunos PAEE, que conseguem despertar em minha alma apenas sentimentos bons, significativos, desafiadores, aguçando a necessidade pela busca de uma melhor e mais completa instrução a fim de atendê-los de forma satisfatória e significativa; Sem contar questões como afetividade, solidariedade, caridade, empatia, paciência, confiança, gratidão e de amor ao próximo. Faço questão de reconhecer que depois que a Educação Especial passou a fazer parte de minha vida, não apenas cresci enquanto profissional, melhorei enquanto ser humano, enquanto gente (como muito diz o senhor em seus textos).

O que se prega na legislação é que a escola deve-se constituir como um espaço privilegiado para combater as atitudes discriminatórias e os processos de exclusão, proporcionando a todos, independentemente de suas especificidades, o direito ao aprender, a conviver com outros, a desenvolver sua autonomia, protagonismo e o exercício pleno da cidadania, consolidando assim, o direito à educação com vistas à redução das desigualdades e valorização das especificidades dos alunos, considerar que são sujeitos que necessitam ter acesso a uma educação integral, bem como uma proposta pedagógica de escola regular na perspectiva da inclusão com objetivo de promover o atendimento, respeitando as singularidades dos estudantes que são PAEE, em particular.

Contudo, analiso todas essas políticas públicas inclusivas e/ou inclusivistas apresentadas em forma de leis e me deparo com uma

realidade onde esses cidadãos são quase que totalmente desassistidos por um sistema (através de inúmeras políticas públicas já existentes) que tem como dever respeitar e “abraçar” todos, todas e todes.

Essa ausência de responsabilidade e compromisso não contempla apenas a gestão (de forma geral), mas também aquela escola que se “sente obrigada” a receber essa matrícula e não se compromete em validar além do acesso, a permanência e principalmente a aprendizagem desse sujeito; o professor que afirma que não foi formado e/ou sensibilizado, ignorando a sua presença no espaço da sala de aula; Espaço esse de aprendizagem, desenvolvimento, construção, diversidade, vida... Vimos nos últimos anos uma ojeriza pelo professor e tentativas de criminalizar o ato educativo, que confunde “cooptação ideológica” com fomento ao “pensamento crítico”. E a própria família, que muitas vezes por ignorância, não acredita nas suas potencialidades e não se faz presente na luta pela efetivação desses muitos direitos, que na maioria dos casos, não sabem que os possuem.

Acreditar em uma educação de fato para todos, todas e todes, que mesmo diante das adversidades e especificidades, busque se quer o mínimo de qualidade, é para muitos uma eterna utopia. Infelizmente, ainda nos comprometemos com o macro, deixando as minorias, no caso os alunos PAEE à parte, esquecidos, invisíveis... Assim, a “flor viva” não se fará presente apenas no contexto escolar (cenário de debates, pesquisas e ações de toda essa problemática que envolve não apenas políticas públicas educacionais inclusivas e/ou inclusivistas), mas na sociedade de forma geral.

Abraço fraterno!

Do seu eterno aluno

Nordestina/BA, 30 de novembro de 2020

A comunhão entre ensinantes e aprendentes

Rilva Jose Pereira Uchôa Cavalcanti¹

Meu Professor Paulo Freire, Ao aceitar o convite de lhe responder, após a leitura da carta que o senhor escreveu aos professores, carta esta contida no *Livro Professora sim, tia não*, nas páginas 27 a 38, me veio um sentimento muito grande de gratidão. Gratidão sim, pois este é o sentimento que invade o meu coração quando reconheço o quanto foi importante me debruçar sobre a sua pedagogia para compreender a realidade social na qual me insiro e, também, para que eu assumisse meu compromisso profissional com a educação dos oprimidos, com a educação popular, com a educação comprometida com a libertação dos indivíduos. Educação esta que se traduz em uma educação crítica, em uma educação progressista. Afinal, não tem como não ver suas ideias acerca da educação e seus processos como um embate, um confronto com as tendências e teorias tradicionais que explicam os processos de ensinar e aprender.

Na emissão desta vou tentar deixar claro o que foi possível

1 Professora pedagoga com especialização em gestão educacional e doutorado em ciências da educação na linha de investigação inovação pedagógica. Atuação na educação básica e educação superior. Professora pesquisadora do Grupo de Pesquisa O lugar da Interdisciplinaridade no Discurso de Paulo Freire.

aprender ao ler aquela *Carta* que o senhor nos escreveu que, como todos os seus escritos, não conseguimos ler sem fazer primeiro nossa leitura de mundo, para depois usufruirmos de uma reflexão crítica e reconstruirmos saberes sobre qualquer que seja a temática que o senhor aborde. Dessa forma, sistematizamos aqui compreensões que foram construídas ao ler a Primeira carta: *Ensinar -Aprender Leitura do Mundo-Leitura da Palavra*.

O que aprendi, a partir de seus conselhos, dos atos ensinar e aprender? Os atos presentes, ao longo da vida por todo e qualquer indivíduo que viva no mundo, pois todos estão sujeitos a esses atos, mas especificando ao ato educativo que se vivencia na prática escola, na educação sistematizada, o senhor nos tem alertado para compreendermos esses dois processos como recíprocos. Quem está com a função de ensinar, se disponibiliza também a estar na condição de aprendente.

Isso nos inspira a ser professora, em seu dito, ensinante, que em lugar de transmissora de conhecimentos, de conteúdo, assumimos a postura de professor-ensinante que provoca o aprendente a demonstrar também o que sabe, que informações, que ideia faz do que se vai aprender. Tenho clareza que nada aprenderei com os estudantes com que trabalho se não me coloco nessa posição de aprendente e nem muito menos se praticar uma ação docente voltada para o silêncio. É, por isso, a sua preocupação com uma prática docente que se volte para o diálogo.

E numa oportunidade de estudar sua proposta pedagógica pude detectar que o senhor percebe o diálogo como fenômeno humano, pois para o senhor a existência, por ser humana, “não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo.” Este seu entendimento sobre o diálogo supõe que este seja uma importante prática para o homem viver no mundo e transformá-lo e, como tal,

não pode ser privilégio de alguns homens, mas de todos.

Foi a partir dessas suas ideias que concluí que a prática de dialogar entre os homens é condição para sua existência no mundo e como tal não pode ser autoritária entre esses homens, mas um ato de criação entre eles. Assim sendo, para transformar o mundo, os homens criam e dialogam em torno de suas criações.

Essa disponibilidade em dialogar do professor que é, ao mesmo tempo ensinante e aprendente, faz desse professor humilde e aproxima dos outros, se torna companheiro. É bem verdade, professor Paulo Freire, que na prática de dialogar, não pode existir quem sabe mais e quem sabe menos. E como o senhor, em muitas de suas obras já afirmou, que na relação dialogal entre os seres ensinantes e aprendentes o que existe é a comunhão na busca de se aprender mais. Isso traz meu grande mestre a necessidade de acreditarmos na capacidade do homem de fazer e refazer, de criar e recriar, que não como privilégio e nem mérito de alguns selecionados para isso, porém como direito humano.

Aprendi com o senhor que é preciso considerarmos que os seres humanos têm sua leitura e compreensão do mundo, antes mesmos de se apropriarem da palavra escrita.

Dessa forma, meu entendimento, a partir de suas contribuições, é que existem algumas condições para a existência do diálogo: a esperança e a crítica. Os homens que dialogam devem esperar algo do seu quefazer. E por várias vezes me deparo com suas observações em torno do esperar pois em sua visão a esperança no homem é o que o leva a eternamente buscar. E não é a esperança um cruzar de braços e esperar.

Professor Paulo Freire, é por isso que sempre pensei o diálogo, situando-o à prática do diálogo no processo educacional, uma prática de educação numa perspectiva problematizadora, uma vez que sem diálogo não há comunicação e, sem esta, não há educação.

Portanto, na oportunidade de aprender sobre o diálogo é pertinente dizer-lhe que no processo de ensino-aprendizagem, a prática de dialogar aproxima professor aprendente e ensinante e aluno, também aprendente e ensinante, para, conjuntamente, conhecerem e reconhecerem o objeto cognoscível. Para eles, o diálogo pode ser também a oportunidade que tem os dois de começar dizendo, expondo o que já sabe do que se está a aprender, podendo nesse momento também re-aprender o que já sabe.

É, dessa forma, que ao escrever aquela carta, o senhor nos chama a atenção de continuarmos aprendendo, e, também, de buscarmos a nossa formação antes de atuarmos como docente, e de modo permanente. Essa formação, a seu ver, além de poder nos propiciar aquilo que precisamos ser enquanto ensinante, tem que ser uma formação que nos leve a refletir criticamente nossa prática docente, para termos a consciência do que precisamos refazer, reconstruir nessa prática. Isso implica em continuarmos estudando sobre o nosso quefazer.

Desse modo, Professor Freire, percebo que nunca se cansou de, em sua vasta literatura, chamar a atenção para o ato de estudar, para nunca sairmos da condição também de aprendente, de aprendiz. E como referência a esse ato de estudar está implicado ao ato de ler. E o que tens nos dito e redito sobre esse ato? Que ele vem depois da leitura de mundo que vamos adquirindo em convivência na sociedade. A leitura da palavra é pertinente para a construção de nosso capital cultural, enquanto ser cognoscente.

Considero suas lições muito fortes, muito significativas. Ler, por exemplo nos ensina em sua carta que: “ Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente mas gratificante [...] Ler é procurar buscar a compreensão do lido. Essa sua definição acerca do ato de ler nos faz considerar ler, não é apenas decodificar os símbolos linguísticos, mas interpretá-los e, melhor ainda, quando na condição de ensinante desse ato, anteceder a compreensão dos que estão na condição de

aprendentes sobre a realidade que o cerca.

Ao tratar da prática de estudar, não tem como não enaltecer o brilhante texto que o senhor no presenteia no prefácio de sua obra *Ação Cultural para Liberdade*. O mencionado prefácio intitula-se: *Considerações em torno do ato de estudar*. O que nele está contido tem nos servido como texto de orientação para se entender como ser um participante de Círculos de Cultura na educação superior e esclarece os papéis de ensinante e aprendente em um processo educativo. Nesse prefácio o senhor levanta questões estimuladoras para um amplo debate. Essas questões estão voltadas para o ato de estudar como um ato que demanda humildade; como ato de assumir uma relação de diálogo com o autor do texto com a mediação dos temas que esse autor trata. É claro que suas considerações sobre esse ato, acompanham as suas próprias concepções em torno do ato de educar. Sua contribuição em questionar as tendências e teorias críticas da educação é proveniente da concepção bancária do ato de educar que tanto o senhor questiona.

Por essas e por outras questões é que sua proposta problematiza o ato de ser professor aprendente, ensinante e também considerar o estudante como ser aprendente e ensinante, me possibilita ter visão diferenciada para o ato de estudar, de ler, de avaliar, de desempenhar a minha função docente. Não tem como ser o mesmo professor e mesma professora depois de conhecer e se apropriar de sua pedagogia, que pra mim é a pedagogia da crença na capacidade do outro, é a pedagogia do diálogo, é a pedagogia da construção coletiva do processo educativo, a pedagogia da certeza que continuaremos sempre aprendendo, pedagogia do respeito pelo outro, pedagogia do compromisso com a aprendizagem do outro, pedagogia da reflexão crítica da prática docente, pedagogia de uma postura crítica, enfim de uma pedagogia que nos leva a assumirmos uma postura diferenciada frente aos diferentes saberes dos envolvidos na prática.

Por isso, lhe sou muito grata meu estimado Professor Paulo Freire,

e espero poder partilhar mais ainda suas teses, pois através delas, transformei minha vida profissional de ser professora e minha vida como ser atuante na sociedade. Nos cursos de formação de professores em que atuo tentamos relacionar as temáticas, de qualquer disciplina, à sua concepção problematizadora de educação.

Sempre em preces de gratidão por tudo que produziu para melhoria da educação brasileira e de outros países.

Saudades e esperança,

Igarassu (PE), 15 de janeiro de 2021

O fazer que nos faz ser e saber

Jussara Cristina da Silva Moreira¹

Paulo Freire,
Li sua carta² e tenho experiências vividas como educadora leiga no oeste baiano que me remetem a saberes de um graduado, mas não é sobre os fazeres em instituições formais de ensino que quero versar neste momento, e, sim, sobre a curiosidade latente da concretização de projetos em espaço informal de diálogos culturais.

Estou proponente em alguns projetos buscando uma conscientização do meu entorno pela preservação da cultura que revela pelos nossos fazeres de onde somos, do que gostamos, quais são as nossas habilidades, e assim estamos:

1. Fortalecendo o brincar entre os adolescentes oportunizando a elaboração de um novo brinquedo e suas alegorias para encenação do boi bumba, muito comum nos festejos da festa do divino, e em outros

1 Em 1958 vim à luz em São Vicente, SP, fui de Santo André, antes de ser de Sítio do Mato corri muito trecho... em 77 já era téc. de Contabilidade e de Enfermagem, Só graduei em Ciências Contábeis em 89, tive escritório por dez anos; fiz especialização em Saúde Pública nos anos 90, me preparando para retornar ao oeste baiano, mas acabei mesmo foi na educação.

2 *FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'gua, 1997.*

folgedos pelo interior do município e nas atividades escolares, pois estávamos sem um brinquedo há mais de três anos;

2. Fortalecendo o imaginário com criação de desenhos de objetos e personagens do cotidiano, para releitura nas técnicas da xilogravura, integrando a estamparia de tecidos, para confecção de roupas e acessórios;

3. Reestruturando a Casa Candeeiro do Oeste, que se tornou oficialmente um ponto de cultura em 2020, já temos o retorno da biblioteca circulante para o ensino médio, em breve para os fundamentais, aos pequenos muita contação de histórias no espaço denominado Terreiro das Iaiás; na sala das artesãs o mulherio já faz burburinhos entre o desenvolvimento de um trabalho e outro... A cozinha aberta está prometendo muito desenvolvimento gastronômico regional, começando com o beneficiamento do umbu; a instalação permanente dos achados em sítios arqueológicos do município está sendo pensada de forma sensorial e deve ficar instigante...e temos também o grande pátio com palquinho para eventos, para quando a pandemia acabar, sonhamos com bailes para terceira idade, saraus de mamando a caducando, roda de capoeira e de conversas...

E assim ir aprendendo sobre nós e de nós, fortalecendo os vínculos afetivos com nossas histórias e fazendo história. Este é o perfil da casa do fazer, onde ser e saber se torna consequência do que fazemos.

Talvez no próximo ano eu conte como surgiu a casa, ou o que fiz na educação de 1.999 até 2019. Neste ano vou ficando por aqui, agradecendo o que de você ficou em mim.

Gratidão,

Sítio do Mato, Bahia, 15 de fevereiro de 2021.

‘Não há palavra verdadeira que não seja práxis’

Thaís de Mendonça Jorge¹

Caro professor Paulo Freire, Narro, nas próximas linhas, a aplicação de alguns conceitos fundamentais da aprendizagem, segundo seus valiosos ensinamentos, ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (Universidade de Brasília). Este trabalho nos parece uma contribuição importante à pedagogia da notícia, vital no mundo presente, onde convivemos com a centralidade da mídia a invadir nossas percepções, pensamentos, atitudes, comportamentos e até nossos sentimentos.

Há atividades que ilustram bem o processo de aprendizagem: estudar uma língua, desenvolver o vocabulário pela leitura ou consulta a dicionários, decorar uma letra de música, aprender a digitar num teclado. Algumas atividades não são aprendidas no sentido disciplinar, mas podem ser consideradas como absorvidas por outras formas. É o caso das preferências, atitudes, visões de mundo, preconceitos, e muitas habilidades desenvolvidas na interação com as pessoas. Existem ainda outras atividades que não podem ser vistas como ganho ou progresso, sendo, entretanto, também aprendidas: os gestos, os

¹ Professora da Faculdade de Comunicação (Universidade de Brasília). Graduada pela UFMG, tem mestrado em Ciência Política e doutorado em Comunicação na UnB, com estágios pós-doutorais na Espanha e em Portugal.

maneirismos – formas da linguagem não-verbal.

Para Hilgard (1966, p. 7), “uma teoria completa da aprendizagem deve ter algo a dizer sobre o raciocínio, a imaginação criadora, a inventividade, além do que pode ser dito sobre a memorização e retenção ou sobre a aquisição de habilidade”. Segundo José Renato Polli (2006, p. 56-65), a pedagogia freireana se coloca a favor da emancipação social, buscando formar sujeitos autônomos e aptos a praticar a solidariedade, contribuindo, ao mesmo tempo, para a “formação de uma consciência coletiva transformadora e humanizadora do próprio processo escolar e da sociedade como um todo”. O pensar de Paulo Freire indica que, já nas experiências cotidianas, seria possível criar instrumentos para a comunicação, “para a construção de novas utopias, pelo consenso provisório entre os pares, numa ética fundada no diálogo”. Em *Pedagogia da autonomia*, Freire frisa que, “toda prática educativa que acentua o caráter meramente informador, treinando os educandos e desconsiderando o papel formador ético-solidário, amesquinha o processo de aprendizagem”. Polli observa que a ética freireana, ao contrário, “inscreve-se na tradição cognitivista e universalista, pois considera fundamental para a prática educativa a defesa de princípios inalienáveis como o sentido da justiça, a democracia, a solidariedade, a cooperação, com vistas a uma emancipação social possível e em curso”. Poderíamos acrescentar que essa tradição cognitivista vai ao encontro do que Hilgard nos dizia sobre o incentivo ao raciocínio, à imaginação criadora e à inventividade, necessárias a uma plena cidadania.

Paulo Freire nos lembra que o diálogo na educação nos leva ao valor da palavra e aí está novamente sua interseção com a comunicação. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis”, diz o mestre, afirmando que a palavra verdadeira transforma o mundo. “Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blábláblá”. Das palavras ocas, não se pode esperar a denúncia

do mundo, “pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação” (FREIRE, 1988, p. 77-78)

Polli (2006, p. 56-65) estabelece a ligação entre Freire e Habermas, fazendo o nexos nas questões do agir e do diálogo. “São pensadores que convergem na ideia da construção do conhecimento em bases comunicacionais, promovendo a ligação entre preocupações morais, políticas e pedagógicas”. Infelizmente, os dois filósofos não puderam encontrar-se em vida. Jürgen Habermas, autor da teoria do agir comunicativo, defende que os princípios e valores só adquirem legitimidade quando são aceitos num diálogo racional entre participantes do processo da comunicação. Ele pensa no “sujeito inserido numa comunidade em que o conhecimento é linguisticamente mediatizado e relacionado com o agir”. Já Freire nos diz que “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1988, p. 69).

O papel do educador problematizador é proporcionar, com os educandos, as condições em que se dê a superação do conhecimento no nível da *doxa* pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do *logos*. Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 1988, p. 70).

Sabemos que Paulo Freire é um dos mais respeitados educadores do mundo, com uma produção intelectual que o coloca lado a lado com os grandes nomes do pensamento contemporâneo. Capaz de construir uma teoria da educação que tem como motor a ideia da formação política dos cidadãos e sua auto-compreensão como sujeitos da história, Freire critica a educação *bancária*, em contraposição a uma educação problematizadora, libertadora. Como alternativa, criou a “teoria da

ação dialógica”, caracterizada por união, cooperação, organização e síntese cultural, com o fim de desenvolver a conscientização coletiva, a partir da libertação das consciências.

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação bancária” mantém e estimula a contradição. Daí então, que nela: a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (...) d) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição (FREIRE, 1988, p. 59).

1 A notícia em sala de aula

Em 2006 e nos anos seguintes desenvolvemos uma metodologia de ensino da notícia em sala de aula, dentro do currículo da habilitação Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O objetivo da disciplina então intitulada “Técnicas de Jornalismo” seria o de mostrar o que é a notícia, na convicção de que o conceito de notícia é basilar no jornalismo e pode ser compreendido como o principal produto deste, não só como uma estrutura, mas também como forma especial de comunicação:

Notícia é transmissão da experiência, articulação que transporta o fato a quem não o presenciou. Matéria-prima da produção jornalística, o relato noticioso condensa a informação atual, verdadeira naquele momento, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade do maior número de pessoas possível (JORGE, 2010, p. 24)

A partir desta unidade mínima da produção jornalística diária

seriam discutidos os demais valores e conceitos importantes, principalmente para indivíduos que se iniciam nas técnicas profissionais, os estudantes – os *focas* –, em atividades que envolvessem inteligência, reflexão em prol da criatividade, além da aquisição de habilidades próprias. A proposta era, numa gradação que começava pelo familiar (a Universidade), em direção ao não-familiar ou longínquo (outros locais, outra cidade), estimular destrezas para enfrentar situações que os jornalistas têm diante de si no trabalho cotidiano, no processo de apuração de fatos, na seleção de acontecimentos e na redação final de um produto, aqui em conjunto com toda a turma.

O escopo da disciplina tinha como base os princípios de Paulo Freire, expostos no programa do semestre: 1) Aprender a agir: capacitar os alunos para atividades básicas no exercício da profissão de jornalista; 2) Aprender a conviver: oferecer oportunidades em que os alunos trabalhem em equipe e cada um seja capaz de construir o próprio conhecimento; 3) Aprender a ser: desenvolver qualidades pessoais na comunicação – compromisso, responsabilidade, solidariedade; 4) Aprender a pensar: incentivar habilidades de organização, reflexão, seleção de fatos e relacionamento humano, a partir de uma situação-problema; 5) Aprender fazendo: dar oportunidades de treinamento em apuração e redação de textos para as várias formas de atuação do profissional multimídia.

Em três semestres, entre 2007 e 2008, fortalecemos o entendimento da estrutura em bloco envolvendo outras disciplinas e professores de áreas como os do jornal-laboratório Campus II e da Ciência da Computação, a fim de montar e alimentar o site- revista *Grande Reportagem*, com o trabalho de todos a justificar e comprovar a ideia da multidisciplinaridade que caracteriza a comunicação. A Faculdade de Comunicação da UnB foi, durante esses anos e com o incentivo do Reuni, ampliando as matrículas de estudantes, o que aumentou o número de vagas em disciplinas obrigatórias, concentrando sobre elas

grande expectativa e atenção e obrigando a adequações por parte dos docentes e da gestão educacional.

O jornalismo, como outras profissões, pode ser influenciado por gostos ou preferências adquiridas ao longo da vida, mas o senso da notícia, o prazer da descoberta do que é novo, diferente ou inusitado, a habilidade de escrever (com velocidade) e saber organizar as ideias fazem parte de sistemas, percepções e atividades que podem ser estimulados no ambiente pedagógico. Aprendendo a pensar e planejar o produto jornalístico, estudantes são levados a agir na hora certa e a tomar decisões com menos angústia, que conduzam a um efeito final sem maiores traumas, lições que poderão utilizar ao longo da carreira.

A disciplina Técnicas de Jornalismo, na UnB, representava o primeiro contato com o *métier* do jornalista, coisa de que alguns têm uma ideia glamourizada, como se se tratasse sempre de aventuras dos repórteres numa grande emissora brasileira, em viagens pelo mundo. A maioria dos estudantes nem sequer imagina como é o dia-a-dia corrido, às vezes gratificante, às vezes frustrante, do repórter na redação de pequeno ou grande veículo, agora ainda acrescido de responsabilidades com sites, blogs e redes sociais. Por isto uma matéria prática viria a ser tão importante para eles, encaixada como era antes do bloco final, o jornal-laboratório Campus II, cujos alunos já estavam em fases mais adiantadas do curso. Técnicas de Jornalismo passou a organizar com os educandos um trabalho de Grande Reportagem que era feito por toda a turma em bairros ou cidades próximas a Brasília (DF).

No aprendizado do jornalismo, ao mesmo tempo em que o professor mostra os desafios e mazelas da profissão, deve demonstrar crença nos objetivos do trabalho, em sua função social, e falar da importância da atividade, da ética, de compromissos e responsabilidade. O que, no caso de disciplinas práticas do curso de Jornalismo, significa apresentar as ferramentas básicas para o fazer jornalístico em face das circunstâncias do momento; juntar a teoria dos valores-notícia com a

escritura de um texto compreensível e atraente; introduzir o modelo da pirâmide invertida junto à necessidade e utilidade de um padrão para o texto jornalístico, porém, com pensamento crítico. “É preciso conhecer as regras para depois quebrá-las”, diz um velho provérbio. E esse docente-gestor deve ainda estimular a cultura libertadora, o conhecimento e o trabalho em equipe.

2 Considerações

Um dos quesitos mais difíceis na junção da teoria de Paulo Freire com a teoria do construcionismo – uma das mais importantes no jornalismo –, em prol de uma didática da construção da notícia, é o complexo constituído pelos “aprenderes” na prática. O aprender a agir consiste em levar os estudantes à ação – muitos são lentos ou ainda não tiveram tempo suficiente para compreender que o jornalismo é uma profissão que envolve movimento e decisões rápidas. O aprender a pensar muitas vezes encontra obstáculos na própria desorganização individual e na idade (os estudantes entram na universidade cada vez mais novos), assim como na pouca maturidade para a reflexão e o enfrentamento de situações-problema. Já o aprender a ser é sem dúvida a tarefa mais espinhosa: desenvolver nos (e com os) alunos qualidades pessoais na comunicação, respeito ao próximo, ausência de preconceitos, compromisso e responsabilidade não é fácil.

Entretanto, é preciso analisar se as condições do processo pedagógico estão adequadas às disciplinas do curso de Jornalismo, em qualquer época. Larroyo (1964), defensor da aprendizagem ativa, cujos princípios fundamentais são os da ação e do trabalho, recomenda que o docente avalie as condições do processo didático, quanto a: 1) autonomia – atividade e produção dos alunos; 2) naturalidade – adequação ao educando; 3) economia – esforço não excessivo, equilíbrio; 4) objetividade – trabalho acomodado à disciplina; 5) vitalidade – trabalho de acordo com a realidade da vida; 6) fertilidade – o produto do

trabalho sendo valioso, a experiência vista como proveitosa.

Em nossa experiência no curso de Jornalismo da UnB e levando em conta as teorias de Paulo Freire, observamos o seguinte: 1) na questão da *autonomia*, a experiência aplicada principalmente em atividades externas comprovou o senso de iniciativa, a atividade e a produtividade dos alunos. 2) Quanto à *naturalidade*, parece que existiu adequação ao educando. 3) No quesito *economia*, em que pesem algumas defecções, o esforço não foi excessivo. 4) A *práxis* se acomodou à disciplina. 5) Ao avaliar o item *vitalidade*, o trabalho ao longo do semestre não poderia estar mais de acordo com a realidade da vida profissional dos estudantes de Jornalismo. Porém, fazendo aqui a autocrítica, observamos que, enquanto para a maioria dos estudantes matriculados o produto do trabalho – o site-revista Grande Reportagem – se apresentava como valioso, outros não conseguiam aproveitar a experiência e para esses o resultado era infértil. Entendemos que os casos de insucesso são os que necessitariam uma assistência mais próxima do professor.

Não há dúvida de que o trabalho de campo nas escolas de jornalismo é um dos calcanhares-de-aquiles da *práxis* pedagógica, pelo nível de dificuldade e exigências em que se dá esse tipo de exercício. Ademais, entender a pirâmide invertida como um modelo e, na mesma moldura teórica, criticá-lo, não é tarefa simples. Explorar esse modelo incrustado no cotidiano jornalístico e imprimir-lhe mudanças significa, sim, uma postura construtiva. Na prática problematizadora, os estudantes desenvolvem seu poder de captação e de compreensão do mundo, não como realidade estática, porém, com uma ideia transformadora. “Para o pensar ingênuo – diz Freire – o importante é a acomodação a este *hoje* normalizado”. Já para o pensamento crítico, o importante é “a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos homens”.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do

mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto (FREIRE, 1988, p. 83-86).

Por fim, confiamos que o *agir comunicativo* no ensino da notícia cative os educandos e os leve a observar o mundo, articular ideias, desenvolver o pensamento criativo, utilizando a memória e a capacidade de retenção de experiências para a fundamentação de algumas habilidades vitais à profissão de jornalista, que eles terão oportunidade de testar no prosseguimento do curso. Além disso, vemos que a prática da Grande Reportagem nas escolas pode se transformar num momento de comunicação intersubjetiva, de que nos falam Freire e Habermas, em oposição à mera instrumentalização da razão e dos valores em nossa sociedade capitalista. Nesse caso, fazem-se presentes as dimensões do agir e do falar (a dialética-dialógica), não pré-ordenadas pela cognição, mas incentivando um novo papel para a comunicação entre sujeitos, no sentido da cooperação, abertos ao debate livre do pensamento.

Esperando boas notícias,
Brasília (DF), abril de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HILGARD, Ernest. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: Edus/

Herder, 1966.

JORGE, Thaïs de Mendonça. **Manual do Foca. Guia de sobrevivência para jornalistas.** 2nd edition. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

LARROYO, F. **Pedagogía de la Enseñanza Superior.** México: Porrúa, 1964.

POLLI, José Renato. “Freire e Habermas.” **Revista Viver Mente&Cérebro**, Especial Paulo Freire, 2006, p. 56-65.

A palavra que dá voz, consciência e horizonte

Equipe PIBID UEPB¹

Querido, Paulo Freire.

Paulo Freire, é um nome que todos já ouviram,
mencionado no ensino básico ou no superior,
e mesmo que seu nome não seja reconhecido,
seus ensinamentos são utilizados em cada instituição de ensino.

Mas o sentimento que alguns professores carregam
é diferente de boa parte da população.
Tem professor que discorda e outros concordam,
sobre as mudanças da prática da educação.

Podemos afirmar que Paulo freire é um símbolo de esperança

1 Somos alunos do curso de Licenciatura em Sociologia, e do subprojeto do PIBID de Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, com a Coordenação de Jussara Natalia Moreira Béles. Nós, Evangelina Leão de Ataíde Cavalcanti Neta, Fabiano Santos Ferreira, Gabrielle Paulino da Silva e Nadyne Maria Marinho dos Santos, desenvolvemos essa carta como forma de homenagem e agradecimento a Paulo Freire, por nos guiar em nossas carreiras acadêmicas e por proporcionar metodologias de ensino que foram utilizadas nesse período de aulas remotas.

Esperança que podemos sentir, que nos une e transborda o coração.
Conduzindo a vida educacional e cotidiana em uma só aliança
Representa a prática de cada aluno, em um ambiente de amor pela
educação

É um de grande pesar que os políticos levam uma vida militar
Não podemos generalizar
Mas já sabemos o que esses homens querem mudar
Mudar não, dificultar a prática escolar.

Freire resistiu ao tempo
em cada sala que as carteiras se conectam em um círculo
em cada voz de um aluno que expressa sua dúvida
A cada professor que escuta e que ajuda.

Em sua pedagogia da autonomia, quem não tem autonomia é a exclusão
a violência e a má educação
Os professores deixam de ser o centro e começam a aprender
E os alunos passam a ser professores e a compreender
que a escola não é um lugar de repressão e sim de prazer.

Temos muito a agradecer,
Paulo freire fez renascer
Em cada coração
Infantil ou não, o amor pela educação.

Nobre Educador.

Primeiramente, pedimos licença para chamá-lo de Nobre Educador.
É assim que o trataremos todas as vezes em que as palavras desta carta
forem dirigidas a você, Paulo Freire. Não encontramos outra forma de
tratamento para dirigir-nos àquele que nas últimas semanas têm sido

nosso mentor por meio das leituras de suas obras e, mais uma vez, possibilitando reinventarmo-nos enquanto educadores. Almejamos que esta carta chegue às suas mãos em tempo hábil, para nos enviar a sua resposta antes que tudo se acabe. Ansiosamente, aguardamos as suas recomendações, mediante as problemáticas enfrentadas por nós, expostas no decorrer dessa carta, que tão facilmente transcorreu tal a urgência que temos para lermos suas respostas. A priori, situamos vossa mercê, dizendo que: “Os dias nunca foram tão difíceis como os atuais!”. Mas antes de qualquer questão relacionada à realidade da educação, queremos lhe deixar informado sobre tudo o que tem acontecido aqui na terrinha. Não ocultamos nada, inclusive sobre o que alguns “cidadãos de bem” estão falando e apregoando sobre a sua pessoa. Não nos tenha como dramáticos e portadores das más notícias, ou outra coisa do tipo; é porque as coisas aqui no Brasil já não vinham muito bem há tempos, e isso falo no tocante não apenas à educação, mas em todos os segmentos da sociedade. Contudo, é a educação que nos últimos anos têm piorado gradativamente.

Permita-nos falar usando a seguinte comparação: parece que escorregamos em um dos degraus de uma escada e estamos caindo, degrau a degrau, dia após dia, e cada queda tem deixado uma sequela, e estamos chegando próximo ao último degrau. Não nos enxerguem pessimistas, embora nas nossas palavras é o que esteja transparecendo. Na verdade, não admitimos ocultar do nobre amigo o que estamos vendo e vivenciando, seria muito injusto com o Nobre Educador, que ama tanto a sua terra natal. O mundo inteiro está enfrentando uma pandemia de proporções nunca vistas. O responsável por toda esta situação é o Coronavírus. Foi dessa forma que ele foi batizado por todos. Seu maior mal é a onda de tristezas que ele deixa onde se instala. Pois é! Ele se instala, mesmo assim nos consolamos uns aos outros com a seguinte frase: Vai passar! Mas ele não passa, parece que veio para ficar. Seus efeitos são numerosos, atingindo todos os setores da

sociedade, todos nós temos sofrido muito. Foi logo no primeiro mês do ano de 2021 que nossa coordenadora do subprojeto de sociologia do PIBID nos pediu para ler seu livro *A Pedagogia da Autonomia*. Sem dúvidas, ler um livro seu é uma experiência ímpar, para quem verdadeiramente entende o que você defende e seus ideais tão libertadores. Nossa vida muda no instante em que fechamos o livro e refletimos o que você nos ensinou. A nossa iniciação à docência começou de forma dura, diferente e, sem dúvidas, desafiadora - como a docência por si só, já é -, pois no meio de uma pandemia, com alunos desmotivados, o psicológico abalado pela situação financeira e política do país, tivemos que lecionar por meio da tela de um computador. Mas seus ideais não podiam morrer, sua forma de educar não poderia ser deixada para trás, mesmo tendo que usar uma ferramenta tão tecnicista, tivemos a chance de colocar sua filosofia em prática. Não foi uma tarefa fácil, mas com a ajuda da nossa coordenadora e da nossa supervisora, ambas admiradoras do seu trabalho, pudemos apresentar os assuntos de uma forma tão simples, didática e inspiradora que conseguimos com que os alunos se apaixonassem ainda mais pela Sociologia. Quem trabalha junto contigo, junto com a sua filosofia, nos causa isso. A vontade de saber mais, o amor pela docência, a valorização de um processo de ensino-aprendizagem tão construtivo que nos faz pensar e repensar todos os dias o mundo em que vivemos. Sem dúvidas, trabalhar e conhecer você, nos trouxe uma perspectiva diferente da educação e de como ela é importante não só para os alunos, mas também edificante para nós, futuros professores.

Querido Paulo Freire. Para finalizar, nossos sinceros agradecimentos. Não ousaremos chamá-lo de homem, mas sim do alicerce da educação. *A Pedagogia da autonomia* nos orientou que a educação é a base que constrói o ser, reconhecendo nele a pluralidade de possíveis que há em cada um, pois o que seria do ser sem uma educação que o edifique? E, assim, na escola da vida e no campo educacional

aprendemos a reconhecer a nós mesmos como sujeitos construtores de nossa própria história, cada indivíduo carrega consigo uma bagagem cultural, não se distanciando dela quando de encontro com a sala de aula, mas juntamente ao seu educador fazer das mesmas uma troca de conhecimento. A pedagogia liberta, logo através da consciência social atingimos a autonomia de sujeitos conscientes e politizados por uma educação humanizada, estabelecendo uma relação de troca de saberes entre aluno e professor, portanto, o diálogo é primordial na construção da relação necessária entre ambos. Nós, professores e professoras, temos responsabilidade ética de lecionar. Fomos, por muito tempo, cegos politicamente, mudos das linguagens do nosso povo, e cegos, perdidos numa obscura pedagogia tradicional, presos às correntes do capitalismo, da dominação de classe e de poder. Quem é Paulo Freire nos tempos de hoje para a educação? O anticristo, para aquele que a educação não chegou plenamente, mas para aquele que suas condições de subsistência não lhe era permitido alcançar, o discípulo que o levou a palavra, deu voz aos que calava, mostrou-nos a que horizonte seguir. Paulo Freire foi (e é) muitas coisas na boca dos que temiam quebrar as correntes através da educação, temendo que a educação libertasse os que estavam presos às amarras de dominação. O frio na barriga toma conta quando alguém toca no ponto chave, mas é através da possibilidade de nos percebermos como sujeitos que fomos e somos que enxergamos que as relações carecem de ser afetivas e democráticas, e que todos temos o direito de nos expressarmos. Não há uma cultura pior nem melhor que a do professor. Somos trocas de ideias, fazemos e nos refazemos através delas, de histórias, de vivências. Paulo Freire, você nos trouxe o guia e a chave é a educação.

Saudações afetivas,
Campina Grande, abril de 2021

Outra educação é possível

Luana Tolentino¹

Querido Mestre Paulo Freire, sinto uma alegria imensa em poder lhe escrever no ano do seu centenário. Vinte e três anos se passaram desde que o senhor nos deixou. Durante o tempo em que frequentei um centro espírita kardecista, aprendi que, ao deixar o plano terreno, cada um de nós vai para um lugar diferente. Caso isso seja verdade, imagino que o senhor tenha como vizinha a Carolina Maria de Jesus.

Digo isso pois, assim como o senhor, ela sempre defendeu os mais pobres. Além disso, no livro *Quarto de despejo*, Carolina deu contribuições significativas para pensarmos na urgência de uma educação emancipatória. Antes mesmo de o senhor publicar *A importância do ato de ler*, ela, que pôde frequentar a escola por apenas dois anos, escreveu: “Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” Pensando nisso, no ano passado, propus um trabalho em que meus alunos e alunas do curso de Pedagogia tiveram que estabelecer um diálogo entre o seu livro e o diário da Carolina. Tenho certeza de que o senhor ficaria muito feliz ao ler os artigos que eles produziram.

1 Mestra em Educação pela UFOP. Atuou como professora de História em escolas públicas da periferia de Belo Horizonte e da região metropolitana. Atualmente tem se dedicado à Formação Inicial e Continuada de Professores. É autora do livro *Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula*, lançado em 2018 pela Mazza Edições.

Como deve saber, vivemos tempos muito difíceis. Estamos cansados. Não conseguimos respirar. Como bem disse um sertanejo de Quixeramobim, município do Ceará: “a peste chegou”. Diariamente, vemos ofensas a sua pessoa e ao seu legado. O que não é nenhuma novidade, uma vez que as perseguições ocorridas logo após o golpe de 1964 o obrigaram a partir para o exílio. Uma coisa é certa: os que o agridem jamais leram um só livro do senhor.

Há alguns dias, reli *Pedagogia do oprimido*. Confesso que foi uma leitura muito angustiante. Embora tenhamos avançado nas duas últimas décadas, a verdade é que as bases que sedimentam o nosso país continuam as mesmas. Assim como nos idos de 1960, os que detêm o poder falam em “ameaça comunista”, dizem defender os “valores da família”. A todo momento, apropriam-se do nome de Deus. Dessa forma, criam artifícios para atender aos interesses das “elites dominadoras”, ao passo que cresce o número de “esfarrapados do mundo”: sem emprego, sem direitos e sem perspectivas de futuro. São estes as maiores vítimas da COVID-19, que já matou mais de 250 mil pessoas.

Durante a leitura, senti raiva dos “opressores falsamente generosos”, que diante dos “demitidos da vida” se arvoram a fazer “caridade” somente para alimentar o próprio ego. Estes, em momento algum, refletem que os famintos, os que estão desabrigados são resultado de uma ordem injusta, que desumaniza, entorpece e cria abismos. Recusam-se a entender que a massa de miseráveis somente deixará de existir com educação de qualidade, criação de políticas públicas de inclusão sociorracial e distribuição de renda. Bom seria se pudessem aprender com o senhor: “A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplicas de humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo”.

Mas a leitura não me trouxe apenas raiva e angústia. Terminei

Pedagogia do Oprimido com a certeza de que por meio da educação podemos ampliar o direito à cidadania aos que ainda não podem exercê-la. Senti vontade de ir correndo para a sala de aula ensinar, partilhar tudo que aprendi. Como é bom tê-lo como mestre. O livro me fez rever a minha caminhada como professora da Educação Básica em bairros pobres da região metropolitana de Belo Horizonte. Bairros que lembram muito a periferia do seu Recife.

Sempre busquei fazer com que os meninos e meninas com quem convivi diariamente compreendessem que as condições precárias de existência, vivenciadas por eles e por seus familiares, são resultantes das injustiças e dos desmandos que marcam o Brasil desde o nascedouro. Nossas aulas de História eram permeadas pelo que o senhor chamou de dialogicidade. Nunca vi os estudantes como “vasilhas” nas quais eu devia depositar conteúdos. Muito pelo contrário: por meio do diálogo, ensinava o que sei e aprendia com as experiências, com as visões de mundo que meus alunos e alunas carregavam. É bem verdade que por vezes falhei, mas garanto ao senhor que busquei implementar a pedagogia do oprimido. Uma “pedagogia humanista e libertadora”.

Além de exercer a docência, tenho tido a oportunidade de viajar pelo país e conversar com professores dos ensinos Fundamental e Médio. Nessas andanças, levo o seu pensamento e tento fazer com que meus colegas de jornada percebam a função social da educação. Tento mostrar que a escola pode e deve ser o lugar do encanto, o lugar em que professores e estudantes se sintam realizados.

Insisto em dizer que precisamos assumir a condição de pensadores da Educação, como um dos caminhos para ressignificar a nossa profissão e exigir o respeito que ela merece. Insisto ainda em afirmar que não podemos aceitar o lugar do silêncio. Não podemos aceitar que nos seja imposto o papel de meros transmissores dos conteúdos presentes nos livros didáticos. No meu entendimento, ao agirmos assim, construímos alternativas para enfrentar as omissões em relação à educação

e ao fazer docente.

Também nessas andanças, tenho presenciado iniciativas que reforçam minha certeza de que outra educação é possível. Em dezembro de 2019, participei do I Seminário de Docência de Natal, evento promovido pela Secretaria Municipal de Educação potiguar. Foi a primeira vez que estive em um encontro protagonizado por professores e professoras da Educação Básica. Foi uma das coisas mais bonitas que vi na vida. Mais bonito ainda foi ter o senhor como o grande homenageado. Quando a professora Ednice Peixoto, organizadora do evento, mencionou o seu nome no microfone, o auditório quase veio abaixo. O senhor foi aplaudido por longos minutos. Ainda que uns e outros desejem o contrário, o senhor é e sempre será o nosso Patrono da Educação.

Meu Mestre querido, as coisas não estão fáceis. À nossa volta, muito horror e destruição. Ainda assim, mantenho a esperança. Esperança do verbo esperançar. Conforme o senhor afirmou: “Minha esperança é necessária, mas não suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela, a luta fraqueja. Precisamos da esperança crítica, como o peixe precisa da água despoluída.”

Um abraço grato e terno.

Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 2021.

Da compreensão e da comunicação

Sara Jane Cerqueira Bezerra¹

Anderson Gomes dos Santos²

Prezado Professor Paulo Freire,
Quanta alegria em participar desta rica experiência em ‘falar’ com você, nosso grande mestre. Sou professora da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e trabalho ministrando aulas em disciplinas de fundamentos e metodologias da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de desenvolver projeto de extensão com pessoas idosas da nossa cidade. E claro, não tem como ser docente sem ler, estudar, pesquisar suas produções. Imagina ministrar aulas sobre EJA e com pessoas idosas sem beber água em sua fonte de fundamentação teórica e inspiração para uma decência humanizada! Impossível!! Jamais!!!

1 Mestra em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Educação do Campo e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É docente da Universidade Estadual de Alagoas e da Secretaria Municipal de Educação de Maceió lotada no Conselho Estadual de Educação.

2 Graduado em Pedagogia e Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Mestre em Ensino de Ciências e Matemática - Mestrado Profissional pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor de Arte na Escola Estadual Graciliano Ramos - Palmeira dos Índios/AL.

Prof. Paulo, gostaria de responder a sua carta enfatizando minha experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação.” Ou seja, gostaria de aproveitar esta carta para partilhar com você uma experiência que desenvolvemos com a turma de extensão da Uneal. Assim, partirei do contexto do Projeto que foi implantado no ano de 2018, através do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos, Idosos e Camponeses (NUPEEJAIC), em Palmeira dos Índios. Esta ação extensionista objetiva inserir a Uneal na promoção de ações diversas junto aos sujeitos constituídos pela faixa etária dos 60 anos em diante, sem exigência de nível de escolaridade, viabilizando ações sociais que permitam ao idoso o direito de se integrar na Universidade, participando ativamente de acordo com seu ritmo de vida e interesses pessoais e sociais. Portanto, no referido ano, foram ofertadas 134 (cento e trinta e quatro) vagas gratuitas para pessoas idosas no curso “Educação ao longo da vida: envelhecimento ativo” com atividades diversas realizadas mensalmente no *Campus III* da Uneal. Entre as várias atividades ofertadas ao longo do curso, foram planejadas duas oficinas de Teatro do Oprimido para 30 (trinta) pessoas idosas coordenada pelo nosso colega prof. Anderson Gomes dos Santos, profissional egresso da Uneal e de muita competência e experiência na metodologia de TO. Esta oficina tinha como objetivo promover uma rica discussão sobre a violação de direitos, tendo em vista que consiste num tema que, por muitas, vezes apresenta certa resistência de inclusão nos diálogos e debates, e, por se tratar, em muitas situações, de algo que toca no íntimo de muitas pessoas idosas.

Vale destacar que a definição pela estratégia do Teatro do Oprimido (TO) se deu pelo fato de se constituir numa metodologia que assume uma prática política em nossa sociedade e com forte atuação na área educacional aponta uma contextualização com a realidade social em que vivem os oprimidos principalmente no campo das injustiças. O

TO caminha metodologicamente por vivenciar com cenas produzidas coletivamente novas possibilidades, novos olhares para uma transformação. Com a utilização dos jogos teatrais, buscávamos trazer a tona exemplos de situações do cotidiano deles ou de pessoas conhecidas que demonstravam situações concretas de violação de direitos.

Sim, Prof. Paulo Freire, o Teatro do Oprimido de criação de Augusto Boal contextualiza um diálogo com as suas produções, tendo como principal fonte de compreensão nessa relação o fato de tratarem de formação política de forma libertadora. Essa relação é importante já que possibilita vivências onde os oprimidos possam refletir e se expressar diante das injustiças sociais, portanto, estamos falando de uma compreensão de Educação Libertadora que suas produções tanto nos inspiram e motivam a implantar em nossas práticas educacionais cotidianas. Necessário se faz informar que, como em todas as aulas do Projeto de Extensão, há a participação de estudantes do curso de Pedagogia da Instituição, a metodologia utilizada partiu da leitura sobre as contribuições de suas obras para a educação popular, seguida de debates e discussão sobre um documentário sobre o senhor denominado “Paulo Freire Contemporâneo” disponibilizado no youtube pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8l8>.

Prof. Paulo, as oficinas foram realizadas no mês de maio e agosto do ano de 2018 tendo como planejamento uma breve reflexão dos os direitos das pessoas idosas garantidos no Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003, seguido da realização de vários exercícios que contribuíam com um melhor uso do corpo, dos gestos, da linguagem, das expressões entre outros. Posteriormente foi proposta a realização de alguns jogos de improvisação e construção de personagens para a produção de uma cena que pudesse apresentar uma situação de violação de direitos. Nas duas oficinas realizadas foi perceptível que os(as) idosos(as) participaram de forma mais efetiva que nos momentos de

palestras, visto que ao se organizar para a elaboração das cenas de violação de direitos nos seus cotidianos eles(as) têm mais coragem de apresentar narrativas e expor seus maiores desafios. Ressalta-se que, ao realizar a estratégia metodológica do Teatro Fórum, temas complexos do cotidiano como a cidadania, a ética os direitos e sua violação foram materializados nas narrativas dos participantes, promovendo rico e importante debate.

Gostaria de finalizar dizendo que esse diálogo entre Boal e o senhor estabeleceu conexões importantes principalmente no campo de transformações sociais e educacionais, ampliando possibilidades tanto para o ensino quanto a aprendizagem no contexto do teatro em espaços formais e não formais. Os resultados demonstram que as cenas e os debates posteriores enfatizavam a realidade dos das pessoas idosas, considerando seus desafios e, principalmente situações de violação de seus direitos. Os debates apresentavam dados que indicaram uma discussão contextualizada onde fica perceptível a problemática do envelhecimento em nossa sociedade e o interesse dos idosos em debater situações cotidianas que, em muitas situações, retratam situações de opressão, sofrimento e de busca incessante de resolução destas práticas através da necessidade de intervenção do Estado para atender essa crescente demanda.

Por fim, podemos afirmar que esta rica experiência de teatro na perspectiva freireana, ou seja, inspirada em seus escritos, pode ser usada também como estratégia formadora de consciência crítica de estudantes idosos, por proporcionar rico debate entre os educandos sobre temas complexos do cotidiano no sentido de formar cidadãos conscientes podendo intervir, de forma coletiva, na realidade onde estão inseridos, corroborando, dessa forma, com seu pensamento quando afirma que “a leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo.”

Termino esta carta agradecendo toda contribuição de sua produção para a educação e gostaria de enfatizar que, seus escritos são cada vez mais atuais nesses dias tão difíceis e desafiadores que, só com leituras inspirativas como fazemos em sua produção, conseguimos aceitar os desafios cotidianos que a conjuntura atual nos impõem.

Com muita admiração.

Palmeira dos Índios, fevereiro de 2021

Sensibilizar, mobilizar, engajar, eis a questão

Giselle Ferreira Gomes¹

Querido Educador

— Tu, Lutamos, és um burro! – disse Sem Medo.

– Quem não quer estudar é um burro e, por isso, o Comissário tem razão. Queres continuar a ser um tapado, enganado por todos... As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. O homem tem de saber muito, sempre mais e mais, para poder conquistar a sua liberdade, para saber julgar. Se não percebes as palavras que eu pronuncio, como podes saber se estou a falar bem ou não? Terás de perguntar a outro. Dependes sempre de outro, não és livre. Por isso toda a gente deve estudar, o objetivo principal duma verdadeira Revolução é fazer toda a gente estudar. Mas aqui o camarada Mundo Novo é um ingênuo, pois que acredita que há quem estuda só para o bem do povo. É essa cegueira, esse idealismo, que faz cometer os maiores erros. Nada é desinteressado.

(PEPETELA, 1993, p. 47)²

1 Tem 25 anos, reside no município de Nova Iguaçu (RJ) e atualmente é provável formanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na UFRJ, por meio do Consórcio CEDERJ. Participou nos últimos meses de 2020 do Curso de Extensão ead Paulo Freire: o Educador do Mundo, oferecido pelo Centro de Formação Paulo Freire. Está finalizando seu TCC, que fala sobre a problematização no ensino de biologia, trazendo a perspectiva da educação freireana.

2 A epígrafe que abre esta carta remete ao processo de alienação, em que os indivíduos permanecem passivos frente a sua realidade. Ao ir contra esse fato e se tornar porta-voz da Educação Libertadora, o educador Paulo Freire nos deixou uma

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se propôs a caminhar. (FREIRE, 2003)

Mãe dona de casa, pai policial, de origem humilde, mas tornou-se consagrado no terreno nacional, ao mostrar aos/as professores/as que é preciso aprender por meio de ensinar. Ensinar um ensino não distraído, uma educação que faça sentido, que ao estudante possa direcionar para a sua realidade olhar e, de fato, encontra-se. As ferramentas já estavam lá, só precisavam enxergar.

Reconhecido por muitos como o Patrono da Educação Nacional, Paulo Freire conquistou educadores/as por meio de trazer a perspectiva da educação problematizadora. Ele deixou-nos um legado inegavelmente enriquecedor. Sua pedagogia vai contra a mecanização do ensino, que traz graves prejuízos aos educandos, ao não oportunizar uma *leitura de mundo* (FREIRE, 1993), como bem assinala o Professor.

A configuração de educação, “bancária”, como Paulo mesmo chamava, não cabe mais hoje em dia, como ele nos mostrou. Pois está ultrapassada, é via unidirecional, convencional, tradicional. Mas ele nos fez ver que isso não é normal.

A *curiosidade do/a aluno/a aprendiz* (ibid.) importa, devemos ceder o lugar para outro falar, a fim de ter uma aprendizagem efetiva e realmente sólida, significativa. Há que se ouvir. Também há que se corrigir, orientar, direcionar.

Ser sujeito da curiosidade (ibid.) é crucial para o indivíduo, é um processo que ajuda a formar criticamente o/a cidadão/ã, não alienado/a e atuante. Que pode ser agente de transformação. Por isso se deve

proposta de aprendizagem que se tornou uma herança sólida no cenário educacional brasileiro.

estudar. *Estudar é desocultar* (ibid.). Mas para o discente estudar, ele precisa gostar.

O estudante de acordo com a postura freireana de educação desenvolve um gosto enriquecedor pela leitura, *leitura de mundo*, leitura de sua realidade. Na verdade, esse estudante não está distante, mas está dentro de cada educando que nos propomos hoje a acompanhar. Mas nós é que temos que nele desenvolver o gosto, apreço, por buscar, ousar aprender, ser sujeito autocrítico, inquieto por saber. Por isso, a nossa postura é importante, para formar um/a cidadão/ã atuante em seu contexto. Estudar para desalienar, ensinar para orientar. Mas é bom lembrar que quem orienta também precisa estudar. Paulo nos ensina a *fazer o caminho ao caminhar*.

Ao instituir os “Círculos de Cultura”, querido Paulo, você nos preparou pra atentar, sentir, entender, explorar. O/a professor/a deve explorar as potencialidades do/a aluno/a, para ele *vir a ser mais* do que hoje ele é. Sensibilizar, mobilizar, engajar, até a sua criatividade aguçar, sua confiança aumentar e, assim, o estudante vai gostar de estudar. O/a professor/a tem que *esperançar*.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (FREIRE, 1992 apud OLIVEIRA, 2018, p. 30)

Em vista disso, as perguntas que podemos nos fazer hoje, a partir da obra de Freire, são: “quanta experiência em nossa prática realmente nos propomos a ganhar? Quantas oportunidades de *enriquecimento pelo diálogo* não perdemos tentando ensinar sem aprender?” Pois antes de

3 Para maiores explicações sobre esse conceito criado por Freire consultar a obra *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 42ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

ensinar, se deve aprender. Bem como para lecionar, precisamos rever o conteúdo de forma constante, a fim de desenvolver nossa didática, de forma a aprendê-lo novamente, para então ensiná-lo.

Mestre Paulo, você nos ensina sobre a importância da troca para a prática educativa, a humildade de ensinar aprendendo, de gerar o pensamento reflexivo por meio do debate. Nos leva a compreender que um aprendizado sólido é feito a partir do estudo dentro da própria realidade do aprendiz, ao aproximar mais o que é estudado do estudante.

Por isso, você endereçou a nós, educadores/as, suas palavras no livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”. Cabe a nós não deixar a sua voz silenciar, mas devemos ecoá-la. Mais ainda, hoje não só devemos *ousar ensinar*, mas também *ousar aprender*, sujeitando-nos a criticar nossa própria realidade, descobrindo seus ensinamentos a partir de nossa experiência. Pois certo é que enquanto professores/as, somos ainda eternos estudantes, pois *o entendimento* não nos é dado passivamente. O entendimento nós é que construímos.

Para você Freire, não bastaria que nós apenas reproduzíssemos o seu discurso. Ao ser questionado se lhe agradaria a criação do Instituto Paulo Freire, você disse: “se for para me repetir, não vale a pena. Mas se for para me superar, podem criar”.

Não adianta só observarmos, temos que nos impulsionar a criar. Reinventá-lo na nossa *cotidianidade* (FREIRE, 1993), nos “detalhezi-nhos”, nos pormenores de nossa prática. Trazer de volta *o sentido da educação*, o sentimento que se perdeu no caminho. É aí, quando voltamos e repensamos, que nos redescobrimos e aprendemos a ensinar. Devo aprender a ensinar ao educando em minha *cotidianidade*, não um ensino utopizado, um ensino distante do que aquele educando precisa, mas um ensino mais real, um ensino que ele vai levar para a vida.

Conhecimentos nós temos, e agora devemos mobilizar os nossos

4 Comentário do professor Carlos Rodrigues Brandão, que conviveu com Paulo Freire, em palestra para um curso de extensão sobre o educador.

instrumentos (ibid.) e sensibilizar os fatos através do pensamento, desenvolver a *consciência e o mundo*, “superar a visão ingênua por uma perspectiva crítica, capaz de transformar o contexto vivido” (DANTAS & LINHARES, p. 75), problematizar as situações.

Ao descrever a *cotidianidade educativa* (FREIRE, 1993) Paulo Freire você nos mostra que é na prática do lecionar que (re) aprendemos, (re) estudamos e reforçamos o nosso discurso. Aprendemos novamente. Reforçamos e recriamos o objeto de estudo. Por isso, não há educador/a sem educando. O saber do/a professor/a e do estudante se entrelaçam e ganham novos significados no processo ensinar – aprender.

Temos que entender que nós, educadores/as, temos muito a dar, mas também muito a receber – e essa parte só na vivência que vamos mesmo saber. Há que se considerar e se valorizar o saber do outro, pois é a alteridade que nos faz conhecer o novo, que até então não era de nosso conhecimento. Professor/a tem que ser companheiro/a do estudante, tem que ser amigo/a, não inimigo/a. Ambos têm que construir a *troca de experiências com que os grupos humanos se aperfeiçoam e crescem* (FREIRE, 1967, p. 75). Tem que se permitir ter uma relação bonita, para elaborar uma *aprendizagem conjunta*: na conversa, na oralidade, na informalidade de uma sala de aula formal, na vivência, adquirindo experiência. Porque enquanto faço descubro como fazer o que estou fazendo, enquanto leciono aprendo a ensinar, pois não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio (FREIRE, 1967, p. 35.)

De certo, a luta da classe docente é nobre, então, vamos continuar nossa luta hoje! Se de algum modo esse direito nos foi perdido, ele deve retornar a nós. Freire você nos ensina que *o/a professor/a precisa ter esperança*, não desanimar diante dos fatos. Ele precisa considerar as mudanças, isto é, o que fazer com o que é e tem interagir, *esperançar*. Se cada um de nós na sua experiência enxergar que tem

o potencial de criar, usar oportunidades e enfrentar desafios, a educação vai ganhar. Mas precisamos fazer. Porque *ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar* (op. cit.). Por isso, escolhi ser professora. Aprendi a aprender com amor. Estudar e aprender para ensinar, e depois reaprender.

Esperançosas saudações ao querido educador, de uma jovem professora.

“Mesmo por tempos exilados, ele não ficou parado. Com sua fala forte, nos mostrava do jeito mais nobre, que *o caminho se faz ao caminhar*. Um passo de cada vez, e uma hora chegamos lá.”

Nova Iguaçu (RJ), 15 de fevereiro de 2021.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire e a Educação Libertadora no Chão da Escola**. Aula 01. 06 out. 2020. 1 vídeo (2hs5min). Publicado pelo canal Centro de Formação Paulo Freire. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qHRiNMTKrFc&list=PLCoE4Q3gecQ9HaI9W_7SGKXwvEKw51TK&ab_channel=CentrodeForma%C3%A7%C3%A3oPauloFreire. Acesso em: 15 fev. 2021.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Angela Maria Bessa. **Círculos de Cultura:**

problematização da realidade e protagonismo popular. IN: **II Caderno e Educação**

Popular em Saúde. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://www.edpopsus.epsvj.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculos-decultura.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/5.-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-Pr%C3%A1tica-da-Liberdade.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

FREIRE, PAULO. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 10ª edição. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993. p. 27-38.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Empoderamento dos professores da educação básica em tempos de conservacionismo: a docência como criação curricular cotidiana e seus conhecimentos. In: ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR, 13., 2018, Pelotas. **Anais eletrônicos** [...]. Pelotas: Editora UFPel, 2018. p. 20-33. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4558/1/13%C2%BA%20Encontro%20Sobre%20o%20Poder%20Escolar.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PEPETELA, psed. **Mayombe**. 5ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

Educar é comunhão

Normana Natalia dos Passos¹

Professor para quem a leitura
Alfabetizava a partir do vivido
Uma educação dialógica
Libertaria do opressor
O oprimido

Fundou esse pensamento
Renovando a Filosofia da educação
Exilado pela ditadura
Inspirou o mundo sua leitura
Respeitado por seu conhecimento
Educar, para ele, era comunhão

Querido Paulo,

¹ Pedagoga, graduada pela Universidade Federal da Paraíba; Especialista em Educação Infantil e Alfabetização, e Mestra em Ciências da Sociedade, pela Universidade Estadual da Paraíba. Atuou como técnica em assuntos educacionais, no Ministério da Educação, função que ora desempenha na Universidade Federal de Campina Grande. É professora mestra da Universidade Estadual da Paraíba, lotada no Departamento de Educação e atuando na formação pedagógica em torno do currículo escolar e da didática, assim como, nos fundamentos e práticas de ensino das disciplinas escolares, nos cursos de licenciatura. Atualmente, é doutoranda em História Social, na Universidade de São Paulo, onde desenvolve pesquisa sobre a História da Educação indígena na Paraíba, mais especificamente, com o povo Potiguara, de Baía da Traição.

Como fui chamada a escrever-te, embora não tenha experimentado o prazer de conhecer-te pessoalmente, mas já te conhecendo intimamente, pois de todos os educadores que li, que conheci abordagens e, algumas vezes, até mantive diálogos, posso dizer que sempre foste o de minha maior admiração e inspiração. A leitura de tua palavra me ajudou a ler o mundo de maneira mais abrangente e relacional, a analisar contingencialmente o mundo que me rodeia e no qual vivo e faço História.

A primeira vez que li suas palavras foi no primeiro semestre do curso de Pedagogia, aos dezoito anos de idade. A pedagogia em minha vida não foi uma simples escolha, mas o meu próprio destino. Aos cinco anos de idade, matriculada no jardim de infância de uma escolinha particular do bairro - o que não era comum na década de setenta - chegava em casa e montava uma “sala de aula”, para dar aula às bonecas.

A escola era o ambiente que eu queria estar. Ensinar o que aprendia era o que eu queria fazer. E esse desejo me acompanhou sempre... Entretanto, era também na escola que eu enfrentava meus medos, tanto na socialização com as outras crianças, quanto nas relações com professoras e outros adultos do ambiente escolar.

Mas, como ia dizendo, foi no início da formação em Pedagogia que li o primeiro livro escrito por você, na disciplina Filosofia da Educação, com o professor Cícero Agostinho Vieira: o livro “*Educação e Poder*”. E essa leitura significou um divisor de águas na minha formação. Pela primeira vez na vida, embora na prática já atuasse na educação, alfabetizando crianças, dando aulas de reforço num anexo no quintal de casa, no entanto, pela primeira vez, li e discuti em sala de aula, sobre a não neutralidade do ato educativo. Comecei a descortinar os significados do arbitrário cultural que são a leitura e a vida escolar.

Passei então a entender os porquês de tanta repressão, de tantos

preconceitos, de tantos constrangimentos e humilhações que faziam parte (e que muitas vezes ainda fazem) do cotidiano da instituição escolar: estávamos vivendo a, tão bem denominada por você, *Educação Bancária*.

Não estávamos na escola para estabelecer diálogos de compreensão do mundo, nem para nos respeitar, muito menos para pensar e criar. A escola era (e ainda é) um ambiente para “formar”, para “colocar numa forma”, homogênea? impossível. As vivências diversificadas, as histórias e singularidades dos sujeitos, de qualquer maneira, mesmo que subjugando-os aos lugares e papéis marginalizados socialmente, serão sempre diferenciadores de identidades individuais e coletivas.

E foi com a leitura de seus textos que cheguei a essa compreensão. Que entendi minha missão enquanto educadora e, também, soube diferenciá-la de outras singularidades que fazem parte de mim e de minha história, como a família, os amigos, as escolhas, as poesias, a ciência humana, a Pedagogia. A leitura de suas palavras me evidenciaram a sociedade e sua injustiças e segregações, a consciência de classe em si e para si, o desejo de ocupar o lugar do outro, porque mais vantajoso e cheio de privilégios, não enxergando que há toda uma estrutura que te impede, que dificulta esse caminho.

Além da obra “*Educação e Poder*”, a leitura de suas palavras avançou no tempo e na minha educação, tendo também contemplado e sido contemplada com outros livros de sua autoria. Assim, li “*Pedagogia do Oprimido*”; “*Cartas a quem gosta de ensinar*”; “*Professora sim, tia não*”; “*Pedagogia da Autonomia*”, entre outras leituras que não me recordo, agora.

Bem, mas foi através da leitura de suas palavras, mantendo sempre um diálogo prazeroso com seus livros, que fui me transformando como pessoa e elaborando novas leituras de mundo, com a intenção de transformá-lo, pois você me ensinou que a verdadeira revolução se faz com as armas da educação.

Aprendi com você que a educação acontece entre os homens (e mulheres, e crianças), pois ninguém educa ninguém, mas nos educamos mutuamente. Entendi que ser educador é agir com compromisso, com assunção do ato educativo, como algo que vai incidir na vida dos educandos e na nossa própria vida.

Outros autores da atualidade, como Peter MacLaren e Michel Apple, *neomarxistas* das últimas décadas, já no século XXI - cuja autotomação da sociedade capitalista, caracterizada por uma economia global de visão *neoliberal* e *neoconservadora*, com recuo de direitos civis e crescentes ondas de intolerâncias, preconceitos, violências e atos xenofóbicos, você não chegou a vivenciar - esses autores fazem referência e reverência ao teu pensamento, nos fundamentos de suas abordagens teóricas.

O Governo Militar que se consolidou nos anos de ditadura brasileira, ao forçar o teu exílio, possibilitou que tua filosofia corresse o mundo, inspirando outros educadores, que, como eu, passam a compreender a extensão e magnitude do educar, um ato de amor.

Com amor e carinho,
Baía da Traição (PB), abril de 2021

Arte e Educação: Vivências Freireanas

Cristiane Agnes¹

Ao Mestre Amigo Paulo Freire. Não tive a oportunidade de lhe conhecer pessoalmente, mas sentindo em sua obra a sua presença firme e permanentemente educativa, tomo a liberdade de lhe chamar “amigo”. Tratá-lo de Mestre creio que dispensa explicações. Afinal, o que dizer/explicar daquele que é a grande fonte de consulta e inspiração para tantos/as educadores/as, como eu? Quando me encontro desanimada, esmorecida, temerosa por algum motivo, é sua obra o alimento que revigora minhas energias e me dá forças para seguir no caminho. E então Mestre não só ensina, encoraja, mas também aconchega e renova minhas esperanças, por isso meu “atrevimento” amoroso em lhe chamar “Mestre Amigo”.

A dificuldade de lhe escrever/falar existe, não pelo processo de escrita em si, mas por não saber exatamente o que dizer para um homem que fez de sua vida obra (e vice-versa, sabendo que sua obra é sempre viva) e deixou um legado precioso para a educação em nível mundial. O mais interessante talvez seja perceber que seu legado é universal

1 Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba (Campus VI - Monteiro). Tem Mestrado e Doutorado em Ciência da Literatura (UFRJ). É atriz e diretora do Grupo de Teatro Experieus, vinculado a seu projeto de pesquisa e extensão “As Artes Cênicas e suas múltiplas linguagens: aportes à educação”

justamente por partir de suas experiências, nas singularidades de cada contexto, na simplicidade de cada realidade e na vivência de cada coletivo.

Faz alguns anos que me encontro na seara da educação como professora. Desde que iniciei esta minha jornada, tive diversas experiências, cada qual com suas complexidades, e como venho aprendendo... As responsabilidades são grandes, as exigências também, mas saber que posso contribuir um pouco nos processos educacionais de alguns grupos, de algumas pessoas, também de futuros profissionais da educação, é algo que me realiza de modo indescritível.

A sua defesa da coerência é meu lema, meu norte, minha base. O senhor sempre reforçou a importância de ser coerente entre o que se diz e o que se faz, venho buscando estender esta coerência também ao pensar e ao sentir. Creio que é um projeto de vida. Afinal, não é algo que se alcança facilmente e, quando se alcança, não há garantia de permanência. Como seres inacabados que somos, conforme o senhor tanto destacou, estamos sempre em movimento, em mudança, e primar por nos fazermos sempre melhor é algo de que não podemos prescindir.

Gostaria de compartilhar com o senhor também uma percepção minha que dialoga um pouco com suas considerações a respeito das leituras. Sabemos que a “leitura do mundo”, conforme expressão mesma do senhor, inicia-se em momento anterior à “leitura da palavra”, e segue por toda nossa vida.

Atuo principalmente em duas áreas: Letras e Artes Cênicas, ambas fundamentadas pela Educação, a partir de suas proposições. Esta é a minha busca, incessantemente... Minha formação na área de Letras ampliou de modo considerável minha visão de mundo, minha visão da própria língua em uso. O aprofundamento nos estudos das Letras aguçou minha percepção do mundo e me fez rever/reler o que se apresentava dentro do meu horizonte. Realmente o fluxo de minhas leituras ganhou uma movimentação mais fluida em ambas as direções,

da leitura do mundo para a leitura da palavra e vice-versa, ressignificando meu ser integral, como mulher, como educadora, como artista. Aqui meu processo se deu mais pela reflexão mesma, sendo as expressões enfocadas no verbal.

Minha formação e atuação em Artes Cênicas, por sua vez, me brindou com a obra de seu amigo e parceiro na luta contra todo e qualquer tipo de opressão, na luta pela liberdade, Augusto Boal. O diretor carioca, tendo fundado o *Teatro do Oprimido*, a partir dos mesmos preceitos de sua Pedagogia do Oprimido, a conquista da autonomia sendo o grande objetivo, proporcionou um aumento da sensibilidade, já que o teatro prioriza a experiência no corpo e nas relações ao vivo, com todas as suas nuances. Assim, pelo viés teatral, ousaria dizer que internalizei mais corporalmente suas questões e minhas expressões ganharam amplitude também no não verbal.

Escrevo um pouco de minha trajetória para declarar com a mais profunda gratidão que sem sua obra meu percurso não teria o mesmo sentido. Reconheço que muito do que sou se redescobriu nas leituras de sua obra-vida, é onde encontro não só inspiração, mas também coerência, dignidade, sabedoria. Estando nosso mundo tão em falta desses substantivos mencionados, sendo eles fundamentais para a construção de uma sociedade melhor, tomo o senhor como exemplo e saúdo todo o seu legado. Se uma sociedade não reconhece seus Mestres, está fadada a desmorrar... Fazemos questão de “gritar” sua maestria nesta singela homenagem por seu centenário

de nascimento. É com o coração e a alma repletos de amor que reafirmo minha vontade, esforço, estudo e trabalho para fazer de minha vida um ato que corresponda ao Mestre Amigo que o senhor foi, é e será.

Com esperança no ato de educar.

Campina Grande (PB), abril de 2021

Boniteza



Jó Oliveira

Em educação, paixão não cega

Jair Moisés de Sousa¹

Caríssimo amigo Paulo Freire,
O Brasil vive dias muito difíceis. A educação brasileira vive momentos muito delicados. Todos os dias acordo pensando no que você faria, diria ou como se comportaria diante de tudo que estamos passando.

Há mais de um ano que estou recolhido em casa devido a pandemia e por este mesmo período venho dando aulas remotamente. Na última sexta-feira a turma estava tão ansiosa que resolvi não discutir conteúdo algum. Passamos a manhã inteira conversando sobre como estávamos nos sentindo e em como continuar acreditando que tudo isso vai passar. Terminamos a aula cantando, tocando violão e recitando poesia.

Penso que todas as aulas deveriam ser mais leves, mais ousadas e mais dinâmicas. Penso também que uma aula deveria ser um “encontro”, uma passagem para outros mundos e outras galáxias. Outros mundos improváveis.

Há quinze dias atrás encontrei, numa reunião virtual de um grupo de pesquisa, um ex-aluno meu, do que na época era a 5ª série, hoje o

¹ Professor Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Campus de Patos - ARBOR - Grupos de Estudos - Ciências da Vida e Pensamento Complexo

6º ano do ensino fundamental. Percebi que já havia se passado vinte anos desde minha primeira sala de aula em de 2001.

A vida continua pulsando e os processos caminham inexoravelmente. Aliás, uma coisa que nós professores não compreendemos bem é a noção de processo que acompanha a construção das ideias e a educação. O ato de educar é regido por um caminhar lento que exige serenidade e esperança. É muitas vezes solitário e, ao mesmo tempo, parece que estamos numa multidão.

É errado e angustiante esperar rapidez de um processo que anda lentamente, não por querer andar lento, mas por ser lento em sua natureza. Somos educados para a rapidez com que respondemos ao mundo, mas nunca para compreender o mundo em si.

No prefácio de *Pedagogia do Oprimido* de 1967, o professor Ernani Maria Fiori diz que você não pensa, unicamente a educação; pensa a existência. Achei tão fabulosa essa referência ao seu trabalho que a primeira vez que li demorei vários dias para terminar a leitura do prefácio. A ansiedade tomou conta de mim. Essa declaração é tão sensível, tão verdadeira que incorporei essa noção de educação em minhas ideias e minha prática.

Toda pedagogia que não considera a existencialidade dos sujeitos é falha e asséptica de humanidade. Não podemos mais continuar com uma educação que negligencia os aspectos da existência humana. Toda prática educativa envolve mais que métodos de ensino, envolve também sentimentos. Toda palavra que sai da boca de um professor carregar sentimentos, desejos, paixões e frustrações que também educam e podem dar sentidos completamente diferentes aos instrumentos didáticos.

Educa-se também pela paixão, pela crença de uma educação mais igualitária e transformadora. Acredito que a paixão é um sentimento pouco compreendido, pois ela tem uma outra face desconhecida. Em educação, paixão não cega. Pelo contrário, ela conduz a compreensões

e entendimentos fabulosos. Não é possível nenhum ato educativo revolucionário que não seja conduzido pela paixão.

É preciso ensinar a condição humana. Essa é uma bandeira levantada por Edgar Morin, outro que completará cem anos como você neste ano de 2021. É uma pena vocês não terem se encontrado e pensados juntos a educação e a existência. Tenho certeza que desse encontro teria saído novas formas de pensar o mundo.

Edgar Morin é revolucionário como você. Tem em sua essência uma educação humanística que considera a multidimensionalidade do mundo e de todas as existências.

Vejo que a sociedade está preocupada mais com os conteúdos que deixaram de ser dados durante a pandemia do que com a vida em si. Ainda não superamos essa visão conteudista e bancária da educação. Já se passaram mais de sessenta anos do lançamento da Pedagogia do Oprimido e parece que ainda não conseguimos superar muitas mazelas que nos acompanham em relação a educação.

Não é possível pensar em educação libertadora num país tão desigual socialmente. Falta-nos tantos elementos básicos como água que a educação parece algo distante. Se não resolvermos as desigualdades sociais que mancha nossa sociedade e não construirmos uma sociedade consciente dos problemas do mundo, de si e de sua classe, os oprimidos continuarão querendo tomar o lugar do opressor.

Procuro na esperança seu sorriso leve e ao mesmo tempo marcado pelos processos do mundo. Diga-me caro amigo: como manter-se esperançoso diante de tudo que vivemos? Como enfrentar o opressor?

Estou cansado do dia hoje. Foram muitas aulas, tarefas domésticas, estudo com meu filho Daniel de 8 anos de idade, duas reuniões e outra que não consegui participar. Está sendo difícil ser professor nessa pandemia. Aliás, nunca foi fácil. Hoje, um deputado disse que o professor é o único profissional que não quer trabalhar.

Disse que estava cansado, mas não desesperançoso. Acredito que

não seria possível esperar nada diferente de uma sociedade que escolheu como presidente um sujeito que disse que não estuprava uma mulher por ela ser feia. Mas também, não podemos deixar que essa mesma sociedade destrua nossos sonhos e roube nossa capacidade de luta. A grande ironia disso tudo é que nós professores é quem devemos educar essa sociedade. Por essa razão que devemos ocupar todos os espaços, pois se nos ausentarmos a escuridão tomará de conta.

É esse o processo da educação. Mas o que podemos fazer?

Uma de suas frases mais impactantes para mim é aquela que diz que a educação não muda o mundo, ela muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Ou seja, a saída está em nós humanos. Acredito que toda crise é sinal de que precisamos mudar de rota. Logo, uma crise traz sempre a possibilidade de transição, de novos tempos e auroras.

Há dois anos, fiz um poema inspirado em você, na sua luta.

Quando nos falta amor pelos outros
Pelo planeta e por cada ser que habita nele,
Nos falta o maior recurso da educação:
A entrega,
O desejo que o outro tome sua lucidez
E voe
Para si e para seus sonhos.

Educar é um dos mais sublimes atos do universo,
Pois ao educar,
O educar também é educado
Pelos corações amorosos
Que dele espera a chance de se
Transformar.

Por essa razão,
A educação

É um ato
Político e espiritual.
É esse o caminho que conduz a
Libertação.

As escolas e universidades
Não podem ser mais como são:
Um depósito de ideias que
Aprisionam,
Criadouros de sujeitos que dão
Suas vidas
Pelo consumo.

Que cada educador
Possa reconhecer seu papel.
Que cada educador
Possa ser a luz
Que permitirá ao outro
Tomar a decisão
De se libertar.

Para educar é preciso ter a consciência de estar vivo. De estar acordado e consciente de si e de seus caminhos. Como diz Ceíça Almeida, minha ex-orientadora do doutorado em Educação, “educar é preparar os sujeitos para serem quem de fato são”. Porém, antes de preparar os outros, os educadores precisam sentir-se prontos. Estar pronto é estar disponível à vida e ao viver.

Caro amigo Paulo Freire. Despeço-me esperançoso e disponível aos novos tempos que estão para chegar.

Ao saber, o amor...
Patos (PB), abril de 2021

Toda carta chega ao seu destino¹

Walker Douglas Pincerati²

Talvez como muitas outras pessoas, eu não conheço a obra de Paulo Freire e por isso não me atrevo a falar sobre ela.³ Qualquer opinião nesse sentido seria um preconceito. E como não gosto de ser preconceituoso, procuro – muitas vezes sem sucesso – não falar sobre aquilo que não sei. E por isso não falava de Paulo Freire. No entanto, um dia uma conversa me deixou curioso porque soube, por uma amiga, que, no fim da sua obra, ele apostou na carta como um poderoso instrumento de práticas de leitura e escrita para todos nós. Vou então, a

1 Esta é a segunda versão, um pouco modificada, da carta publicada no *CiênciAção: Observatório Interdisciplinar de Divulgação Científica e Cultural*, da UNIPAMPA, no dia 15 de outubro de 2020, no número 8, na seção Blog e Colunista. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2020/10/19/carta-em-resposta-a-carta-de-paulo-freire-aos-professores-1993-2001/>.

2 Professor do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná/DALEM-UTFPR, Imortal Correspondente da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina/ALBSC, membro do grupo de pesquisas L.E.Ciber: Letras e Educação na Cibercultura (UNIPAMPA Jaguarão) e do centro de pesquisas outrArte: psicanálise entre ciência e arte (IEL/UNICAMP). Contato: pincerati@gmail.com.

3 Agradecimentos especiais a Clito Lagoeiro, meu grande amigo que me ajudou na edição e disponibilização dos vídeos. Os créditos das cenas recordadas devem ser atribuídos inteiramente aos produtores do filme *Violet Evergarden Gaiden*, dirigido por Haruka Fujita (2019, 1h30, HD, 5.1). Agradeço também Ana Cristina Rodrigues, minha comadre, e responsável por fazer-me chegar à carta do Paulo.

partir de agora, contar brevemente uma experiência de leituras causada pela leitura da Carta do Paulo. Após ler a carta dele, não tive como não escrever esta, que agora você lê. Espero que goste desta carta!



Confesso que eu nunca tinha parado para ler e terminar de ler um texto de Paulo Freire. Eu, obviamente, havia escutado falar muito dele, de sua Pedagogia do Oprimido⁴ e da Pedagogia da Esperança⁵; mas nunca consegui lê-lo. Lembro-me que até tentei uma vez ler..., acho que a Pedagogia do Oprimido durante minha graduação em Linguística na UNICAMP. Mas parei. Creio eu que parei porque seu texto é bem diferente dos textos que estava acostumado a ler, impregnados pela metodologia do texto científico e universitário. Por isso, não suportei – se sou fiel ao que senti – à leitura à época.

A leitura da Carta me veio de uma forma desviada – o que me faz lembrar da frase que diz que “toda carta chega a seu destino”. No dia em que assinei o contrato de união estável, a e os testemunhas jantamos no Sinuelo, um restaurante bem bom de Jaguarão, na fronteira com o Uruguai, no extremo Sul do Rio Grande do Sul. Sentei-me ao lado da Ana Cristina da Silva Rodrigues e ela me contou do projeto e grupo de estudos que está levando a cabo sobre “as cartas pedagógicas”

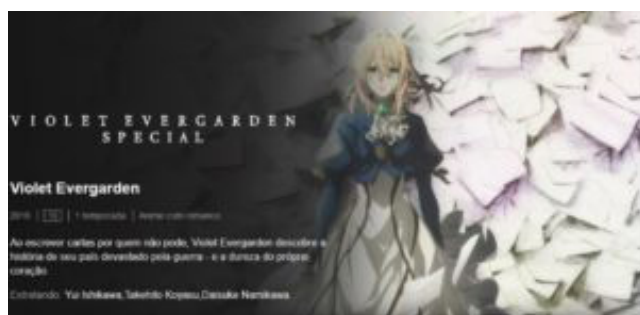
4 Texto integral disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>.

5 Texto integral disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/10.-Pedagogia-da-Esperanca.pdf>.

e que trabalhar com essas cartas têm feito com que suas orientandas se sintam mais soltas para escrever. Comentei com ela que achava isso muito interessante porque – lembrei-me – em minha adolescência eu escrevi muitas cartas. Eu me correspondia via “carta social” com pessoas do Brasil inteiro. Era uma alegria ver o carteiro chegar com aquele pacote grande cheio de cartas. E que, pensando hoje nisso, isso foi super importante para mim e para minha formação. Lamentei que as cartas que envio hoje não são mais respondidas, que as pessoas não sentam e param para escrever cartas!! Também comentei – se me recordo bem – o quanto Sigmund Freud, o pai da Psicanálise, escrevia e trocava correspondências com várias pessoas, artistas e intelectuais; algumas delas muito famosas, como a famosa troca de cartas entre Albert Einstein e Freud, publicadas sob o título: Por que a Guerra? Einstein escreve para Freud perguntando por que acontece a guerra? E Freud responde que todos nós, intelectuais ou não, somos governados por paixões – desejos inconscientes – e não pela razão e pelos ideais culturais.⁶ Eu disse para Ana que, a meu ver, a Psicanálise foi edificada nas cartas. Ela então me convidou para conhecer o grupo das cartas pedagógicas e participar de uma reunião. Combinamos isso e ela ficou de me mandar uma carta de Paulo Freire e umas cartas de suas alunas. Nada de preparação, mas sim uma conversa livre. Dias depois recebi pelo whats algumas cartas de três alunas e a Carta de Paulo Freire aos professores, publicada em 1993 e republicada em 2001, chamada Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra.⁷ Ela também é encontrada no livro do Paulo Freire: Professora, sim; tia, não – Cartas a quem ousa ensinar.

6 Vale a pena ler o texto, disponível aqui (entre as páginas 21 e 47.) em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05620.pdf>.

7 Texto integral disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013.



Antes de participar da reunião e após ter lido a carta, assisti novamente a dois filmes de uma série do Netflix que eu gosto muito porque me emociono muito. Violet Evergarden Especial⁸ e, depois Violet Evergarden Gaiden⁹, sendo que este eu não sabia que já estava disponível. Se você gosta de anime ou não se irrita de ver um desenho, vale a pena assistir a este pequeno trecho do Especial, momento em que uma carta de Violeta é lida e cantada num musical.

Violeta é uma jovem que fora treinada para ser uma arma de guerra, perdeu seu amor e suas mãos na guerra e se tornou uma Autômata ou Boneca de Automemória, uma escritora-fantasma, profissional que escreve cartas para seus e suas clientes. Ilma, uma cantora de ópera, que ainda espera a volta de seu amor que morreu na guerra, pede a Violeta que escreva “uma carta de amor que faça toda mulher desejar

8 Ver aqui: <https://www.netflix.com/br/title/81010662>.

9 Ver aqui: <https://www.netflix.com/br/title/81208936>.

e o coração de todo homem bater”. O difícil pedido de Ilma lançou um grande desafio, mas Violeta o cumpriu. Na verdade, a carta seria a letra da música da ária cantada no clímax de sua nova ópera. Eis o trecho:

<https://youtu.be/KeSsYyiSvLM>



Violet Evergarden é uma série japonesa adaptada para anime, originada de uma série de light novel (novela ou romance rápido) japonesa, escrita por Kanan Akatsuki e ilustrada por Akiko Takase. O filme Gaiden dessa série, o último que saiu no Netflix, caiu como uma luva depois de ler a carta do Paulo Freire como uma carta para mim, um professor.

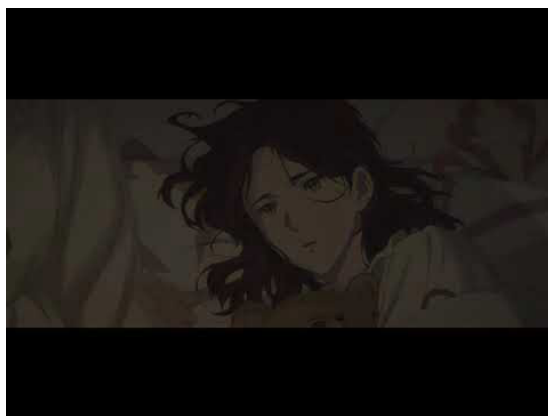
O filme começa com uma criança num navio com uma carta na mão...



Na primeira parte da história, a pedido da Família Real, Violeta vai trabalhar como professora de cultura, conversação, etiqueta e dança

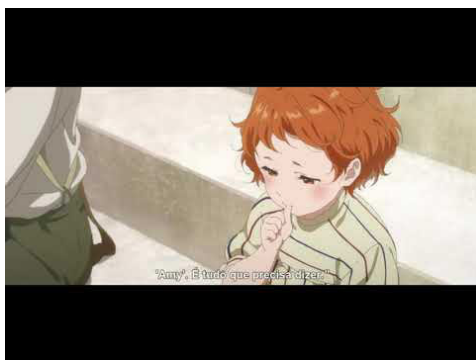
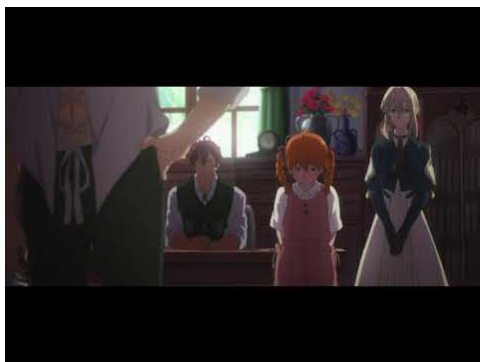
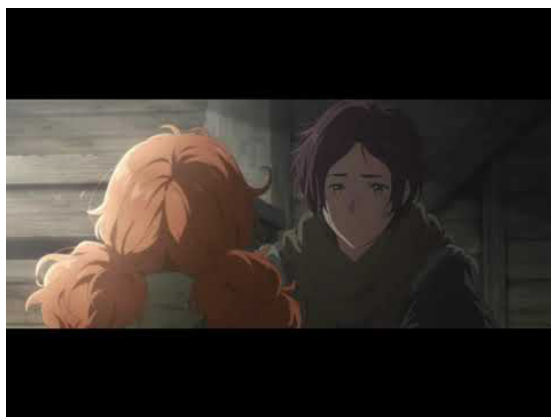
da jovem Isabella York – em suma, prepará-la para seu baile de debutante. Isabella é uma jovem que se sente aprisionada e solitária numa instituição destinada exclusiva e integralmente à criação das meninas das boas famílias, suas criadas e professores. Uma escola de meninas separadas do mundo por muros altos. Todas as meninas vêm de famílias respeitáveis ou se casarão com alguém respeitável. Após alguns dias de convivência, Isabella pergunta para Violeta que tipos de cartas já escreveu. Violeta responde, e em sua resposta diz que “cartas permitem você expressar o que normalmente não pode dizer”. Pela beleza do momento, vale a pena ver assistir à cena:

https://youtu.be/yJA_yq0NFPg



Ocorrido o baile e cumprido o propósito, Violeta se despede de Isabella. Na despedida, Isabella disse que sente muitas saudades de Taylor, sua irmãzinha, com quem convivera quando era uma mendiga e se chamava Amy. Violeta se oferece para escrever uma carta da Isabella para Taylor e repete seu maior ensinamento: “uma carta lhe permite expressar seus sentimentos”. Veja o trecho:

<https://youtu.be/qnUE-QJ9OUE>



A segunda parte da história começa com Taylor chegando na empresa que a Violeta trabalha. Toda contente, afirma que quer ser uma entregadora de cartas, uma carteira. Depois de um dia de trabalho, em

que Violeta sai pela cidade para entregar cartas com ela, ao mesmo tempo em que a ensina ler e escrever, Violeta pergunta para Taylor por que ela quer ser uma carteira? A graciosa garotinha conta que quando no orfanato era pequenininha seu “professor” – o carteiro da empresa – chegou e entregou uma carta de sua irmã para ela. Que isso fez com que ela se lembrasse dos momentos felizes que viveu com Amy. Ele deu isto para ela: entregou para ela a felicidade. “Também quero entregar felicidade!”, disse então Taylor. Violeta pede para ajudar Taylor a escrever uma carta para sua irmã, expressando o que sente. Elas passam a noite escrevendo e precisam que a carta chegue a seu destino, o que é um grande desafio. Então, pedem isso ao carteiro, o professor de Taylor, que responde que “toda carta deve chegar a seu destino”. Eis as duas partes em que isso acontece:

<https://youtu.be/D9YxTUems68>

<https://youtu.be/ROJp9B1OfYM>

Escrever cartas permite expressar aquilo que não podemos dizer, permitem expressar os sentimentos. E entregar cartas é entregar felicidade. Sempre há um difícil ato de doação nisso, uma doação que implica em transformação sem esperar recebe algo imediato em troca. Porém, algo que se dá na troca, e assim toda carta chega a se destino...

Ler a Carta de Paulo Freire me despertou um sentimento de descoberta e de satisfação com o modo mesmo que ele escreve, tudo junto. Pois ele “teoriza” sem precisar de muita referenciação sobre o ato de ensinar e aprender como um ato duplo: ensinar é aprender. Mais ainda, que “ensinar ensina o ensinante a ensinar”, considerando que o professor é sempre um aprendiz: ele tem que sempre estudar! É então que passa a discorrer sobre o estudo, sobre a posição crítica no ato de estudar enquanto ato de ler e de escrever; e que na prática de tais atos necessitamos usar os instrumentos tecnológicos – pedagógicos e linguísticos – disponíveis: os dicionários, as enciclopédias, textos, dentre vários outros. “Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais

exata do objeto, é perceber sua relação com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.” (p.264.)

Ele escreve isso após discorrer sobre a experiência em Porto Mont. Experiência em que determinados conceitos-chaves só seriam discutidos na prática em que as pessoas ali presentes se engajavam. Isso fez com que a “leitura” que as pessoas daquele lugar faziam de seu próprio lugar mudasse a partir de um “distanciamento crítico”. Além da “leitura do mundo”, passaram ao nível de uma “leitura do mundo” pela “leitura da palavra”. O exercício com a palavra pela palavra transformou a visão que tinham do próprio lugar. É a questão, a posição crítica do ato de estudar como prática inerente à profissão do professor que provoca a reflexão, a leitura e a escrita como “processos que não se podem separar.” Essa separação é um equívoco, e, neste ponto lembro da Taylor com Violeta: aprendeu a ler na rua porque queria entregar cartas e aprendeu a escrever para escrever cartas.

Paulo Freire entende que se desde a pré-escola essa prática dupla “ler e escrever” acontecesse, não haveria pós-graduandos dizendo hoje que não sabem escrever (p.266). E então avança numa proposta de considerarmos o corpo como um “vir sendo”, e não como um “vir a ser” e sempre sendo infante: ‘que não fala’, ‘incapaz de falar’, ‘criança’. Ou seja, não tratar as crianças e os outros em geral como infantes, falados, tomando-lhes a palavra; e não os tratar como falantes, recusando em dar-lhes a palavra. O falante, leitor e “escritor”, é então entendido enquanto corpo que se apropria criticamente de “sua forma de vir sendo” que faz parte de sua natureza, constituindo-se histórica e socialmente. O uso do gerúndio por Paulo marca o processo, não seu fim. Portanto, é uma escrita que faz questão de mostrar que somos seres de linguagem, que nossa percepção, nosso corpo se transforma à medida que falamos, lemos e escrevemos; e, em suma, estudamos.

Me surpreendeu em tudo isso a relação oralidade e escrita, quando

diz que, embora a oralidade preceda a escrita, ela “a traz em si desde o primeiro momento em que os seres humanos se tornaram socialmente capazes de ir exprimindo-se através de símbolos que diziam algo de seus sonhos, de seus medos, de sua experiência social, de suas esperanças, de suas práticas.” (p.266.) Ou seja, entende a escrita como simbolização gráfica da experiência e como construtora mesma desta experiência. Ela já está sempre lá constituindo-nos.

Termino por dizer que eu gosto disso tudo, mas que também me é difícil pensar nisso tudo. Nós, como professores, temos medo de parecermos burros, de errar, de não saber e de reconhecer isso e nos doar. Justifique-se o que se queira justificar! Mas é somente no ato de se doar que nossa profissão faz sentido, dá esperança e nos move a sempre mais buscar. Se escrever uma carta é também se doar, posso talvez dizer que professar é também amar.

Movido pela esperança,
Jaguarão, RS, 15 de outubro de 2020.

Spitzkoppe

Sayonara Gomes de Oliveira¹

Estimado Freire,
A máxima. O extravagante brilho do sol e sons levados à imaginação de ondulações naturais da verde formação rochosa: Castelos de areias desistem, coexistem e se desfaz nas mais extremas estruturas, esculturas erodidas. De Granitos: baixa absorção, polida Ardósia escovada, negra cinza, fachada do cristal bruto, pontiagudo, temperamental e natural. Na palma, polido ferrugem de grafite mão, singular letreiro da vida. “Wales”, Fe 26! Praias limpas, ferro-gusa lingote, aço – forno grelha calcário!

Pelo fluvia oculto, intempéries “matacões”, arrastados do meteorizar não imediato, similar vivente modelador, decompositor intertropical, fere e humaniza o Vinho.

Desagregar ou desintegrar o protótipo?

Desértico, intenso, semiárido: falemos do ferro de engomar, do vale que surpreende a águia em seu vôo nas altas terras altas congeladas – “snow” do minério - Eu minério!

Interno externo piso, o conhecimento do revestir e do neutralizar as camadas transparentes da goma estrelar resplandece – Namíbia rupestre.

Planícies e Planaltos, tempo avante... Estepes Masai Mara!

¹ Cursou Artes Plásticas na AEUDF - Associação do Ensino Unificado do Distrito Federal e Pedagogia na Universidade Católica de Brasília.

Everest, Lhotse flanco glacial proeminente declive, Rong River, Tibetan Plateau isolamento social recriando a composição – Morte. Afiada certeza Makalu! Os Picos das Agulhas Negras e Neblina receberam uma solidária ebulição composta de viagens aos diversos cheiros, expertise de milênios no entendimento cavalheiro. O cérebro vai amar o brilho cintilante do astro!

O vertebrado imponente distante e vertical, aflora, muda de parque. E o Imeri faz fronteira, gigante internacional! Não confidencial, o seco úmido Jabre, radical, físico granítico, gnáissico semicaducifólio, subxerófito - Borborema setentrional.

Neste segundo de vastos elementos da natureza, o científico Barbado modela à cósmica “botané”, raiz inexorável do filamento metabólico, reprodutivo vilão ou doente, frescor na evolução de Mim.

Descrever o terrível calmo, sorrir da fadiga hora, alimentar absorção do insondável molecular: sangue, fedor, calor, movimento, alga, clorofila - vida.

Controlar o nível trófico...

O dióxido de carbono impactou junto ao sulco, Graxa!

Esperando um mundo novo,

João Pessoa, 19 de março de 2021

De sonhos e esperanças

Jota Lima Cordelista¹
(Josenildo Maria de Lima)

Estimado Mestre,
A ti mestre Paulo Freire
Envio este pergaminho
Uma carta mal escrita,
Mas repleta de carinho
Na qual descrevo o papel
Do professor no caminho...

Sou filho de um oprimido
Humilde e trabalhador:
Que mesmo sem estudar
Tinha na escola o valor,
A chance de se formar
E vê seu filho um doutor

¹ Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, Especialista em Fundamentos da Educação, e licenciado em Física. É servidor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Poeta, cordelista, é membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba.

Nesse sistema doente:
Opressor de sentimentos,
Destruidor de esperanças,
Criador de sofrimentos,
O filho de um oprimido
Vê dores e seus lamentos.

Graças à pedagogia
Que prega a libertação,
Quantos jovens sonhadores
Aprendem tua lição,
Aprendem a Esperançar
E Mudam de posição?

Fostes um mestre encantado
Que nessa terra pousasse,
Lutando contra a opressão
Quantas vidas libertasse?
Livrando o filho do pobre
De quem tanto lhe explorasse.

A ti Doutor Paulo Freire
Quero externar todo afeto,
Pois graças a Educação
Libertadora, tenho teto,
Até Aprendi a aprender
Ensinando algo correto.

Quero agora te contar
O quanto é tão importante
Aprender com o teu gesto

A não virar arrogante
Que destila informações
Feito raio todo instante.

Aprendi que a educação
Quando é libertadora
Cria uma sociedade
Forte e mais acolhedora,
Mas aqui nesse torrão
Nunca foi transformadora.

O Brasil nunca implantou
Tua forma de ensinar,
Mostrando a ter posição,
Ensinado o povo lutar
Pelo bem comum da terra
É a forma de esperar.

Temos algumas sementes
Plantadas na terra dura
Que ensinaram a lição
Derrubar a ditadura
Com arte e cidadania
Ciências, literatura.

Tem na bagagem da vida
Gotas da sabedoria
Misturada com vontade
Ensina a cidadania
Assim outro professor
Ensina com maestria

Educação libertadora
É o mesmo que sonhar
A ver um mundo melhor
Onde o verbo esperar
Avance igual ventania
Fazendo a opressão findar.

Quantas ligas campesinas
Poderiam ser formadas,
Com tua pedagogia
Quantas famílias letradas?
Quando veremos no Brasil
Tais idéias implantadas?

A você mestre da arte
De educar politicamente
Para o povo progredir,
Mudar a vida da gente
Importando com a vida
Sem tanto roubo indecente.

Ainda vemos, querido
Reinar forte nesta Terra:
Arte da pura ambição
A cobiça mata e enterra
Tantos sonhos e esperanças
Toda vez em que o povo erra.

Por fim quero agradecer
Meu querido professor
Um mestre que a tanta gente

O Legado libertador
Inspirou-nos, fez morada
Pra vencer todo opressor.

Cheio de esperança,
Campina Grande (PB), abril de 2021

A educação em Freire

Tem arte, sonho e amor

Bento Júnior¹

100 Anos de Paulo Freire
Eu quero homenagear
UEPB fez um edital
Venho aqui participar
Este Cordel Brasileiro
Que vocês vão apreciar.

O Nordeste do Brasil
Já mostrou que tem poder
Tantos já despontaram
E agora vamos saber
Vou falar de Paulo Freire
No Recife fez nascer.

Pernambuco é Estado
Fez brotar educação

¹ Nascido na cidade de João Pessoa-PB, é poeta, professor e teatrólogo, membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, com várias obras publicadas que possuem os mais variados temas, tais quais: teatro, educação, cordel, poesia e romance. É um dos defensores da nomenclatura 'Cordel Brasileiro'.

Paulo Freire educador
Sala de aula com paixão
Método valorizado
Eis essa grande questão.

1901, o ano
Paulo Freire aqui chegou
Trazendo o conhecimento
Se tornando educador
No tratar educação
Com luz e muito amor.

19 de Setembro
É data de nascimento
O nosso pernambucano
Criador de movimento
Educar sendo sua arte
Nas ruas ou assentamento.

Escreveu a Pedagogia
E dedicou ao Oprimido
Alfabetizando as massas
Do mundo desconhecido
Nas zonas ditas rurais
O Ensino foi merecido.

Lá na cidade de Angicos
No Rio Grande do Norte
300 trabalhadores
Tiveram muita sorte
Foram alfabetizados
Discutiram até morte.

No campo Pedagogia
De exemplo ele serviu
Seus livros são referências
Para todo este Brasil
Intelectual daqui
Sua obra consumiu.

Seu Método foi pra adulto
Implantado nas Nações
Prático, satisfatório
Nas letras das emoções
O Paulo Freire escritor
Unificando as razões.

Quando falo do Nordeste
Pela sua competência
Na música, na cultura
Nos viés desta ciência
É gente contribuindo
Para outros que têm carência.

O Brasil todo agradece
Essa gente inteligente
Na questão da Educação
De um povo polivalente
Aguerrido de vontades
Elevando nossa mente.

Paulo Freire fez história
Como grande Educador
Tem o Método importante
Que tanto alfabetizou

Nos viés do nobre Mestre
Nem mesmo o tempo apagou.

Naquele 1900
E 43, fará
Faculdade de Direito
No Recife foi ingressar
Educador e advogado
Ele quis comunicar.

Vocabulário comum
Foi o Método trabalhado
A palavra popular
O povo alfabetizado
Paulo Freire, foi Maestro
Tempo capitalizado.

No Regime Militar
Exatos 70 dias
Que passastes na prisão
Depois Chile, seguirias
O nosso bom Paulo Freire
Defensor das minorias.

Na Pasta da Educação
Prefeitura de Erundina
Professor Superior
A Pedagogia ensina
Foi Doutor Honoris Causa
Universidade sina.

Paulo Freire Pensador
É a nossa tal herança
Escreveu com maestria
Livro 'Educação e Mudança'
A 'Prática e Educação'
'Pedagogia Esperança.'

Foi casado duas vezes
A biografia diz
'Pedagogia Autonomia'
Deixando leitor feliz
Paulo Freire é sinônimo
Do bom livro do País.

Dia 02 de Maio do ano
1900, sim
Em 97, a data
Nos deixou foi pro Jardim
Lá no alto do céu falou
Com o Ciço, meu padim.

Neste 2021
Já temos itinerário
Vou logo comemorar
Como fez o proletário
Com base no nascimento
De Freire, seu centenário.

Reinventando a vida,
João Pessoa, 31 de março de 2021

A sedução da esperança

Maria do Socôrro Sousa Santos¹

Estimado Paulo Freire, Que “não há docência sem discência”, todo bom professor tem que ter consciência disso. Quando em seus pensamentos, Paulo, você diz que “ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criatividade, estética e ética, ensinar exige risco, aceitação do novo, e rejeição a qualquer forma de discriminação, exige reflexão crítica sobre prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Ensinar não é transferir conhecimento(...), ensinar exige consciência do inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, ensinar exige bom senso, humildade, tolerância, e luta em defesa dos direitos dos educadores, exige apreensão da realidade, exige alegria e esperança na convicção de que a mudança é possível á partir da curiosidade(...), ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, exige comprometimento, compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, ensinar exige liberdade e autoridade com consciente tomada de decisão, exige saber escutar, exige reconhecer que a educação é ideológica, exige disponibilidade para o diálogo, exige querer bem aos educandos.” Compreendo que

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras, especialista em Língua, Linguística e Literatura, e Psicologia Educacional, pela UNIFIP, Patos-Pb; professora de Línguas Portuguesa e Inglesa (Escolas Públicas Municipais) desde 1986; escritora com dois livros de poesias: “Vi, vendo, entre versos e rimas (2013)” e “Vi, ver, entre versos e rimas (2017).

a experiência de aprender, de conhecer envolve, necessariamente, a tarefa de estudar, antes mesmo da tarefa de ensinar.

Obviamente, sua intenção não é escrever prescrições que devam ser rigorosamente seguidas, o que significaria uma chocante contradição com tudo o que foi dito até agora. Pelo contrário, o que me interessa aqui, de acordo com o espírito mesmo desta, é desafiar profissionais da educação em torno de certos pontos ou aspectos, acredito eu, insistindo em que há sempre algo diferente a fazer na nossa cotidianidade educativa, quer dela participemos como aprendizes, portanto “ensinantes”, ou como “ensinantes” e, por isso, aprendizes também.²

Sem, assim, sequer, de dar a impressão de estar deixando absolutamente clara a questão do estudar, do ler, do observar, do reconhecer as relações entre os objetos para conhecê-los. Tentando clarear alguns dos pontos que merecem nossa atenção na compreensão crítica desses processos, devemos começar por estudar, que envolvendo o ensinar de quem em processo de ensinamento, envolve também, de um lado, a aprendizagem anterior e concomitante de quem ensina e a aprendizagem do aprendiz que se prepara para ensinar amanhã, futuros professores, ou refaz seu saber para melhor ensinar hoje ou, de outro lado, aprendizagem de quem, criança ainda, se acha no começo de sua escolarização.³

Enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que-fazer crítico, criador, recriador, não importa que eu nele me engaje através da leitura de um texto que trata ou discute certo conteúdo que me foi proposto pela escola ou se o realizo partindo de uma reflexão crítica sobre certo acontecimento social ou natural e que, como necessidade da própria reflexão, me conduz à leitura de textos que minha curiosidade e minha experiência intelectual me

2 FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

3 *Ibidem*.

sugerem ou que me são sugeridos por outros.

Assim, em nível de uma posição crítica, a que não dicotomiza o saber do senso comum do outro saber, mais sistemático, de maior exatidão, mas busca uma síntese dos contrários, o ato de estudar implica sempre o de ler, mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. Mas ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto.

Se, na verdade, estou estudando e estou lendo seriamente, não posso ultrapassar uma página se não consegui com relativa clareza, ganhar sua significação. Minha saída não está em memorizar porções de períodos lendo mecanicamente duas, três, quatro vezes pedaços do texto fechando os olhos e tentando repeti-las como se sua fixação puramente maquinal me desse o conhecimento de que preciso; ler, estudar, é um trabalho paciente, desafiador, persistente.⁴

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever.*6

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação.

Na prática, somente nela, sendo modelo de saber-se aprendiz, estudante, numa conexão diária com o saber-se incompleto, pelo simples fato de sermos, nós professores, entes resilientes, pelo menos é o que deveríamos ser, adequando-nos ao momento, colocando-nos no lugar do aluno, compreendendo que cada pessoa aprende de diferentes

4 Ibidem.

formas, não agindo como “Tia” que só cuida e mimia, mas, sim, como professor que ensina, aprendendo em cada dia e em cada experimento novo.

Em consonância com os estudos de um pesquisador do seu cacife, Paulo Freire, compreendendo a minha prática e a minha experiência em mais de vinte anos de sala de aula, tempo este dedicado a ensinar aprendendo, bem como, mostrando o sabor do saber num apetite voraz de quem sempre viu na educação o melhor cardápio a ser degustado e apreciado, descrevo a partir de agora minha ideia de prática, compreendida, por mim, como sendo atrativa e atraente.

Desde o início, quando fiz o curso LOGUS, nível médio, para professor de escola pública, entendi que ensinar exige prazer no agir educacional. Já vinha de uma prática de professor particular, a domicílio, levando o compreender ao saber, individualizando saberes, e com esta prática compreendia o ensino como sendo uma particularidade peculiar ao saber trazido, individualmente, em cada um. Sinto prazer em ver que meu aluno compreendeu que tudo se torna fácil quando se permite aprender, e “ninguém aprende sozinho”, não é verdade? Temos que fazer uso da “sedução da esperança”.

Até hoje a luta continua e “quando dizemos que a luta continua, significa que não dá para parar”. Não podemos desanimar, “é possível e normal um desalento”, não podemos permitir, no entanto, “é que o desalento vire desencanto”⁵. O estudante, assim como o professor tem que permanecer vivo e ativo, estudando, lendo, escrevendo, em um constante aprendizado onde compreendamos que só se erra quando se está praticando, tentando acertar e com isso, acontecer o aprendizado.

E assim, saboreando este belo cardápio, que me enche os olhos, com o simples ato de apreciar a leitura discernente de fazer a melhor escolha, de não selecionar, de experimentar cada sabor, fugindo do “feijão com arroz”, apesar de fazer parte desta cesta básica, vão continuar sendo o que são, por mais que se mude o modo de fazer.

5 Ibidem

Devemos sair de nossa zona de conforto e, nos permitirmos aos questionamentos, às inserções, e o mais importante de tudo: o prazer de descobrir-se capaz de criar e recriar, e que este fazer educacional só acontece quando não temos uma receita pronta. Aprendi contigo, Paulo Freire, que seguir uma receita, não significa perder o valor e o prazer da alquimia de recriar, de adequar os sabores dos saberes para esperar o aprender ensinando.

Segue um poema, dinâmica de sala de aula, que margeia meus pensamentos e sentimentos, com relação ao que aprendi, lendo seus textos:

Receituário

Na recolhida,
E na vida,
Receituar é preciso,
Porém, para ser
Precisa,
Atentar, também
O é!

Na receita,
E na vida,
A doçura é dosada
Porém, para ser
Precisa,
Medir, também
O é!

No paladar,
E na vida,

O sabor é distinto
Porém, para ser
Precisa,
Degustar, também
O é!

Saudosa saudades, sentirei sempre; esperançosa, esperançarei
eternamente...

Patos, abril de 2021

Aprendendo (e ensinando) com decência

Annecy Venâncio¹

(I)

Olá, mestre Paulo Freire,
Meu querido professor.
O meu nome é Annecy,
Que saudades do senhor.
Escrevo de João Pessoa
Esta carta, com amor.

(II)

Professora, com orgulho,
Esta é minha profissão.
Eu ensino à juventude
E aos adultos, com paixão,
Dentro dos ensinamentos
Que aprendi na educação.

1 Annecy Venâncio – Poeta ACVPB – Cadeira nº 11 - Natural de João Pessoa-PB, é graduada em Letras pela UEPB, com especialização em Língua, Linguagem e Literatura – CINTEP e mestrado em Letras-PROFLETRAS-UFPB. Professora de Língua Portuguesa na Paraíba e em Pernambuco - Ensino Fundamental e EJA. Médio. Membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba-ACVPB, cadeira 11, patrona Neuma Fachine Borges.

(III)

Vida aqui tá complicada,
Estamos em pandemia.
O Brasil desgovernado
E eu exponho em poesia
Minha preocupação,
Além da minha agonia.

(IV)

Que falta o senhor nos faz
Com tantos ensinamentos.
Educação solidária,
Partilhas, belos momentos,
A defesa do oprimido,
Os sonhos e os acalentos.

(V)

Patrono da Educação,
Titulação merecida.
Formou muitos estudantes,
Sua obra é conhecida
Nos quatro cantos do mundo,
Ensinamentos pra vida.

(VI)

O senhor foi visionário,
Trouxe ideias grandiosas,
Um ensino prazeroso,
Pedagogias vistosas,
Fez história no Brasil,
Belas aulas majestosas.

(VII)

A tendência progressista,
Transformação social.
Neste momento difícil,
Estudo é primordial
Pra toda criança e adulto,
Direito fundamental.

(VIII)

Hoje lendo seus inscritos,
Sinto forte comoção.
Professores estão tristes,
És a nossa inspiração.
Pedagogia liberta,
O senhor tinha razão.

(IX)

Vivemos um desafio,
Ensino remotamente.
Tentamos a dialética,
Nossa luta é persistente.
O peso que carregamos
É o peso de toda gente.

(X)

Angicos sente saudades,
O povo tem consciência,
Oprimido nesta história
Aprendendo com decência.
Eis o seu grande legado,
Oh mestre da sapiência.

(XI)

Foi contigo que aprendemos
Ensinar criticamente.
E a política de reforma,
Relação tão veemente
Em que aluno-professor
Aprendem conjuntamente.

(XII)

Dessa forma que eu vos digo,
Deixaste grande conquista.
Nunca estive tão presente
O educador humanista.
No povo pobre pensou,
Foi militante e ativista.

(XIII)

A saudade bate o peito
Face à etapa opressiva.
Meu querido Paulo Freire,
Eu te escrevo esta missiva
Pra que a educação melhore,
Desejo em perspectiva.

(XIV)

Um dia foste exilado,
Tendo ideia rejeitada.
Defendeste o excluído
Dessa nossa Pátria amada.
Exigiste mais respeito
E uma mente libertada.

(XV)

Precisamos do seu brilho
Em momento delicado.
Professor, locomotiva,
Para o trem desgovernado,
Que dá norte ao pensamento
Com seu método arrojado.

(XVI)

Por aqui vou terminando,
Estreitando nosso laço,
E com meu peito encharcado
Agradeço, neste espaço,
Por tudo o que nos deixou
Deixando-lhe um forte abraço.

Um saudoso abraço,
João Pessoa (PB), abril de 2021

No Cordel esperamos Uma outra educação

Juliana Soares¹

I

Ao querido Paulo Freire,
Saudações caririzeiras,
Eu falo da Paraíba,
Da secular Cabaceiras,
Através desse cordel,
E de rimas verdadeiras.

II

Sou Juliana Soares,
Permita uma apresentação,
Formada em Pedagogia,
Onde tenho atuação,
Nordestina e educadora,
Acredito na educação.

III

Filha de uma professora,
De um simples agricultor,

¹ Pedagoga, poeta cordelista, membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba - ACVPB.

Me ensinaram desde cedo,
Que a educação tem valor,
Ela é capaz de nos dá,
Um destino promissor.

IV

Aprendi a “ler o mundo”,
Ainda na minha infância,
Atravessando o Paraíba,
Rio de muita importância,
Nadando ou de canoa,
Transformando a circunstância.

V

E com bastante esforço,
Busquei o conhecimento,
Pois, eu sabia que ele,
Daria o entendimento,
Me traria a liberdade,
E também o crescimento.

VI

Faço aqui uma leitura,
Da minha realidade,
Do que está acontecendo,
No campo e na cidade,
Afetando todo mundo,
Sem nenhuma piedade.

VII

Acontecem tantas coisas,
Tem uma tal de pandemia,
Que parou o mundo inteiro,
Tem tirado a alegria,
A escola não é a mesma,
Mudou da noite “pro” dia.

VIII

De repente a interação,
Deixou de ser presencial,
E o contato só acontece,
No ambiente virtual,
E o ensinar e o aprender,
Tem sido fundamental.

IX

Salas de aula assim:
Não tem parede, nem chão,
Não são mais espaços físicos,
E o que realmente são?
São telas, computadores,
E às vezes é solidão.

X

De uma tela, os professores,
Na tarefa de ensinar,
Nessa nova realidade,
Buscando se adaptar,
Pensando no seu aluno,
E a sua prática realizar.

XI

De outras telas, os alunos,
Buscando o aprender,
De uma forma diferente,
No ato de conhecer,
E no futuro não sabemos,
O que pode acontecer.

XII

Tenho pensado bastante,
Diante desse cenário,
E dos seus ensinamentos,
Todos eles necessário,
E o ato de esperarçar,
Ao tempo, destinatário.

XIII

Com você eu aprendi,
Que para ter esperança,
Não precisa esperar,
Pensar que sempre alcança,
É necessário se ter,
Ousadia e confiança.

XIV

Você diz que a esperança,
Vem do verbo esperarçar,
Destinado a todo aquele,
Que sempre ousa lutar,
E fazer um novo tempo,
E por ninguém esperar.

XV

Esperançar como verbo,
É pura inspiração,
Pra levantar ir atrás,
E mudar a nossa ação,
Transformar a realidade,
Ir em outra direção.

XVI

Por aqui eu me despeço,
Com bastante alegria,
Que essa carta em cordel,
E os versos da poesia,
Ecoe por todo canto,
Nos dê força e energia.

Entre saudades e esperança,
Paraíba, abril de 2021

Choque de Cidadania

*Raniery Abrantes (RA)*¹

*Marconi Araújo (MA)*²

1 - RA

Meu querido Paulo Freire,
O mundo está complicado.
A Covid dando às cartas
E eu aqui, desanimado,
Com tudo isso ao meu redor,
Este quadro em derredor
De um povo desamparado.

2 - MA

Fico desassossegado
E a decepção é farta.
Mas a resistência é tanta

1 Raniery Dantas de Abrantes - É professor paraibano e poeta da Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB). Natural de Sousa, é autor do livro “Jardim de amores” (Ideia, 2015) e dos folhetos em cordel “Um aprendiz no Cordel”, “Sivuca, o filho de Itabaiana”, “O fantasmilha do Verona”, “Régis Soares em Cordel”, “Bebé de Natércio em Redondilha Maior” e “Juca Pontes em Cordel”.

2 Marconi Pereira de Araújo - É natural de Campina Grande (PB). Servidor Público Federal, poeta e professor, é bacharel em Direito, Licenciado em Matemática, bacharel em Estatística e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Além de Conselheiro Estadual de Cultura no estado da Paraíba, exerce atualmente a presidência da ACVPB.

Que eu bem sei que não descarta
A reação contundente
E o bom combate presente
Que os meus olhos não aparta.

3 - RA

Ao te escrever esta carta
Faço-a para destacar
Que esta nossa educação
É bem fácil de notar.
Tá sofrendo a cada dia
E a todos nós arrepia,
Vejo a hora desabar.

4 - MA

É fácil testemunhar
Esta ausência de abastança
Dos recursos necessários,
Sempre escassos na balança.
A luta é nosso alimento,
Mas desde já complemento,
Causa até desesperança.

5 - RA

O Brasil sem governança,
O ódio está campeando.
Instituições falidas,
Um inepto governando,
De joelhos, o congresso
Representa este insucesso
E o povo todo chorando.

6 - MA

Há tristeza campeando
No quesito educação.
Merece nosso protesto,
Sendo necessária ação.
Mas, agora, hei de poupar
E com leveza exaltar
Particular afeição.

7 - RA

Pra alegrar o coração,
Queria falar de amor.
Mas a inspiração não vem,
Queria regar a flor.
É que estou descompassado,
Porque o campo está minado
E é preciso algo propor.

8 - MA

Eu sou réu confesso a expor
A inibição sob guarda.
Porém, prometo, meu mestre,
Demoverei retaguarda.
Aos poucos, acelerando,
Protestarei praticando
As posições de vanguarda.

9 - RA

Preciso de salvaguarda
Para poder me expressar.
Estou com medo, confesso,

Não posso titubear
Diante dos abissais
Porretes nos ideais,
Necessito me cuidar.

10 - MA

Jamais irei vacilar
Diante do despudor.
Refletirei sobre ações,
Com redobrado valor.
De quem sabe que a união
Leva em consideração
O nosso bem regedor.

11 - RA

É, meu caro educador,
Eu daqui mando notícias.
Queria que fossem boas
Mas não são as mais propícias.
Sei que a maldade campeia,
A coisa está muito feia
Neste país de milícias.

12 - MA

Diante destas malícias,
Sinto a tempestade em alta.
Passaria horas falando
Deste tema em caixa-alta
Que assombra o bom cidadão,
Prejudica a educação
E a paz, que é tão nossa, assalta.

13 - RA

Mas vamos mudar a pauta
Que tal falar de você,
De seu lindo centenário,
Virtuoso dossiê?
Pois é isto o que me importa
E esta matéria comporta,
Vou me expressar na TV.

14 - MA

Sabe as razões e o porquê
Desta nossa providência?
Se sua humildade é tanta
Que não pede a providência,
O fato é que, na verdade,
Toda esta espontaneidade
Surgiu pra Vossa Excelência.

15 - RA

És a forte referência
Para a nossa educação.
O Brasil tá precisando
Deste choque cidadão.
Irei seguir toda esteira
Da atitude que é bandeira
Para ação-reflexão.

16 - MA

Por isso, preste atenção,
Seus tratados são vertentes
Atemporais e, portanto,

Far-se-ão mais que presentes.
Não descartaremos arte,
Sobretudo de quem parte
Pra despertar mais sementes.

17 - RA

Os saberes diferentes
Precisam ser destacados.
Você sempre me ensinou
Os mais nobres postulados.
Sabemos, são todos plenos,
Não há saber mais ou menos
Para sermos transformados.

18 - MA

Se há valores transmudados,
O juízo não descola
De quem soma e tanto agrega
Harmonizando a viola.
A cadência tão pujante
Desta educação brilhante
Que certamente decola.

19 - RA

É importante na escola
Não apenas estudar.
É preciso criar laços,
Convivência alimentar.
Ser sempre fortalecido,
Em cada ato dar sentido,
Amizades celebrar.

20 - MA

O bem em si se espalhar,
Eis que providencial.
Realidade presente,
Percepção crucial.
Refletir e se doar
Atingindo este além-mar
De maneira essencial.

21 - RA

A justiça social
Que você, mestre, pregou,
Deve ser prioridade,
Sei bem que sempre alertou
Mostrando ser benfeitor,
Ato frondoso de amor
Que sempre proporcionou.

22 - MA

Além do mais consagrou
Nas palavras do catálogo,
Mandamentos preciosos
Que mais parece um decálogo.
Exemplifico, em verdade,
A defesa da igualdade,
Semelhantemente análogo.

23 - RA

Educação é diálogo,
Encontro, interlocução,
Assim você me ensinou

Que é livre a interpretação.
Discernimento profundo,
Pois o que alimenta o mundo
É a comunicação.

24 - MA

Inabalável a canção
Deste palco iluminado.
O pensamento ecoando,
Liberto neste tablado,
Meditando, refletindo
E livremente exprimindo
Raciocínio firmado.

25 - RA

Estás sim, eternizado,
Paulo Freire, meu amigo,
Sua obra é referência,
Ela sempre anda comigo.
Está presente nos lares,
Nos trabalhos escolares,
Encontrando terno abrigo.

26 - MA

Desta maneira, eu prossigo
Saudando a sublimidade,
A transcendência concreta
Desta potencialidade.
Um ser de luz e magia
Que a todos nós contagia
Com tamanha intensidade.

27 - RA

“Sem a curiosidade,
Não aprendo nem ensino”
No contexto social,
Frase forte como hino.
Exalto a luz que irradia,
Eu prego isso todo dia
Para adulto e pra menino.

28 - MA

Eis o exemplo peregrino,
Palavras em movimento,
Que transborda no universo
Repercutindo o rebento.
Em todo o globo terrestre,
O monumento de um mestre
Que simboliza este tento.

29 - RA

Seu eterno ensinamento
Fala, sim, de liberdade,
Aqui na terra pretendo
Pregar sempre a equidade
E de modo repetido
Nortear todo oprimido
A buscar dignidade.

30 - MA

Transmito fidelidade
À palavra, este regaço,
Que abriga sabidamente
Em nossa alma o seu terraço,

A fidedigna mensagem
Que aviva esta paisagem
Sem qualquer desembaraço.

31 - RA

Aqui deixo o meu abraço
E um preito de gratidão
Pelo que você tem feito
Pela nossa educação.
Quem refletir já desperta,
Pois é ela quem liberta
Da cruel escravidão.

32 - MA

Admiramos ação
De quem sabe ser fiel
À pedagogia obreira
Que desmancha qualquer fel
E nos enche de esperança,
Além de autoconfiança
Ensaboada de mel.

-FIM-

Esperançando a boniteza no mundo

Campina Grande (PB), abril de 2021

Toda nossa reverência

Claudete Gomes dos Santos¹

1

Querido mestre dos mestres
Peço um tantim de atenção
Desse jovem centenário
Pra dividir aflição
Realidades do mundo
Aluem a educação.

2

Vivemos dias de luto
Luta por educação
São tempos mui temerosos

¹ Poeta e Cordelista, Atriz e Arte-Educadora das Redes de Ensino (Estadual da Paraíba e Municipal de João Pessoa); Mestra em Arte (UEPB), Especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – com Ênfase em Didática (IFRN) e em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares (UEPB); Nascida em Nilópolis/Rio de Janeiro (1977), radicada na Paraíba desde 1991; Escreve poesia desde a adolescência; Idealizadora dos Projetos Descobrimo a Cidade e Santo(a) de Casa Faz Milagre: Paraíba Sim, Senhor(a)!; Ativista cultural na busca pelo fomento, (re)conhecimento e a valorização da riqueza do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Imaterial da Paraíba; trabalha com poesia popular e literatura de cordel desde 1998; É membro ocupante da cadeira nº 19 da Academia de Cordel do Vale do Paraíba – ACVPB. A poeta pode ser contactada através @claudethgsantos Instagram ou pelo <https://www.youtube.com/channel/UCCRMdWEzirhcCfbJkjbzWw>

Nos traz preocupação
Muitas buscas por caminhos
Dispõe humanização.

3

Uma grave pandemia
Assola a população
São diversas incertezas
E fala-se em extinção
Muitas vidas são perdidas
E de quebra a educação.

4

Educação é partilha!
O renovar, reinventar
Nunca foi tão oportuno
Foi necessário parar
Refletir, rever conceitos
Ter a “coragem de amar”!

5

Educar não tem receita
Se nem as de bolo eu sigo!
Pois cada povo, lugar
Vós, taura, mostrou e eu digo
Tem suas marcas e os saberes
Que bem carregam consigo.

6

O senhor disse: “_Respeite!”
A toda diversidade

Reconhecendo as culturas
Nossas marcas de verdade
As raízes brasileiras
Com a nossa identidade.

7

Nosso mundo é tão diverso
Mas há discriminação
Mesmo que pra todas elas
Não se tenha explicação
Tem uma coisa bem certa
É falta de educação!

8

E por mais que não tenhamos
Resposta bem definida
Pelo “inédito viável”
Já! Foi largada a partida
Mas respeitando os percursos
Da caminhada vivida.

9

E de uma coisa eu bem sei
Há quem possa discordar
Mas, o importante de tudo
É bem ter “esperançar”
E tramando aprendizagens
Ciências, valorizar.

10

Da popular à erudita
Entrelaçando as histórias
Fui costurando as culturas
E teando as trajetórias
Vim cingindo ecologias
Teci saberes, memórias.

11

Tessitura de saberes
Dentro de uma formação
É bem mais que essencial
Pra traçar educação
Educação NÃO bancária
Visando emancipação.

12

Pois, sim, eu ainda acredito
E tenho satisfação
De crê num belo caminho
Por trilhas de formação
Pois só vislumbro futuro
Forjado na educação.

13

Educação estruturada
Com bons laços de união
Muitas trocas de saberes
Tem sim valorização!

É nela que tem e está
Futuro de uma nação.

14

Seja com jovem, adulto
E com criança ou idoso
É sempre um bom desafio
Grande, mas mui valoroso
Ensinar é importante
É ofício poderoso!

15

Ofício que nos exige
Muita força, paciência
Tem percalços no caminho
Tem que ter resiliência
Com responsabilidade
Fé, coragem, consciência.

16

E pra encerrar esta carta
Marchamos em comunhão
Unidos num só propósito
Rumo para inovação
Acreditando com fé
Num futuro pra nação.

17

E mesmo com intempéries
Do ensino eu não, não desisto!
Seja presente, remoto

EaD. Não importa, insisto!
Estudo bem, me reinvento
Creio, resisto, persisto.

18

Sou professora sim. Claro!
E com o orgulho estampado
Saberes entrelaçados
E segredo revelado
Arte, poema, cultura
É sim todo meu legado.

19

E com orgulho eu vos digo:
Sou fruto de educação
Pública sim, garantida
Por lei, constituição
Pois foi numa “escola viva”
Toda minha formação.

20

Marchar pela educação
Nos exige transcendência
Bem... para aos que ousam ensinar
Toda minha deferência
A você, mestre dos mestres
Toda minha reverência!

Abraços com amorosidade,
Paraíba, 19 de abril 2021

Amar é um ato de coragem

El Gorrión¹

Meu prezado, Paulo Freire,
Daqui mando saudação.
Desde que você partiu
Deixou mais pobre a nação.
O seu nome aqui é forte;
Causa muita confusão.

Seu plano de educação
Ainda hoje é lembrado.
Você me fez enxergar
O quanto eu era enganado.
Mas, enquanto aqui viver,
Lembrarei do seu legado.

Você será sempre amado
Por quem tem a mente aberta.
Foi alfabetizador
E usou a medida certa.
Suportou a intolerância
Com a lição que liberta.

¹ El Gorrión – Poeta, Membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba(ACVPB), Cadeira:13, Patrono: José Pacheco

Sua leitura liberta
Quem vive a alienação.
Você sempre teve um norte
Que foi a educação.
A leitura no sujeito
Faz uma revolução.

Seu tema é libertação
Porque muda a trajetória.
De quem não conhece o mundo,
Vai vivendo como escória.
Mas olhando seu esquema,
Muda logo a sua história.

Neste país sem memória
Há quem venha criticar
O seu modelo de ensino
E como se comportar,
Diante de um opressor
Que pense em nos explorar.

A ordem é pra alienar
Já mudaram seu discurso
Querem calar sua voz
E condenar o seu curso.
Perante a sociedade
Estão mudando o percurso.

Eu já escutei discurso
De alguém desclassificando
Sua forma de pensar,

Seu legado adulterando,
Mas eu já vi professor
Sua ideia preservando.

Eu vi alguém confrontando
Chamando de comunista.
Esse tipo de pessoa
Possui a visão fascista,
A classe que lhe defende
É professor e artista.

A classe negacionista
Que se apossou do poder,
Nega seu conhecimento
Faz o povo se perder.
Mostra somente o que quer
Para ninguém se mover.

Há quem tente distorcer
A sua pedagogia
E a forma de ver o mundo
O governante maquia,
Humilhando o nosso povo
Pra viver na letargia.

Você pregou alforria
E instrução pra liberdade.
A buscar nosso direito
E descartar a maldade,
Pra se ter um mundo justo
E viver na igualdade.

A nossa sociedade
Vive a semear terror.
Ver o seu ensinamento
Como mal destruidor.
É preciso que a leitura
Seja um ato de amor.

O meu peito verte dor
Com quem não possui visão.
Ninguém liberta ninguém
Mas somente em comunhão.
Eu torço para o Brasil
Sair de vez da prisão.

Um país em construção
Que atenta a sua doutrina.
Será um país crescente
E para o bem se destina.
Diante da resistência
Não se baixa e nem declina.

Tudo que você me ensina
Deixou-me fortalecido,
E sobre a Pedagogia
Eu já li a do Oprimido.
Mudei o meu pensamento
Do casulo fui rompido.

Você tem me advertido
Com seu ensino profundo.
Antes de ler sua história

Eu me encontrava infecundo,
Hoje, eu sei que educação
Transformará nosso mundo.

Eu hoje não me confundo
Tenho visão de política.
Consciente dos direitos;
Sei colocar minha crítica.
Pois você abriu meus olhos
E minha mente raquítica.

Corromperam a política
Com mentira e covardia.
O político brasileiro
Possui a mente vazia.
Pois até querem mexer
Com nossa democracia.

É com bastante ousadia
Que eu escrevo esta mensagem
Pra conversar com você
E preservar sua imagem
Pois você disse que amar
É um ato de coragem.

Com ousadia e esperança,

Itatuba-PB, março de 2021

Esta carta é do Sertão¹

José de Souza Silva²

Oliveira de Panelas³

A ciência e a poesia
Querem juntas te contar
Que pro Sertão transformar
Com tua pedagogia
Uma decente utopia
Está hoje em gestação
Pois em nosso coração
Tu jamais foste esquecido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

1 Carta poético-filosófica que atende ao Convite da Editora da Universidade Estadual da Paraíba, Eduepb, para mobilizar cartas a Paulo Freire e assim construir o Livro Cartas a Paulo Freire, publicado em 2021 para homenagear o autor de Pedagogia do Oprimido no ano do centenário de seu nascimento.

2 José de Souza Silva - Filho de Pedreiro, nascido no Sítio Lava-Pés, Areia-PB, é Engenheiro Agrônomo com Mestrado em Sociologia da Agricultura e Ph.D. em Sociologia da Ciência e Tecnologia; Especialista em gestão da inovação institucional decolonial, Pesquisador das relações entre a ciência, a tecnologia, a sociedade e a natureza no processo de inovação e Filósofo do Bem Viver rural no Semiárido Brasileiro.

3 Oliveira de Panelas - Filho de Pedreiro, nascido no Sítio Contador, Panelas-PE, é Poeta popular, Violeiro-Cantador-Repentista e Cordelista. Ganhou 185 dos 298 Congressos de Cantadores dos quais participou e foi o grande vencedor do “1º Campeonato Brasileiro de Poetas Repentistas” realizado no Memorial da América Latina, São Paulo-SP; no dia 15 de julho de 1997, o Jornal da Tarde (São Paulo) anunciou: “Pavarotti dos Sertões”, o maior repentista do universo”.

Sabedoria Ancestral
De Povos Originários
Que são extraordinários
Tem proposta magistral
Pra melhorar nosso astral
Pois sua Cosmovisão
Mobiliza a imensidão
Do amor hoje “contido”
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Trata-se do Bem Viver
Para o Povo Sertanejo
Pois há séculos seu desejo
É com o Sertão conviver
Ser feliz, ele quer ser
Muito mais que isso, não
Quer terra, trabalho e pão
Ser livre, desimpedido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Pariu, o Sertão profundo
Indignada esperança
Sementes de confiança
Germinam em solo fecundo
Pra construir outro mundo
Pra vindoura geração
Que vai viver desse chão
Fértil, por nós protegido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Até mesmo nos quintais
Produzimos com decência
Agroecológica prudência
Cuidados ambientais
Movimentos sociais
CISTERNAS, mas de milhão
Tudo feito em mutirão
Pra construção de sentido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Buscamos no teu legado
A arte de perguntar
O mundo questionar
Não aceitar nada dado
Não fazer nada isolado
Coletiva inspiração
Com solidária emoção
Sentir tudo colorido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Caminhos da sensatez
Transição agroecológica
Convivência pedagógica
Com a semiaridez
Caminhos da lucidez
Pra vida saudável, então
Profunda transformação
O camponês tem vivido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Felizes comunidades
Com viveres sustentáveis
Proliferam, incontáveis
Lá no campo e nas cidades
De ti sentimos saudades
Resistindo à opressão
Que voltou qual explosão
Outro GOLPE desferido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

La no campo, o Ensinar
É contextualizado
O Aprender, por seu lado
Exige participar
Conhecimento gerar
Só em mútua interação
Mas, uns crimes sem perdão
Açoitam um Povo sofrido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Governados por “alguém”
Com Guru terraplanista
Também obscurantista
Só anti-Ministros tem
“Governo vassalo” vem
Destruindo a Educação
Pra embrutecer o Povão
Ter Professor coagido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

É de revolver entranhas
O desmonte da ESCOLA
Paulo, segura a Cachola
Pois são tantas as patranhas
Vendidas como façanhas
Numa insólita coleção
Que só tem aberração
Tem “Escola sem Partido”
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Ter um governo fascista
Eis o que nos estarrece
Pois quem pensa é quem padece
Ser crítico é ser comunista
Ser Petista terrorista
Ser “barbudo vermelhão”
Num Tribunal de Exceção
Governo vira bandido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

O governo do Brasil
Já está “terceirizado”
O Setor Público, ocupado
“Milicos”, mais de 10 mil
Todos em cargo civil
Conformando um batalhão
Servindo a um “Capitão”
Que “quer ser obedecido”
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Na marcha da insensatez
Tá no campo a violência
Matam líderes, indecência
'Margaridas', sordidez
Impactos da estupidez
Atingem qualquer rincão
No rastro dessa excreção
Teu nome foi "denegrado"
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

A "moderna" agricultura
Não terá agricultores
Só Big Data, tratores
Só Drones, monocultura
Agrotóxicos com fartura
Dinheiro, tem de bilhão
Pro campo, só tem tostão
O camponês foi traído
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Modos de vida rurais
Estão sendo devastados
Os danos são planejados
"Boiadas oficiais"
Todas Ministeriais
Fazem, no campo, arrastão
Criando destruição
Um crime nunca punido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

A pequena agricultura
Do tipo familiar
O MAPA quer acabar
Por nossa Policultura
Condenada como impura
Fatal “modernização”
Promove a nossa extinção
O campo foi agredido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

A nossa semiaridez
É fenômeno natural
Com dimensão cultural
Que inclui nossa altivez
Jamais a vil algidez
De quem “governa” a nação
Causando só aflição
Sem sentir nenhum prurido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Existe aridez pior:
A tal aridez mental
Que não é acidental
E cada dia é maior
Difícilmente menor
Impede a compreensão
Mata a imaginação
O intelecto impedido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Mestre, avalie o cenário
Está faltando política
Que germine em mente crítica
E coração solidário
Por isso, hoje, ao contrário
Sem “Alfabetização
Política” da multidão
O Povo sonha iludido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

“Vírus” da desigualdade
Muito além da Pandemia
Capitalista agonia
Castiga a sociedade
Aceitou na antiguidade
Essa histórica aberração
Opera qual alçapão
Pelo Capital urdido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Genocídios nos perseguem
Na história do Brasil
Matam muitos, muitos mil
Índios, Negros, só padecem
Os Pobres desaparecem
Desde a colonização
E na globalização
É o fim do excluído
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Novidade cultural
Em tua Pedagogia
Prenhe de Filosofia
Pra ser Intercultural
Também Decolonial
Para romper o grilhão
Desvelar qualquer questão
Desse mundo desunido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Eis que o Capitalismo
É causa das conseqüências
Das atuais indecências
Do vil Colonialismo
E do Patriarcalismo
Que mata mulher em vão
Causando indignação
Sistema injusto, falido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

A nossa resiliência
Está sendo socavada
Mas, tem mulher inspirada
Somente em tua insurgência
Criando tal resistência
Que resulta em indução
Política inovação
Um grito bem longe ouvido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Sonhar com o Bem Viver
Prenhe de felicidade
De Justiça, de igualdade
Solidário bem-querer
Deixar o TER pelo SER
Pra ter continuação
Despertar a imensidão
De um Sonho interrompido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Os teus 100 anos de vida
São coragem renovada
De tua vida doada
Esperança renascida
Na hora da despedida
Recebe apertos de mão
Beijos no teu coração
Do sertanejo aguerrido
Querido Paulo, querido
Esta carta é do Sertão

Com saudades, mestre!
Paraíba, abril de 2021

Para uma produção autêntica e ético-cientificamente humanizadora em Educação

Antonio Roberto Faustino da Costa¹

Mestre Paulo Freire!
Primeiro, permita-nos saudá-lo com a
Oração do Mestre São Francisco de Assis²:
Senhor,
Fazei de mim um instrumento de vossa Paz.
Onde houver Ódio, que eu leve o Amor,

1 Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Líder do Grupo de Pesquisa-Ação Formação de Professores e Práxis Educativo-Coletiva. Email: robertofaustino@gmail.com

2 “[...] Freire também era um cristão de profundo compromisso ético com a defesa da vida. Suas raízes evangélicas sustentam sua *Pedagogia do oprimido*: ‘Assumo apaixonadamente, corporalmente, com todo meu ser, uma postura cristã, porque ela me parece plenamente revolucionária, humanista e libertadora’. *Educação como Prática da Liberdade*, título de um dos seus livros. Sim, ‘libertação’ como exercício da liberdade, elemento central do processo de humanização plena da pessoa [...] ‘Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho’ (Paulo Freire).” GASDA, Élio. Paulo Freire: não se pode falar de educação sem amor. **DomTotal**, Belo Horizonte, 28 fev. 2019, Religião. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1336535/2019/02/paulo-freire-nao-se-pode-falar-de-educacao-sem-amor/>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão.
Onde houver Discórdia, que eu leve a União.
Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.
Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.
Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.
Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.
Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!
Ó Mestre,
faça que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando, que se recebe.
Perdoando, que se é perdoado e
é morrendo, que se vive para a vida eterna!

Segundo, permita-nos saudá-lo com a
Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum do Mestre Papa
Francisco:

Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza

e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior.

O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exactas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reacção de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores «convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão». A sua reacção ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo económico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, «enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs». Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objecto de uso e domínio.

[...]

Hoje, crentes e não-crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes, isto torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos. Por conseguinte, toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, conseqüentemente, o direito universal ao seu uso é uma «regra de ouro» do comportamento social e o «primeiro princípio de toda a ordem ético-social». A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada, e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada. São João Paulo II lembrou esta doutrina, com grande ênfase, dizendo que «Deus deu a terra a todo o género humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém». São palavras densas e fortes. Insistiu que «não seria verdadeiramente digno do homem, um tipo de desenvolvimento que não respeitasse e promovesse os direitos humanos, pessoais e sociais, económicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos». Com grande clareza, explicou que «a Igreja defende, sim, o legítimo direito à propriedade privada, mas ensina, com não menor clareza, que sobre toda a propriedade particular pesa sempre uma hipoteca social, para que os bens sirvam ao destino geral que Deus lhes deu». Por isso, afirma que «não é segundo o desígnio de Deus gerir este dom de modo tal que os seus benefícios aproveitem só a alguns poucos». Isto põe seriamente em discussão os hábitos injustos duma parte da humanidade.

[...]

O meio ambiente é um bem colectivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos. Se não o fizermos, carregamos na consciência o peso de negar a existência aos outros. Por isso, os bispos da Nova Zelândia perguntavam-se que significado possa ter

o mandamento «não matarás», quando «uns vinte por cento da população mundial consomem recursos numa medida tal que roubam às nações pobres, e às gerações futuras, aquilo de que necessitam para sobreviver».

[...]

Em qualquer abordagem de ecologia integral que não exclua o ser humano, é indispensável incluir o valor do trabalho, tão sabiamente desenvolvido por São João Paulo II na sua encíclica *Laborem excercens*. Recordemos que, segundo a narração bíblica da criação, Deus colocou o ser humano no jardim recém-criado (cf. Gn 2, 15), não só para cuidar do existente (guardar), mas também para trabalhar nele a fim de que produzisse frutos (cultivar). Assim, os operários e os artesãos «asseguram uma criação perpétua» (Sir 38, 34). Na realidade, a intervenção humana que favorece o desenvolvimento prudente da criação é a forma mais adequada de cuidar dela, porque implica colocar-se como instrumento de Deus para ajudar a fazer desabrochar as potencialidades que Ele mesmo inseriu nas coisas: «O Senhor produziu da terra os medicamentos; e o homem sensato não os desprezará» (Sir 38, 4).

[...]

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. É importante adoptar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e também na Bíblia. Trata-se da convicção de que «quanto menos, tanto mais». Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por mais pequena que seja, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão e realização pessoal. A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso

à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres.

A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contacto com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece.

A sobriedade e a humildade não gozaram de positiva consideração no século passado. Mas, quando se debilita de forma generalizada o exercício de alguma virtude na vida pessoal e social, isso acaba por provocar variados desequilíbrios, mesmo ambientais. Por isso, não basta falar apenas da integridade dos ecossistemas; é preciso ter a coragem de falar da integridade da vida humana, da necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores. O desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente. Não é fácil desenvolver esta humildade sã e uma sobriedade feliz, se nos tornamos autónomos, se excluimos Deus da nossa vida fazendo o nosso eu ocupar o seu lugar, se pensamos ser a nossa subjectividade que determina o que é bem e o

que é mal.

Terceiro, permita-nos saudá-lo com os

Cinco Saberes Orientativos e Embasadores³, cuja mediação do Mestre Pedro Bergamo também perfaz uma produção ético-cientificamente humanizadora em educação:

Uma vez em contato com os teores dos Cinco Saberes adiante apresentados, qualquer pessoa tem a intuitiva reação de entender o significado dos pertinentes conteúdos e aproximá-los da sua cotidianidade. Porém, à primeira vista, não é possível compreender a magnitude deste complexo de saberes, especialmente a profundidade da maneira como ele aborda a natureza humana e suas interferências no desenvolvimento dos indivíduos. Embora tal impossibilidade de imediata compreensão seja real, a condição de existência desse complexo, por ser simples, límpida e irrefutável, torna-se óbvia, dado que implica uma Práxis Educativo-Coletiva (PEC) que elucida a necessidade de considerar essa condição existencial das próprias realidades que compõem esse complexo, ao pensar e fazer educação.

A Práxis Educativo-Coletiva apresenta a possibilidade de analisar situações que rodeiam o sujeito, especialmente as questões

3 O texto “Cinco Saberes Orientativos e Embasadores”, reproduzido nesta carta, compõe o acervo da pesquisa-ação denominada “Formação de Professores e Práxis Educativo-Coletiva”, em virtude do Convênio de Mútua Cooperação Acadêmica e Técnico-Científica UEPB/FASB (Diário Oficial do Estado da Paraíba, nº 16.272, de 20/12/2016, p. 11). Esta versão foi elaborada para os cinco vídeos educativos que subsidiaram a comunicação de tais Saberes, durante as atividades de acolhimento de determinados ingressantes universitários e de outros eventos voltados à formação de professores. Portanto, a redação final do texto “Cinco Saberes Orientativos e Embasadores” é considerada coletiva, embora seja importante registrar uma elaboração original do Prof. Pedro Bergamo, mediador do Grupo de Pesquisa-Ação CONSER (ser junto) e do Grupo de Pesquisa-Ação Formação de Professores e Práxis Educativo-Coletiva; a coautoria do texto dos vídeos atribuída ao produtor audiovisual Paulo Gutemberg Petronilio dos Santos; além de revisões efetuadas pelos pesquisadores José César dos Santos e Roberto Marden Lucena, membros de ambos os grupos de pesquisa mencionados.

educacionais, sob uma ótica que se fundamenta em cinco interligadas realidades às quais correspondem cinco saberes. Essas cinco realidades, tão simples e ao alcance de todos, referem-se à condição humana e, a partir desta condição, à necessidade de chegar ao entendimento do que acontece principalmente com as pessoas nas situações de convivência. Apontam determinado “erro” que perpassa a história da humanidade, o qual tem impedido que as pessoas se humanizem na perspectiva de que todas venham a viver com discernimento, objetividade e dignidade.

Primeiro Saber: Interação entre sustentador(es) e prole humana naturalmente ainda autoinsustentável

Um bebê é um ser totalmente dependente e sua sobrevivência representa a continuação da humanidade. Além disso, uma criança transmite felicidade e afeto para aqueles que a cercam, sendo fundamental que ela receba cuidados de pessoas adultas.

A realidade protagonizada pela criança corresponde à interação entre sustentador(es) e prole humana naturalmente ainda autoinsustentável, ou seja, uma feliz reciprocidade envolvendo cuidado, afeto e proteção. Nesta fase, a mãe se encontra totalmente dedicada ao bebê. Então, é necessário que outra pessoa produza um excedente, tanto para a mãe, quanto para o bebê.

Esse excedente é sustentado somente pelo afeto e pela ética, o que faz com que o bebê não fique desamparado. De alguma forma tem que haver generosidade para que a criança sobreviva.

Mas, suponhamos que o pai deixe de levar o alimento para a mãe, que fica visivelmente abatida e preocupada com seu filho. Aquilo que seria para a mãe se manter e ter condições de também sustentar seu dependente, agora é destinado ao consumo de álcool pelo pai.

Após um período de sofrimento e privações, a mãe consegue trabalhar para sustentar seu bebê. As coisas vão se reerguendo, pois o amor

da mãe é o que faz com que ela tenha forças para recomeçar do zero.

Constata-se, neste primeiro saber, uma sustentação que se define como Autêntica Economia de Sentido Humano, em que, por exemplo, um bebê faz uma apropriação natural daquilo que é produzido e destinado exclusivamente a ele. É claro que temos aí uma produção e uma apropriação; ambas são distintas, pois enquanto um adulto assume conduta de “só produzir”, um bebê naturalmente dependente “só apropria”.

Segundo Saber: A obviedade da excedência de produção que não pertence à sua fonte geradora

A total dependência para sobreviver, que é própria de uma criança, não termina com a chegada da maturidade física. É a maturidade cultural que determina o fim desta dependência por ser necessária uma educação concebida e realizada por adultos.

Dentre esses adultos, professores de uma instituição de ensino contribuem para que o caráter cultural da maturidade se torne efetivo. Porém, esta contribuição requer suficiência que não está de antemão assegurada, pois ao persistir a insuficiência educacional, além de outros problemas provindos da condição notoriamente complexa da convivência em sociedade, chega-se à conclusão de que a maturidade cultural tem incidido em inegável atraso em relação à maturidade física ou natural.

Por sua vez, esse atraso sempre se implicou em choques de condutas, ao ponto de alguns embates se tornarem até corriqueiros, induzindo pessoas à adoção de outras condutas pouco ou nada compatíveis com as obrigações de trabalho e com a estabilidade das relações humanas. Trata-se de solução cuja demora tem incidido em reflexo de uma incessante “ilusão do conhecimento”, que diz respeito à situação em que os significados de produzir e de apropriar persistam indistintos, um em relação ao outro. Além disso, para que uma criança

sobreviva, é necessário que seja produzido aquele excedente, ou algo mais, que não pertence a quem o gera. No entanto, a destinação de tal excedente requer consciência ética sobre a contenção em limites, cuja condição assim definida é critério para se fazer ciência.

Terceiro Saber: Distinção entre produzir e apropriar

Cada vez mais as pessoas têm demorado em obter a sua independência financeira, o que costuma acarretar uma série de problemas. Esta circunstância passa a influenciar o pensamento de adquirentes de rendas, sempre que estes mesmos adquirentes se depararem envolvidos com eventos adversos.

Entretanto, há um “só produzir” que não tem sido bem esclarecido, mas que precisa ocorrer, não apenas na área compreendida pelo ensino, mas inclusive na aprendizagem, pois ambos coincidem com generosidade para que se torne possível oferecer, de maneira sempre mais efetiva, uma verdadeira qualidade da educação.

Assim, procede afirmar a existência de “produção” compreendida como sendo obtenção de meios de vida, que é inconfundível com “apropriação”, ou seja, fazer uso de tais meios. A tomada de consciência sobre a distinção entre produzir e apropriar permite, em largo alcance, que a falta de proteção dos resultados da generosidade humana seja também, enfim, protegida.

Quarto Saber: Sentido verdadeiro do que é coletivo

O “sentido verdadeiro do que é coletivo” corresponde a um determinado caráter de realidade que não é percebido pelos sentidos humanos. Trata-se de entendimento cujo existir não emerge e não se mantém por si mesmo, mas que tem de estar presente para um grupo humano ser realmente possível.

Por demandar cuidados e afeto, um recém-nascido é o exemplo mais referencial-fundamental daquilo que não nasce e não se mantém sozinho, mas tem que existir, sob pena de a humanidade acabar. Outro exemplo que perfaz sentido coletivo é o de uma estrada que não surge por ela mesma e não se mantém por si só, mas tem que existir para assegurar as condições objetivas de ir e vir das pessoas.

Admite-se que as novas gerações dispõem de competência, entendimento e potencial de ação para enxergar e promover “tudo o que não surge e não se mantém por si mesmo, mas que tem de existir”. É tempo de promover a difusão desse pensamento junto às pessoas, especialmente professores e estudantes, mediante a busca de uma educação de verdadeira qualidade e de preciso caráter ético-científico.

Quinto Saber: Limites (ético-cientificidade em produzir educação)

A generosidade humana deve ser enxergada e entendida enquanto um verdadeiro “só produzir”. Neste caso, a fonte humana se convence e assume a atitude paradoxal de obrigar-se, livremente, a produzir um excedente. Trata-se de um plus, ou seja, daquilo que é produzido a mais, cujo consumo não é feito por quem o gera. Acontece o contrário, pois esse algo a mais que é produzido se destina para quem seja ainda incapaz de prover o seu próprio sustento.

Portanto, a atividade de gerar o sustento e a continuação da vida humana, como também os gestos de não cair em comodismo ao produzir tal excedente, além de abrir mão de parte dos resultados desta produção, dizem respeito a uma surpreendente ético-cientificidade em produzir que possibilita, não apenas o existir do seu próprio sujeito, mas também sua contribuição para o existir do coletivo do qual tem de nascer e no qual vive.

Tendo por situação real o contexto humano, a exemplo de envolver os cuidados com crianças, aquilo que é produzido como excedente e os

gestos de não se acomodar, abrindo mão de resultados, ambos criam um verdadeiro “só apropriar”, pois tais crianças são destinatárias que “não sabem que até mesmo não sabem” que ambos excedente e gestos lhes são imprescindíveis.

É preciso deixar claro que o produtor também demonstra assumir conduta ético-científica ao se impor “limites” e não se apropriar dos resultados que concernem a um excedente das suas atividades, nem tampouco assumir os gestos de negar-se comodismo, estando em plena consciência de que seu trabalho para obter esse algo a mais se vincula à liberdade pessoal de abdicar, de modo generoso, da pertinente posse.

Finalmente, permita-nos saudá-lo com uma humilde oração:

Senhor,

Conceda-nos, antes de tudo, discernimento para aprender e ensinar que

Seguindo São Francisco de Assis, o Mestre Papa Francisco e o Mestre Pedro Bergamo

O exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral

Protagonizado pela criança e manifestado mais amplamente

Em uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados

Corresponde ao que há de mais essencial e caro à sobrevivência e reprodução da humanidade

A interação entre sustentador(es) e prole humana naturalmente ainda autoinsustentável

À base de uma Autêntica Economia de Sentido Humano que se constitui

A partir do momento em que, enquanto um ser naturalmente

dependente só apropriada

Nós adultos assumimos – e só poderíamos mesmo assumir – conduta de só produzir

Conceda-nos, ademais, discernimento para aprender e ensinar que
Seguindo São Francisco de Assis, o Mestre Papa Francisco e o
Mestre Pedro Bergamo

Como Deus deu a terra a todo o gênero humano para que ela sustentasse todos os seus membros

Pesando sempre sobre toda a propriedade particular uma hipoteca social

Para que os bens sirvam ao destino geral que Deus lhes deu

À medida que com sobriedade, vivida livre, consciente e opcionalmente

Nos libertamos obrigando-nos a destinar a todo ser autoinsustentável – homem e natureza

A excedência de produção que não nos pertence como fonte geradora

Alcançamos a condição fundamental para partilhar tudo aquilo que excede em nós

O Amor, o Perdão, a União, a Fé, a Verdade, a Esperança, a Alegria, a Luz

Bem assim procurar, mais do que a nós mesmos

Consolar, compreender, amar, doar-se, perdoar e viver para a vida eterna

Conceda-nos, também, discernimento para aprender e ensinar que
Seguindo São Francisco de Assis, o Mestre Papa Francisco e o
Mestre Pedro Bergamo

Como Deus nos colocou no mundo não só para cuidar do existente

Mas também para trabalhar nele a fim de que produzíssemos frutos

Assim como operários e artesãos
Cultivando e assegurando o desenvolvimento prudente e perpétuo
da criação

A tomada de consciência sobre a distinção entre produzir e apropriar nos permite

Compreender e proteger a produção como sendo obtenção de meios de vida

Radicalmente inconfundível com apropriação que nos induz
A fazer e esgotar o uso de tais meios até imprevisíveis consequências

Conceda-nos, ainda, discernimento para aprender e ensinar que
Seguindo São Francisco de Assis, o Mestre Papa Francisco e o
Mestre Pedro Bergamo

Sentirmo-nos chamados a cuidar de tudo o que existe
Desde o meio ambiente que é um bem coletivo
Patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos
Aquilo de que mais necessitamos para sobreviver
Até um recém-nascido que é o exemplo mais referencial-fundamental daquilo que

Não nasce e não se mantém sozinho, mas tem que existir
Sob pena de a humanidade acabar
Implica em enxergarmos e praticarmos o que pode haver de mais inequívoco
Sentido verdadeiro do que é coletivo

Conceda-nos, além de tudo, discernimento para aprender e ensinar
que

Seguindo São Francisco de Assis, o Mestre Papa Francisco e o
Mestre Pedro Bergamo

Se cuidarmos e nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que
existe

Renunciando, radicalmente, a fazer da realidade um mero objeto

de uso e domínio

Seja como dominador, consumidor ou mero explorador dos recursos naturais que

Nos torna incapazes de pôr um limite aos nossos interesses imediatos

Enxergaremos e entenderemos a generosidade humana enquanto um verdadeiro só produzir

A capacidade de nos impor limites, abrindo mão e destinando o excedente que produzimos

Para quem seja ainda incapaz de prover o seu próprio sustento

Uma surpreendente ético-cientificidade em produzir que possibilita

Não apenas o existir do nosso próprio sujeito

Mas também o existir do coletivo do qual temos de nascer e no qual vivemos

Conceda-nos, enfim, discernimento para aprender e ensinar

Seguindo São Francisco de Assis, o Mestre Papa Francisco e o Mestre Pedro Bergamo

A convivermos em equilíbrio orgânico, com simplicidade e numa maravilhosa harmonia

Com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo

A ponto de compreendermos que o Coronavírus não se trata de peste ou erva daninha

Mas do sinal de (mais) um tempo em que

A insustentabilidade coletiva bateu à porta de cada um de nós

Desde aquele cuja porta dá pro mundo até aquele cujo mundo esbarra

Numa cerca de arame farpado ou numa porta trancafiada a sete chaves.

Cordialmente,

João Pessoa, abril de 2021.

Sobre o livro

Projeto gráfico e capa Erick Ferreira Cabral

Mancha Gráfica 12 x 19 cm

Tipologias utilizadas Georgia 12/18 pt

O que quero dizer é o seguinte: uma coisa é a ação educativa de um educador desesperançado e outra é a prática educativa de um educador que se funda na interdisciplinaridade. O primeiro nega a essência de sua própria prática, enquanto o segundo explicita uma certa opção metodológica e epistemológica. Em outras palavras, aquele contradiz o caráter natural da educação, o último a experimenta de um certo ponto de vista. A natureza esperançada da educação, por outro lado, se funda em determinadas qualidades que, constituídas no processo da formação da existência humana, algo maior do que a experiência vital, a conotam.

Paulo Freire

(Pedagogia da indignação – Cartas Pedagógicas e outros escritos. Editora UNESP, 2000)

Apoiadores:

